



**O HOMEM
DO CASTELO ALTO**

Philip K. Dick

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PHILIP K. DICK

O HOMEM DO CASTELO ALTO

Tradução de SYLVIA ESCOREL

1971

Diagramação: ANTÔNIO HERRANZ

Revisão: JÚLIO BIERRENBACH

Direitos reservados à EDITORA SABIÁ LIMITADA. Rua Toneleros, 191 — Casas 4 e 5 —
Tels.: 257-0923 e 256-2601 — Rio de Janeiro, GB, por acordo com Scott Meredith Literary
Agency. Proibida reprodução integral ou parcial em livro de qualquer espécie ou outra forma de
publicação, sem autorização expressa da Editora. *Copyright by Philip K. Dick, 1962.*

Título original: *The Man in the High Castle*

COLEÇÃO ASTERÓIDE — 2

Direção de JOSÉ SANZ

Sobre o autor

Três pontos dão a medida do talento de Philip K. Dick. O primeiro é um certo número de qualidades essenciais, como: capacidade de urdir uma intriga e desdobrá-la de maneira complexa, sem afetar a coesão da estrutura; faculdade de construir um ambiente; criação de um diálogo convincente e sempre pertinente; imaginação excepcionalmente desenvolvida. O segundo é a maneira quase alucinatória de dar detalhes referentes a qualquer mundo não real que ele resolva criar. O terceiro é a capacidade de retornar, tantas vezes quantas julgar necessário, a um tema já abordado num livro anterior, que ele sente não ter esgotado, e o resultado mostra que ele tem razão. Seus principais temas cíclicos são: o mundo vazio, ou seja, uma sociedade em que as pessoas importantes são reduzidas a um número ínfimo; o exercício do poder, cujo conceito subjacente parece ser a faculdade de agarrar a oportunidade no voo, graças à determinação e à malícia; a ilusão substituindo a realidade, disseminada, aliás, em toda a sua obra; a alucinação provocada pela ingestão de drogas, criando mundos imaginários sem saída; a maleabilidade do universo exterior — o desejo do homem de aceitar não uma "realidade" hipotética, no sentido kantiano do *das Ding an sich*, mas uma construção elaborada pelo efeito de idéias preconcebidas implantadas no seu cérebro; finalmente, o tema desenvolvido em *The Man in the High Castle*: nossa existência e o universo inteiro são manifestações de um substrato flutuante, uma cera virgem onde os humanos vão imprimir, por suas decisões e percepções, uma forma dotada de sentido só para eles.

Philip K. Dick nasceu em Chicago, em 1928, e vive atualmente na Califórnia. Apaixonado por música, empregou-se numa loja de discos e produziu um programa clássico na estação de rádio KSMO, de San Mateo, Califórnia. Estudou na Universidade daquele Estado, mas não terminou o curso porque "havia gente demais fumando e lendo o *Daily Cal*, o que não me permitia ouvir os professores". Começou a ler f.c. aos 12 anos em consequência de um engano: comprou *Stirring Science Fiction* em vez de *Popular Science*. Lia também Joyce, Kafka, Steinbeck, Proust, Dos Passos. Casou-se com Anne, que conheceu na loja de discos, comprou uma casa, começou a escrever e a vender f.c, largou o emprego na loja, continua ouvindo Monteverdi e Buxtehude mas passa a maior parte do tempo lendo Ibsen e escrevendo. Adora gatos.

Para minha mulher Anne, sem cujo silêncio este livro nunca teria sido escrito.

HAVIA uma semana que Mr. Childan aguardava ansiosamente o carteiro. Mas a valiosa encomenda proveniente dos Estados das Montanhas Rochosas ainda não chegara. Quando abriu a loja na sexta-feira cedo e viu apenas cartas na caixa do correio pensou logo: vou ter um freguês furioso.

Tirou uma xícara de chá instantâneo da máquina automática na parede, apanhou uma vassoura e pôs-se a varrer; em pouco tempo a frente da *American Artistic Handcrafts Inc.* estava pronta para o dia, limpinha, com a caixa cheia de troco, um vaso de margaridas frescas e o rádio tocando música de fundo. Lá fora na calçada passavam homens de negócios a caminho de seus escritórios em Montgomery Street. Ao longe, um bonde; Childan parou para observá-lo com prazer. Mulheres com seus longos e coloridos vestidos de seda... observou-as também. Então o telefone tocou. Voltou-se para atender.

— Sim — disse uma voz conhecida, quando atendeu.

O coração de Childan ficou gelado.

— Aqui fala Mr. Tagomi. O meu cartaz de alistamento da Guerra de Secessão já chegou, senhor? Por favor, lembre-se; foi-me prometido para a semana passada.

A voz era exigente, breve, apenas polida, apenas mantendo a etiqueta.

— Não lhe dei um depósito, Mr. Childan, com aquela exigência? É para presente, sabe? Já tinha explicado. Um cliente.

— Pesquisas prolongadas — começou Childan — feitas às minhas próprias custas, Mr. Tagomi, referentes à encomenda prometida que, como o senhor sabe, origina-se fora desta região e é portanto...

Mas Tagomi interrompeu: — Então não chegou.

— Não, Mr. Tagomi. Uma pausa glacial.

— Não posso mais esperar — disse Tagomi.

— Sim, senhor.

Childan olhou com tristeza através da vitrine da loja, o dia quente brilhante e os edifícios comerciais de São Francisco.

— Um substituto, então. Que recomenda, Mr. Childan?

Tagomi propositalmente pronunciou mal o nome; era um insulto dentro da etiqueta que fez arderem as orelhas de Childan. Estava numa falsa posição, sua situação causava-lhe uma terrível mortificação. As aspirações, os medos e os tormentos de Robert Childan vieram à tona e ficaram expostos, inundando-o, paralisando sua língua. Gaguejou, com a mão crispada no telefone. O ar de sua loja cheirava a margaridas; a música continuava a tocar, mas ele sentiu como se estivesse mergulhando em algum mar distante.

— Bem... — conseguiu murmurar. — Batedeira de manteiga. Máquina de fazer sorvete de 1900.

Sua mente recusava-se a pensar. Como quando a gente se esquece; como quando a gente se engana. Ele tinha trinta e oito anos, recordava os dias anteriores à guerra, os outros tempos. Franklin D. Roosevelt e a Feira Mundial; o antigo mundo, muito melhor.

— Talvez pudesse levar vários artigos interessantes ao seu escritório? — sussurrou.

Foi marcado um encontro para as duas horas. Preciso fechar a loja, pensou, enquanto desligava. Não havia escolha. Era preciso manter a boa-vontade desse gênero de clientes; os negócios dependiam deles.

Ali de pé, ainda trêmulo, percebeu que alguém — um casal — entrara na loja. Jovens, elegantes, bem vestidos. De aspecto agradável. Acalmou-se e caminhou, sem pressa, na direção deles, sorrindo. Estavam debruçados sobre o mostruário no balcão, e tinham escolhido um lindíssimo cinzeiro. Casados, adivinhou. Moram na Cidade das Neblinas Sinuosas, os novos apartamentos exclusivos no Sky line, com vista para Belmont.

— Alô — disse, e sentiu-se melhor. Sorriram-lhe sem nenhuma superioridade, apenas com afabilidade. Seu mostruário — que era realmente o que havia de melhor no gênero ali na Costa — tinha impressionado; percebeu isso e ficou agradecido. Eles compreenderam.

— Peças de fato excelentes, senhor — disse o jovem.

Childan inclinou-se espontaneamente.

Os olhos deles, brilhantes não só pela ligação humana, mas ainda pelo prazer comum que sentiam ao ver os objetos de arte que ele vendia, por seus gostos e satisfações mútuos, fixaram-se nele; agradeciam-lhe por ter coisas como estas, que eles podiam ver, tocar, examinar, manusear talvez, até mesmo sem comprar. Sim, pensou, sabem em que espécie de loja estão; aqui não há bugigangas para turista, placas de sequóia onde se lia MUIR WOODS, MARIN COUNTY, P.S.A., coisinhas, azeizinhos ou cartões postais com a vista da Ponte. Especialmente os olhos da moça, grandes, escuros. Como seria fácil, pensou Childan, me apaixonar por uma garota assim. Que trágica seria então minha vida; como se já não estivesse bastante ruim. Esse cabelo preto na moda, as unhas pintadas, as orelhas furadas com os longos brincos de metal feitos a mão.

— Seus brincos — murmurou. — Comprados aqui, talvez?

— Não — disse ela. — Em minha terra.

Childan balançou a cabeça. Nada de arte americana contemporânea; apenas o passado poderia estar representado ali, numa loja como a dele.

— Vão ficar muito tempo aqui? — perguntou. — Na nossa São Francisco?

— Vou ficar aqui por tempo indeterminado — disse o homem. — Trabalho na Comissão de Inquérito para Planejamento do Nível de Vida das Áreas Sinistradas..

Seu rosto demonstrou orgulho. Não era militar. Não era um daqueles recrutas provincianos, mascadores de chicletes, com seus rostos de camponeses gananciosos, perambulando por Market Street, boquiabertos diante dos cabarés, dos filmes sexy, dos tiro-ao-alvo, das boates baratas com fotos de louras de meia-idade sustentando as tetas entre dedos enrugados, com um riso debochado nos lábios... os antros de jazz, que formavam a maior parte da baixa São Francisco, frágeis barracos de lata e de tábuas que surgiram das ruínas mesmo antes de cair a última bomba. Não — aquele jovem era da elite. Culto, educado, mais ainda que Mr. Tagomi, que afinal era um alto funcionário, com o posto de Adido Comercial para a Costa do Pacífico. Tagomi era um homem velho. Sua formação vinha do tempo do Gabinete de Guerra.

— Queriam objetos de arte popular tradicional americana para presente? — perguntou Childan. — Ou talvez para decorar seu novo apartamento aqui? Se fosse esta última hipótese... — seu coração apressou-se.

— Acertou — disse a moça. — Estamos começando a decorá-lo. Estamos ainda um pouco indecisos. Acha. que poderia ajudar-nos?

— Poderia passar em seu apartamento, sim — disse Childan. — Levarei várias malas com material e lá, no ambiente, posso sugerir coisas que lhes convenham. Esta: é, naturalmente, a nossa especialidade.

Baixou os olhos para encobrir suas esperanças. Poderia ser um negócio de milhares de dólares.

— Estou para receber uma mesa da Nova Inglaterra, toda de madeira de encaixe, não tem um prego. De enorme beleza e valor. E um espelho da época da guerra de 1812. E também a arte aborígene: um grupo de tapetes de pêlo de cabra com tintura vegetal.

— Por mim — disse o homem — prefiro a arte das, cidades.

— Pois não — disse Childan ansiosamente. — Ouça,, senhor. Tenho um mural do período dos correios W. P. A., original, feito de madeira, em quatro partes, retratando Horace Greeley. Peça de colecionador, de valor inestimável.

— Ah! — disse o homem, com os olhos escuros brilhando.

— E uma vitrola de 1920, transformada em bar.

— Ah!

— E, senhor, ouça: *um retrato emoldurado e autografado de Jean Harlow.*

O homem ficou com os olhos esbugalhados.

— Vamos marcar um encontro? — perguntou Childan, aproveitando o momento psicológico certo.

Tirou do bolso interno do casaco a caneta e a caderneta.

— Anotarei seu nome e endereço, senhor e senhora. Mais tarde, quando o casal saiu da loja, Childan ficou de pé, mãos nas costas, olhando a rua. Feliz. Se todos os dias fossem assim... Mas era mais do que os negócios, era o sucesso de sua loja. Era a oportunidade de conhecer um jovem casal japonês socialmente, na base de uma aceitação dele como homem mais do que como um *yank* ou, na melhor das hipóteses, como um comerciante de objetos artísticos. Sim, esses jovens da geração em ascensão, que não se lembravam dos dias de antes da guerra, nem da própria guerra — eram a esperança do mundo. Diferença de lugar nada significava para eles.

Isso acabará, pensou Childan. Algum dia. A própria idéia de lugar. Não mais governados e governantes, mas gente.

E contudo tremia de medo ao se imaginar batendo à porta deles. Examinou suas anotações. Os Kasouras. Se fosse recebido, sem dúvida lhe ofereceriam chá. Faria direito as coisas? Saberria como agir e falar no momento exato? Ou iria se desgraçar, como um idiota, com alguma gafe terrível?

O nome dela era Betty. Que compreensão em seu rosto, pensou. Os olhos delicados, sensíveis. Certamente, mesmo naquele pouco tempo na loja, percebera suas esperanças e derrotas.

Suas esperanças — de repente ficou tonto. Que aspirações eram essas, beirando a loucura se não o suicídio? Mas não eram desconhecidas as relações entre japoneses e *yanks*, embora geralmente fossem entre um japonês e uma *yank*. Mas... estremeceu à idéia. E ela era casada. Afastou da cabeça esse desfile de pensamentos involuntários e pôs-se a abrir a correspondência matinal com toda atenção.

Suas mãos, descobriu, ainda estavam tremendo. E foi então que se lembrou do encontro com Mr. Tagomi às duas; diante da idéia, suas mãos deixaram de tremer e seu nervosismo

transformou-se em decisão. Preciso encontrar alguma coisa aceitável, disse a si próprio. Onde? E como? O quê? Um telefonema. Fontes. Habilidade comercial. Desenterrar um Ford 1929 totalmente restaurado, com capota de tecido preto e tudo. Uma grande jogada para manter sempre a clientela. Avião trimotor do correio aéreo, modelo original, encontrado num celeiro em Alabama, etc. Apresentar a cabeça mumificada de Mr. B. Bill, incluindo os cabelos brancos esvoaçantes; sensacional objeto americano. Firmar minha reputação nos mais altos círculos de *connoisseurs* do Pacífico, incluindo o arquipélago nipônico. Para inspirar-se, acendeu um cigarro de *niarijuana* da excelente marca Land-O-Smiles.

Em seu quarto de Hayes Street, Frank Frink estava na cama pensando em como se levantar. O sol entrando pela persiana brilhava no monte de roupa caída no chão. Seus óculos, também. Pisaria neles? Tentar chegar ao banheiro por outro caminho, pensou. Arrastar-se ou rolar. Sua cabeça doía mas não se sentia triste. Nunca olhe para trás, resolveu. Horas? O relógio na cômoda. Onze e meia! Santo Deus. Mas continuava na horizontal.

Estou despedido, pensou.

Ontem cometera um erro na fábrica. Tivera uma conversa errada com Mr. Wyndam-Matson, um sujeito de cara amassada e nariz tipo Sócrates, com anel de brilhante e fecho-ecler de ouro na braguilha. Em outras palavras, uma força. Um monarca. Os pensamentos de Frink tropeçavam às cegas.

Sim, pensou, e agora vão me boicotar; meus conhecimentos são inúteis, não tenho profissão. Quinze anos de experiência. Perdidos.

E agora teria que aparecer diante da Comissão de Justificação dos Trabalhadores para uma revisão de sua categoria de trabalho. Como nunca tinha conseguido descobrir qual exatamente a relação de Wyndam-Matson com os *pinocs* — o governo fantoche branco instalado em Sacramento — não tinha idéia da influência que seu ex-patrão poderia ter junto às autoridades reais, os japoneses. A C. J. T. era dirigida por *pinocs*. Teria que enfrentar quatro ou cinco fisionomias balofas de meia-idade, do tipo de Wyndam-Matson. Se não conseguisse sua justificação ali, iria às Missões Comerciais de Importação-Exportação que operavam fora de Tóquio, com escritórios na Califórnia, Oregon, Washington e nas regiões de Nevada incluídas nos Estados Americanos do Pacífico. Mas se seu apelo fracassasse também lá...

Mil planos rodavam em sua cabeça enquanto ele, deitado, observava o antigo globo de luz no teto. Poderia, por exemplo, passar para os Estados das Montanhas Rochosas. Mas esses Estados tinham uma certa ligação com os E.A.P. e talvez o extraditassem. E o Sul? Seu corpo arrepiou-se. Isso não. Como branco teria bastante lugar, na verdade mais do que tinha aqui nos E.A.P. Mas... não queria aquele tipo de lugar.

E, pior ainda, o Sul tinha um emaranhado de ligações econômicas, ideológicas e Deus sabe o que mais, com o *Reich*. E Frank Frink era judeu.

Seu nome original era Frank Fink. Nascera na Costa Leste, em Nova Yorke, em 1941, fora convocado pelo Exército dos E.U.A., logo após a derrota da Rússia. Depois dos japoneses tomarem o Havaí, foi enviado à Costa Oeste. Quando a guerra terminou, lá estava ele, do lado japonês da linha demarcadora. E ali continuava, quinze anos mais tarde.

Em 1947, no Dia da Capitulação, tinha ficado meio frenético. Odiando os japoneses como

odiava, jurou vingança; tinha enterrado suas armas dez pés abaixo da terra, num porão, bem embrulhadas e lubrificadas, para o dia do levante, dele e de seus camaradas. Contudo, o tempo funcionou como um bálsamo, um santo remédio, fato este que ele não levava em consideração. Quando se lembrava da idéia, do grande banho de sangue, da depuração dos *pinocs* e seus senhores, era como se estivesse revendo um daqueles manchados almanaques de seus dias de ginásio, encontrando uma relação de suas aspirações juvenis. Frank "Goldfish" Fink será paleontólogo e jura desposar Norma Prout. Norma Prout era a *schönes Mädchen* da classe e ele realmente jurara casar-se com ela. Aquilo tudo acontecera há muito tempo, como ouvir Fred Allen ou ver um filme de W. C. Fields. Desde 1947 ele devia ter visto ou falado com uns seiscentos mil japoneses e o desejo de agredir um ou todos eles simplesmente nunca se concretizou depois dos primeiros meses. Deixou de ter qualquer importância.

Mas sim. Havia um, um Mr. Omuro, que adquirira o controle de uma grande área de imóveis no centro de São Francisco e que, por uns tempos, foi proprietário da casa de Frank. Aquilo sim é que era um salafrário, pensou. Um tubarão que nunca fazia consertos, que dividira os quartos em pedaços cada vez menores, que aumentara os aluguéis... Omuro explorava os pobres, sobretudo os ex-soldados à beira da miséria, durante a depressão, no início dos anos cinquenta. Contudo, fora uma das missões comerciais japonesas quem cortara a cabeça de Omuro como castigo. E hoje em dia uma tal violação da dura, rígida porém justa, lei civil japonesa era inimaginável. Era um ponto a favor da incorruptibilidade dos oficiais japoneses de ocupação, sobretudo os que entraram depois da queda do Gabinete de Guerra.

Lembrando-se da honestidade sólida e estóica das Missões Comerciais, Frank sentiu-se confortado. Até Wyndam-Matson seria espanado como uma mosca barulhenta. Fosse ou não dono da corporação W. M. Pelo menos, assim esperava. Acho que eu tenho mesmo fé nesse negócio de Aliança de Co-Prosperidade do Pacífico, disse a si próprio. Estranho. Lembrando os primeiros dias... parecia tão obviamente falso, então. Propaganda, vazia. Mas agora...

Levantou-se da cama e foi trocando as pernas até o banheiro. Enquanto se lavava e se barbeava, ouviu as notícias do meio-dia no rádio.

"Não depreciemos este esforço",

dizia o rádio quando ele momentaneamente fechou a água quente.

"Não, não o faremos", pensou Frank amargamente. Sabia a que esforço particular o rádio se referia. Mas, no fundo, havia um quê de cômico na situação, a imagem de alemães fortes e carrancudos marchando por Marte, na areia vermelha virgem de pés humanos. Ensaboando o queixo, Frink pôs-se a cantarolar uma sátira a si próprio. *Gott, Herr Kreisleiter. Ist dies vielleicht der Ort wo man das Konzentrationslager bilder kann? Das Wetter ist so schön. Heiss, aber doch schön...*

O rádio dizia:

A Civilização da Co-Prosperidade precisa parar e considerar se, no desejo de fornecer uma igualdade de responsabilidade e deveres mútuos juntamente com remunerações...

Jargão típico da hierarquia dominante, notou Frink

... não deixamos de levar em consideração a futura arena em que se desenrolarão os negócios dos homens, sejam eles nórdicos, japoneses, negros...

E continuava, continuava.

Enquanto se vestia, repassava com prazer a sua sátira. *O tempo está schön, tão schön. Mas não há o que respirar...*

Contudo, era um fato; o Pacífico não fizera nada para a colonização dos planetas. Estava envolvido — ou melhor, atolado — na América do Sul. Enquanto os alemães estavam ocupados em lançar no espaço enormes sistemas robotizados, os japoneses queimavam as florestas do interior do Brasil, erguendo edifícios de apartamentos de oito andares, de alvenaria, para excaçadores de cabeça. Até os japoneses lançarem seu primeiro foguete, os alemães teriam posto o sistema solar no bolso. Segundo os pitorescos e antigos livros de história, os alemães ficaram para trás enquanto o resto da Europa solidificava seus impérios coloniais. Mas, refletiu Frink, desta vez não iam chegar por último; aprenderam.

E isso o levou a pensar na África e na experiência nazista lá. E seu sangue parou de correr, hesitou, e por fim continuou.

Aquela enorme ruína vazia.

O rádio dizia:

...devemos contudo considerar com orgulho nossa insistência nas necessidades físicas fundamentais dos povos de todos os lugares, suas aspirações subespirituais que devem ser...

Frink desligou o rádio. Então, mais calmo, ligou-o novamente.

Cacete, pensou. África. Para os fantasmas das tribos mortas. Varridas para fazer uma terra de... quê? Quem sabia? Talvez nem mesmo os grandes arquitetos de Berlim soubessem. Bando de autômatos, construindo e trabalhando. Construindo? Esmagando. Ogres de uma exposição de paleontologia, atarefados em fazer um copo com o crânio do inimigo, a família inteira empenhada em pescar primeiro o conteúdo — os miolos crus — para comer. Depois fazer utensílios dos ossos das pernas dos homens. Era lucrativa essa idéia de não só comer quem não se gosta, mas comê-los dentro do seu próprio crânio. Os primeiros técnicos! O homem pré-histórico de blusa branca esterilizada num laboratório de alguma universidade de Berlim, pesquisando como aproveitar crânios, pele, orelhas e gordura de outras pessoas. *Ja, Herr Doktor*. Uma nova utilidade para o dedo grande do pé; veja, pode-se adaptar a junta para funcionar como isqueiro. Agora, se *Herr Krupp* puder produzir em quantidade...

Aquela idéia horrorizava-o: o antigo e gigantesco' canibal quase homem vicejando agora, dominando o mundo mais uma vez. Passamos um milhão de anos fugindo dele, pensou Frink, e agora ei-lo de volta. E não apenas como adversário... Mas como senhor.

... podemos deplorar,

O rádio, a voz dos barriguinhas-amarelas de Tóquio estava falando. Cristo, pensou Frink; e nós os chamamos de macacos, esses pigmeus civilizados de pernas tortas que não mais instalarão câmaras de gás nem derreterão suas esposas para transformar em cera.

...e deploramos no passado o terrível desperdício de seres humanos nesta ansiedade fanática que coloca a maioria dos homens totalmente fora da comunidade legal.

Eles, os japoneses, eram fortes em leis.

...Para citar um santo ocidental conhecido de todos nós: "De que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro se perde a alma?"

O rádio parou. Frink, dando o nó na gravata, também parou. Era a ablução matinal.

Tenho que entrar em algum acordo com eles aqui, decidi. Boicotado ou não, seria a morte para mim deixar o território controlado pelos japoneses e aparecer no Sul ou na Europa — em qualquer parte do *Reich*.

Vou ter que entrar num acordo com o velho Wyndam-Matson.

Sentado na cama, com uma xícara de chá morno ao lado, Frink tirou o *I Ching* da prateleira. Do tubo de couro, tirou as quarenta e nove varetas de *yarrow*. Refletiu, até ter os pensamentos sob controle e as perguntas formuladas.

Disse em voz alta: "Como deverei aproximar-me de Windam-Matson de maneira a conseguir um acordo decente com ele?" Escreveu a pergunta na tabuinha e começou a passar as varetas de uma mão para a outra até obter a primeira linha, o início. Um oito. Metade dos sessenta e quatro hexagramas eliminados de saída. Dividiu as varetas e obteve a segunda linha. Como tinha prática, logo conseguiu todas as seis linhas; o hexagrama estava formado e nem era preciso consultar o quadro. Reconheceu-o como o Hexagrama Quinze Ch'ien. Modéstia. Ah! Os humildes subirão, os soberbos cairão, as famílias poderosas serão humilhadas; nem precisava consultar o texto — já o sabia de cor. Um bom presságio. O oráculo estava dando conselhos favoráveis.

Apesar disso, sentiu-se um pouco decepcionado. Havia uma certa infantilidade no Hexagrama Quinze; muito ingênuo. *Claro* que tinha de ser modesto. Talvez fosse esse o negócio. Afinal, ele não tinha nenhum poder sobre o velho W.M. A única coisa que podia fazer era adotar o ponto de vista do texto do Hexagrama Quinze; o momento era daqueles em que é preciso solicitar, esperar, aguardar com fê. O céu na hora certa faria com que fosse readmitido ou talvez até promovido.

Não tinha para ler nenhuma linha, pois não tirara nenhum seis ou nove; era um hexagrama estático. De modo que estava terminado. Não ia começar outro hexagrama.

Uma nova pergunta, então. Preparando-se, disse alto: "Será que ainda verei Juliana?"

Era sua mulher. Ou melhor, sua ex-mulher. Juliana divorciara-se dele há um ano, e não se viam há meses; ele nem sabia onde ela estava morando, obviamente, deixara São Francisco. Talvez até os E.A.P. Os amigos comuns não tinham recebido notícias ou as estavam escondendo dele.

Dividiu as varetas de *yarrow* com atenção, os olhos fixos nas combinações. Quantas vezes indagara sobre Juliana, de uma forma ou de outra? Lá vinha o hexagrama, surgido da divisão das varetas ao acaso. Indefinido, mas enraizado no momento que estava vivendo, em que sua vida estava ligada a todas as outras vidas e partículas do universo. O hexagrama representava necessariamente, com seu padrão de linhas inteiras e partidas, a *situação*. Ele, Juliana, a fábrica de Gough Street, a autoridade das Missões Comerciais, a exploração dos planetas, os bilhões de corpos amontoados na África, que agora não eram nem mais cadáveres, mas matérias-primas químicas, de criaturas vivendo em torno dele nos barracos de São Francisco, os dementes de Berlim, com seus rostos calmos e planos maníacos — todos ligados a este momento de jogar as

varetas para selecionar a sabedoria apropriada num livro iniciado no século XXX a. C. Um livro criado pelos sábios da China num período de cinco mil anos, burilado, aperfeiçoado, aquela soberba cosmologia — e ciência — codificada antes que a Europa tivesse aprendido a extrair raiz quadrada.

O hexagrama. Seu coração parou. Quarenta e quatro. *Kou*. Vir ao Encontro. Seu julgamento ponderado. *A donzela é poderosa. Não se deve casar com tal donzela*. Mais uma vez saía isso em relação a Juliana.

Oy vey, pensou, tornando a deitar. Então não era feita para mim; eu sei. Não foi isso que perguntei. Por que o oráculo tem que me lembrar disso? Uma falta de sorte para mim, tê-la encontrado e me apaixonado — e estar apaixonado — por ela.

Juliana — a mulher mais bonita com quem já se casara. Sobrancelhas e cabelos negros: leves traços de sangue espanhol distribuídos em pura cor, até em seus lábios. Seu andar leve e silencioso; usava sapatos de tênis do tempo de colégio. Mesmo suas roupas tinham todas um ar meio arruinado, deliberadamente usadas e muito lavadas. Eles passaram tanto tempo sem dinheiro que, apesar de sua beleza, ela tivera que usar suéter de algodão, jaqueta de pano com fecho-ecler na frente, saia castanha de *tweed* e meias curtas de colegial; e ela o odiava porque dizia que desse jeito ficava parecendo uma daquelas mulheres que jogam tênis ou (pior ainda) recolhem cogumelos nos bosques.

Mas acima e além de tudo, ele fora atraído de início por seu ar aloucado; sem a menor razão. Juliana cumprimentava gente totalmente estranha, com um portentoso sorriso à Mona Lisa, que as pessoas ficavam surpresas e paravam, antes de responder, fosse para dizer alô ou não. E ela era tão atraente que na maioria das vezes diziam mesmo alô, diante do que Juliana passava ereta. No início, chegou a pensar que ela fosse miope, mas depois verificou que era mesmo uma profunda estupidez cuidadosamente escondida. E assim, finalmente, começou a irritar-se com seu cumprimento de relance a estranhos e com a maneira vegetal, silenciosa, que tinha de ir e vir como se estivesse em alguma missão secreta. Mas, mesmo assim, mesmo no final, quando brigavam tanto, ele nunca deixou de encará-la como uma invenção direta, literal, de Deus, surgida em sua vida por motivos que não lhe eram dados a conhecer. E por isso — uma espécie de intuição religiosa ou fé em relação a ela — não se conformava de tê-la perdido.

Parecia tão próxima agora... como se ainda fosse sua. Aquele espírito, ainda ativo em sua vida, girando silenciosamente pelo quarto em busca de fosse o que fosse que Juliana buscava. E também em sua mente, cada vez que apanhava os volumes do oráculo.

Sentado na cama, cercado da desordem de sua vida solitária, preparando-se para sair e começar seu dia, Frank Frink se perguntou quem mais na vasta e complicada São Francisco estaria naquele exato momento consultando o oráculo. Teriam recebido conselhos tão téticos quanto ele? Seria o teor do Momento tão adverso para eles quanto o era para ele?

MR. NOBUSUKE Tagomi estava consultando o Quinto Livro da Sabedoria Confuciana, o oráculo taoísta conhecido há séculos pelo nome de I Ching ou *O Livro das Transmutações*. Naquele dia, ao meio-dia, começara a se sentir apreensivo quanto ao seu encontro com Mr. Childan, que teria lugar daí a duas horas.

Seu grupo de salas no vigésimo andar do edifício *Nippon Times*, em Taylor Street, dava para a baía. Através da parede de vidro ele podia observar os navios passando sob a ponte Golden Gate. Naquele instante, um navio de carga podia ser avistado além de Alcatraz mas Mr. Tagomi não prestava atenção. Indo até a parede, desamarrou a corda e abaixou as cortinas de bambu, encobrindo a vista. O grande escritório central ficou mais escuro; não tinha que fechar os olhos para se proteger do brilho do sol. Agora podia pensar com maior clareza.

Não tinha como agradar seu cliente, pensou. Não importava o que Mr. Childan trouxesse: o cliente não ficaria impressionado. Encaremos os fatos, disse a si próprio. Mas podemos ao menos evitar desagradá-lo.

Podemos evitar ofendê-lo com um presente de pouco valor.

O cliente logo chegaria ao aeroporto de São Francisco, a bordo de um novo foguete alemão excepcional, o Messerschmitt 9-E. Mr. Tagomi nunca viajara numa nave semelhante; quando encontrasse Mr. Baynes, teria que prestar atenção para ficar bem *blasé*, por maior que o foguete fosse. Vamos ensaiar. Ficou de pé diante do espelho na parede do escritório, criando uma expressão estudada, levemente entediada, um ar glacial e impenetrável. Sim, são muito barulhentas, Mr. Baynes. Não se pode ler. Mas também o vôo de Estocolmo a São Francisco é de apenas quarenta e cinco minutos.

Poderia talvez mencionar falhas mecânicas dos alemães? Imagino que tenha ouvido pelo rádio. Aquele desastre sobre Madagascar. Sinceramente, eram melhores os velhos aviões a pistão.

Essencial evitar política. Pois não conhecia as opiniões de Mr. Baynes a respeito dos principais temas do dia. Contudo poderia surgir, e Mr. Baynes, como sueco, seria neutro. Mas escolhera a Lufthansa em lugar da S.A.S. Faria uma sondagem cautelosa... Mr. Baynes, dizem que *Herr Bormann* está bastante doente. Que um novo Chanceler do Reich será escolhido pelo *Partei* neste outono. Apenas boatos? Há tantos segredos, infelizmente, entre o Pacífico e o *Reich*.

Na pasta em sua mesa, havia um recorte do *New York Times* contendo um recente discurso de Mr. Baynes. Mr. Tagomi passou a estudá-lo com atenção, inclinando-se devido à ligeira incorreção de suas lentes de contato. O discurso era a respeito da necessidade de procurar mais uma vez — nonagésima oitava vez? — nascentes de água na lua.

"Ainda poderemos resolver este dilema constrangedor", citava Mr. Baynes.

"Nosso vizinho mais próximo e até agora o menos compensador, a não ser para fins militares".

Sic!, pensou Mr. Tagomi, empregando uma palavra em latim de bom efeito. Um dado concernente a Mr. Baynes. Ele olha sem complacência tudo o que é exclusivamente militar. Mr. Tagomi tomou nota mentalmente.

Apertando o botão do intercom, Mr. Tagomi disse:

— Miss Ephreikian, gostaria que trouxesse seu gravador, por favor.

A porta externa do escritório deslizou para o lado e Miss Ephreikian surgiu, naquele dia agradavelmente enfeitada com flores azuis nos cabelos.

— Lilases — observou Mr. Tagomi.

Já cultivara flores profissionalmente, quando vivia em Hokkaido.

Miss Ephreikian, uma armênia alta e morena, inclinou-se:

— Está preparada com seu *Zip-Track Speed Master*? — perguntou Mr. Tagomi.

— Sim, Mr. Tagomi.

Miss Ephreikian sentou-se, com o gravador portátil de pilha pronto.

Mr. Tagomi começou:

— Interroguei o oráculo: "Será proveitoso meu encontro com Mr. Childan?" e, para minha consternação, obtive o pouco auspicioso hexagrama *A Preponderância do Grande*. A cumieira está cedendo. Peso demais no meio; tudo desequilibrado. Claramente em desacordo com o *Tao*.

O gravador zumbia.

Fazendo uma pausa, Mr. Tagomi refletia. Miss Ephreikian observou-o na expectativa. O zumbido cessou.

— Peça a Mr. Ramsey que venha aqui um momento, por favor — disse Mr. Tagomi.

— Sim, Mr. Tagomi.

Levantando-se, ela colocou o gravador na mesa; seus saltos ressoavam à medida que se afastava.

Mr. Ramsey apareceu, com uma enorme pasta cheia de recibos, faturas e duplicatas. Jovem, sorridente, aproximou-se, usando gravata fina, tipo Planícies do Meio Oeste Americano, camisa quadriculada e *blue-jeans* apertadas, sem cinto, consideradas o fino da elegância pelos que acompanhavam a moda.

— Oi, Mr. Tagomi — disse ele. — Um dia e tanto,, não é?

Mr. Tagomi inclinou-se.

Diante disso, Mr. Ramsey empertigou-se abruptamente e também se inclinou.

— Estive consultando o oráculo — disse Mr. Tagomi, enquanto Miss Ephreikian sentava-se novamente com seu gravador. — Você compreende que Mr. Baynes, que como sabe deve chegar daqui a pouco, adota a ideologia nórdica com relação à chamada cultura oriental. Poderia fazer o esforço de deslumbrá-lo, levando-o a uma melhor compreensão das obras representativas da pintura chinesa em pergaminho ou das cerâmicas do nosso Período Tokugawa... mas nossa função não é converter.

— Compreendo — disse Mr. Ramsey, com o rosto caucásico contorcido em penosa concentração.

— Devemos, portanto, nos conformar com seu preconceito e oferecer-lhe, em lugar disso, um objeto americano de valor inestimável.

— Sim.

— O senhor é de origem americana. Embora se tenha dado o trabalho de escurecer a pele.

Ele examinou Mr. Ramsey com atenção.

— Este bronzeado foi obtido com lâmpada ultravioleta — murmurou Mr. Ramsey. — Apenas para adquirir vitamina D.

Mas sua expressão de humilhação dizia tudo.

— Garanto-lhe que conservo autênticas raízes... — Mr. Ramsey tropeçava nas palavras. — Não cortei todas as ligações com minhas origens étnicas.

Mr. Tagomi disse a Miss Ephreikian:

— Continuemos, por favor.

O gravador rodou novamente.

— Ao consultar o oráculo e obter o Hexagrama *Ta Kuo* vinte e oito, recebi, além disso, a linha desfavorável nove no quinto lugar, assim expressa:

Um álamo seco floresce.

Uma mulher mais velha arranja marido.

Sem culpa. Sem mérito.

— Isto claramente indica que às duas horas Mr. Childan não terá nada de valor a nos oferecer.

Mr. Tagomi calou-se.

— Sejamos francos — continuou. — Não posso confiar em minha própria opinião sobre objetos de arte americanos. Por isso... — Deteve-se na escolha das palavras. — Por isso o senhor, Mr. Ramsey, que é, como direi, nativo, é necessário. Naturalmente temos que nos esforçar ao máximo.

Mr. Ramsey ficou sem resposta. Mas, apesar do esforço para se controlar, seu rosto exprimia mágoa, raiva e uma reação muda e frustrada.

— Agora — disse Mr. Tagomi — consulte outra vez o oráculo. Por motivos de ordem interna, não posso dizer-lhe, Mr. Ramsey, qual a pergunta.

Em outras palavras, seu tom significava: você e sua espécie *pinoc* não têm direito a participar dos assuntos importantes com que lidamos.

— Basta dizer, contudo, que recebi uma resposta estimulante. Levou-me a meditar longamente.

Tanto Mr. Ramsey quanto Miss Ephreikian observavam-no atentamente.

— Relaciona-se com Mr. Baynes — disse Mr. Tagomi.

Sacudiram a cabeça, concordando.

— Minha pergunta com relação a Mr. Baynes produziu, através das maquinações ocultas do *Tao*, o Hexagrama *Sheng*, quarenta e seis. Um bom julgamento. E as linhas Seis no início e Nove em segundo lugar.

Sua pergunta tinha sido: "Terei sucesso com Mr. Baynes?" E o Nove no segundo lugar dizia que sim. Dizia:

Se alguém for sincero,
mesmo uma pequena oferta adiantará.

Sem culpa.

Obviamente, Mr. Baynes ficaria satisfeito com qualquer presente que a Missão Comercial lhe desse, através dos bons ofícios de Mr. Tagomi. Mas Mr. Tagomi, ao formular a pergunta, tinha uma indagação mais profunda em mente, da qual mal tinha consciência. Como costuma acontecer, o oráculo percebera aquela indagação mais fundamental e, enquanto respondia à outra, encarregara-se de responder também à subliminar.

— Como sabemos — disse Mr. Tagomi — Mr. Baynes está nos trazendo um relatório detalhado dos novos moldes injetáveis fabricados na Suécia. Se conseguirmos firmar um acordo

com a empresa dele, poderemos certamente substituir muitos metais atualmente em uso e que estão rareando, por plástico.

Durante anos, o Pacífico estava tentando conseguir do *Reich* assistência básica no campo dos sintéticos. Mas os grandes cartéis químicos alemães, sobretudo a I. G. Farben, haviam recolhido suas patentes; chegaram mesmo a criar um monopólio mundial de plástico, sobretudo no ramo do poliéster. Desta forma, o comércio do *Reich* estava sempre à frente do comércio do Pacífico e, em matéria de tecnologia, o *Reich* estava pelo menos dez anos adiantado. Os foguetes interplanetários partindo de *Festang Europa* eram feitos principalmente de plásticos termo-resistentes, muito leves, tão fortes que resistiam até a grandes impactos de meteoros.

O Pacífico não tinha nada assim; fibras naturais, como as de madeira, ainda eram usadas e naturalmente os eternos metais de panela. Mr. Tagomi estremeceu com esta lembrança; tinha visto, nas feiras comerciais, algumas das criações mais avançadas da Alemanha, inclusive um automóvel totalmente sintético, o *D S S — Der Schnelle Spuk* — que custava, em moeda--E.A.P., uns seiscentos dólares.

Mas sua pergunta oculta, aquela que nunca revelaria aos *pinocs* que andavam pelos escritórios das missões comerciais, era ligada a um aspecto das atividades de Mr. Baynes, sugerido pelo telegrama codificado original, chegado de Tóquio. Antes de mais nada, mensagens em código eram raras e tratavam geralmente de questões de segurança, não de negócios. E o código era do tipo metáfora, empregando alusão poética, que fora adotado para confundir o controle do *Reich* — que decifrava qualquer código literal, por mais elaborado que fosse. Obviamente, era com o *Reich* que as autoridades de Tóquio estavam preocupadas, não com as quase-desleais camarilhas nas ilhas japonesas. A frase chave: "Leite desnatado é seu regime", referia-se a *Pinafore*, a canção fantástica que dizia "... As coisas raramente são o que parecem / O leite desnatado finge ser creme". E o *I Ching* consultado por Mr. Tagomi, confirmou sua intuição. Dizia assim:

...Aqui se pressupõe que se trata de um homem forte. É verdade que ele não combina com seu grupo, pois é por demais brusco e dá pouca atenção à forma. Mas como é de caráter firme, responde a esse apelo...

Isso queria dizer, simplesmente, que Mr. Baynes não era o que parecia; que a verdadeira razão de sua visita a São Francisco não era assinar um acordo sobre moldes injetáveis. Que, na realidade, Mr. Baynes era um espião.

Mas, por mais que quebrassem a cabeça, Mr. Tagomi não conseguia descobrir que espécie de espião, para quem e para quê.

À uma e quarenta daquela tarde, Robert Childan, com grande relutância, trancou a porta da *American Artistic Handcrafts Inc.* Arrastou suas pesadas maletas até a beira da calçada, fez sinal a um velotáxi e disse ao *chink* que o levasse ao edifício *Nippon Times*.

O *chink*, abatido, curvo e suado, assentiu e começou a arrumar as malas de Mr. Childan no veículo. Então, tendo ajudado o próprio Mr. Childan a sentar-se no banco acolchoado, ligou o taxímetro, sentou no seu lugar e pedalou Montgomery Street abaixo, entre carros e o ônibus.

Childan passara o dia inteiro à procura da peça para Mr. Tagomi e a amargura e ansiedade o oprimiam enquanto via os edifícios passarem. E, contudo, tivera sucesso, um talento especial, independente dele próprio, fizera com que encontrasse a coisa exata. Mr. Tagomi ficaria grato e

seu cliente, fosse quem fosse, radiante. Sempre satisfação meus fregueses, pensou.

Tinha conseguido, milagrosamente, o volume I, número um, dos *Tip Top Comics*. Datando dos anos trinta, era uma valiosa peça do folclore americano; um dos primeiros livros divertidos, item muito procurado pelos colecionadores. Naturalmente, tinha outras coisas também, para mostrar primeiro. Chegaria por fim à revistinha, que repousava bem protegida num estojo de couro emburilhado em papel de seda no centro da maleta maior.

O rádio do velotáxi berrava melodias populares, competindo com os rádios de outros táxis, carros e ônibus. Childan não ouvia; estava habituado. Nem prestava atenção aos enormes letreiros luminosos com seus anúncios obliterando permanentemente a frente de quase todos os edifícios maiores. Afinal, ele também tinha seu letreiro; à noite acendia e apagava junto com os outros da cidade. Que outra forma havia de se fazer propaganda? Era preciso ser realista.

Na realidade, a barulheira dos rádios, do trânsito, os letreiros e as pessoas, embalavam-no. Apagavam suas preocupações interiores. E era agradável ser carregado por outro ser humano, que pedalava no lugar dele, sentir o esforço muscular do *chink* transmitida sob a forma de vibrações regulares; uma espécie de máquina de relaxar, ponderou Childan. Ser puxado em vez de ter que puxar. E ocupar, mesmo que por um momento, uma posição mais elevada.

Despertou com um sentimento de culpa. Havia coisa demais para planejar; não havia tempo para a sesta. Será que ele estava vestido direito para entrar no edifício *Nippon Times*? Possivelmente desmaiaria no elevador ultra-rápido. Mas estava levando tabletes contra enjôo, um produto alemão. As várias formas de se dirigir às pessoas... ele sabia. A quem tratar polidamente, a quem rudemente. Ser brusco com o porteiro, com o ascensorista, recepcionista, guia, qualquer espécie de servente. Inclinarse diante de qualquer japonês, claro, mesmo que fosse obrigado a fazer centenas de reverências. Mas os *pinocs*. Área nebulosa. Inclinarse mas deixar que o olhar os atravessasse, como se não existissem. Será que isso englobava todas as situações? E um visitante estrangeiro? Nas Missões Comerciais era comum encontrar-se alemães, bem como neutros.

E havia a possibilidade de avistar um escravo.

Navios alemães ou sulistas atracavam no porto de São Francisco a toda hora, às vezes era permitido aos negros descer por um breve período. Sempre em grupos de menos de três. E não podiam ficar na rua depois que escurecesse; mesmo sob a lei do Pacífico, tinham que respeitar o toque de recolher. Mas havia também escravos que descarregavam mercadorias no porto e estes viviam permanentemente em terra, em barracos sob o cais, logo acima do nível do mar. Não haveria nenhum nos escritórios da Missão Comercial, mas se fosse preciso carregar algo... por exemplo, teria que carregar suas malas até a sala de Mr. Tagomi? Certamente não. Seria preciso encontrar um escravo, ainda que tivesse que esperar uma hora de pé. Ainda que perdesse o encontro. Era inconcebível deixar que um escravo o visse carregando alguma coisa; tinha que tomar cuidado com isso. Um erro desse tipo poderia lhe sair caro; nunca mais teria um lugar de espécie alguma entre os que o tivessem visto.

No fundo, pensou Childan, até que eu acharia divertido carregar minhas próprias malas dentro do *Nippon Times*, em pleno dia. Que grande gesto! Não seria exatamente ilegal, não me poriam na prisão. E eu revelaria meus sentimentos reais, aquele lado que nunca transparece na vida pública. Mas,...

Talvez eu o fizesse, pensou, se não fossem aqueles malditos escravos negros espiando por

todos os lados; suportaria os olhares dos que estão acima de mim, seu desprezo... Afinal, eles me desprezam e humilham todos os dias. Mas suportar o olhar dos inferiores, seu desprezo, nunca. Como esse *chink* pedalando aqui à minha frente. Se eu não tivesse tomado um velotáxi, e ele me tivesse visto tentando ir à pé a um encontro de trabalho...

Os alemães eram os culpados dessa situação. Essa tendência a ter os olhos maiores do que a barriga. Afinal, mal conseguiram ganhar a guerra e logo puseram-se a conquistar o sistema solar, enquanto em casa davam ordens que... Bom, ao menos a idéia era boa. E afinal, foram bem sucedidos com os judeus, os ciganos e os *bíblia*. Também os eslavos foram devolvidos ao coração da Ásia, para mais dois mil anos de atraso. Inteiramente expulsos da Europa, para alívio geral. Voltaram a montar os *yaks* e a caçar de arco e flecha. E aquelas revistas impressas em Munique, em papel *couché*, à venda em todas as livrarias e jornaleiros... cada um podia ver por si as ilustrações coloridas de página inteira: os colonos arianos de olhos azuis e cabelos louros, cuidadosamente plantando, selecionando, cultivando o vasto celeiro do mundo, a Ucrânia. Aqueles sujeitos pareciam felizes mesmo. E suas fazendas e casas eram limpas. Não se viam mais fotos de poloneses burros e bêbados, caídos nas varandas em ruínas ou oferecendo alguns nabos murchos no mercado da aldeia. Tudo coisas do passado, como as estradas de terra esburacadas que ficavam intransitáveis na época das chuvas, atolando as carroças.

Mas havia a África. Lá, eles simplesmente deixaram-se levar pelo entusiasmo e podíamos admirá-los por isso, embora uma opinião mais ponderada os teria aconselhado a aguardar mais um pouco até, por exemplo, que o Projeto Agrário fosse completado. Aí sim, os nazistas mostraram-se geniais; sua face artística veio à tona. O mar Mediterrâneo engarrafado, drenado, transformado em terra cultivável, graças ao emprego da energia atômica... que audácia! Os gozadores foram desbancados, como certos comerciantes debochados de Montgomery Street. E, na verdade, a África foi quase um sucesso... mas num projeto daquela envergadura, era nefasto começar a usar a palavra *quase*. O conhecido e poderoso panfleto de Rosenberg fora publicado em 1958; foi quando a palavra primeiro apareceu. *Quanto à Solução Final do Problema Africano, estamos quase alcançando nossa meta. Infelizmente, contudo...*

Mesmo assim, foram necessários duzentos anos para resolver o problema dos aborígenes americanos e a Alemanha quase completara o serviço na África em quinze anos. De modo que, não cabia nenhuma crítica legítima. Childan havia, na realidade, discutido o assunto minuciosamente quando almoçava com outros comerciantes. Esperavam milagres, evidentemente, como se os nazistas pudessem reformar o mundo por mágica. Não, tratava-se de ciência, de tecnologia e daquele fabuloso talento para trabalhar duro; os alemães nunca deixavam de se esforçar. Quando faziam alguma coisa, faziam *certo*.

Em todo caso, os vôos a Marte distraíram a atenção mundial das dificuldades encontradas na África. De modo que tudo voltava ao que dissera aos seus companheiros lojistas: o que os nazistas têm e que nos falta é... grandeza. Pode-se admirá-los pelo seu amor ao trabalho ou por sua eficiência... mas é o sonho que faz agir primeiro, os vôos espaciais à Lua, depois a Marte; a menos que fosse o desejo mais antigo da humanidade, nossa maior esperança de glória. Agora, no que toca aos japoneses, conheço-os bastante bem; afinal, trato todos os dias de negócios com eles. São — encaremos os fatos — orientais. Amarelos. Nós, brancos, temos que nos inclinar diante deles porque têm o poder nas mãos. Mas observamos a Alemanha; vemos o que pode ser feito nas regiões conquistadas pelos brancos e é bem diferente.

— Estamos nos aproximando do edifício *Nippon Times*, senhor — disse o *chink*, ofegante por causa da subida.

Diminuiu a marcha.

Childan tentou imaginar o cliente de Mr. Tagomi. Obviamente era alguém de importância excepcional, como o tom de Mr. Tagomi no telefone e sua tremenda agitação revelaram. Veio-lhe à mente a imagem de um de seus mais importantes clientes, ou melhor, compradores, homem que fizera muito para ajudá-lo a criar uma reputação entre as figuras de importância, que moravam em *Bay Area*.

Quatro anos atrás, Childan não comerciava com objetos raros e procurados, como agora; dirigia uma pequena e escura livraria de segunda-mão em Geary. Seus vizinhos vendiam móveis usados ou ferragens, quando não eram lavanderias. Não era uma vizinhança agradável. De noite, havia assaltos a mão-armada e algumas vezes curras nas calçadas, apesar dos esforços do Departamento de Polícia de São Francisco e até dos *Kempeitai*, altos funcionários japoneses. Todas as vitrines eram cobertas por grades de metal no final do dia, para evitar arrombamentos. Apesar disso, fora morar naquela parte da cidade um ex-militar japonês, já idoso, o major Ito Humo. Alto, magro, de cabelos brancos, marchando como nas paradas e porte sempre rígido, foi o major Humo quem levou Childan a descobrir o que mais lhe convinha para negociar.

— Sou colecionador — explicou o major Humo. Tinha passado a tarde inteira remexendo velhas revistas num monte que havia na loja. Com sua voz suave explicou algo que Childan não compreendeu imediatamente: para muitos japoneses ricos, cultos, os objetos históricos da civilização popular americana tinham tanto interesse quanto as antiguidades mais procuradas. *Por que* era assim, o próprio major não sabia; ele se interessava sobretudo por velhas revistas que tratassem de botões de latão americanos, bem como pelos botões em si. Era como colecionar moedas ou selos; não havia explicação racional. E os colecionadores ricos pagavam altos preços.

— Vou lhe dar um exemplo — disse o major. — Conhece os cartões "Os Horrores da Guerra"?

Olhou Childan avidamente.

Forçando a memória, Childan acabou se lembrando. Os cartões eram distribuídos, na sua infância, nos pacotes de chicletes. A um centavo cada. Havia várias séries, cada cartão evocando um horror diferente.

— Um bom amigo meu — continuou o major — coleciona "Os Horrores da Guerra". Falta-lhe apenas um agora. *The Sinking of the Panay*. Está oferecendo uma quantia considerável por aquele cartão.

— Cartões voadores — disse Childan, de repente..

— Como?

— Nós os fazíamos voar. Cada cartão tinha um lado cara e outro coroa. — Ele devia ter uns oito anos. — Cada um de nós tinha um maço de cartões. A gente ficava em pé, um em frente ao outro. Cada um jogava seu cartão de modo a que virasse no ar. O garoto dono do cartão que caísse com o lado desenhado para cima ganhava os dois cartões.

Que prazer recordar aqueles bons tempos, aqueles primeiros dias felizes da sua infância. Refletindo, o major Humo disse:

— Ouvi muitas vezes meu amigo comentar os cartões "Os Horrores da Guerra" e ele nunca mencionou isso. *Na minha opinião ele não sabe realmente como esses cartões são usados.*

Logo após, o amigo do major apareceu na loja para ouvir, pessoalmente, o relatório histórico de Childan. E ele, também oficial reformado do Exército Imperial, ficou fascinado.

— Tampinhas — exclamou Childan, subitamente. O japonês piscou sem compreender.

— Costumávamos colecionar as tampas das garrafas de leite. Quando garotos. As tampas redondas com o nome da leiteria escrito. Devia haver milhares de leiterias nos Estados Unidos. Cada uma imprimia sua própria tampa.

Os olhos do oficial falsearam instintivamente.

— O senhor ainda guarda alguma parte de sua antiga coleção?

Naturalmente, Childan não tinha mais. Mas... talvez ainda fosse possível conseguir as antigas e há muito esquecidas tampas dos dias anteriores à guerra, quando o leite vinha em garrafas e não nessas embalagens de papelão de usar e jogar fora.

E foi assim que, aos poucos, estabelecera-se nesse tipo de comércio. Outros abriram lojas semelhantes, aproveitando a crescente mania dos japoneses por peças do folclore americano... mas Childan mantinha sempre a primazia.

— O preço — disse o *chink*, interrompendo seus pensamentos — é um dólar, senhor.

Descarregara as malas e estava esperando.

Distraidamente, Childan pagou-lhe. Sim, era provável que o cliente de Mr. Tagomi fosse parecido com o major Humo; ao menos, pensou Childan causticamente, do meu ponto de vista. Tratara com muitos japoneses... mas ainda tinha dificuldades em distinguir uns dos outros. Havia os baixos, atarracados, com a constituição de lutadores. Havia os do tipo farmacêutico. Os jardineiros tipo árvore-arbusto-flor... Ele tinha suas categorias. E os jovens, que para ele nem pareciam japoneses. O cliente de Mr. Tagomi seria, provavelmente, um homem de negócios gordo, fumando um charuto filipino.

E então, de pé diante do edifício *Nippon Times*, ao lado de suas malas na calçada, Childan de repente pensou, estremecendo: e se o cliente não for japonês! Tudo o que havia nas malas fora escolhido em função disso, considerando seus gostos...

Mas o homem tinha que ser japonês. Um cartaz de alistamento da Guerra de Secessão tinha sido a encomenda original de Mr. Tagomi; é claro que só um japonês poderia se interessar por tal relíquia. Típico de sua atração pelo vulgar, sua fascinação de legisladores por documentos, proclamações, anúncios. Conhecera um que dedicava seu tempo livre a colecionar anúncios de remédios americanos patenteados do início do século XX.

Havia outros problemas a considerar. Problemas imediatos. Pelas portas altas do edifício *Nippon Times* passavam homens e mulheres apressados, todos bem vestidos; suas vozes chegaram aos ouvidos de Childan, que pôs-se a caminhar. Uma olhada para o alto do edifício gigantesco, o maior de São Francisco. Uma parede de salas, janelas, a fabulosa concepção dos arquitetos japoneses — e os jardins em torno com suas árvores anãs sempre verdes, pedras, e o panorama *karesansui*, areia imitando um riacho seco que passa tortuoso entre raízes — pedras chatas, simples e irregulares...

Viu um carregador negro livre. Chamou-o imediatamente ;

— Carregador!

O preto trotou em sua direção, sorrindo.

— Ao vigésimo andar — disse Childan, com sua voz mais dura. — *Suite B*. Imediatamente.

Indicou as malas e caminhou em largas passadas para a entrada do prédio. Naturalmente

não olhou para trás.

Um momento depois viu-se amontoadado num dos elevadores expressos; a maioria em torno dele era de japoneses, cujas faces bem lavadas brilhavam ligeiramente na luz forte do elevador. A seguir, o vertiginoso impulso do elevador subindo, o rápido clique dos andares passando; fechou os olhos, firmou os pés no chão e rezou para terminar o vôo. O negro, naturalmente, levava as malas pelo elevador de serviço. Seria totalmente fora de cogitação permitir que entrasse ali. Na realidade — Childan abriu os olhos e deu uma olhada rápida — ele era um dos poucos brancos no elevador.

Quando o elevador depositou-o no vigésimo andar, Childan já estava se inclinando mentalmente, preparando-se para o encontro no escritório de Mr. Tagomi.

Ao CAIR DA TARDE, olhando para cima, Juliana Frink viu o ponto de luz no céu subir em arco e desaparecer a oeste. Um daqueles foguetes nazistas, pensou. Rumo à Costa. Cheio de figurões. E eu estou aqui embaixo. Acenou com a mão, embora o foguete naturalmente já tivesse passado.

As sombras avançavam vindas das Montanhas Rochosas. Picos azuis sumindo na noite. Um bando de pássaros lentos, migratórios, acompanhava, a linha das montanhas. Aqui e ali um carro acendia os faróis; viu pontos gêmeos na estrada. Luzes, também, de um posto de gasolina. Casas.

Já vivia ali em Canon City, Colorado, havia alguns meses. Era professora de judô.

Seu dia de trabalho terminara e preparava-se para tomar uma chuveirada. Sentia-se cansada. Todos os chuveiros estavam ocupados pelos clientes do *Ray's Gym*, de modo que ela ficara em pé, esperando lá fora, saboreando o ar fresco e a quietude da montanha. A única coisa que ouvia agora era o som abafado da lanchonete no fim da rua, à beira da estrada. Dois enormes caminhões diesel estavam parados e entrevia, na penumbra, os choferes que caminhavam vestindo suas jaquetas de couro antes de entrar na barraca.

Ela pensou: não foi Diesel quem se atirou pela escotilha do camarote? Quem tentou o suicídio numa viagem marítima? Talvez eu devesse fazer o mesmo. Mas ali não havia mar. No entanto há sempre um jeito. Como em Shakespeare. O alfinete de um broche espetado no peito e adeus Frink A garota que não tem medo de vagabundar no deserto. Que anda de cabeça erguida, consciente das diversas formas de pressionar o nervo do adversário ofegante. Em vez disso, poderia morrer, digamos, aspirando o gás da descarga de um carro na estação rodoviária, talvez com um canudo comprido.

Aprendera aquilo, pensou, com os japoneses. Eles lhe ensinaram a atitude de calma diante da morte, juntamente com o meio de ganhar dinheiro com o judô. Como matar, como morrer. *Yang e yin*. Mas isso agora pertence ao passado, aqui é terra protestante.

Era bom ver os foguetes nazistas passarem sem parar, sem o menor interesse por Canon City, Colorado. Nem por Utah, Wyoming, nem pela região leste do Nevada, nem por nenhum dos estados cobertos de desertos ou de pastagens. Não valem nada, pensou. Podemos viver nossas vidinhas. Se quisermos. Se nos interessar.

Ouviu abrir a porta de um dos chuveiros. A imagem da enorme Miss Davis apareceu, terminado seu banho, vestiu-se, pôs a bolsa debaixo do braço.

— Oh, estava esperando, Mrs. Frink? Desculpe.

— Nada a desculpar — disse Juliana.

— Sabe, Mrs. Frink, tenho aproveitado tanto o judô. Mais ainda que o *Zen*. Queria dizer-lhe.

— Afine os quadris pelo método *Zen* — disse Juliana. — Perca peso sem dor com o *satori*. Desculpe, Miss Davis. Ando com a cabeça meio confusa.

Miss Davis disse:

— Fizeram-lhe muito mal?

— Quem?

— Os japoneses. Antes de você aprender a se defender.

— Foi terrível — disse Juliana. — Você nunca esteve lá, na Costa Oeste. Onde eles estão.

— Nunca saí do Colorado — disse Miss Davis, com voz trêmula de timidez.
— Pode acontecer aqui — disse Juliana. — Talvez resolvam ocupar esta região também.
— Não depois de tanto tempo!
— Nunca se sabe o que vão fazer — disse Juliana. — Escondem seus verdadeiros pensamentos.

— O que foi forçada a fazer?

Miss Davis, apertando a bolsa contra o peito com os dois braços, aproximou-se, no crepúsculo, para ouvir.

— Tudo — disse Juliana.

— Nossa Senhora! Eu teria reagido — disse Miss Davis.

Juliana pediu licença e entrou no chuveiro; alguém se aproximava de toalha no braço.

Mais tarde, sentada no *Tasty Charley's Broiled Hamburgers*, passou os olhos pela lista dos sanduíches. O *jukebox* tocava uma música caipira qualquer, guitarra e cantoria soluçantes... O ar estava pesado de fumaça gordurosa. Apesar disso, o local estava quente e alegre e reconfortou-a. Gostava da presença dos choferes no balcão, da garçonete, do imenso cozinheiro irlandês com seu casaco branco, dando troco na caixa.

Ao vê-la, Charley aproximou-se para servi-la pessoalmente. Mostrando os dentes, falou arrastado:

— *Missy* quer chá agora?

— Café — disse Juliana, aturando o incansável humor do cozinheiro.

— Tá bem — disse Charley, balançando a cabeça.

— E um sanduíche quente de filé com molho.

— Não quer sopa ninho-de-rato? Ou talvez miolos de cabra fritos no azeite?

Os dois motoristas de caminhão voltaram-se nos tamboretos, rindo também da piada. Além disso, tinham prazer em olhá-la. Mesmo sem a brincadeira do cozinheiro, teria sido olhada pelos motoristas. Aqueles meses de judô lhe haviam dado um físico excepcional; sabia o quanto fora beneficiada e o controle que tinha do seu corpo.

É tudo consequência dos músculos do ombro, pensou, ao ser olhada. Como nas bailarinas. Nada tem que ver com tamanho. Mandem suas esposas à academia e nós as ensinaremos. E vocês ficarão muito mais satisfeitos com a vida.

— Não cheguem perto dela — o cozinheiro avisou aos motoristas com uma piscada. — É capaz de atirá-los no chão.

Ela perguntou ao motorista mais jovem:

— Você está vindo de onde?

— Missouri — responderam os dois, ao mesmo tempo.

— São dos Estados Unidos? — perguntou.

— Eu sou — disse o mais velho. — De Filadélfia. Tenho três filhos lá. O mais velho com onze anos.

— Olhem — disse Juliana: — É... fácil conseguir um bom emprego lá?

O mais moço disse:

— Claro. Se você tiver a cor certa.

Ele tinha o rosto escuro, os cabelos negros crespos. Sua expressão tornara-se amarga e contraída.

— Ele é *carcamano* — disse o mais velho.

— E daí? — disse Juliana. — A Itália não ganhou a guerra?

Ela sorriu ao jovem mas ele não retribuiu. Em lugar disso, seus olhos sombrios puseram-se a brilhar ainda mais intensamente e de repente afastou-se.

Sinto muito, pensou ela, mas não disse nada. Não posso evitar que você nem ninguém sejam morenos. Em Frank Imaginou se já teria morrido. Nunca falava o que devia e sempre fora de hora. Não, pensou. De uma certa forma, ele gosta dos japoneses. Talvez se identifique com eles porque são feios. Ela sempre dissera a Frank que ele era feio. Poros dilatados. Narigão. Ela tinha pele fina, excepcional. Será que, sem mim, ele morreu? Um alcagüete é uma espécie de pássaro (*). E dizem que pássaros morrem.

(*) Tradução aproximada. O texto é: A fink (alcagüete) is a finch (tentilhão). And they say birds die. (N. da E.)

— Você vai voltar à estrada hoje à noite? — perguntou ao jovem motorista italiano.

— Amanhã.

— Se você não se sente feliz nos Estados Unidos, por que não fica aqui de uma vez? — perguntou ainda. — Eu vivo nas Rochosas há muito tempo e não é tão ruim. Já morei na Costa, em São Francisco. Eles lá também têm esse negócio de cor de pele.

Olhando-a de relance, do banquinho no qual se instalara comodamente, o italiano disse:

— Madame, já é bastante chato ter que passar um dia ou uma noite numa cidade dessas. Morar aqui? Nossa Senhora! Se eu pudesse conseguir um outro tipo de emprego qualquer e não tivesse que estar nesta estrada comendo em lugares como este...

Notando que o cozinheiro ficara vermelho, parou de falar e começou a tomar o seu café. O motorista mais velho disse:

— Joe, você é um esnobe.

— Você podia viver em Denver — disse Juliana. — É mais agradável que aqui.

Conheço esses americanos do Leste, pensou. Gostam da vida folgada. Fantasiando grandes coisas. Aqui é o fim do mundo para eles, as Rochosas. Nada acontece aqui desde antes da guerra. Gente velha, aposentada, fazendeiros burros, retardados, pobres... e todos os rapazes espertos partiram para o Leste, para Nova York, atravessando a fronteira, legalmente ou não. Porque, pensou, é lá que está o dinheiro, o abundante dinheiro da grande indústria. A expansão. Os investimentos alemães foram de grande ajuda... Não tardaram a reconstruir os Estados Unidos.

O cozinheiro disse numa voz rouca e zangada:

— Meu chapa, não gosto nada de judeus, mas vi alguns deles fugindo dos seus Estados Unidos em 49 e você pode, portanto, ficar com os seus Estados Unidos. Se construíram muito e se há muito dinheiro sobrando por lá é porque roubaram tudo daqueles judeus quando

OS expulsaram de Nova York, com aquela maldita Lei Nazista de Nuremberg. Morei em Boston quando era menino e não morria de amores pelos judeus, mas nunca pensei que chegaria a ver aquela lei racial nazista aplicada nos Estados Unidos, mesmo tendo perdido a guerra. Surpreende-me você não estar nas Forças Armadas Americanas, preparando-se para invadir uma republiqueta sul-americana, abrindo uma nova frente para os alemães, permitindo-lhes fazer recuar os japoneses mais um pouco...

Os dois motoristas se levantaram, de cara fechada. O mais velho apanhou um vidro de

ketchup do balcão, que segurou de cabeça para baixo pelo gargalo. O cozinheiro, sem deixar de enfrentar os dois, estendeu a mão atrás das costas até tocar um dos espetos de carne. Empunhou-o, preparado.

Juliana disse:

— Denver vai ter uma daquelas pistas com grande resistência ao calor para que os foguetes da Lufthansa possam pousar.

Nenhum dos três homens moveu-se ou falou. Os outros fregueses ficaram sentados em silêncio. Finalmente o cozinheiro disse:

— Passou um hoje de tarde.

— Não estava indo para Denver — disse Juliana. — Estava indo para o Oeste, para a Costa.

Aos poucos, os dois motoristas retomaram seus lugares. O mais velho resmungou:

— Sempre me esqueço; são meio amarelos aqui. O cozinheiro disse:

— Os japoneses não mataram judeus, nem durante nem depois da guerra. Os japoneses não construíram fornos crematórios.

— É pena que não o tenham feito — disse o mais velho.

Mas, segurando a xícara de café, recomeçou a comer.

Amarelos, pensou Juliana. É, suponho que seja verdade. Nós aqui gostamos dos japoneses.

— Onde está hospedado? — perguntou a Joe, o motorista mais moço. — Para passar a noite?

— Não sei — respondeu. — Saí do caminhão para entrar aqui. Detesto este Estado inteiro. Talvez durma, no caminhão.

— O *Honey Bee Motel* não é mau — disse o cozinheiro.

— Tá — disse o jovem. — Talvez eu vá pra lá. Se: não se incomodarem por eu ser italiano.

Ele tinha o sotaque carregado, embora tentasse disfarçar.

Observando-o, Juliana pensou: é idealismo o que O' faz tão amargo. Exigir demais da vida. Sempre em movimento, inquieto e aflito. Eu também sou assim; não agüentava mais ficar na Costa Oeste e daqui a pouco não agüento mais ficar aqui. Os pioneiros não eram assim? Mas, pensou, agora a fronteira não fica aqui; fica nos outros planetas.

Pensou: eu e ele podíamos nos enganar num foguete colonizador. Mas os alemães não o aceitariam por causa de sua pele morena e a mim por meu cabelo escuro. Aqueles SS nórdicos, *bichas*, magros e pálidos, nos seus castelos de treinamento na Baviera. Este sujeito — Joe não sei o quê — não tem nem mesmo a expressão correta no rosto; devia ter aquela expressão fria e contudo entusiasta de quem não crê em nada e assim mesmo tem fé absoluta. Sim, eles são assim. Não são idealistas feito Joe e eu; são cínicos dotados de uma fé total. É uma espécie de deficiência cerebral, como uma lobotomia — aquela mutilação que os psiquiatras alemães fazem e que é um miserável sucedâneo da psicoterapia.

O problema deles, concluiu, é o sexo; nos anos 30 já praticavam coisas infames e isso tem piorado. Hitler foi o iniciador com sua — o que era? Sua irmã? Tia? Sobrinha? E a família já sofria de consanguinidade; seus pais eram primos. Estão todos praticando incesto, voltando ao pecado original de desejar as próprias mães. É por isso que eles, as *bichas* da elite do SS, têm aquele risinho angelical, aquela inocência loura de bebê; estão se guardando para a mamãe. Ou para as camaradas.

E quem é mamãe para eles? pensou ela. O líder, *Herr Bormann*, que dizem estar morrendo? Ou... o Doente.

O Velho Adolf, que se supõe estar num sanatório em alguma parte, num estado senil. Sífilis cerebral, datando de seus dias miseráveis de vagabundo em Viena... casação preto comprido, cuecas sujas, abrigos para mendigos.

Obviamente, era a vingança irônica de Deus, como num filme mudo. Aquele homem horrível comido por uma sujeira interna, o castigo histórico para a maldade humana.

E o pior era que o Império Alemão atual era um produto daquele cérebro. No início um partido político, depois uma nação, depois metade do mundo. E os próprios nazistas haviam diagnosticado, haviam reconhecido, aquele curandeiro que cuidou de Hitler com plantas, aquele Dr. Morell que tratou Hitler com um remédio chamado Pílulas Antigas do Dr. Koester — fora inicialmente especialista em doenças venéreas. O mundo inteiro sabia e, mesmo assim, o falatório do Líder ainda era sagrado, ainda era o Evangelho. Suas idéias já tinham agora contaminado uma civilização inteira e, como esporos do mal, as *bichas* louras cegas voavam da Terra aos outros planetas, espalhando a infecção.

Resultado do incesto: loucura, cegueira, morte.

Brr. Sacudiu-se.

— Charley — Juliana chamou o cozinheiro. — Minha comida não está pronta?

Sentiu-se totalmente só; ficando de pé foi até o balcão e sentou-se ao lado da caixa.

Ninguém reparou seu movimento a não ser o jovem^ motorista italiano; seus olhos negros fixaram-se nela. Chamava-se Joe. Joe o quê? ela se perguntou.

Agora mais perto dele, viu que não era tão moço assim. Difícil dizer: a energia que emanava dele perturbava-lhe o julgamento. A toda hora passava a mão pelos cabelos, empurrando-os para trás com dedos curvos e rígidos. Há alguma coisa de especial neste homem, pensou. Ele respira... morte. Perturbava-a, porém a atraía. Agora o motorista mais velho inclinou a cabeça e sussurrou algo no ouvido dele. Então os dois examinavam-na, desta vez com um olhar que era apenas o interesse masculino comum.

— Miss — disse o mais velho. Os dois estavam tensos, agora. — Sabe o que é isto?

Mostrou uma caixa branca, chata, não muito grande.

— Sei — disse Juliana. — Meias de *nylon*. Fibra sintética feita unicamente pela I.G. Farbeno, grande cartel de Nova York. Muito raras e caríssimas.

— Devemos isso aos alemães; monopólio não é má idéia.

O mais velho passou a caixa ao companheiro, que empurrou-a com o cotovelo em direção dela.

— A senhora tem carro? — perguntou o jovem italiano, tomando seu café.

Charley saiu da cozinha, trazendo a comida dela.

— Você podia me levar àquele lugar. — Os olhos fortes, selvagens, ainda a estudavam e ela ficou cada vez mais nervosa e ainda mais fascinada. — Aquele motel, ou não sei o quê, onde deverei passar a noite, não é?

— Sim — disse ela. — Eu tenho um carro. Um velho Studebaker.

O alto-falante no fundo do corredor disse: *Achtung, meine Damen und Herren*. Na sua poltrona, Mr. Baynes teve um sobressalto e abriu os olhos. Através da janela à sua direita podia ver, muito abaixo, o castanho e verde da terra, e depois o azul. O Pacífico. O foguete, percebeu,

começara sua longa e vagarosa descida.

Primeiro em alemão, depois em japonês e por fim em inglês, o alto-falante explicou que não era permitido fumar nem desamarrar-se do assento acolchoado. A descida, explicou, levaria oito minutos.

Os retro-jatos foram ativados então, tão de repente e com tamanha violência, sacudindo a nave de tal forma, que diversos passageiros tiveram a respiração cortada. Mr. Baynes sorriu e, na poltrona do outro lado da passagem, um homem mais jovem, com cabelos louros cortados rente, também sorriu.

— *Sie fürchten dasz* — começou o jovem, mas Mr. Baynes disse imediatamente, em inglês:

— Desculpe; não falo alemão.

O jovem alemão fitava-o com uma indagação nos olhos, de modo que repetiu a frase em inglês.

— Não alemão? — disse o jovem surpreso, num inglês com sotaque.

— Sou sueco — disse Baynes.

— Embarcou em Tempelhof.

— Sim, estive na Alemanha a serviço. Meus negócios me levam a muitos países.

Obviamente, o jovem alemão não podia acreditar que alguém no mundo moderno, alguém que tinha negócios internacionais e viajava — podia dar-se ao luxo de viajar — no mais recente foguete da Lufthansa, não soubesse ou não quisesse falar alemão. Virou-se para Baynes:

— Qual seu ramo de negócios, *mein Herr*?

— Plásticos. Poliéster. Resinas. *Ersatz* para usos industriais. Compreende? Nenhum produto de consumo.

— A Suécia tem uma indústria de *plásticos*? O tom era de incredulidade.

— Sim, e muito boa. Se me der seu nome enviar-lhe-ei um folheto da firma. — Mr. Baynes tirou bloco e caneta.

— Não se preocupe. Seria inútil. Sou artista, não homem de negócios. Não se ofenda. Talvez tenha visto meus trabalhos quando estive no Continente. Alex Lotze.

Esperou.

— Lamento mas não me interesse por arte moderna — disse Br. Baynes. — Gosto dos cubistas e abstratos de antes da guerra. Gosto de um quadro que signifique alguma coisa, não apenas um ideal.

Voltou-se para o lado.

— Mas é esta a tarefa da arte — disse Lotze. — Fazer progredir a espiritualidade do homem além do sensível. — Sua arte abstrata representava um período de decadência espiritual, de caos espiritual, devido à desintegração da sociedade, a velha plutocracia. Os milionários judeus e capitalistas, o *international set*, que sustentavam a arte decadente. Aqueles tempos passaram; a arte tem que continuar — não pode ficar parada.

Baynes assentiu com a cabeça, olhando para fora da janela.

— Já estive no Pacífico? — perguntou Lotze.

— Diversas vezes.

— Eu não. Está havendo em São Francisco uma exposição de meus trabalhos, organizada pelo escritório do Dr. Goebbels em colaboração com as autoridades japonesas. Um intercâmbio cultural para promover compreensão e boa vontade. Precisamos aliviar as tensões entre

o Oriente e o Ocidente, não concorda? É preciso ter mais comunicação e a arte pode ser o meio.

Baynes fez que sim com a cabeça. Abaixo, além do anel de fogo do foguete, podia ver agora a baía e a cidade de São Francisco.

— Onde se come em São Francisco? — perguntou Lotze. — Eu tenho reserva no Palace Hotel, mas ouvi falar que se come bem no setor internacional, como em Chinatown.

— É verdade — disse Baynes.

— E os preços são altos em São Francisco? Estou meio sem dinheiro nesta viagem. O Ministério é muito econômico.

Lotze riu.

— Depende do câmbio que você conseguir. Imagino que esteja trazendo letras de câmbio do *Reichsbank*. Sugiro que vá ao Banco de Tóquio em Samson Street e troque lá.

— *Dank sehr* — disse Lotze. — Eu teria trocado no hotel.

O foguete havia quase pousado. Agora Baynes podia ver a própria pista, os galpões, os estacionamento, a *autobahn* para a cidade, as casas... Linda vista, pensou. Montanhas e água, e restos de neblina flutuando pelo *Golden Gate*.

— O que é aquela enorme estrutura ali embaixo? — perguntou Lotze. — Está semi-acabada, aberta de um lado. Um espaçoporto? Pensei que os nipônicos não tivessem espaçonaves.

Com um sorriso, Baynes disse:

— Aquele é o *Golden Poppy Stadium*. Campo de *baseball*.

Lotze riu.

— Sim, eles adoram *beiseball*. Incrível. Começaram a construir aquela imensa estrutura para um passatempo, um esporte inútil, uma perda de tempo...

Interrompendo, Baynes disse:

— Está pronta. Aquela é a forma permanente.. Aberta de um lado. Um novo desenho arquitetônico. Orgulham-se dele.

— Parece — disse Lotze olhando para baixo — ter sido desenhado por um judeu.

Baynes fitou o sujeito durante alguns segundos. Sentiu, intensamente, por um momento, o desequilíbrio, o traço psicótico da mente germânica. Será que Lotze queria mesmo dizer aquilo? Seria um comentário realmente espontâneo?

— Espero que nos encontremos depois em São Francisco — disse Lotze, enquanto o foguete tocava o chão. — Ficarei perdido sem um conterrâneo com quem conversar.

— Não sou conterrâneo seu — disse Baynes.

— Ah, sim, é verdade. Mas, racialmente, está muito próximo. Para todos os efeitos, dá na mesma.

Lotze começou a agitar-se na poltrona, preparando-se para desamarrar os complicados cinturões.

Estou racialmente próximo deste homem? — perguntou-se Baynes. Tão próximo que, para todos os efeitos, dá na mesma? Então também possuo o traço psicótico. O mundo psicótico em que vivemos. Os loucos estão no poder. Há quanto tempo sabemos disto? Encaramos isto? E... quantos de nós sabem? Lotze não. Talvez se a gente souber que é louco então não esteja louco. Ou está, finalmente, deixando de ser. Acordando. Suponho que apenas poucos tenham consciência disto. Pessoas isoladas, aqui e ali. Mas as grandes massas... o que pensam? As

centenas de milhares de pessoas aqui nesta cidade. Será que imaginam que vivem num mundo são? Ou adivinham, entrevêem, a verdade...?

Mas, pensou, o que significa *louco*? Uma definição legal. O que quero dizer com isso? Eu sinto, vejo, mas o que é?

É alguma coisa que eles fazem, alguma coisa que são. É seu inconsciente. Sua falta de conhecimento dos outros. Não sabem o que fazem aos outros, desconhecem a destruição que causaram e estão causando. Não, pensou. Não é isso. Eu não sei; sinto, tenho a intuição. Mas... são deliberadamente cruéis... é isso? Não. Meu Deus, pensou. Não consigo encontrar, esclarecer. Será que ignoram partes da realidade? Sim. Mas é mais do que isso. São seus planos. Sim, seus planos. A conquista dos planetas. Algo frenético, demento, como a conquista da África e, antes disso, Europa e Ásia.

Sua visão: é cósmica. Não um homem aqui, uma criança ali, mas uma abstração: i-aça, terra. *Volk. Land. Blut. Ehre*. Não homens honrados, mas *Ehre* em si, honra: o abstrato é real, o real é invisível para eles. *Die Güte*, mas não homens bons, este homem bom. É seu sentido de espaço e tempo. Enxergam além do aqui, do agora, no vasto, negro e profundo além, o imutável. E isto é fatal à vida. Porque conseqüentemente não haverá mais vida; houve um dia em que o espaço era só partículas de poeira, gases quentes de hidrogênio, mais nada e será assim outra vez. Isto é um intervalo, *ein Augenblick*. O processo cósmico está se acelerando, fazendo a vida retroceder ao granito e ao metano; a roda gira para toda vida. Tudo é temporário. E estes — estes loucos — obedecem ao granito, ao pó, ao apelo do inanimado; querem auxiliar a *Natur*.

E, pensou, eu sei por quê. Querem ser os motores da história, não as vítimas. Identificam-se com o poder de Deus e acreditam-se a sua imagem. É esta sua loucura básica. Foram dominados por algum arquétipo; seus egos expandiram-se psicoticamente ao ponto de não saberem onde eles começam e onde pára a essência divina. Não é orgulho; é uma hipertrofia do ego levado ao seu máximo — confusão entre quem adora e quem é adorado. O homem não devorou Deus; Deus devorou o homem. O que não compreendem é a *fragilidade* do homem. Eu sou fraco, pequeno, sem a menor importância diante do universo. Não sou notado dentro dele; vivo sem ser visto. Mas por que isto é mau? Não é melhor assim? Quem chama a atenção dos deuses é destruído. Seja pequeno... e escape à inveja dos grandes.

Enquanto soltava seu cinto de segurança, Haynes disse:

— Mr. Lotze, eu nunca disse isso a ninguém. Eu sou judeu. Compreende?

Lotze fitou-o com compaixão, fixamente.

— O senhor nunca descobriria — disse Baynes — porque não tenho nenhum traço físico de judeu; alterei meu nariz, diminuí meus grandes poros gordurosos, clareei minha pele quimicamente, modifiquei a forma de meu crânio. Em suma, fisicamente não posso ser descoberto. Posso e tenho freqüentado as rodas mais altas da sociedade nazista. Ninguém me descobrirá. E...

Parou, chegando perto, bem perto de Lotze e falando numa voz baixa que só Lotze podia ouvir:

— Há outros de nós. Está ouvindo? Nós não morremos. Ainda existimos. Vivemos invisíveis.

Após um momento Lotze balbuciou:

— A Polícia de Segurança...

— O D.S. pode examinar minha ficha — disse Baynes. — Você pode me denunciar. Tenho

relações nos altos círculos. Alguns são arianos, outros são judeus em posições importantes em Berlim. Sua denúncia não será levada a sério e depois eu o denunciarei. E através destas mesmas relações, farei com que o metam em prisão preventiva.

Sorriu, inclinou a cabeça e seguiu pelo corredor da nave, afastando-se de Lotze para juntar-se aos outros passageiros.

Todos desceram a rampa para a pista fria e

batida de vento. Embaixo, Baynes momentaneamente viu-se outra vez perto de Lotze.

— Na realidade — disse Baynes, andando ao lado dele — eu não gostei da sua cara, Mr. Lotze, por isso acho que o denunciarei de qualquer forma.

Afastou-se, então, deixando Lotze para trás.

Na extremidade da pista, no portão de entrada, havia um grande número de pessoas esperando. Parentes, amigos dos passageiros, alguns acenando, buscando, sorrindo, ansiosos, perscrutando rostos. Um japonês corpulento, de meia-idade, bem vestido num sobretudo inglês, sapatos pontudos Oxford, chapéu-coco, estava um pouco à frente dos outros, com um japonês mais moço ao seu lado. Na lapela usava o importante distintivo da Missão Comercial do Governo Imperial para o Pacífico. Ei-lo, percebeu Baynes. Mr. N. Tagomi, vindo pessoalmente para receber-me.

Adiantando-se, o japonês chamou:

— *Herr* Baynes... boa-noite Sua cabeça inclinou-se hesitante.

— Boa noite, Mr. Tagomi — disse Baynes, estendendo a mão.

Cumprimentaram-se, depois inclinaram-se. O japonês mais jovem também inclinou-se, sorrindo.

— Faz um pouco de frio, senhor, nesta pista aberta — [dis.se](#) Mr. Tagomi. — Iniciaremos a viagem de volta ao centro da cidade no helicóptero da Missão. Está bem? Ou precisa fazer alguma coisa?

Examinou o rosto de Mr. Baynes com ansiedade.

— Podemos partir já — disse Baynes. — Quero ver se o hotel está reservado. Minha bagagem, contudo...

— Mr. Katomichi cuidará disso — disse Mr. Tagomi. — Ele virá depois. Sabe, senhor, nesta estação terminal é preciso quase uma hora de fila para retirar a bagagem. Mais do que a viagem.

Mr. Katomichi sorriu simpaticamente.

— Está bem — disse Baynes. Mr. Tagomi disse:

— Tenho um presente para o senhor.

— Como? — disse Baynes.

— Para atrair suas boas graças.

Mr. Tagomi pôs a mão no bolso do sobretudo e extraiu uma pequena caixa.

— Escolhido entre os mais finos *objets d'art* da América.

Ofereceu a caixa.

— Bem — disse Baynes. — Obrigado. Aceitou a caixa.

— Durante uma tarde inteira, diversos funcionários competentes examinaram todas as possibilidades — disse Mr. Tagomi. — Este é o mais autêntico objeto da velha e moribunda cultura americana, artigo raro conservando o sabor de passados dias tranquilos.

Mr. Baynes abriu a caixa. Na almofada de veludo preto repousava um relógio de pulso

Mickey Mouse.

Será que Mr. Tagomi estava pregando-lhe uma peça? Levantou os olhos e viu a fisionomia tensa, preocupada, de Mr. Tagomi. Não, não era brincadeira.

— Muito obrigado — disse Baynes. — Iato é realmente incrível.

— Apenas existem alguns poucos, talvez uns dez autênticos relógios Mickey Mouse 1938 no mundo inteiro hoje — disse Mr. Tagomi, estudando seu rosto, absorvendo sua reação, sua apreciação. — Não conheço nenhum colecionador que tenha um, senhor.

Entraram na estação terminal e subiram juntos a rampa.

Atrás deles, Mr. Katomichi dizia:

— *Harusame ni nuretsutsu yane no temari kana...*

— Que foi? — disse Mr. Baynes a Mr. Tagomi.

— Um velho poema — disse Mr. Tagomi. — Do período médio Tokugawa.

ENQUANTO Frank Frink observava seu ex-patrão balançar o corpo corredor abaixo, em direção à área de serviço principal da *W.M. Corporation*, pensava: o gozado é que Wyndam-Matson não tem a menor pinta de dono de fábrica. Parece um vagabundo, um bêbado, que foi lavado, vestido, barbeado, penteado, enchido de vitaminas e posto no mundo com cinco dólares para tentar uma vida nova. O velho tinha uma atitude fraca, incerta, nervosa, até adulatora, como se considerasse todo mundo um inimigo em potencial mais forte do que ele, a quem precisasse agradar e apaziguar. "Vão me pegar", seus modos pareciam dizer.

E contudo o velho W.-M. era na realidade muito poderoso. Controlava uma variedade de empresas, financeiras, imobiliárias. Além da fábrica da *W.-M. Corporation*.

Seguindo o velho, Frink empurrou a grande porta de metal que dava acesso à área de serviço central. O estardalhaço das máquinas, que ouvira à sua volta todo dia por tanto tempo — a visão dos homens nas máquinas, o ar abundantemente iluminado, o pó, o movimento. E lá ia o velho. Frank acelerou o passo.

— Ei, Mr. W.-M.! — chamou.

O velho parou ao lado de Ed McCarthy, o gerente de braços cabeludos. Ambos levantaram os olhos quando Frink aproximou se.

Umedecendo os lábios nervosamente, Wyndam-Matson disse:

— Desculpe, Frank, não posso readmiti-lo. Já contratei outra pessoa, pensando que você não fosse voltar. Depois do que você disse...

Seus pequenos olhos redondos piscaram com o jeito evasivo que Frink sabia ser quase hereditário. Estava no sangue do velho.

Frink disse:

— Vim buscar minhas ferramentas. Mais nada. Sua própria voz, felizmente, estava firme, até brusca.

— Bem, vejamos — murmurou W.-M., evidentemente incerto quanto às ferramentas de Frink

Disse para Ed McCarthy:

— Acho que isso é com você, Ed. Talvez possa ajudar Frank. Eu tenho outras coisas a fazer.

Examinou seu relógio de bolso:

— Ouça, Ed. Mais tarde discutimos essa fatura; preciso ir andando.

Deu um tapinha no braço de Ed e saiu apressado, sem olhar para trás.

Ed McCarthy e Frink ficaram um ao lado do outro.

— Você veio para ser readmitido — disse McCarthy, depois de um instante.

— Foi — disse Frink.

— Fiquei orgulhoso do que você disse ontem.

— Eu também — disse Frink — Mas... Meu Deus, não arranjei trabalho em nenhum outro lugar.

Sentia-se derrotado, desesperado.

— Você sabe disso.

Os dois tinham, no passado, discutido seus problemas.

McCarthy disse: — Não, não sei não. Você é tão bom na máquina de flexicabo quanto qualquer outro na Costa. Já te vi aprontar uma peça em cinco minutos, incluindo o polimento. Partindo do Cratex bruto. E a não ser a solda...

— Eu nunca disse que sabia soldar — disse Frink.

— Você já pensou em montar um negócio próprio? Frink surpreendido, balbuciou:

— Para fazer o quê?

— Jóias.

— Ora, pelo amor de Deus!

— Peças originais, não comerciais — McCarthy levou-o para o canto, longe da barulheira. — Com dois mil dólares dá para montar uma loja num porão ou garagem. Teve uma época que eu desenhava brincos e broches de mulher. Você se lembra — estilo contemporâneo, moderno.

Apanhando um papel de rascunho, começou a desenhar, lentamente, seriamente.

Espiando sobre seu ombro, Frink viu o desenho de uma pulseira, um abstrato de linhas curvas.

— Mas existe mercado?

A única coisa que ele conhecia eram os tradicionais — até antigos — objetos do passado.

— Ninguém quer objetos americanos contemporâneos ; não existe nada desse gênero, não depois da guerra.

— Crie um mercado — disse McCarthy, com uma careta zangada.

— Você quer dizer vender, eu mesmo?

— Leve ao comércio varejista. Como aquele... como é o nome mesmo? Em Montgomery Street, aquela loja chique de objetos artísticos.

— *American Artistic Handcrafts* — disse Frink. Ele nunca havia entrado em lojas elegantes e caras como aquela. Poucos americanos entravam; só japonês tinha dinheiro para tanto.

— Você sabe o que aqueles sujeitos estão vendendo? — disse McCarthy. — E por uma fortuna? Aquelas malditas fivelas de prata do Novo México. Como se fosse arte nativa.

Por um longo momento, Frink fitou McCarthy.

— Eu sei o que mais eles vendem — disse finalmente. — E você também.

— Pois é — disse McCarthy.

Ambos sabiam, porque ambos estiveram diretamente envolvidos e por muito tempo.

O negócio legal, oficial da *W.-M. Corporation* era produzir escadarias, grades, lareiras e enfeites de ferro-batido para os novos apartamentos, em larga escala, partindo de desenhos *standard*. Para um prédio de quarenta unidades a mesma peça era produzida quarenta vezes seguidas. Ostensivamente, a *W.-M. Corporation* era uma usina metalúrgica. Mas além disso, tinha outros negócios dos quais tirava seus lucros reais.

Utilizando uma enorme variedade de ferramentas, materiais e máquinas, a *W.-M. Corporation* produzia um fluxo constante de imitações de objetos americanos de antes da guerra. Estas imitações eram cautelosa e eficientemente introduzidas no mercado atacadista de objetos de arte, para juntar-se aos objetos genuínos colecionados por todo o continente. Como no comércio de selos e moedas, seria impossível calcular o número de imitações em circulação. E ninguém — sobretudo os comerciantes e os próprios colecionadores — estava interessado.

Quando Frink saíra do emprego havia em seu banco de trabalho um revólver Colt da época

das fronteiras, semi acabado; tinha feito o molde ele mesmo, enformado a arma e estava polindo as peças. Havia um enorme mercado para armas pequenas da Guerra de Secessão americana e da época das fronteiras; a *W.-M. Corporation*, vendia tudo que Frink produzia. Era a especialidade dele.

Encaminhando-se lentamente para o banco, Frink apanhou a vareta ainda não polida do revólver. Mais três dias e estaria pronto. É, pensou, era um bom trabalho. Um especialista saberia ver a diferença... mas os colecionadores japoneses não eram autoridades no sentido estrito da palavra, não tinham modelos nem testes para comparar.

Na verdade, ao que soubesse, nunca lhes ocorrera indagar se os chamados objetos de arte históricos à venda nas lojas da Costa Oeste eram ou não autênticos. Talvez um dia eles o fizessem... e então a bolha de sabão estouraria e o mercado entraria em colapso até para as peças autênticas. Uma Lei de Gresham: os falsos minariam o valor dos verdadeiros. E era por isso com certeza que não investigavam; afinal, estava todo mundo satisfeito. As fábricas, aqui e ali nas várias cidades, que produziam as peças, tinham seu lucro. Os atacadistas as passavam adiante e os vendedores expunham e anunciavam. Os colecionadores tiravam dinheiro do bolso e levavam suas compras para casa felizes da vida, para impressionar seus colegas, amigos ou amantes.

Como o papel moeda do após-guerra, era ótimo até ser investigado. Ninguém saía ferido — até o dia da liquidação. E aí todos, igualmente, ficariam arruinados. Mas enquanto isso, não se falava no assunto, mesmo aqueles que ganhavam a vida produzindo imitações; fechavam os olhos para o *que* estavam fazendo, fixando sua atenção nos problemas puramente técnicos.

— Há quanto tempo você não tenta um desenho original? — perguntou McCarthy.

Frink deu de ombros.

— Anos. Posso copiar perfeitamente bem. Mas...

— Você sabe o que eu acho? Acho que você assimilou a idéia nazista de que os judeus não podem criar. Que só sabem imitar e vender. Intermediários.

Seus olhos fixavam Frink sem piedade.

— Talvez — disse Frink

— Experimente. Tente alguns desenhos originais.

Ou trabalhe diretamente no metal. Brinque. Coma brinca uma criança.

— Não — disse Frink

— Você não tem fé — disse McCarthy. — Você perdeu completamente a fé em você mesmo... certo? É pena. Porque sei que você seria capaz.

Afastou-se do banco de trabalho.

É uma pena, pensou Frink. Mas é uma verdade. É fato. Não posso adquirir fé nem entusiasmo só querendo. Resolvendo ter.

Aquele McCarthy, pensou, é um ótimo gerente, Tem o dom de perturbar, de fazer com que o sujeito se esforce ao máximo, queira ou não queira. É um líder nato; quase me inspirou, por um momento. Mas... McCarthy partira, agora; o esforço falhara.

Pena que eu não tenha meu exemplar do oráculo aqui, pensou Frink. Podia consultá-lo sobre isso; apresentar o problema aos seus cinco mil anos de sabedoria. Então lembrou-se de que havia uma cópia do I Ching na sala de espera dos escritórios da *W.-M. Corporation*. Atravessou a área de serviço, passou pelo corredor, apressando-se pelos escritórios até a sala.

Sentado numa das cadeiras de cromo e plástico da sala, escreveu a pergunta no verso de um envelope: "Devo tentar esse negócio particular de criação que me apareceu agora?" E começou a lançar as peças.

A linha inferior era um sete, e a segunda e a terceira também. O trigramma inferior era *Ch'ien*, percebeu. Bom sinal; *Ch'ien* era o criativo. Depois a quarta, um oito. *Yin*. A quinta, também oito, *Yin*. Nossa senhora, pensou agitado; mais uma linha *Yin* e tiro o Hexagrama Onze, *T'ai*, Paz. Julgamento muito favorável. Ou... suas mãos tremiam enquanto sacudia as peças. Uma linha *Yang* e daí o Hexagrama Vinte e Seis, *Ta Ch'u*, o Poder Domador do Grande. Ambos têm julgamentos favoráveis e tem que ser um ou outro. Jogou as três peças.

Yin. Um seis. Era Paz.

Abrindo o livro, leu o julgamento.

PAZ. O pequeno parte,

O grande se aproxima.

Sorte. Sucesso.

Então devo fazer o que diz Ed McCarthy. Abrir meu negócio. Agora o seis no alto, minha única linha em movimento. Virou a página. Qual era o texto? Não se lembrava; provavelmente favorável porque o hexagrama em si era tão favorável. União do céu e da terra... mas a primeira e última linhas estavam sempre fora do hexagrama, de modo que talvez o seis no alto...

Seus olhos localizaram a linha, leram num relance.

O muro retomba no fosso.

Não use exército agora.

Torne conhecidas suas ordens dentro de sua própria cidade.

Perseverança traz humilhação.

Era, fora de dúvida, uma das piores linhas do livro inteiro, de mais de três mil linhas. E, contudo, o julgamento do hexagrama era bom.

Qual o conselho que deveria seguir?

E como podiam ser tão diferentes? Nunca lhe acontecera sorte e maldição misturadas na profecia do oráculo; era um destino curioso, como se o oráculo tivesse raspado o fundo do tonel e tirado do escuro pedaços de trapos, velhos ossos, sujeira e depois misturado tudo à luz do dia como um cozinheiro enlouquecido. Devo ter apertado dois botões ao mesmo tempo, pensou; estraguei o mecanismo e obtive esta visão *schlimazl* da realidade. Por um segundo... felizmente. Não durou.

Que inferno, pensou, tem que ser um ou outro; não pode ser os dois.

Não se pode ter sorte e tragédia juntos.

Ou... pode-se?

O negócio das jóias dará sorte; o oráculo se refere a isso. Mas a linha, a maldita linha; refere-se a algo mais profundo, alguma catástrofe futura provavelmente relacionada com o negócio das jóias. Algum mal que me é destinado de *qualquer forma*...

Guerra! pensou. A Terceira Guerra Mundial. Nós todos, dois bilhões inteiros, mortos, nossa civilização eliminada. Bombas de hidrogênio caindo como granizo.

Oy gewalt! pensou. O que está acontecendo? Fui eu que acionei o mecanismo? Ou tem outro alguém; mexendo, alguém que eu nem conheço? Ou... todos nós. A culpa é daqueles físicos e da teoria do sincronismo, cada partícula ligada a todas as outras; não se pode dar um peido sem

alterar o equilíbrio do universo. Faz da vida uma piada sem ninguém em volta para dar risada. Abro um livro e obtenho um relatório sobre acontecimentos futuros que até Deus gostaria de arquivar e esquecer. E quem sou eu? A pessoa errada; quanto a isso não há dúvida.

Devia apanhar minhas ferramentas, pegar meus motores com McCarthy, abrir minha loja, começar meu negócio, continuar, apesar da linha horrível. Estar trabalhando, criando à minha maneira até o fim, vivendo da melhor maneira possível, da forma mais ativa possível, até o muro cair no fosso para todos nós, para toda humanidade. É isto que o oráculo está dizendo. O destino acaba nos alcançando de qualquer forma, mas enquanto isso, tenho meu trabalho; preciso usar minha cabeça, minhas mãos.

O julgamento era só para mim, para meu trabalho. Mas a linha era para todos nós.

Sou pequeno demais, pensou. A única coisa que posso fazer é ler o que está escrito, levantar os olhos e então abaixar a cabeça e seguir em frente como se não tivesse visto nada; o oráculo não pretende que eu saia correndo pelas ruas berrando para chamar a atenção do público.

Será que *alguém* pode alterá-lo? perguntou-se. Todos nós juntos... ou uma grande figura... ou alguém estrategicamente situado, que por acaso se encontre no lugar certo. Oportunidade. Acaso. E nossas vidas, nosso mundo, na dependência disso.

Fechando o livro, deixou a sala e encaminhou-se para a área de serviço. Quando avistou McCarthy, chamou-o para um canto onde podiam continuar a conversa.

— Quanto mais penso — disse Frink — mais gosto da sua idéia.

— Ótimo — disse McCarthy. — Agora escuta. Você precisa fazer o seguinte: precisa conseguir dinheiro de Wyndam-Matson.

Piscou, sua pálpebra tremendo com uma intensidade lenta, amedrontada.

— Já boleei tudo. Vou me despedir e você também. Meus desenhos. Sabe? São bons, muito bons.

— Claro — disse Frink, meio atordoado.

— Vamos nos encontrar depois do trabalho, hoje à noite — disse McCarthy. — No meu apartamento. Venha às sete jantar comigo e Jean... se você achar que agüenta as crianças.

— Tá — disse Frink

McCarthy deu-lhe um tapa no ombro e partiu.

Estou fazendo progresso, disse Frink a si próprio. Nos últimos dez minutos. Mas não se sentia apreensivo; agora sentia-se empolgado.

Foi muito rápido, pensou, enquanto se encaminhava para a banca e recolhia suas ferramentas. Deve ser -assim que esse tipo de coisas acontece. A oportunidade, quando chega...

Minha vida inteira esperei por algo assim. Quando o oráculo diz "alguma coisa deve ser realizada"... refere-se a isto. O tempo é de grandeza mesmo. Qual o tempo, agora? O que é este momento? Seis no alto e o Hexagrama Onze vira Hexagrama Vinte e Seis, só com aquele seis móvel no alto. De modo que não preciso me agoniар tanto.

Mas, apesar da empolgação e do otimismo, não conseguia esquecer totalmente a linha.

Em todo caso, pensou com ironia, estou fazendo um grande esforço; talvez até as sete de hoje à noite tenha conseguido apagá-la da memória.

Pensou: acho bom! Porque esta reunião com Ed vai ser da pesada. Ele tem alguma idéia cem por cento; já senti. E não pretendo ficar por fora.

No momento não sou nada, mas se isso der certo, talvez consiga Juliana de volta. Eu sei o que

ela quer... merece ser casada com alguém de nome, uma pessoa importante na comunidade, não um *meshuggener* qualquer. Antigamente, os homens eram homens; antes da guerra. Mas isso acabou agora.

Não é de se espantar que ela viva zanzando de um lugar para outro, de um homem para outro, sempre à procura. E sem nem saber o que está faltando, o que ela, sua biologia, precisa. Mas eu sei e através desta grande jogada com McCarthy — seja o que for — vou consegui-lo para ela.

Na hora do almoço, Robert Childan fechou a *American Artistic Handcrafts Inc.* Geralmente atravessava a rua e comia no café. De qualquer forma nunca se afastava por mais de meia hora e hoje levou só vinte minutos. A lembrança de seu sofrimento com Mr. Tagomi e o pessoal da Missão Comercial perturbava-lhe o estômago.

Enquanto voltava à loja disse de si para si: Talvez seja melhor uma nova política de não fazer visitas. Negócios só na loja.

Duas horas mostrando, mostrando. Tempo demais. Quase quatro horas ao todo; tarde demais para reabrir a loja. Uma tarde inteira para vender um artigo, um relógio Mickey Mouse; um tesouro caro, mas... Destrancou a porta da loja, deixou-a aberta e foi pendurar o casaco no fundo.

Quando reapareceu viu que tinha um freguês. Um homem branco. Muito bem, pensou, que surpresa!

— Bom-dia, senhor — disse Childan, inclinando-se levemente.

Provavelmente um *pinoc*. Magro, um pouco escuro. Bem vestido, na moda. Mas não à vontade. Tinha um leve brilho de suor.

— Bom-dia — murmurou o homem, andando pela loja para olhar os mostruários.

Então, subitamente, aproximou-se do balcão. Pôs a mão no bolso, tirou um pequeno estojo de couro e estendeu um cartão, com desenho complicado, impresso em muitas cores.

No cartão, o emblema imperial. E insígnia militar. A Marinha. O almirante Harusha. Robert Childan examinou-o, impressionado.

— O navio do almirante — explicou o cliente — está ancorado neste momento na baía de São Francisco. É o porta-aviões *Syokaku*.

— Ah! — disse Childan.

— O almirante Harusha nunca visitou a Costa Oeste — explicou o homem. — ele deseja fazer muitas coisas enquanto estiver aqui e uma delas é visitar pessoalmente sua famosa loja. Nas ilhas nipônicas, ouviu* falar o tempo todo na *American Artistic Handcrafts Inc.* Childan inclinou-se encantado.

— Contudo — continuou o homem — devido às exigências do programa, o almirante não poderá visitar sua estimada loja em pessoa. Mas ele enviou-me como representante.

— O almirante é colecionador? — perguntou Childan, com a cabeça funcionando a todo vapor.

— ele é amante das artes. É um *connoisseur*. Mas não um colecionador. O que ele deseja é para presente; ou seja, ele quer presentear cada oficial de seu navio com um objeto histórico de valor, uma arma pessoal da Guerra Civil Americana — o homem fez uma pausa. — São doze

oficiais ao todo.

Childan pensou; doze armas pessoais da Guerra Civil Americana. Custo para o comprador: quase dez mil dólares. Estremeceu.

— É sabido — continuou o homem — que sua loja vende esses valiosos objetos antigos, saídos das páginas da história americana. Mas que, infelizmente, vão desaparecendo rapidamente no limbo do tempo.

Escolhendo suas palavras com a maior cautela — não podia perder aquele negócio, não podia cometer o menor deslize — Childan disse:

— Sim, é verdade, de todas as lojas dos E.A.P. sou eu quem tem o maior e melhor estoque de armas da Guerra Civil. Terei o maior prazer em atender o almirante Harusha. Poderia reunir uma excelente coleção de tais peças e levá-las ao *Syokaku*? Hoje à tarde, possivelmente?

O homem disse:

— Não, vou examiná-las aqui.

Doze. Childan calculou. Não tinha doze. Na realidade, tinha apenas três. Mas podia conseguir doze, se tivesse sorte, por vários meios durante a semana. Por via aérea, do leste, por exemplo. E através de alguns atacadistas locais.

— O senhor — disse Childan — é entendido em tais armas?

— Até um certo ponto — disse o homem. — Tenho uma pequena coleção de armas individuais, incluindo uma minúscula pistola secreta em forma de pedra de dominó. De 1840, mais ou menos.

— Artigo encantador — disse Childan, enquanto se dirigia ao cofre onde apanhou diversas armas para o ajudante do almirante Harusha examinar.

Quando voltou, viu que o homem estava preenchendo um cheque. Interrompeu a escrita e disse:

— O almirante quer pagar adiantado. Um depósito de quinze mil dólares E.A.P.

As paredes dançaram diante dos olhos de Childan. Mas conseguiu manter a voz calma; até um pouco entediada.

— Como queira. Não é necessário. Mera formalidade de negócios.

Mostrando uma caixa de couro e feltro, disse:

— Eis um excepcional Colt 44, de 1860. — Abriu a caixa. — Pólvora negra e bala. Usado pelo exército dos Estados Unidos. Os rapazes de azul usaram estas no *Second Bull Run*, por exemplo.

Durante algum tempo, o homem examinou o Colt 44. Então, levantando os olhos, disse calmamente:

— Senhor, isto é uma imitação.

— Como? — disse Childan, sem compreender.

— Esta peça não tem mais de seis meses de idade. Senhor, sua oferta é uma imitação. Estou desolado. Mas veja, a madeira, aqui, foi envelhecida artificialmente com ácido. Que vergonha.

Largou a arma no balcão.

Childan apanhou o revólver e ficou com ele na mão. Não sabia o que dizer. Girando a arma, disse, afinal:

— Não é possível.

— Uma imitação da autêntica arma histórica. Mais nada. Temo que o senhor tenha sido

enganado. Talvez por algum indivíduo sem escrúpulos. Precisa avisar a polícia de São Francisco.

— O homem inclinou-se: — Lamento. Talvez tenha outras imitações em sua loja. Será possível que o senhor, que lida com tais artigos, *não saiba distinguir o falso do verdadeiro?*

Fez-se silêncio.

Estendendo a mão, apanhou o cheque que estivera a ponto de assinar. Colocou-o no bolso, guardou a caneta e inclinou-se.

— É uma vergonha, senhor, mas é claro que, infelizmente, não posso fazer negócio com a *American Artistic Handcrafts Inc.* O almirante Harusha vai ficar desapontado. Contudo, compreenda minha posição.

Childan mantinha os olhos fixos no revólver.

— Bom-dia, senhor — disse o homem. — Rogo aceitar meu humilde, bem intencionado conselho: contrate um especialista para examinar suas compras. Sua reputação... Estou certo de que me compreende.

Childan murmurou:

— Senhor, se pudesse, por favor...

— Fique tranqüilo, senhor. Não mencionarei isto a ninguém. Eu... direi ao almirante que infelizmente sua loja estava fechada hoje. Afinal... — o homem parou na soleira. — Somos ambos, afinal, homens brancos.

Inclinando-se novamente, partiu. Sozinho, Childan ficou com a arma nas mãos. Não pode ser, pensou.

Mas era. Virgem Nossa Senhora. Estou arruinado. Perdi uma venda de quinze mil dólares. E minha reputação, se alguém vier a saber. Se aquele homem, o ajudante do almirante Harusha, não for discreto.

Vou me matar, resolveu. Perdi a honra. Não posso continuar. É um fato.

Por outro lado, talvez o homem estivesse enganado.

Talvez tivesse mentido.

Ele foi enviado por *United States Historie Objects* para me arruinar. Ou pela *West Coast Art Exclusives*.

Em todo caso, por um dos meus concorrentes.

O revólver é sem dúvida autêntico.

Como posso descobrir? Childan quebrou a cabeça. Ah! Vou mandar analisar a arma pelo Departamento de Criminologia da Universidade da Califórnia. Conheço ou conheci alguém lá. Já surgiu um caso parecido. Contestação da autenticidade de uma antiga culatra.

Na mesma hora, telefonou a um dos serviços de mensagens e entregas da cidade, e pediu que lhe mandassem alguém, imediatamente. A seguir embrulhou o revólver e escreveu ao laboratório da Universidade, pedindo que fizessem uma estimativa profissional da idade da arma e imediatamente lhe dessem uma resposta por telefone. Chegou o homem das entregas; Childan confiou-lhe o bilhete e o pacote, o endereço e mandou que fosse de helicóptero. O homem partiu e Childan começou a andar para baixo e para cima, esperando... esperando.

Às três horas, a Universidade telefonou.

— Mr. Childan — disse a voz — o senhor queria um teste de autenticidade desta arma, um Colt 44 modelo do Exército de 1860.

Uma pausa, enquanto Childan apertava o telefone, apreensivo.

— Aqui está o relatório do laboratório. É uma reprodução tirada de moldes plásticos, menos a madeira. Números de série todos falsos. A estrutura não foi colada pelo processo de cianeto. Tanto a superfície castanha quanto a azul foram terminadas por uma técnica moderna de ação rápida e a arma inteira envelhecida artificialmente, tendo recebido um tratamento para parecer velha e gasta.

Childan disse, com a voz embargada:

— A pessoa que a trouxe para ser examinada...

— Diga-lhe que foi enganado — disse o técnico da Universidade. — E como! Foi um bom trabalho. Feito por um profissional. Entende, a arma original recebeu... sabe as partes de metal azul? Estas eram postas numa caixa de tiras de couro, selada, com cianeto e aquecida. Muito complicado hoje em dia. Mas isto foi feito numa loja bem equipada. Detectamos partículas de diversas composições de acabamento, algumas até bem fora do comum. Não podemos provar nada, mas sabemos que existe uma verdadeira indústria produzindo estas imitações. Tem que existir. Já vimos tantas.

— Não — disse Childan. — São apenas boatos. Posso garantir-lhe, senhor. Sua voz elevou-se e rachou, tornando-se estridente. — E estou em posição de saber. Por que pensa que lhes envie esta? Percebi que era falsa, com meus anos de prática. Isto é muito raro, uma exceção. Na verdade, uma piada. Uma brincadeira — calou-se, ofegante. — Muito obrigado por confirmar minhas observações. Enviem-me a conta. Muito obrigado — desligou depressa.

Então, sem parar, apanhou seus arquivos. Começou a procurar a origem do revólver. Como lhe chegara às mãos? *De quem?*

Viera, descobriu, de um dos maiores atacadistas de São Francisco: *Ray Calvin Associates*, em Van Ness. Telefonou imediatamente.

— Quero falar com Mr. Calvin — disse.

Sua voz estava um pouco mais firme agora.

Logo ouviu uma voz rouca, muito apressada.

— Pronto.

— Aqui fala Bob Childan. De A.A.H. Inc. Em Montgomery. Ray, tenho um problema delicado. Quero vê-lo, em particular, a qualquer hora hoje em seu escritório ou onde quiser. Creia, senhor, é de seu interesse atender-me.

Agora, descobriu, estava berrando no telefone.

— Muito bem — disse Ray Calvin.

— Não diga nada a ninguém. É absolutamente confidencial.

— Às quatro?

— Às quatro — disse Childan. — Em seu escritório. Bom-dia.

Desligou com tamanha violência que o telefone inteiro caiu no chão; ajoelhando-se, recolheu-o e recolocou-o no lugar.

Tinha meia hora antes de sair; todo esse tempo para andar, de um lado para o outro, inútil, esperando. Que fazer? Teve uma idéia. Telefonou ao escritório de São Francisco do *Tokyo Herald*, em Market Street.

— Senhores — disse — peço informarem se o porta-aviões *Syokaku* está no porto e, se estiver, por quanto tempo. Agradeceria esta informação de seu estimado jornal.

Uma espera angustiada. A moça voltou.

— De acordo com nosso serviço de documentação, senhor — disse, rindo — o porta-aviões *Syokaku* está no fundo do mar das Filipinas. Foi afundado por um submarino americano em 1945. Podemos servi-lo em alguma coisa mais, senhor?

Evidentemente eles, na redação, tinham apreciado a peça que lhe fora pregada. Desligou. O porta-aviões *Syokaku* desaparecera há dezessete anos. Provavelmente não havia nenhum almirante Harusha. O homem era um impostor. E contudo...

O homem tinha razão. O Colt 44 era falso.

Não fazia sentido.

Talvez o sujeito fosse um especulador; talvez estivesse tentando controlar o mercado de armas pessoais da Guerra Civil. Um especialista. E tinha reconhecido a imitação. Era o profissional dos profissionais.

Seria preciso um profissional para saber. Alguém do ramo. Não um mero colecionador.

Childan sentiu um certo alívio. Então seria difícil outros perceberem. Talvez mais ninguém. Segredo garantido.

Deixar para lá o assunto?

Refletiu. Não. Era preciso investigar. Antes de mais nada, conseguir de volta o dinheiro que empregara; fazer-se reembolsar por Ray Calvin. E ter todos os outros objetos examinados pelo laboratório da Universidade.

Mas... e se muitos não forem autênticos?

Problema delicado.

A única maneira é esta, decidiu. Sentia-se infeliz, desesperado mesmo. Tinha que ver Ray Calvin. Interrogá-lo. Insistir que investigue até o fundo. Talvez ele também seja inocente. Talvez não. Em todo caso, dizer-lhe : *não mais imitações ou nunca mais lhe comprarei nada.*

Vai ter que arcar com a perda, resolveu Childan. Não eu. Se não concordar, então procurarei os outros negociantes e contarei tudo. Acabarei com sua reputação. Por que devo me arruinar sozinho? O negócio é transmitir o caso aos responsáveis, passar a batata quente adiante.

Mas deve ser feito no maior segredo. Manter o assunto entre nós.

O TELEFONEMA de Ray Calvin deixou Wyndam-Matson perplexo. Não entendera nada, em parte por causa da maneira apressada de Calvin falar e em parte porque na hora da chamada — onze e meia da noite — Wyndam-Matson estava recebendo uma visitante em seu apartamento no *Muromachi Hotel*. Calvin disse:

— Ouça, amigo, estamos devolvendo toda aquela última remessa de vocês. E devolveria mais, só que já pagamos tudo menos aquela. Sua fatura de dezoito de maio.

Naturalmente, Wyndam-Matson queria saber a razão.

— São imitações baratas — disse Calvin.

— Mas você sabia disso — ficou estupefato. — Quero dizer, Ray, você sempre esteve a par da situação.

Deu uma olhada em volta; a garota estava em algum canto, com certeza no banheiro. Calvin disse:

— Eu sabia que eram imitações. Não estou falando disso. Estou falando na qualidade. Olha, estou pouco ligando se os revólveres foram mesmo ou não usados na Guerra Civil; o que eu quero é que seja um Colt 44 satisfatório, item não-sei-o-quê do seu catálogo. Tem que combinar. Olhe, sabe quem é Robert Childan?

— Sei.

Tinha uma vaga idéia, embora no momento não o situasse. Alguém importante.

— Esteve aqui hoje. No meu escritório. Estou ligando do trabalho, não de casa. Ainda estamos estudando o assunto. Em todo caso, ele veio aqui e contou uma tremenda história. Estava furioso. Agitadíssimo. Bom, o caso é que um cliente importante dele, um almirante japonês, foi à loja ou mandou alguém. Childan mencionou uma encomenda de vinte mil dólares, mas deve ser exagero. Em todo caso, o que aconteceu e desta parte não duvido — foi que o japonês entrou, quis comprar, deu uma olhada num daqueles Colt 44 que vocês fazem, viu que era falso, pôs o dinheiro de volta no bolso e foi embora. Agora, que tem você a dizer?

Wyndam-Matson nada tinha para pensar ou dizer. Mas achou logo que eram Frink e McCarthy os autores. Disseram que fariam alguma coisa e era isso. Mas... não conseguia entender o que tinham feito; não lhe entrava a história sem pé nem cabeça de Calvin.

Uma espécie de terror supersticioso apoderou-se dele. Aqueles dois... como puderam alterar um artigo feito em fevereiro último? Supusera que fossem à polícia ou aos jornais, ou até ao governo *pinoc* em Sacramento e claro que destes já cuidara. Apavorante. Não sabia o que dizer a Calvin; ficou resmungando frases desconexas por alguns minutos que lhe pareceram intermináveis e finalmente conseguiu cortar a conversa e desligar.

Quando colocou o fone no gancho percebeu, com um sobressalto, que Rita entrara no quarto e ouvia a conversa toda; estava andando irritadamente de um lado para outro, vestindo só uma combinação preta de seda, os cabelos louros caindo soltos pelas costas nuas, salpicadas de sardas.

— Informe à polícia — disse ela.

Bem, pensou ele, na certa sairia mais barato oferecer-lhes uns dois mil dólares. Aceitariam; era provavelmente o que queriam. Gente pequena como aquela, tinha idéias pequenas.

Investiriam no seu novo negócio, perderiam tudo e estariam quebrados dentro de um mês.

— Não — disse.

— Por que não? Chantagem é crime.

Não era fácil explicar. Estava habituado a pagar, fazia parte das despesas gerais, como os móveis. Se o preço fosse bastante baixo... mas o que ela dissera... era uma idéia. Estudou-a.

Vou dar-lhes dois mil, mas vou também entrar em contato com aquele sujeito que conheço no Centro Cívico, aquele inspetor de polícia. Vou mandar investigar Frink e McCarthy e ver se encontram alguma coisa útil. Assim, se voltarem e tentarem de novo... saberei lidar com eles.

Por exemplo, pensou, alguém me disse que Frink é judeu. Modificou o nariz e o nome. A única coisa que preciso fazer é avisar o cônsul alemão aqui. Negócio de rotina. Solicitará a extradição dele às autoridades japonesas. Será metido na câmara de gás logo que passe a fronteira. Acho que têm um daqueles campos em Nova York, pensou. Aqueles campos com forno.

— Estou espantada — disse a garota — que alguém possa chantagear um homem de sua envergadura.

Observou-o.

— Bom, vou lhe contar — disse ele. — Todo esse negócio de historicidade é besteira. Os japoneses são meio malucos. Vou provar.

Levantando-se, foi ao escritório e voltou com dois isqueiros que colocou na mesa.

— Olhe estes. Parecem idênticos, não é? Pois ouça. Um tem historicidade. — Riu para ela. — Apanhe os dois. Um vale uns quarenta ou cinquenta mil dólares no mercado dos colecionadores.

A garota apanhou cuidadosamente os dois isqueiros e examinou-os.

— Não está sentindo? — mexeu com ela. — A historicidade?

Ela disse:

— O que é "historicidade"?

— É quando uma coisa contém história. Ouça. Um desses dois isqueiros estava no bolso de Franklin D. Roosevelt quando foi assassinado. O outro não estava. Um tem uma tremenda historicidade. Tanto quanto qualquer outro objeto já teve. E o outro não tem nada. Dá para sentir? — Deu-lhe uma cutucada. — Não dá. Não dá para saber qual é qual. Não há nenhuma "presença plásmica", nenhuma "aura" em torno deles.

— Puxa — disse a garota, impressionada. — É mesmo verdade? Que ele estava com um desses no bolso naquele dia?

— Claro. Eu sei qual dos dois era. Você vê onde quero chegar? É uma grande trapaça; e estão todos se enganando. Quero dizer, um revólver sobrevive uma batalha famosa, como a *Meuse-Argonne*, e é a mesma coisa que nada, *a não ser que você saiba*. Está tudo aqui — indicou a cabeça. — Está na mente, não no revólver. Eu era colecionador. Na verdade, foi assim que entrei neste negócio. Colecionava selos. Das primeiras colônias britânicas.

A garota estava agora de pé diante da janela, de braços cruzados, fitando as luzes do centro de São Francisco.

— Minha mãe e meu pai costumavam dizer que não teríamos perdido a guerra se ele não tivesse morrido — disse ela.

— Muito bem — continuou Wyndam-Matson. — Agora suponhamos que no ano passado o governo do Canadá, ou alguém, qualquer pessoa, tivesse encontrado as chapas de impressão de

um selo velho qualquer. E a tinta. E um estoque de...

— Não acredito que nenhum desses dois isqueiros tenha pertencido a Franklin Roosevelt — disse a garota.

Wyndam-Matson riu.

— Está vendo! Eu teria que provar com um documento qualquer. Um documento de autenticidade. De modo que é tudo falso, uma ilusão coletiva. O papel prova o valor, não o objeto em si!

— Quero ver o papel.

— Claro.

Levantando-se, voltou ao escritório. Tirou da parede o certificado emoldurado do *Smithsonian Institute*; o papel e o isqueiro tinham lhe custado uma fortuna, mas valia a pena, pois assim podia provar que tinha razão, que a palavra "falso" na verdade não queria dizer nada, já que a palavra "autêntico" na verdade não queria dizer nada.

— Um Colt 44 é um Colt 44 — foi dizendo enquanto voltava à sala. — O que interessa é o calibre e o desenho, não quando foi feito. O que interessa...

Ela estendeu a mão. Ele deu-lhe o papel.

— Então é verdadeiro — disse ela finalmente.

— É. Este aqui. Apanhou o isqueiro que tinha um comprido arranhão do lado.

— Acho que quero ir embora agora — disse a garota. — Nos veremos uma noite destas.

Colocou o documento e o isqueiro na mesa, e dirigiu-se ao quarto, onde estavam suas roupas.

— Por quê? — gritou agitado, seguindo-a. — Você sabe que estamos perfeitamente seguros; minha mulher vai passar semanas fora... já lhe expliquei a situação toda. Descolamento da retina.

— Não é por isso.

— Por que, então? Rita disse:

— Por favor chame um velotáxi para mim. Enquanto me visto.

— Vou levá-la em casa — disse ele mal-humorado.

Ela então se vestiu e, enquanto ele apanhava o casaco no armário, ficou passeando pelo apartamento. Tornara-se pensativa, retraída, até um pouco deprimida. O passado deixa as pessoas tristes, pensou ele. Que inferno; por que fui tocar no assunto? Mas que diabo, ela é tão moça... Pensei que mal conhecesse o nome. Diante da estante ela ajoelhou-se.

— Já leu isso? — perguntou, retirando um volume. Forçando a vista, olhou para ver o que era. Capa tétrica. Romance.

— Não — disse. — Isso é de minha mulher. Ela lê muito.

— Pois devia lê-lo.

Ainda desapontado, agarrou o livro, espiou o título. *The Grasshopper Lies Heavy*. *

* Tradução literal: *O Gafanhoto Pousa Pesado*. (N. da E.)

— Não é um daqueles livros banidos em Boston? — perguntou.

— Banido em todos os Estados Unidos. E na Europa, é claro.

Ela encaminhara se para a porta e estava esperando.

— Já ouvi falar desse Hawthorne Abendsen.

Mas não era verdade. A única coisa que lembrava do livro era... o quê? Que gozava de

grande popularidade no momento. Outra moda. Outra loucura coletiva. Abaixou-se e enfiou o livro de volta na prateleira.

Não tenho tempo para ficção popular. Estou ocupado demais com o trabalho.

Secretárias, pensou com amargura, lêem essas porcarias, na cama de noite, em casa. Achem estimulante. Em lugar da coisa em si. Da qual têm medo. Mas claro que é só o que querem, na realidade.

— Uma daquelas histórias de amor — disse, carrancudo, abrindo a porta do hall.

— Não — disse ela. — Uma história de guerra. Enquanto desciam o corredor, em direção ao elevador, continuou:

— Ele diz a mesma coisa. Como minha mãe e meu pai.

— Quem? Esse Abbotson?

— Ele tem uma teoria. Se Joe Zangara tivesse errado, ele teria tirado a América da depressão e armado o país de modo que... — interrompeu-se.

Tinham chegado ao elevador e havia outras pessoas esperando.

Mais tarde, deslizando por entre o tráfego noturno na Mercedes Benz de Wyndam-Matson, ela continuou:

— A teoria de Abendsen é que Roosevelt teria sido um presidente de enorme força. Tão forte quanto Lincoln. Demonstrou-o durante o ano que governou, aquelas medidas todas que introduziu. O livro é ficção. Quero dizer, está em forma de romance. Roosevelt não é assassinado em Miami. Ele continua e é reeleito em 1936, de modo que é presidente até 1940, até a guerra. Entendeu? ele ainda é presidente quando a Alemanha ataca a Inglaterra, a França, a Polônia. E ele vê tudo. Fortalece a América. Garner era mesmo um péssimo presidente. Muito do que aconteceu foi culpa dele. E então, em 1940, em lugar de Bricker, teriam eleito um Democrata...

— Na opinião desse Abelson — interrompeu Wyndam-Matson.

Lançou um olhar à garota ao seu lado. Nossa, elas lêem um livro, pensou, e passam a vida falando nele.

— Sua teoria é que em lugar de um isolacionista, como Bricker, depois de Roosevelt em 1940, Rexford Tugwell teria sido presidente. — Seu rosto suave, refletindo as luzes do trânsito, brilhava de animação; seus olhos estavam enormes e gesticulava enquanto falava. — E ele teria dado continuidade ativa à política antinazista de Roosevelt. De modo que a Alemanha não teria tido coragem de ajudar o Japão em 1941. Não teriam cumprido seu tratado. Entende?

Voltando-se para ele, segurou seu ombro com força, dizendo:

— E a Alemanha e o Japão teriam perdido a guerra!

Ele riu.

Examinando a fisionomia dele, procurando algo em seu rosto... ele não sabia o quê, e de qualquer forma precisava olhar os outros carros, ela disse:

— Não tem graça. Teria sido assim mesmo. Os Estados Unidos teriam sido capazes de derrotar os japoneses. E...

— Como? — cortou ele.

— Isso ele não diz.

Ficou em silêncio por um instante.

— É em forma de ficção — acrescentou. — Claro, tem muitas partes fictícias; quero dizer, precisava ser divertido senão ninguém ia ler. Tem um tema de interesse humano; dois jovens, o

rapaz está no Exército Americano. A garota... bom, em todo caso, o Presidente Tugwell é muito esperto. Entende o que os japoneses vão fazer.

Com um ar inquieto, ela disse:

— Não tem perigo falar sobre isso; os japoneses permitiram que o livro circulasse no Pacífico. Soube que muitos deles estão lendo também. É popular no arquipélago nipônico. Tem dado muito que falar.

Wyndam-Matson disse:

— Escuta. O que é que ele diz de Pearl Harbor?

— O Presidente Tugwell é tão esperto que os navios estão todos fora, no mar. De modo que a esquadra americana não é destruída.

— Estou entendendo.

— De modo que não há nenhum Pearl Harbor. Eles atacam, mas só apanham uns barquinhos sem importância.

— Chama-se *The Grasshopper* qualquer coisa?

— *The Grasshopper Lies Heavy*. É uma citação da Bíblia.

— E o Japão é derrotado porque não há Pearl Harbor. Escuta. O Japão teria ganho de qualquer forma. Mesmo sem Pearl Harbor.

— A esquadra americana — no livro — impede que tomem as Filipinas e a Austrália.

— Teriam tomado de qualquer jeito; a esquadra deles era melhor. Eu conheço os japoneses bastante bem e era seu destino assumir o domínio do Pacífico. Os Estados Unidos entraram em declínio depois da Primeira Guerra Mundial. Todos os países do lado Aliado ficaram arruinados com aquela guerra, moral e espiritualmente.

Insistindo, a moça disse:

— E se os alemães não tivessem tomado Malta, Churchill teria ficado no poder e levado a Inglaterra à vitória.

— Como? Onde?

— No Norte da África. Churchill teria derrotado Rommel finalmente.

Wyndam-Matson soltou uma gargalhada.

— E tendo os ingleses derrotado Rommel, podiam mover seu exército inteiro através da Turquia para juntar-se aos restos do exército russo e lutar. No livro, cortam o avanço dos alemães na Rússia numa cidade do Volga. Nunca ouvimos falar nessa cidade, mas existe porque procurei nos atlas.

— Como se chama?

— Stalingrado. E os ingleses decidem a guerra, ali. Assim, no livro, Rommel nunca se teria reunido aos exércitos alemães que desceram da Rússia, os exércitos de Von Paulus; lembra? E os alemães nunca teriam seguido até o Oriente Médio para obter o petróleo necessário, ou até a Índia, como fizeram, para juntar-se aos japoneses. E...

— Nenhuma estratégia no mundo teria derrotado Erwin Rommel — disse Wyndam-Matson. — E nenhum acontecimento como o que esse sujeito sonhou, essa cidade russa mui heroicamente chamada Stalingrado, nenhuma ação de impedimento teria feito mais do que atrasar o inevitável final; não podia modificá-lo. Olha. *Eu conheci Rommel*. Em Nova York, quando estive lá a negócios, em 1948.

Na realidade, tinha apenas avistado de longe o Governador Militar dos Estados Unidos, numa

recepção na Casa Branca.

— Que homem. Que dignidade, que porte. De modo que sei do que estou falando — concluiu.

— Foi terrível — disse Rita — quando o General Rommel foi demitido e nomearam aquele horrroso Lammers em seu lugar. Foi aí que os assassinatos e campos de concentração começaram de verdade.

— Existiam já quando Rommel era Governador Militar.

— Mas... — ela gesticulou. — Não era medida oficial. Talvez aqueles bandidos do S.S. fizessem aquelas coisas quando... Mas ele não era como os outros; era mais como os velhos prussianos. Era severo...

— Vou-lhe contar quem foi que fez um bom trabalho nos Estados Unidos — disse Wyndam-Matson. — Quem é o responsável pelo ressurgimento econômico: Albert Speer. Nem Rommel nem a *Todt Organization*. Speer foi a melhor indicação do *Fartei* para a América do Norte; ele pôs aquelas firmas, corporações e fábricas — tudo! — em funcionamento de novo, numa base eficiente. Seria bom se tivéssemos algo assim aqui. Do jeito que está, temos cinco empresas competindo em cada campo, com um desperdício enorme. Não há nada mais idiota do que a competição econômica.

Rita disse:

— Eu não suportaria viver naqueles campos de trabalho, naqueles dormitórios que existem lá no Leste. Uma amiga minha morava lá; censuravam suas cartas... não pôde me contar nada até voltar para cá. Eram obrigados a acordar todos os dias às seis e meia com música de *banda*.

— Você acaba se habituando. As acomodações são limpas, a comida é decente, fornecem divertimento e atenção médica. O que mais você quer? Sopa no mel?

O enorme carro alemão rodava silencioso pela neblina da noite fria de São Francisco.

Mr. Tagomi estava sentado no chão, sobre as pernas. Segurava uma xícara sem asa de chá de *oolong*, que soprava de vez em quando, sorrindo a Mr. Baynes.

— O senhor tem uma linda casa — disse então Baynes. — Há uma paz aqui na Costa do Pacífico. É inteiramente diferente de... lá.

Não especificou.

— "Deus fala ao homem sob o signo daquele que desperta" — murmurou Mr. Tagomi.

— Perdão?

— O oráculo. Desculpe.

Divaga, pensou Baynes. É esse seu meio de expressão. Sorriu para si mesmo.

— Nós somos absurdos — disse Mr. Tagomi — porque vivemos de acordo com um livro de cinco mil anos de idade. Interrogamo-lo como se fosse vivo. E é vivo. Como a Bíblia cristã; muitos livros são realmente vivos. Não metaforicamente. São animados pelo espírito. Entende?

Examinou o rosto de Mr. Baynes para ver sua reação.

Escolhendo as palavras com cuidado, Baynes disse:

— Eu... não sei muito de religião. É fora do meu campo. Prefiro ater-me a assuntos dos quais sei ao menos alguma coisa.

Na verdade, não sabia bem do que Mr. Tagomi estava falando. Devo estar cansado, pensou Mr. Baynes.

Tenho sentido, desde que cheguei hoje à noite, algo de... fantasmagórico em tudo. Uma mudança de dimensão para menor com uma pitada de humor. O que é este livro de cinco mil anos? Aquele relógio Mickey Mouse, o próprio Mr. Tagomi, a frágil xícara na mão dele... e, na parede de frente a Mr. Baynes, uma enorme cabeça de búfalo, feia e ameaçadora.

— Que cabeça é aquela? — perguntou subitamente.

— Aquilo — disse Mr. Tagomi — é nada mais nada menos que o animal que servia de sustento aos nativos no passado.

— Compreendo.

— Posso demonstrar-lhe a arte de matar búfalos? Mr. Tagomi apoiou a xícara na mesa e levantou-se.

Aqui em sua casa, à noite, vestia um quimono de seda, chinelos e gravata branca.

— Eis-me montado num cavalo de ferro. — Agachou-se no ar. — Atravessada na sela, uma fiel Winchester 1866, da minha coleção. — Olhou para Mr. Baynes, interrogativamente. — O senhor está cansado da viagem.

— Acho que sim — disse Baynes. — É tudo um pouco confuso para mim. Muitas preocupações de trabalho...

E outras, pensou. Estava com dor de cabeça. Será que conseguiria os excelentes analgésicos da I. G. Farben aqui na Costa do Pacífico? Habitara-se a tomá-los para sua sinusite.

— Precisamos todos ter fé em alguma coisa — disse Mr. Tagomi. — Não podemos conhecer as respostas. Não podemos ver o futuro sozinhos.

Mr. Baynes assentiu com a cabeça.

— Minha esposa talvez tenha alguma coisa para sua cabeça — disse Mr. Tagomi, vendo-o tirar os óculos e esfregar a testa. — A dor é causada pelo músculo ótico. Com licença.

Inclinando-se, deixou a sala.

Eu preciso é dormir, pensou Baynes. Uma boa noite de sono. Ou será que não estou enfrentando a situação? Estou me contrariando porque ela é difícil.

Quando Mr. Tagomi voltou, trazendo um copo d'água e uma pilula qualquer, Mr. Baynes disse:

— Vou ter que dizer boa-noite e voltar ao hotel. Mas queria saber uma coisa antes. Podemos continuar a discussão amanhã, se for conveniente. O senhor foi informado da presença de uma terceira pessoa às nossas discussões?

A fisionomia de Mr. Tagomi demonstrou surpresa por um instante; a surpresa logo sumiu dando lugar a uma expressão distraída.

— Nada me foi dito a respeito. Contudo... é interessante, não há dúvida.

— Alguém vindo do arquipélago nipônico.

— Ah — disse Mr. Tagomi.

Desta vez a surpresa não chegou nem a se manifestar. Estava totalmente sob controle.

— Um homem de negócios idoso, aposentado — disse Mr. Baynes. — Viajando de navio. Está a caminho há duas semanas. Não gosta de viagens aéreas.

— Os excêntricos anciãos.

— ele conhece bem o mercado nas ilhas japonesas. Poderá dar-nos informações e, de qualquer forma, estava vindo para São Francisco em férias. Não é muito importante. Mas tornará nossas conversações mais exatas.

— Sim — disse Mr. Tagomi. — Poderá corrigir erros referentes ao mercado interno. Estou fora há dois anos.

— Queria dar-me esse comprimido? Sobressaltado, Mr. Tagomi abaixou os olhos e viu que ainda segurava a pílula e a água.

— Desculpe. Isto é muito poderoso. Chama-se zaracaína. Fabricado por um laboratório farmacêutico no Distrito da China. — Oferecendo o remédio, acrescentou : — Não vicia.

— Este ancião — disse Mr. Baynes enquanto se preparava para tomar o comprimido — provavelmente entrará diretamente em contato com sua Missão Comercial. Escreverei seu nome, para que seus funcionários o recebam bem. Ainda não tive o prazer de conhecê-lo, mas soube que é um tanto surdo e excêntrico. Queremos ter a certeza de que não será... ofendido. — Mr. Tagomi parecia compreender. — ele adora azáleas. Ficará feliz se puderem encontrar alguém com quem ele possa conversar sobre essas flores por uma meia hora enquanto organizamos nossa reunião, Vou escrever o nome dele.

Tomando o comprimido, tirou a caneta e escreveu.

— Mr. Shinjiro Yatabe — leu Mr. Tagomi, recebendo o pedaço de papel.

Guardou-o cuidadosamente na carteira.

— Mais uma coisa.

Mr. Tagomi passou os dedos pela borda da xícara, atento.

— Um tanto delicada. Este senhor idoso... é embaraçoso. Tem quase oitenta anos. Alguns de seus negócios, no final de sua carreira, não foram bem sucedidos. Compreende?

— Não é mais um homem de bens — disse Mr. Tagomi. — Talvez receba uma pensão.

— Exatamente. E uma pensão mínima. De modo que procura aumentá-la aqui e ali.

— Violação de alguma pequena lei — disse Mr. Tagomi. — O governo central e sua burocracia. Compreendo a situação. O velho senhor recebe um pagamento pela consulta, mas não comunica o fato ao Conselho de Pensões. De modo que não devemos divulgar sua visita. Sabem apenas que está aqui em férias.

— O senhor é um homem sutil — disse Mr. Baynes.

Mr. Tagomi respondeu:

— A situação não é original. Ainda não resolvemos em nossa sociedade o problema das pessoas idosas, cujo número aumenta com os progressos da medicina. A China nos ensina como honrar os mais velhos. Contudo, os alemães fazem nossa negligência parecer até virtude. Soube que eles simplesmente matam os velhos.

— Os alemães — murmurou Baynes, esfregando novamente a testa.

O comprimido estaria fazendo efeito? Sentia-se sonolento.

— Vindo da Escandinávia, o senhor tem tido sem dúvida muito contato com a *Festung Europa*. Por exemplo, embarcou em Tempelhof. Pode-se ter essa atitude? O senhor é neutro. Dê-me sua opinião, por favor.

— Não entendo a que atitude se refere — disse Mr. Baynes.

— Com relação aos velhos, doentes, loucos, inúteis de toda espécie. "Para que serve um recém-nascido", teria perguntado um famoso filósofo anglo-saxão. Aprendi esta frase de cor e tenho meditado sobre ela. Senhor, não há utilidade. Em geral.

Mr. Baynes emitiu um som qualquer; um som de polidez sem compromisso.

— Não é acaso verdade — disse Mr. Tagomi — que nenhum homem deve ser o instrumento

das necessidades de outro? — Inclinou-se para a frente, insistindo. — Peço sua opinião de neutro escandinavo.

— Não sei — disse Mr. Baynes.

— Durante a guerra — disse Mr. Tagomi — estive em posto menor no Distrito da China. Em Shangai. Lá, em Hongkew, havia um campo de judeus, internados pelo período da guerra pelo Governo Imperial. Mantidos vivos pela ajuda do *Joint*. O Ministro nazista em Shangai solicitou o massacre dos judeus. Recordo a resposta de meus superiores. Foi: "O pedido não está de acordo com considerações humanitárias". Rejeitaram o pedido como o bárbaro. Fiquei impressionado.

— Entendo — murmurou Mr. Baynes.

Será que ele está me sondando, perguntou-se. Agora sentia-se alerta. Seus pensamentos voltavam a organizar-se.

— Os judeus — disse Mr. Tagomi — foram sempre descritos pelos nazistas como asiáticos e não-brancos. Senhor, a insinuação não escapou a certos altos personagens no Japão, mesmo entre o Gabinete de Guerra. Nunca discuti isso com cidadãos do *Reich* que tenho encontrado...

Mr. Baynes interrompeu-o.

— Bem, eu não sou alemão. De modo que dificilmente posso falar pela Alemanha. — Ficando de pé, encaminhando-se à porta. — Retomaremos a conversa amanhã. Por favor me perdoe. Não consigo pensar direito.

Mas, na verdade, sua cabeça agora estava claríssima. Preciso sair daqui, percebeu. Este homem está me cercando por todos os lados.

— Perdoe a estupidez do fanatismo — disse Mr. Tagomi, imediatamente se adiantando para abrir a porta. — Considerações filosóficas tornaram-me cego ao fato humano autêntico. Aqui.

Gritou algo em japonês, e a porta da frente abriu-se. Apareceu um jovem japonês, que se inclinou, olhando para Mr. Baynes.

Meu chofer, pensou Mr. Baynes.

Talvez meus comentários quixotescos no vôo da Lufthansa, pensou de repente. Aquele... como era o nome dele? Lotze. Chegaram aos ouvidos deste japonês aqui, de alguma forma. Alguma ligação.

Queria não ter dito aquilo a Lotze, pensou. Lamento. Tarde demais.

Não sou a pessoa indicada. De maneira alguma. Não para isto.

Mas então pensou: um sueco diria aquilo a Lotze. Tudo em ordem. Não há nada de errado; estou sendo escrupuloso demais. Estou transportando os hábitos da situação anterior para a presente. Na verdade posso falar abertamente. É *este* o fato ao qual preciso adaptar-me.

E contudo, seu condicionamento insistia em rebelar-se. O sangue em suas veias. Seus ossos, seus órgãos revoltavam-se. Abra a boca, disse a si próprio. Qualquer coisa. Uma opinião. É preciso, se pretende ser bem sucedido.

Ele disse:

— Talvez sejam conduzidos por algum desesperado arquétipo subconsciente. No sentido junguiano.

Mr. Tagomi balançou a cabeça.

— Já li Jung. Compreendo. Despediram-se.

— Telefonar-lhe ei amanhã pela manhã — disse Mr. Baynes. — Boa noite, senhor.

Inclinou-se e Mr. Tagomi também. O jovem japonês, sorridente, adiantando-se, disse alguma

coisa incompreensível a Mr. Baynes.

— Hem? — disse Mr. Baynes, apanhando o sobretudo e saindo para o terraço.

Mr. Tagomi disse:

— Está falando em sueco, senhor. Seguiu um curso na Universidade de Tóquio sobre a Guerra dos Trinta Anos e encantou-se por seu grande herói, Gustavus Adolphus. — Mr. Tagomi sorriu com simpatia. — Contudo, é óbvio que sua tentativa de dominar uma língua tão distante da nossa tem sido em vão. Sem dúvida faz um daqueles cursos em disco; é estudante e tais cursos, sendo baratos, são muito populares entre os estudantes.

O jovem japonês, que obviamente não entendia inglês, inclinou-se e sorriu.

— Compreendo — murmurou Mr. Baynes. — Bem, desejo-lhe boa sorte.

Eu tenho meus próprios problemas lingüísticos, pensou. Evidentemente.

Nossa Senhora, o jovem estudante japonês, no carro a caminho do hotel, na certa ia querer conversar o tempo todo com ele em sueco. Língua esta que Mr. Baynes mal compreendia, e mesmo assim só falada da maneira mais formal e correta possível, certamente não mal-pronunciada por um jovem japonês cujo professor fora uma vitrola.

Nunca conseguirá falar comigo, pensou Mr. Baynes. E continuará tentando, porque esta é sua grande oportunidade: na certa nunca mais verá um sueco. Mr. Baynes gemeu interiormente. Ia ser um inferno para os dois.

DE MANHÃ cedo, respirando o ar fresco e ensolarado, Juliana Frink fazia as compras do dia. Passeava pela calçada, carregando as duas sacolas, parando de loja em loja para olhar as vitrines. Não tinha pressa.

Não tinha alguma coisa para comprar no mercadinho? Foi entrando, tentando se lembrar. Seu curso de judô começava ao meio-dia; até lá estava livre, hoje. Sentando no banquinho defronte do balcão, colocou as sacolas no chão e começou a folhear as diversas revistas.

Viu que o novo *Life* trazia um artigo enorme intitulado: *Televisão na Europa: um olhar sobre o amanhã*. Virando as páginas, interessada, viu a foto de uma família alemã assistindo a televisão na sala de estar.

Já havia, dizia o artigo, quatro horas de transmissão por dia em Berlim. Algum dia teriam estações de televisão em todas as maiores cidades da Europa. E, até 1970, construiriam uma em Nova York.

O artigo mostrava engenheiros eletrônicos do *Reich* em Nova York, ajudando o pessoal local a resolver seus problemas. Era fácil ver quais eram os alemães. Tinham aquele aspecto saudável, limpo, energético, seguro. Os americanos, por sua vez — pareciam gente. Podiam ser qualquer um.

Via-se um dos técnicos alemães apontando alguma coisa e os americanos tentando ver o quê. Acho que eles enxergam melhor que nós, pensou ela. Há vinte anos que comem melhor. Garantem que eles vêem coisas que ninguém vê. Vitamina A, talvez?

Gostaria de saber como é ficar sentada na sala de estar de casa e ver o mundo inteiro num pequeno tubo de vidro cinzento. Se aqueles nazistas podem ir e vir de Marte, porque não põem a televisão para funcionar logo? Acho que preferia poder olhar aqueles *shows* cômicos, ver como Bob Hope e Jimmy Durante são realmente, a dar uma volta por Marte.

Talvez seja isso, pensou, recolocando a revista no lugar. Os nazistas não têm o menor senso de humor, então para que vão querer televisão? Em todo caso, já mataram a maioria dos grandes comediantes. Porque quase todos eram judeus. Na verdade, percebeu, mataram quase todo mundo no campo das diversões. Não sei como Hope escapou, dizendo tudo o que ele diz. Claro, tem que transmitir do Canadá. E lá é um pouco mais livre. Mas Hope diz as coisas na cara. Feito aquela piada com Göring... aquela em que Göring compra Roma e manda reconstruí-la no seu refúgio nas montanhas. E depois ressuscita os primeiros tempos do cristianismo, para que seus leões tenham com que se distrair...

— Pretendo comprar essa revista, senhorita? — perguntou o homenzinho seco que cuidava do mercadinho, com um ar cheio de suspeita.

Sentindo-se culpada, repôs no lugar o *Reader's Digest* que estava folheando.

Passeando novamente pelas calçadas com suas sacolas de compras, Juliana pensou: talvez Göring seja o novo Führer quando aquele Bormann morrer. Parece diferente dos outros. Bormann só conseguiu entrar porque aproveitou a ocasião quando Hitler estava caindo aos pedaços e só os que estavam muito próximos de Hitler viram a rapidez com que se insinuou. O

velho Göring estava fora de circulação, em seu palácio nas montanhas. Göring devia ter sido Führer depois de Hitler, porque foi a sua Luftwaffe que acabou com aquelas estações de radar inglesas e derrotou a R.A.F. Hitler lhes teria mandado bombardear Londres, como fizeram com Roterdã.

Mas com certeza vai ser Goebbels, achava ela. Era o que todo mundo estava dizendo. Tanto que não seja aquele terrível Heydrich. Mataria todos nós. É louco de pedra.

O único de quem eu gosto, pensou, é aquele Baldur von Schirach. É o único que tem cara de normal, em todo caso. Mas não tem a menor possibilidade.

Virou-se e subiu a escada que levava à porta principal do velho edifício de madeira em que morava.

Quando abriu a porta do apartamento viu Joe Cinadella ainda na mesma posição em que o deixara, no meio da cama, de barriga para baixo, braços caídos. Continuava dormindo.

Não, pensou. Não é possível que ainda esteja aqui; o caminhão foi embora. Tê-lo-ia perdido? Obviamente.

Entrando na cozinha, colocou as sacolas das compras na mesa, entre a louça suja do café.

Será que ele perdeu o caminhão *de propósito*? perguntou-se. É isso que eu queria saber.

Que homem estranho... tinha sido tão ativo com «ela, praticamente a noite toda. E contudo era como se não estivesse presente, como se fizesse aquilo sem perceber. Com o pensamento em outro lugar, talvez.

Como era seu hábito, começou a guardar a comida na velha geladeira G. E. de motor na cúpula. Depois, começou a tirar a mesa.

Talvez tenha feito demais, pensou ela. É como uma segunda natureza; seu corpo faz os movimentos automaticamente, como o meu agora, lavando pratos e talheres na pia. Podia fazer isso com 3/5 de seu cérebro faltando, como a perna de um sapo na aula de biologia.

— Ei — chamou. — Acorda.

Joe moveu-se na cama e resmungou.

— Você ouviu o programa do Bob Hope outro dia? — gritou. — Contou uma piada gozadíssima, a do major alemão entrevistando uns marcianos. Os marcianos não podem apresentar documentos provando que seus avós são arianos, sabe. Então o major alemão manda dizer a Berlim que Marte é povoado por judeus.

Entrando na sala, onde Joe estava estendido na cama, ela acrescentou:

— E eles têm trinta centímetros de altura, duas cabeças... você sabe como é o Bob Hope.

Joe abriu os olhos. Não disse nada; fitava-a sem piscar. Seu queixo, escurecido pela barba, seus olhos escuros, sofridos... Ela então ficou em silêncio também.

— O que é? — disse finalmente. — Você está com medo?

Não, pensou; é Frank quem tem medo. Isto é... não sei o quê.

— O caminhão foi embora — disse Joe, sentando-se.

— E o que é que você vai fazer?

Ela sentou-se na beira da cama, enxugando os braços e as mãos com o pano de prato.

— Apanho ele na volta. Meu colega não diz nada a ninguém; sabe que eu faria a mesma coisa por ele.

— Você já fez isso antes? — perguntou.

Joe não respondeu. Você se atrasou de propósito, disse Juliana a si própria. Eu sei; vi logo.

— E se ele voltar por outro caminho? — disse ela.

— ele sempre vai pela Cinquenta. Nunca a Quarenta. Ele teve um desastre na Quarenta uma vez, uns cavalos atravessando a estrada e lá foi ele. Nas Rochosas.

Apanhando suas roupas na cadeira, começou a vestir-se.

— Quantos anos você tem, Joe? — perguntou, enquanto ele contemplava o corpo nu.

— Trinta e quatro.

Então, pensou, deve ter estado na guerra. Ela não viu qualquer marca física; tinha, na verdade, um bom corpo, seco, com pernas compridas. Joe, vendo que ela o observava, fechou a cara e virou de lado.

— Não posso olhar? — perguntou, querendo saber por quê.

A noite inteira juntos e agora essa modéstia.

— Somos bichos ou o quê? — perguntou. — Não podemos suportar nos ver de dia, temos que nos espremer contra as paredes?

Resmungando, ele encaminhou-se para o banheiro de cueca e meias, esfregando o queixo.

Esta é minha casa, pensou Juliana. Eu te deixo ficar aqui e você não me deixa te olhar. Por que quer ficar, então? Seguiu-o ao banheiro; ele tinha ligado a água quente, para fazer a barba.

Em seu braço, ela viu uma tatuagem, a letra C em azul.

— O que é isso? — perguntou. — Sua mulher? Connie? Corinne?

Joe, lavando o rosto, respondeu:

— Cairo.

Que nome exótico, pensou com inveja. E em seguida ficou vermelha.

— Sou burra mesmo — disse. — Um italiano, de trinta e quatro anos, da parte nazista do mundo... claro que ele tinha estado na guerra. Mas do lado do Eixo. E lutara no Cairo; a tatuagem era ligação deles, dos alemães e italianos veteranos daquela campanha — a derrota do exército inglês e australiano sob o comando do General Gott, nas mãos de Rommel e seu *Afrika Korps*.

Ela saiu do banheiro, voltou para a sala e começou a fazer a cama; suas mãos voavam.

As coisas de Joe estavam cuidadosamente arrumadas sobre a cadeira; roupa, uma pequena mala e objetos pessoais. Entre estes, ela reparou numa caixa de veludo meio parecida com um estojo de óculos; abriu-a e examinou-a.

Você lutou mesmo no Cairo, pensou, olhando a Cruz de Ferro de Segunda Classe, tendo no alto a inscrição 10 de junho, 1945. Não foi todo mundo que ganhou uma dessas; só os valentes. O que será que você fez... tinha só dezessete anos, na época.

Joe apareceu na porta do banheiro bem na hora em que ela estava tirando a medalha da caixa; ela percebeu sua presença, sentiu-se culpada e deu um pulo. ele, porém, não parecia zangado.

— Estava só olhando — disse Juliana. — É a primeira que vejo. Foi o próprio Rommel quem pendurou?

— Não, foi o General Bayerlein. Rommel já tinha sido transferido para a Inglaterra, para acabar o serviço lá.

Sua voz estava calma. Mas sua mão já estava na testa, dedos enfiados no cabelo, naquele movimento de pente que parecia ser um tique nervoso crônico.

— Quer me contar como foi? — perguntou Juliana, enquanto ele voltava ao banheiro e à barba.

Ao mesmo tempo em que fazia a barba e depois tomava um longo banho de chuveiro quente, Joe Cinadella contou-lhe um pouco; nada parecido com a história que gostaria de ouvir. Seus dois irmãos mais velhos serviram na campanha da Etiópia, enquanto ele, aos treze anos, fazia parte da juventude fascista de Milão, sua terra natal. Mais tarde, seus irmãos entraram para uma bateria da artilharia de elite do Major Ricardo Pardi e, quando começou a Segunda Guerra, Joe já tinha idade para juntar-se a eles. Lutaram sob as ordens de Graziani. Seu equipamento, sobretudo os tanques, era terrível. Os ingleses os abatiam como lebres, mesmo aos oficiais superiores. As portas dos tanques tinham que ser sustentadas por sacos de areia durante as batalhas, senão se abriam. O Major Pardi, porém, tinha encontrado munição usada, que tratou de polir, azeitar e reaproveitar; com ela, cortou o grande avanço desesperado dos tanques do General Wavell em 43.

— Seus irmãos estão vivos? — perguntou Juliana. Os irmãos tinham sido mortos em 44, estrangulados com arame-farpado pelos comandos ingleses, o *Long Range Desert Group* que operava atrás das linhas do Eixo e que se tornara particularmente fanático nas últimas etapas da guerra, quando ficara evidente que os Aliados não tinham como ganhar.

— E como você se sente com relação aos ingleses agora? — perguntou hesitante.

Joe disse:

— Gostaria que os nazistas fizessem com a Inglaterra o que esta fez com a África.

Sua voz não tinha a menor expressão.

— Mas fazem... dezoito anos — disse Juliana. — Sei que os ingleses fizeram coisas especialmente terríveis, mas...

— Falam do que os alemães fizeram aos judeus — disse Joe. — Os ingleses fizeram pior. Na Batalha de Londres — calou-se. — Aquelas armas que expelem fogo, fósforo e óleo; eu vi algumas tropas alemãs, depois. Navio após navio, incendiados, reduzidos a cinza. Aqueles canos submarinos, que transformaram o mar em fogo. E as populações civis, sob aqueles ataques aéreos que Churchill pensou fossem salvar a guerra na última hora. Aqueles ataques de terror a Hamburgo e Essen e...

— Vamos mudar de assunto — disse Juliana.

Na cozinha, começava a fritar *bacon*; ligou o pequeno rádio branco de plástico, marca Emerson, que Frank lhe dera no seu aniversário.

— Vou preparar alguma coisa para você comer. Mudou a estação, procurando um pouco de música leve, agradável.

— Vem ver — disse Joe, sentado no sofá da sala, com a mala ao lado.

A mala estava aberta e dela retirara um livro gasto, dobrado, bem manuseado. Sorriu para Juliana.

— Vem cá. Você sabe o que dizem? Este sujeito... mostrou o livro. — Isto é muito gozado. Senta.

Tomou-a pelo braço, puxando-a para perto dele.

— Vou ler para você. Suponha que eles tivessem ganho. Como seria? Não precisamos nos preocupar; esse sujeito aí já pensou em tudo.

Abrindo o livro, Joe começou a virar as páginas devagar.

— O Império Britânico controlaria a Europa inteira. O Mediterrâneo todo. A Itália desapareceria. A Alemanha, também. Só ficariam os *bobbies*, aqueles soldadinhos de chapéu

alto peludo e o rei até o Volga.

Em voz baixa, Juliana disse:

— E seria tão ruim assim?

— Você leu o livro?

— Não — concedeu ela, esticando o pescoço para ver a capa.

Já tinha ouvido falar; muita gente estava lendo.

— Mas Frank e eu — meu ex-marido e eu — muitas vezes falamos de como seria se os Aliados tivessem ganho a guerra.

Joe não parecia estar ouvindo; olhava fixamente c exemplar de *The Grasshopper Lies Heavy*.

— E aqui — continuou — você sabe como é que a Inglaterra ganha? Como derrota o Eixo?

Sacudiu a cabeça, sentindo a tensão crescente no homem ao seu lado. Seu queixo tremia; passava a língua pelos lábios, enfiava os dedos no cabelo... quando falou, sua voz estava rouca.

— Ele faz a Itália trair o Eixo — disse Joe.

— Oh! — disse ela.

— A Itália passa para o lado dos Aliados. Junta-se aos anglo-saxões e abre o que ele chama de "ventre vulnerável" da Europa. Mas é natural que ele pense assim. Nós todos sabemos que o covarde exército italiano fugia cada vez que encontrava os ingleses. Bebendo *vino*. Boas-vidas não feitos para a luta. Esse sujeito... — Joe fechou o livro, examinando a contracapa. — Abendsen. Não posso culpá-lo. ele escreveu esta fantasia, imaginou como seria se o Eixo perdesse. E de que outra maneira podia perder a não ser que a Itália resolvesse trair?

Sua voz tornou-se áspera.

— O *Duce* era um palhaço; nós todos sabemos disso.

— Preciso virar o *bacon*.

Desvencilhou-se dele e voltou depressa à cozinha. Seguindo-a, ainda com o livro na mão, Joe continuou:

— E os Estados Unidos entram. Depois, derrotam os japoneses. E, depois da guerra, os ingleses e americanos dividem o mundo. Exatamente como foi feito pela Alemanha e o Japão, na realidade.

Juliana disse:

— Alemanha, Japão e Itália.

Ele ficou olhando para a cara dela, espantado.

— Você esqueceu da Itália.

Encarou-o com calma. Você também se esqueceu? perguntou-se. Como todo mundo? O pequeno império no Oriente Médio... a comédia musical Nova Roma.

Ela serviu-lhe um prato de ovos com *bacon*, torradas com geléia e café. Começou logo a comer.

— O que é que vocês comiam no Norte da África? — perguntou, enquanto também se sentava.

Joe disse:

— Burro morto.

— Que horror!

Com um sorriso que era mais uma careta, Joe disse:

— *Asino Morte*. As latas de carne tinham as iniciais A. M. Os alemães chamavam de *Alter*

Mann. Homem Velho.

Recomeçou a comer rapidamente.

Gostaria de ler isso, pensou Juliana, estendendo a mão para apanhar o livro debaixo do braço de Joe. Será que vai dar tempo? O livro estava meio engordurado; algumas páginas estavam rasgadas. Cheias de marcas digitais. Lido por motoristas de caminhão pela noite afora, pensou. Nas lanchonetes decrepitas ao longo da estrada... aposto que você lê devagar, pensou. Aposto que há semanas, talvez até meses, que está lendo este livro.

Abrindo o livro ao acaso, ela leu:

...agora, na velhice, ele gozava a tranquilidade, um império que os antigos tinham ambicionado porém não conseguido, navios da Criméia a Madri, e o império todo, todo, com a mesma moeda, língua, bandeira. A grande Union Jack desfraldada da aurora ao crepúsculo: finalmente realizada, essa união do sol e da bandeira.

— O único livro que eu carrego — disse Juliana — Não é nem um livro; é um oráculo, o *I Ching*; Frank me viciou e eu o consulto sempre para resolver. Nunca me afasto dele. Nunca.

Fechou o exemplar do *Grasshopper*.

— Quer ver? Quer usar?

— Não — disse Joe.

Apoiando o queixo nos braços cruzados sobre a mesa e olhando-o de lado, ela disse:

— Você se mudou para cá de vez? Que é que você pretende, afinal?

Voltou a pensar nos insultos, nas calúnias. Você me deixa petrificada, pensou, com seu ódio da vida. Mas... você tem qualquer coisa. Você é feito um animalzinho, sem importância mas esperto. Estudando seu rosto escuro, estreito e inteligente, ela pensou: como pude imaginar que você fosse mais moço que eu? Mas até isso é verdade, sua infantilidade; você é ainda o caçula, adorando seus dois irmãos mais velhos e seu Major Pardi e o General Rommel, sofrendo e suando para livrar-se dos *tommies*. Será que estrangularam mesmo seus irmãos com arame-farpado? Ouvimos falar nisso, nas histórias das atrocidades e vimos as fotos divulgadas após a guerra... Estremeceu. Mas os comandos ingleses foram julgados e castigados há muito tempo.

O rádio já não tocava mais música; parecia estar começando um noticiário, captado da Europa por ondas curtas. A voz sumiu e embaralhou se. Uma longa pausa, nada. Silêncio. Então ouviu-se o locutor de Denver, muito claro, próximo. Estendeu a mão para mudar de estação, mas Joe impediu.

...notícias da morte do Chanceler Bormann chocaram a Alemanha inteira que ontem mesmo tinha a certeza de que...

Ela e Joe levantaram-se bruscamente.

...todas as estações do Reich cancelaram seus programas habituais e transmitiram o hino do *Partei*, *Horst Wessel Lied*, pelo *Das Reich*, coro da Divisão S.S. Mais tarde, em Dresden, onde o Secretário executivo do *Partei* e os chefes da *Sicherheitsdienst*, a polícia de segurança nacional que substituiu a Gestapo em seguida a...

Joe aumentou o volume.

... reorganização do governo incentivada pelo falecido *Reichführer*, Himmel, Albert Speer e outros, duas semanas de luto oficial foram decretadas e já muitas lojas e firmas fecharam suas portas, informou-se. Até o momento nada foi dito sobre a esperada reunião do *Reichstag*, o último parlamento do Terceiro Reich, cuja aprovação é necessária...

— Vai ser Heydrich — disse Joe.

— Queria que fosse aquele grandalhão louro, aquele Schirach — disse ela. — Puxa, então acabou morrendo. Você acha que Schirach tem possibilidade?

— Não — disse Joe abruptamente.

— Talvez agora haja outra guerra civil — disse ela. — Mas aqueles caras estão agora muito velhos. Göring e Goebbels — e todos aqueles caras do Partido.

O rádio continuava:

...procurado em seu refúgio nos Alpes perto do passo de Brenner...

Joe disse:

— Esse deve ser o Gordo Hermann.

...disse apenas que estava desolado pela perda, não só por se tratar de um soldado e patriota e fiel líder do *Partei*, mas também, como já disse muitas vezes no passado, de um amigo pessoal, o qual, pode-se lembrar, ele apoiou nas discussões concernentes à interinidade do poder logo depois da guerra, quando parecia que elementos hostis à ascensão de *Herr Bormann* à suprema chefia...

Juliana desligou o rádio.

— Estão só enchendo lingüiça — disse. — Por que usar palavras como essas? Ficam falando daqueles assassinos terríveis como se fossem iguais a gente.

— São iguais a gente — disse Joe, sentando-se novamente e recomeçando a comer. — Não há nada que eles tenham feito que nós não teríamos feito em seu lugar. Salvaram o mundo do comunismo. Estaríamos vivendo sob o domínio vermelho, agora, se não fosse a Alemanha. Seria bem pior.

— Isso é conversa — disse Juliana. — Como na rádio. Conversa fiada.

— Vivi sob o domínio dos nazistas — disse Joe. — Sei do que se trata. É conversa fiada viver doze, treze anos — até mais — quase quinze anos? Tenho carteira de trabalho da O.T.; trabalhei para a *Organization Todt* desde 1947, na África do Norte e nos Estados Unidos. Olha — apontou um dedo na direção dela. — Eu tenho, como todos os italianos, jeito para trabalhos de terraplenagem; a O.T. me deu uma alta qualificação, nada de cavar asfalto ou misturar cimento para as *autobahns*; ajudava nos desenhos. Engenheiro. Um dia, o doutor Todt foi inspecionar o trabalho do nosso grupo. Disse para mim: "Você tem boas mãos". Foi um grande momento, Juliana. A dignidade do trabalho; não são apenas palavras. Antes dos nazistas, todo mundo desprezava o trabalho manual. Eu também. Aristocracia. A Frente de Trabalho acabou com isso. Pela primeira vez tive consciência de minhas mãos.

ele estava falando tão depressa que seu sotaque reaparecera, mal dando para ela entender.

— Nós todos vivíamos como irmãos lá na floresta, no norte de Nova York. Cantávamos. Íamos marchando para o trabalho. O espírito da guerra, mas só para reconstruir, não para destruir. Foi a melhor época, a da reconstrução, depois da guerra — filas e mais filas de edifícios bonitos, limpos, duradouros, construídos bloco após bloco, em Nova York e Baltimore. Agora, é claro, não há mais esse trabalho. Os grandes cartéis, como *Krupp und Sohnen*, de Nova Jersey, dirigem tudo. Mas

isso não é nazismo; isso é apenas o velho poder europeu. Pior, está ouvindo? Nazistas como Rommel e Todt são um milhão de vezes melhores do que industriais como Krupp e os banqueiros, aqueles prussianos todos; deviam ter sido mortos a gás. Aqueles senhores encasacados.

Mas, pensou Juliana, aqueles senhores encasacados chegaram para ficar. E teus ídolos,

Rommel e o doutor Todt, vieram logo depois das hostilidades para limpar os escombros, construir as *autobahns*, pôr a indústria para funcionar. Até deixaram viver os judeus, feliz surpresa — deram anistia para que os judeus pudessem cooperar. Até 49, em todo caso... e aí adeus Todt e Rommel, que foram mandados pastar.

Então não sei? pensou Juliana. Frank não me contou tudo? Você não pode me ensinar nada a respeito da vida sob o regime nazista; meu marido era — é — judeu. Eu sei que o doutor Todt era o homem mais modesto e mais gentil da face da terra; eu sei que ele só queria dar trabalho — trabalho honesto, decente — aos milhões de americanos desesperados, homens e mulheres, de olhos mortos, que reviravam as ruínas depois da guerra. Eu sei que ele queria cuidados médicos, colônias de férias e casas para todos, independente de raça; era um construtor, não um pensador... e na maioria das vezes conseguiu o que queria — conseguiu mesmo. Mas...

Uma preocupação, que a estivera vagamente incomodando, veio à tona.

— Joe. Esse livro, esse *Grasshopper*; não está proibido na Costa Leste?

Ele assentiu com a cabeça.

— Então como é que você está lendo? — Alguma coisa a preocupava. — Não estão fuzilando quem lê...

— Depende do seu grupo racial. Do que estiver escrito em sua braçadeira.

Então era isso. Os eslavos, os poloneses, os porto-riquenhos, são os mais limitados quanto ao que podem, ler, fazer, ouvir. Os anglo-saxões têm uma vida mais fácil; têm escola pública para os filhos e podem freqüentar bibliotecas, museus e concertos. Mas mesmo assim... *The Grasshopper* não estava apenas na *index*; era proibido e para todos.

Joe disse:

— Eu lia na latrina. E escondia debaixo do travesseiro. O fato é que o li justamente *porque* era proibido.

— Você é muito corajoso — falou ela. Duvidando, ele perguntou:

— Você está sendo irônica?

— Não. Acalmou-se um pouco.

— É fácil para vocês aqui; levam uma vida segura, sem propósito, sem nada para fazer, sem nada com que se preocupar. Alienação, lembranças do passado, certo?

Seus olhos debochavam dela.

— Você vai acabar se matando de tanto cinismo — disse ela. — Você perdeu seus ídolos um a um e agora não tem o que amar.

Ela apontou-lhe o garfo; ele aceitou a crítica. Come, pensou ela. Ou então renuncia até aos processos biológicos.

Enquanto comia, Joe olhava o livro e dizia:

— Esse Abendsen mora por aqui, de acordo com a capa. Em Cheyenne. De um lugar tão tranquilo, deve ter uma boa perspectiva do mundo, você não acha? Lê o que ele diz, lê alto.

Apanhando o livro, ela leu a contracapa.

— É um veterano. Serviu nos *Marines* dos Estados Unidos na Segunda Guerra e foi ferido na Inglaterra, por um tanque Tigre nazista. Foi sargento. Aqui diz que ele tem praticamente uma fortaleza na qual escreve,, cercado de armas por todos os lados. Pondo o livro de lado, ela disse:

— E o que aqui não diz e que eu ouvi falar, é que ele é uma espécie de paranóico; o lugar todo é cercado de arame-farpado eletrificado e fica no alto de uma montanha. Difícil de chegar

lá.

— Talvez ele tenha razão de viver assim — disse Joe — depois de escrever um livro desses. Os chefões alemães quase explodiram quando leram.

— Ele já vivia assim antes; escreveu o livro lá. O lugar se chama — olhou a capa do livro — Castelo Alto. Foi o apelido que lhe deu.

— Então não o apanharão — disse Joe, mastigando rapidamente. — ele está de sobreaviso. Esperto.

Ela disse:

— Eu acho que ele deve ter muita coragem para escrever um livro desses. Se o Eixo tivesse perdido a guerra, a gente teria podido escrever e dizer tudo que quisesse, como antigamente; seríamos um só país e teríamos um sistema legal justo, o mesmo para todos.

Para sua surpresa, ele concordou com isso.

— Eu não te entendo — disse ela. — No que é que você acredita? O que é que você quer? Você defende esses monstros, esses aleijões que trucidaram os judeus, e depois você...

Desesperada, ela segurou-o pelas orelhas; ele piscou os olhos, de surpresa e de dor, enquanto ela ficava de pé e o puxava com ela.

Encararam-se, ofegantes, sem conseguir falar.

— Deixa eu acabar de comer a comida que você fez para mim — disse Joe por fim.

— Você não vai me dizer? Não vai me contar? Você sabe o quê; você entende muito bem e fica aí comendo, fingindo não saber do que se trata.

Ela soltou suas orelhas; tinham sido tão torcidas que estavam de um vermelho vivo.

— Conversa — disse Joe. — Não tem importância o que você falou. Igual à rádio. Você sabe como os camisas pardas chamam quem fica filosofando? *Eierkopf*. Cabeça de ovo. Porque suas cabeçorras quebram facilmente... nos conflitos de rua.

— Se você pensa isso de mim — disse Juliana — por que não vai embora? Por que fica aqui?

Sua careta enigmática gelou-lhe a espinha.

Gostaria de nunca tê-lo trazido para cá, pensou ela. Mas agora é tarde demais; sei que não vou conseguir me livrar dele — ele é forte demais.

Alguma coisa terrível está acontecendo, pensou. Vindo dele. E eu pareço estar ajudando.

— O que é que há? — Estendendo a mão, ele deu-lhe um soco brinçalhão no queixo, afagou-lhe o pescoço, meteu os dedos embaixo de sua blusa e apertou seus ombros afetuosamente. — Que mau-humor! Qual é o problema? Conta... Eu te analiso de graça.

— Vão te chamar de analista judeu — deu-lhe um débil sorriso. — Você quer acabar num forno crema-tório?

— Você tem medo de homem. Certo?

— Não sei.

— Senti ontem de noite. Só porque eu — interrompeu-se bruscamente. — Porque procurei satisfazer teus desejos.

— Porque já foi para a cama com tantas mulheres — disse Juliana — é isso que você ia dizer.

— Mas eu sei que tenho razão. Ouve; nunca te magoarei, Juliana. Juro pela alma de minha mãe. Serei especialmente cuidadoso e, se você quiser aproveitar minha experiência... Você terá a possibilidade. Você vai perder esse medo todo; eu posso te acalmar e melhorar, e isso em

pouco tempo. Você tem tido é azar, só isso.

Ela assentiu, mais calma. Mais ainda se sentia triste e fria, e ainda não sabia realmente por quê.

Para começar seu dia, Mr. Nobusuke Tagomi impôs-se um momento de solidão. Sentado em seu escritório, no edifício *Nippon Times*, refletia.

Já antes de deixar sua casa para vir ao trabalho, recebera o relatório de Ito sobre Mr. Baynes. Para o jovem estudante não havia dúvida: Mr. Baynes não era sueco. Mr. Baynes era certamente alemão.

Mas a capacidade de Ito para lidar com os idiomas germânicos nunca impressionara nem as Missões Comerciais nem o *Tokkoka*, a polícia secreta japonesa. Aquele idiota na certa não achou nada para conversar com o homem, pensou Mr. Tagomi. Um entusiasmo desastrado, combinado com doutrinas românticas. Procurar saber, mas sempre desconfiando.

Em todo caso, a conferência com Mr. Baynes e o velho senhor vindo do Japão logo teria início, na hora apropriada, qualquer que fosse a nacionalidade de Mr. Baynes. E Mr. Tagomi gostara dele. Era essa, para ele, talvez a qualidade básica de um homem de situação elevada — como ele próprio. Saber reconhecer um homem bom à primeira vista. Ter intuição quanto a pessoas. Saber ler nas entrelinhas. Penetrar no íntimo das pessoas.

O coração, aprisionado entre duas linhas *yin* de negra paixão. Estrangulado, às vezes e, contudo, mesmo assim, há a luz do *yang*, a fagulha no centro. Gosto dele, disse Mr. Tagomi a si próprio. Alemão ou sueco. Espero que a zaracaína ajude sua dor de cabeça. Preciso lembrar de perguntar, logo que chegar.

O intercom em sua mesa começou a tocar.

— Não — disse abruptamente ao aparelho. — Nada de discussão. Este é o momento da Verdade Interior. Da introversão.

Do pequeno alto-falante, saiu a voz de Mr. Ramsey:

— Senhor, acaba de chegar esta notícia do serviço de imprensa lá embaixo. O Chanceler do *Reich* morreu. Martin Bormann.

A voz de Ramsey sumiu. Houve um silêncio.

Mr. Tagomi penou: é preciso cancelar todos os encontros hoje. Levantou-se da mesa e começou a andar para baixo e para cima rapidamente, apertando as mãos. Vejamos. Enviar imediatamente um ofício ao Cônsul do *Reich*. Essa é uma tarefa secundária; um funcionário pode providenciar. Sinceros pêsames, etc. Todo o Japão se une ao povo alemão nesta triste hora. E depois? Ficar de prontidão. Estar em posição de receber informações de Tóquio instantaneamente.

Apertando o botão do intercom, disse:

— Mr. Ramsey, trate de arranjar uma ligação com Tóquio. Avise as telefonistas; fiquem alertas. Não podemos perder o contato.

— Sim, senhor — disse Mr. Ramsey.

— Estarei em minha sala de agora em diante. Corte todos os assuntos de rotina. Corte qualquer ligação comum.

— Senhor?

— Preciso estar livre caso seja necessária qualquer medida de urgência.

— Sim, senhor.

Meia hora mais tarde, às nove, chegou uma mensagem do mais alto funcionário do governo imperial na Costa Oeste, o embaixador japonês junto aos Estados Americanos do Pacífico, o Honorável Barão L.B. Kaelemakule. O Ministério das Relações Exteriores convocou uma sessão extraordinária no edifício da embaixada em Sutter Street e cada Missão Comercial devia enviar um alto funcionário para assistir a ela. No caso, isso queria dizer o próprio Mr. Tagomi.

Não havia tempo para trocar de roupa. Mr. Tagomi dirigiu-se apressadamente ao elevador expresso, desceu ao térreo e um minuto mais tarde estava a caminho no Cadillac 1940 da Missão, guiado por um experiente chofer chinês uniformizado.

No prédio da embaixada encontrou carros de outros dignitários estacionados em volta, doze ao todo. Homens altamente colocados, alguns dos quais conhecia, outros totalmente desconhecidos, podiam ser vistos subindo a larga escadaria da embaixada e entrando no pórtico. O chofer de Mr. Tagomi abriu-lhe a porta e ele desceu depressa, agarrado à pasta de documentos; estava vazia, porque não tinha papéis para trazer — mas era essencial não passar por mero espectador. Subiu as escadas como se estivesse em missão de importância vital, embora na verdade não soubesse nem do que iam tratar na reunião.

Haviam-se formado pequenos grupos; entabulavam-se discussões em voz baixa na ante-sala. Mr. Tagomi juntou-se a alguns cidadãos que conhecia, balançando a cabeça e assumindo, como eles, um ar solene.

Um funcionário da embaixada logo apareceu e encaminhou-os para um grande salão, cheio de cadeiras desmontáveis. Todos sentaram-se em silêncio. Só se ouvia barulho de pés e tosse. Cessaram as conversas.

Na frente, um senhor com um maço de papéis na mão encaminhou-se ao estrado. Calças listradas: era o representante do Ministério das Relações Exteriores.

Houve certa agitação. Alguns personagens discutiam *em voz baixa*, com as cabeças juntas.

— Senhores — disse o representante do Ministério em voz alta e autoritária. Todos os olhos voltaram-se para ele. — Como sabem, foi confirmada a morte do *Reichskanzler*. Mediante uma declaração oficial de Berlim. Este encontro, que não levará muito tempo — estarão logo de volta a seus escritórios — tem a finalidade de informá-los do que julgamos deverá acontecer na vida política alemã como resultado da luta entre as diversas facções que, agora, provavelmente irão arregaçar as mangas e atirar-se à disputa do lugar deixado vazio por *Herr Bormann*. Eis os candidatos mais importantes. Em primeiríssimo plano, Hermann Göring. Permitam, por favor, que lhes relembre detalhes conhecidos. O Gordo, como é chamado, devido à sua corpulência, que foi um corajoso ás da aviação na Primeira Guerra Mundial, fundou a Gestapo e ocupou posto de grande importância e poder no governo prussiano. É um dos mais implacáveis entre os primeiros nazistas, mas excessos sibaríticos deram origem a uma imagem enganosa de amável bebedor de bons vinhos, imagem que nosso governo insiste não seja considerada. Este homem, embora supostamente de saúde fraca, mesmo mórbida por causa de seus apetites, assemelha-se mais aos vaidosos césores da antiga Roma, cujo poder parecia crescer em lugar de diminuir com o passar dos anos. O retrato fantástico que fazem deste personagem de toga com seus leões de estimação, proprietário de imenso castelo repleto de troféus e objetos de arte, é sem dúvida exato. Trens carregados de objetos roubados chegavam aos seus domínios durante a guerra, com

precedência sobre as necessidades bélicas. Nossa estimativa: este homem ambiciona um enorme poder e é capaz de obtê-lo. O mais auto-indulgente de todos os nazistas, oferece um forte contraste com o falecido H. Himmler, que levava uma vida modesta com um salário mínimo. *Herr Göring* é o símbolo da mentalidade corrompida, usando o poder como meio de adquirir fortuna pessoal. Tem uma mentalidade primitiva, frequentemente vulgar, mas é um homem inteligente, talvez o mais inteligente dos chefes nazistas. Seu objetivo: autoglorificação, à moda dos antigos imperadores. A seguir, *Herr J Goebbels*. Teve paralisia infantil quando criança. De origem católica. Orador brilhante, escritor, mentalidade flexível e fanática, engraçado, urbano, cosmopolita. Muito galanteador com as senhoras. Elegante. Educado. Altamente capaz. Grande capacidade de trabalho; necessidade compulsiva de mandar. Dizem que nunca descansa. Personagem muito respeitado. Pode ser encantador, mas tem rasgos de violência inigualados pelos outros nazistas. Orientação ideológica sugerindo ponto de vista medieval jesuíta exacerbado por um niilismo germânico pós-romântico. Considerado como o único intelectual autêntico do *Partei*. Quando moço, ambicionava ser autor dramático. Poucos amigos. Embora não seja estimado por seus subordinados, é contudo o produto bem acabado de muitos dos melhores elementos da cultura européia. Por trás de sua ambição não se deve ver vaidade mas o desejo do poder pelo poder. Espírito de organização no sentido prussiano clássico. *Herr R. Heydrich*.

O representante do Ministério parou, olhou em volta e continuou.

— Muito mais moço do que os acima citados, participou da Revolução de 1932. Fez carreira na elite do S.S. subordinada a H. Himmler, talvez tenha tido papel de destaque na morte ainda não totalmente explicada de Himmler em 1948. Oficialmente, eliminou seus rivais dentro do aparelho policial, tais como A. Eichmann, W. Schellenberg e outros. Dizem ser um homem temido por muitos membros do *Partei*. Responsável pelo controle de elementos da *Wehrmacht* após o fim das hostilidades, na famosa disputa entre a polícia e o exército, que levou à reorganização do aparelho governamental, da qual o N.S.D.A.P. saiu vitorioso. Apoiou M. Bormann do princípio ao fim. Produto do treinamento das elites e, contudo, anterior ao chamado *S.S. Castle System*. Dizem faltar-lhe mentalidade afetiva no sentido tradicional. Enigmático no comportamento. Possivelmente, tem uma visão da sociedade que considera a luta entre os homens como uma série de jogos; tem um peculiar desligamento quase científico encontrado também em certas rodas tecnológicas. Não se interessa por discussões ideológicas. Em suma: pode ser chamado moderno quanto à mentalidade; do gênero posterior ao século das luzes, que dispensa as chamadas ilusões necessárias, como a crença era Deus, etc. Não tendo sido o significado desta mentalidade dita realista decifrado pelos sociólogos em Tóquio, este homem deve ser considerado uma interrogação. Contudo, deve-se notar uma semelhança com uma deteriorização da afetividade que ocorre em casos de esquizofrenia patológica.

Mr. Tagomi sentiu-se mal enquanto ouvia.

— Baldur von Schirach. Antigo chefe da Juventude de Hitler. Considerado idealista. De aparência pessoal atraente, é considerado moderadamente experiente e competente. Acredita fielmente nas metas do *Partei*. Responsabilizou-se pela drenagem do Mediterrâneo e pela distribuição de vastas extensões agrícolas. Também suavizou a política violenta de exterminação racial em terras eslavas no início dos anos 50. Dirigiu-se diretamente ao povo alemão para que fosse permitido aos restos das populações eslavas viver em reservas fechadas na Europa Central. Tentou exigir a abolição de certas formas de exterminação e experiências médicas, mas não

teve sucesso. Doutor Seyss-Inquart. Antigo nazista austríaco, agora encarregado das áreas coloniais do *Reich*, responsável pela política colonial. Talvez o homem mais odiado no território do *Reich*. Teria instigado a maioria se não todas as medidas de repressão contra os povos conquistados. Trabalhou com Rosenberg no sentido de obter vitórias ideológicas alarmantemente grandiosas, como uma tentativa de esterilizar a população russa sobrevivente, após o encerramento das hostilidades. Não há provas concretas, mas é considerado um dos responsáveis pelo holocausto do continente africano, criando assim condições de genocídio da população negra. Talvez o mais próximo, quanto ao temperamento, do primeiro Führer, A. Hitler.

O representante do Ministério cessou sua leitura seca e lenta.

Mr. Tagomi pensou: acho que estou enlouquecendo. Preciso sair daqui; vou ter um ataque. Meu corpo está pondo tudo para fora, estou morrendo. Ficou de pé, empurrando cadeiras e pessoas para sair. Quase não enxergava. Precisava chegar ao lavatório. Correu pela passagem lateral.

Várias cabeças voltaram-se. Viram-no. Humilhação. Doente numa reunião importante. Iria perder o lugar. Continuou correndo, passando pela porta aberta por um funcionário da embaixada.

Imediatamente cessou o pânico. Sua visão retornou ao normal; já conseguia distinguir os objetos. O chão e as paredes se estabilizaram.

Ataque de vertigem. Disfunção do ouvido interno, *sem* dúvida.

Um esgotamento orgânico momentâneo.

Dar aos pensamentos uma orientação segura. Lembrar a ordem do mundo. Que o faz mover-se? Religião? Pensou: *Dançar agora uma gavota, calmamente. Os dois juntos, os dois juntos, muito bem. É o estilo exato.* Pequena forma de um mundo reconhecível, *Gondoliers. G. & S.* Fechou os olhos, imaginando a companhia D'Oyly Carte como a tinha visto em sua *tournee* depois da guerra. Um mundo finito, finito...

Um funcionário da embaixada, segurando-lhe o cotovelo, disse:

— Senhor, posso ajudá-lo em algo?

Mr. Tagomi inclinou-se:

— Estou bem.

O rosto do outro, calmo, delicado. Nenhuma zombaria. Estarão todos rindo de mim? pensou Mr. Tagomi. Lá no fundo?

O mal existe! É real, feito cimento.

Não posso acreditar. Não posso suportar. O mal não é um ponto de vista. Perambulou pelo vestibulo, ouvindo o trânsito de Sutter Street e o porta-voz do Ministério dirigindo-se ao auditório. Nossa religião está toda errada. Que devo fazer? perguntou-se. Foi até a porta principal da embaixada; um funcionário abriu-a e Mr. Tagomi desceu as escadas até a aléia. Os carros. Seu carro. Motorista esperando.

É alguma coisa em nós. No mundo. Derramado sobre nós, vertido em nossos corpos, nossas mentes, corações, no próprio chão.

Por quê?

Somos toupeiras. Rastejando pelo chão, fuçando. Não sabemos nada. Percebi isso... e agora não sei para onde ir. Só urrar de medo. Fugir.

Lamentável.

Zombam de mim, pensou, vendo que os motoristas o observavam enquanto se dirigia ao seu carro. Esqueci minha pasta. Deixei-a lá, ao lado da cadeira. Todos os olhos estavam postos nele quando fez sinal ao seu motorista. Aberta a porta entrou no carro.

Me leve ao hospital, pensou. Não, de volta ao escritório.

— Edifício *Nippon Times* — disse em voz alta. — Vá devagar.

Olhou a cidade, os carros, as lojas, os edifícios altos, agora muito modernos. Gente. Todos esses homens, essas mulheres, cada um tratando da sua vida.

Quando chegou ao escritório deu ordem a Mr. Ramsey para entrar em contato com uma das outras missões comerciais, a missão de metais não ferrosos e pedir que seu representante à reunião na embaixada se comunicasse com ele logo que chegasse.

Pouco depois do meio-dia, recebeu a chamada.

— Talvez tenha notado meu mal-estar na reunião — disse Mr. Tagomi ao telefone. — Sem dúvida chamou a atenção de todos, sobretudo minha partida precipitada.

— Não notei nada — disse o homem dos metais não ferrosos. — Mas depois da reunião, não o vendo, fiquei pensando no que havia acontecido.

— Muito hábil de sua parte — disse Mr. Tagomi, taciturno.

— De maneira alguma. Estou certo de que estavam todos ocupados demais em ouvir a leitura para reparar em qualquer outra coisa. Quanto ao que se passou depois que você partiu... Você chegou a ouvir o relatório sobre a corrida dos aspirantes na luta pelo poder? Foi o princípio.

— Ouvi até a história do doutor Seyss-Inquart.

— Depois disso, o orador analisou a situação econômica deles. O governo nipônico acha que o esquema da Alemanha de reduzir as populações da Europa e Norte da Ásia ao *status* de escravos, além de assassinar todos os intelectuais, elementos burgueses, juventude patriótica e não sei que mais, é uma catástrofe econômica. A única coisa que os salvou foram as incríveis realizações tecnológicas da ciência e indústria alemãs. Armas milagrosas, por assim dizer.

— Sim — disse Mr. Tagomi. Sentado à sua mesa, segurando o telefone com uma mão, serviu-se uma xícara de chá quente. — Como o fizeram suas armas milagrosas V-1 e V-2 e seus jatos de guerra.

— É coisa de prestidigitador — disse o homem da não ferrosos. — Seu uso da energia atômica tem mantido o país com a cabeça fora d'água. E a diversão proporcionada por suas viagens circenses de foguete à Marte e Vênus. Ressaltou o fato de que, apesar dos resultados emocionantes, essas viagens não foram de nenhum real valor econômico.

— Mas são dramáticas — disse Mr. Tagomi.

— Os prognósticos são sombrios. Acreditam que a maioria dos nazistas altamente colocados está se recusando a enfrentar os fatos à luz da situação econômica. Assim sendo, aceleram a tendência que conduz a aventuras cada vez maiores, a novos *tour-de-force*, ficando tudo cada vez menos previsível e menos estável em geral. O ciclo de entusiasmo delirante, depois o medo, depois as soluções mais desesperadas, propostas pelo *Fartei*. Bem, o que ele queria dizer era que isto tudo tende a levar ao poder os aspirantes mais responsáveis e temerários.

Mr. Tagomi concordou.

— De modo que somos levados a supor que será feita a pior escolha, em lugar da melhor. Os elementos moderados e responsáveis serão derrotados no atual choque.

— Quem é considerado o pior? — perguntou Mr. Tagomi.

— R. Heydrich, o doutor Seyss-Inquart, H. Göring. Na opinião do Governo Imperial.
— E o melhor?
— Possivelmente B. von Schirach e o doutor Goebbels. Mas não foi muito explícito quanto a isso.

— Mais alguma coisa?
— Disse que precisávamos ter fé no Imperador e no Gabinete, neste momento mais do que nunca. E que podemos confiar no Palácio.

— Houve um momento de silêncio respeitoso?

— Houve.

Mr. Tagomi agradeceu ao homem da metais não terrosos e desligou.

Enquanto tomava seu chá, o intercom soou. Era a voz de Miss Ephreikian:

— O senhor queria enviar uma mensagem ao cônsul alemão. — Pausa. — Gostaria de ditá-la agora?

É mesmo, pensou Mr. Tagomi, já tinha esquecido.

— Venha à minha sala — respondeu.

Ela entrou logo, com um sorriso esperançoso nos lábios.

— Está se sentindo melhor, senhor?

— Sim. Uma injeção de vitaminas foi de grande ajuda. — Refletiu um momento. — Lembre-me: qual o nome do cônsul alemão?

— Está aqui, senhor. Freiherr Hugo Reiss.

— *Mein Heri'* — começou Mr. Tagomi. — Recebemos a notícia chocante do falecimento de seu líder, *Herr* Martin Bormann. Meus olhos estão cheios de lágrimas ao escrever estas palavras. Quando recordo as corajosas ações de *Herr* Bormann pela salvação do povo alemão de seus inimigos internos e externos, bem como as medidas de admirável severidade aplicadas aos derrotistas e traidores, que se propunham a arruinar toda a possibilidade para o gênero humano de ter uma visão do cosmo, o cosmo no qual as louras raças nórdicas após séculos mergulharam...

Parou. Não sabia como terminar. Miss Ephreikian desligou o gravador, esperando.

— É uma grande época — disse ele.

— Devo gravar, senhor? É essa a mensagem? incerta, ligou a máquina.

— Estava falando com você — disse Mr. Tagomi. Ela sorriu.

— Vamos ouvir o que gravei até agora — disse Mr. Tagomi.

A fita começou a rodar. Ouviu sua voz, fina e metálica, saindo do alto-falante de duas polegadas

"... de *Herr* Bormann pela salvação..." Ouviu o ranger peculiar enquanto a fita corria. Arranhões, pensou.

— Achei o final — disse, quando a fita deixou de rodar. — Determinação de se elevar e sacrificar-se para obter um lugar na história, do qual nenhum ser vivo poderá deslocá-lo, acontece o que acontecer.

Parou.

— Somos todos insetos — disse a Miss Ephreikian. — Tateando atrás de algo de terrível ou divino. Concorda?

Inclinou-se. Miss Ephreikian, sentada ao lado do gravador, inclinou-se levemente também.

— Envie isso — disse-lhe. — Assine, etc. Trabalhe as frases, se quiser, para que signifiquem alguma coisa. Enquanto ela deixava a sala, ele acrescentou:

— Ou para que não signifiquem nada. Como preferir.

Abrindo a porta do escritório, ela lançou-lhe um olhar curioso.

Depois da saída dela, ele começou a examinar os assuntos rotineiros do dia. Mas quase imediatamente veio a voz de Mr. Ramsey no intercom.

— Senhor, Mr. Baynes no telefone.

Bom, pensou Mr. Tagomi. Agora podemos começar a discussão importante.

— Pode ligar — disse, apanhando o telefone.

— Mr. Tagomi... — era a voz de Mr. Baynes.

— Boa-tarde. Devido à notícia da morte do Chanceler Bormann, não pude estar aqui de manhã. Contudo...

— Mr. Yatabe entrou em contato com o senhor?

— Ainda não.

— Seus funcionários já foram prevenidos? — disse Mr. Baynes. Parecia agitado.

— Sim — disse Mr. Tagomi. — Será convidado a entrar logo que chegue.

Fez uma anotação mental para avisar Mr. Ramsey; ainda não tivera tempo. Então não vamos começar as discussões até o velho aparecer? Sentiu-se desanimado.

— Senhor — prosseguiu — estou ansioso por começar. Pode apresentar-nos seus moldes injetáveis? Embora tenha havido confusão hoje...

— Houve uma modificação — disse Mr. Baynes. — Vamos esperar por Mr. Yatabe. Tem certeza de que ele não chegou? Quero que prometa avisar-me logo que ele chegue aí. Por favor, faça o que puder, Mr. Tagomi.

A voz de Mr. Baynes parecia forçada, nervosa.

— Dou-lhe a minha palavra.

Agora ele, também, sentia-se agitado. A morte de Bormann era a causa disso.

— Enquanto esperamos — disse rapidamente — teria prazer em convidá-lo para almoçar. Até esta hora ainda não pude almoçar.

Improvizando, continuou:

— Embora tenhamos que esperar quanto aos detalhes, talvez pudéssemos passar em revista a situação mundial, em particular...

— Não — disse Mr. Baynes. Não? pensou Mr. Tagomi.

— Senhor — disse — não me sinto bem hoje. Aconteceu-me um sério acidente; eu tinha a esperança de contá-lo ao senhor.

— Sinto muito — disse Mr. Baynes. — Chamarei mais tarde.

O telefone ficou mudo. Desligara abruptamente.

Ofendi-o, pensou Mr. Tagomi. Deve ter percebido, com razão, que esqueci de informar os funcionários da chegada do velho senhor. Mas não é grave; apertou o botão do intercom e disse:

— Mr. Ramsey, venha à minha sala, por favor.

Posso corrigir isso imediatamente. Há coisas mais importantes, pensou. A morte de Bormann o abalara.

Uma coisa sem gravidade e contudo indicativa de minha atitude tola e fraca. Mr. Tagomi sentiu-se culpado. Não é um bom dia, pensou. Devia ter consultado o oráculo e descobrir em que

momento estavam. Afastei-me do Tao; é evidente.

Qual dos sessenta e quatro hexagramas, pensou, está me influenciando? Abrindo a gaveta da escrivaninha, retirou o *I Ching* e colocou os dois volumes sobre a mesa. Tanta coisa para indagar aos sábios. Tantas perguntas dentro de mim que mal posso articular...

Quando Mr. Ramsey entrou, já obtivera o hexagrama.

— Veja, Mr. Ramsey.

Mostrou-lhe o livro. Era o hexagrama quarenta e sete. Opressão — Exaustão.

— Um mau sinal, em geral — disse Mr. Ramsey. — Qual foi a pergunta, senhor? Se não o ofendo ao perguntar.

— Indaguei quanto ao Momento — disse Mr. Tagomi. — O Momento para todos nós. Nenhuma linha em movimento. Um hexagrama estático.

Fechou o livro.

Às três da tarde, Frank Frink, ainda aguardando com seu sócio a decisão de Wyndam-Matson sobre o dinheiro, resolveu consultar o oráculo. O que vai acontecer? perguntou, jogando as peças.

O hexagrama era o quarenta e sete. Tirou uma linha móvel. Nove no quinto lugar.

Seu nariz e seus pés foram cortados fora.

A opressão nas mãos do homem com faixas púrpuras nos joelhos.

A alegria vem devagar.

Por muito tempo — ao menos meia hora — ele estudou a linha e o material ligado a ela, tentando decifrar seu significado. O hexagrama, muito especialmente com aquela linha móvel, perturbava-o. Finalmente concluiu, relutantemente, que o dinheiro não sairia.

— Você depende demais desse troço aí — disse Ed McCarthy.

Às quatro horas, um mensageiro da Corporação W.-M. apareceu e entregou a Frink e McCarthy um envelope. Ao abri-lo encontraram um cheque visado de dois mil dólares.

— De modo que você estava errado — disse McCarthy.

Então, pensou Frank, o oráculo deve estar se referindo a alguma consequência futura disto. É esse o problema; mais tarde, quando tiver acontecido, pode-se olhar para trás e ver exatamente o que queria dizer. Mas agora...

— Podemos começar a montar a loja — disse McCarthy.

— Agora? Hoje? — sentia-se cansado.

— Por que não? Já fizemos os pedidos. É só pôr as cartas no correio. Quanto mais cedo melhor. E as encomendas locais que pudermos encontrar, vamos buscar pessoalmente.

Vestindo o paletó, Ed dirigiu-se à porta do quarto de Frink.

Haviam persuadido o proprietário a alugar-lhes o porão do prédio. No momento servia de depósito. Logo que tirassem os caixotes podiam construir sua banca de trabalho, colocar a fiação elétrica, as lâmpadas, começar a montar seus motores e correias. Já tinham esboçado os desenhos, as especificações, as listas de peças. Na verdade, já haviam começado.

Lá vamos nós, percebeu Frank Frink. Já tinham até achado um nome:

EDFRANK JOALHEIROS

— O máximo que posso fazer hoje — disse ele — é comprar a madeira para a banca, e talvez algum material elétrico. Mas nada de material para as jóias.

Foram, então, a um depósito de madeira ao sul de São Francisco. Uma hora depois estavam com a madeira.

— O que é que está te incomodando? — perguntou Ed McCarthy, enquanto entravam numa loja de ferragem que vendia por atacado.

— O dinheiro. Me deprime. Financiar as coisas desta maneira.

— O velho W.-M. compreende — disse McCarthy.

Eu sei, pensou Frink. É justamente o que me deprime. Entramos no mundo dele. Somos iguais a ele. É um pensamento agradável, por acaso?

— Não olhe para trás — disse McCarthy. — Olhe para a frente. Para o negócio.

Estou olhando para a frente, pensou Frink. Pensou no hexagrama. Que ofertas e libações posso fazer? E... a quem?

O BONITO casal de jovens japoneses que visitara a loja de Robert Childan, os Kasouras, telefonou-lhe no final da semana convidando-o a ir jantar no seu apartamento. ele estava mesmo esperando que se manifestassem e ficou encantado.

Fechou a *American Artistic Handcrafts Inc.* um pouco mais cedo e tomou um velotáxi para ir ao bairro elegante onde os Kasouras moravam. ele o conhecia bem, embora ali não morasse nenhum branco. Enquanto o velotáxi rodava pelas lindas ruas com seus gramados e salgueiros, Childan observou os modernos prédios de apartamentos, admirando a beleza da sua arquitetura. Os balcões de ferro-batido, as imensas e contudo modernas colunas, as cores pastel, o emprego de materiais diversos... O todo era uma obra de arte. Lembrava-se de quando tudo aquilo não passava de escombros da guerra.

As criancinhas japonesas brincando nas calçadas olharam-no sem nada dizer, voltando logo ao seu futebol ou *baseball*. Mas não os adultos, pensou; os jovens japoneses bem vestidos, estacionando seus carros na entrada dos edifícios, o olharam com vivo interesse. Será que ele mora aqui? perguntavam-se talvez. Desde jovens negociantes japoneses voltando para casa até chefes das Missões Comerciais habitavam aquele bairro. Reparou nos cadillacs estacionados. À medida que o velotáxi se aproximava do endereço, foi ficando cada vez mais nervoso.

Pouco depois, subindo as escadas do apartamento dos Kasouras, pensou: Aqui estou, não a negócios, mas convidado para jantar. Naturalmente tomara o maior cuidado ao vestir-se; ao menos não precisava preocupar-se com sua aparência. Minha aparência, pensou. Sim, é isto. Pareço o quê? Não dá para enganar ninguém; meu lugar não é aqui. Nesta terra que os homens brancos desbravaram e na qual construíram uma de suas melhores cidades. Sou um forasteiro em meu próprio país.

Chegou à porta indicada no saguão atapetado e tocou a campainha. Logo a porta se abriu. Lá estava a jovem Mrs. Kasoura, de quimono de seda e *obi*, com os longos e brilhantes cabelos negros caindo pelas costas e com um sorriso de boas-vindas nos lábios. Atrás dela, na sala, seu marido, de copo na mão, acenando com a cabeça.

— Mr. Childan. Entre. Inclinando-se, entrou.

Interior de enorme bom gosto. E... tão ascético.

Poucas peças. Uma lâmpada aqui, mesa, estante, uma gravura na parede. O incrível sentido japonês de *wabi*. Não havia nem como pensá-lo em inglês. A habilidade de encontrar em objetos simples uma beleza muito além do elaborado ou do enfeitado. Uma questão de arrumação.

— Um drinque? — perguntou Mr. Kasoura. — Uísque com soda?

— Mr. Kasoura... — começou.

— Paul — disse o jovem japonês. Depois, indicando a esposa — Betty. E o senhor...

Mr. Childan murmurou:

— Robert.

Sentados no tapete macio, com seus drinques, ouviram uma gravação de *koto*, a harpa japonesa de treze cordas. Novo lançamento da H.M.V. japonesa, muito popular. Childan notou que todas as partes da vitrola estavam escondidas, até o alto-falante. Não sabia nem de onde

vinha o som.

— Não conhecendo seus gostos quanto à comida — disse Betty — preferimos não arriscar. No forno elétrico da cozinha está sendo feito um *T-bone steak*. Para acompanhar, batata assada com molho de creme talhado e cebolinha. O provérbio diz: ninguém erra servindo carne a um novo convidado.

— Magnífico — disse Childan. — Gosto muito de bife.

E era mais do que verdade. Quase nunca comia carne. Os matadores do Centro-Oeste mandavam pouca carne para a Costa Oeste. Não se lembrava da última vez em que comera um bom bife.

Estava na hora de entregar seu presente de convidado.

Retirou do bolso do casaco um pequeno embrulho em papel de seda. Colocou-o discretamente na mesinha. Ambos imediatamente repararam, forçando-o a dizer:

— Um presentinho para vocês. Para demonstrar muito modestamente o bem-estar e a alegria que sinto aqui.

Desembrulhou o pacote, mostrando o presente. Era um pedaço de marfim esculpido havia um século pelos baleeiros da Nova Inglaterra. Um minúsculo objeto artístico ornamentado, chamado *scrimshaw*. Seus rostos iluminaram-se ao reconhecer o *scrimshaw* feito pelos marinheiros nas horas de folga. Nada poderia ter resumido melhor a velha cultura americana. Houve um silêncio.

— Obrigado — disse Paul. Robert Childan inclinou-se.

Então, sentiu paz por um momento em seu coração. Esta oferta, esta — como diria o *I Ching* — libação. Cumprira sua obrigação. Parte da ansiedade e opressão que ultimamente o vinham sufocando começou a dissipar-se.

Recebera indenização de Ray Calvin pelo Colt 44, com garantias escritas de que aquilo não tornaria a ocorrer. Mas isso não o aliviara. Só naquele instante, numa situação não relacionada com o outro fato, perdera por um momento a impressão de que as coisas estavam num processo de desequilíbrio constante. O *wabi* em torno dele, as vibrações harmoniosas... sim, é isso, pensou. A proporção. O equilíbrio. Estão tão próximos do Tao, estes dois japoneses. Foi por isso que reagiu imediatamente ao vê-los. Senti o Tao através deles. Pude percebê-lo em mim.

Como seria, perguntou-se, conhecer realmente o Tao? *O Tao é aquilo que primeiro dá a luz e depois o escuro*. É aquilo que leva à interpenetração de duas forças primitivas, de modo que há sempre renovação. É: aquilo que impede que tudo se desgaste. O universo-nunca se extinguiu porque no momento exato em que o escuro parecer ter sufocado tudo, ser realmente transcendental, as novas sementes de luz renascem das próprias profundezas. É este o Caminho. Quando a semente cai, penetra na terra, no solo. E lá embaixo, escondida, germina.

— Um *hors-d'oeuvre* — disse Betty.

De joelhos, ofereceu-lhe um prato de salgadinhos. ele pegou dois, agradecendo.

— Os acontecimentos internacionais estão predominando nestes dias — disse Paul, saboreando seu drinque. — Ao voltar para casa, hoje à noite, ouvi a transmissão direta do grande Funeral Oficial em Munique, com a participação de cinquenta mil pessoas, bandeiras e tudo o mais. O *Ich hatte einen Kamerad* foi muito cantado. O corpo está agora exposto para receber as homenagens dos fiéis.

— Sim, foram terríveis as notícias repentinas do início da semana — disse Robert Childan.

— O *Nippon Times* de hoje diz que fontes seguras afirmam que Von Schirach está em prisão domiciliar — disse Betty. — Ordens do S.D.

— Mau — disse Paul, balançando a cabeça.

— É claro que as autoridades querem manter a ordem — disse Childan. — Von Schirach é conhecido como impetuoso, dado a atos irrefletidos. Como Hess, no passado. Lembre-se do insensato vôo para a Inglaterra.

— O que mais dizia o *Nippon Time*? — perguntou Paul à mulher.

— Muita confusão e intriga. Deslocamento de unidades do exército. Licenças canceladas. Postos de fronteira fechados. O *Reichstag* em sessão. Todo mundo fazendo discursos.

— Isso me lembra um excelente discurso do doutor Goebbels — disse Robert Childan. — No rádio, há um ano ou mais. Violento e mordaz. Tinha a platéia na palma da mão, como de costume. Usou toda uma gama de emoções diversas. Sem dúvida: com o primeiro de todos, Adolf Hitler, fora do jogo, o doutor Goebbels é o melhor orador nazista.

— É verdade — concordaram Paul e Betty, inclinando-se.

— O doutor Goebbels também tem excelentes filhos e esposa — continuou Childan. — Pessoas da melhor qualidade.

— É verdade — reconheceram Paul e Betty.

— Um pai de família, em contraste com outros figurões de lá, que têm costumes sexuais duvidosos — disse Paul.

— Não gosto de dar ouvidos a boatos — disse Childan. — Refere-se a casos como o de Roehm? História antiga. Há muito esquecida.

— Pensava principalmente em Göring — disse Paul, tomando seu drinque devagar e observando-o atentamente. Orgias romanas com toda a espécie de fantasias. Arrepiante, só de ouvir falar.

— Mentiras — disse Childan.

— Bom, o assunto não vale a pena ser discutido — disse Betty, diplomaticamente, lançando um olhar aos dois.

Haviam esvaziado os copos e ela levantou-se para tornar a enchê-los.

— As discussões políticas acabam sempre acaloradas — disse Paul. — Sempre. O essencial é não perder a cabeça.

— Sim — concordou Childan. — Calma e ordem. Assim as coisas voltam à sua estabilidade habitual.

— Na sociedade totalitária, o período logo após a morte do líder torna-se crítico — disse Paul. — A falta de tradição, associada a instituições de classe média...

Interrompeu-se.

— É melhor, talvez, deixar a política de lado — sorriu. — Como nos velhos tempos de estudante.

Robert Childan sentiu o rosto enrubescer e inclinou-se sobre o copo para fugir aos olhos do anfitrião. Que início terrível. Discutira política de maneira tola e em voz alta; fora descortês ao discordar e só o tato do seu anfitrião salvara a noite. Como tenho a aprender, pensou Childan. São tão amáveis e delicados. E eu... o bárbaro branco. É verdade.

Por alguns minutos contentou-se em saborear seu drinque, mantendo no rosto uma expressão artificial de prazer. Devo segui-los em tudo, disse a si próprio. Concordar sempre.

Mas, em pânico, pensou: minhas idéias estão embaralhadas pela bebida. Pelo cansaço e nervosismo. Conseguirei? Na certa nunca mais me convidarão; já é tarde demais. Sentiu-se desesperado.

Betty, tendo voltado da cozinha, sentara-se novamente no tapete. Como é atraente, pensou de novo Robert Childan. O corpo esbelto. Seus corpos são tão superiores; nenhuma gordura, nenhuma protuberância. Não precisam de *soutien* nem cinta. Devo esconder meu desejo a todo custo. E, contudo, permitiu-se de vez em quando um olhar de relance. As lindas cores escuras de sua pele, cabelos, olhos. Somos mal acabados em comparação com eles. Retirados do forno antes da hora. A velha lenda indígena; nela está a verdade.

Preciso pensar em outra coisa. Encontrar tema mundano, qualquer coisa. Seus olhos vagavam, procurando assunto. O silêncio pesava, agravando sua tensão. Insuportável. Que diabo tinha para dizer? Algo sem compromisso. Seus olhos pousaram em um livro na estante baixa, de teca preta.

— Vejo que estão lendo *The Grasshopper Lies Heavy* — disse. — Já ouvi falar muito, mas meus negócios não me têm dado folga ultimamente.

Ficando de pé, foi apanhar o livro, examinando cuidadosamente as expressões deles; pareciam reconhecer este gesto de sociabilidade, de modo que prosseguiu.

— Livro de mistério? Perdoem minha profunda ignorância.

Virou as páginas.

— Não de mistério — disse Paul. — Ao contrário, uma interessante forma de ficção talvez no gênero de ficção científica.

— Oh, não — discordou Betty. — Não tem nada de científico. Não se passa no futuro. Ficção científica lida com o futuro, sobretudo o futuro em que a ciência é mais adiantada do que agora. O livro não é nada disso.

— Mas — disse Paul — trata-se de um presente diferente. Existem muitos livros célebres de ficção científica desse gênero.

Depois, virando-se para Robert, explicou:

— Perdoe minha insistência mas, como minha mulher sabe, fui durante muito tempo fanático por ficção científica. Comecei a ler esse gênero aos doze anos. Nos primeiros dias da guerra.

— Compreendo — disse Robert Childan, delicadamente.

— Gostaria de levar o *Grasshopper*? — perguntou Paul. — Nós o terminaremos daqui a um dia ou dois, no máximo. Meu escritório fica no centro, não longe de sua estimada loja e eu poderia facilmente deixá-lo lá na hora do almoço.

Ficou um momento em silêncio e aí — provavelmente, pensou Childan, devido a um sinal de Betty — continuou:

— Você e eu, Robert, podíamos almoçar juntos nessa ocasião.

— Obrigado — disse Robert.

Não podia dizer mais nada. Almoçar num desses elegantes restaurantes do centro, freqüentados por homens de negócios, ele e este jovem japonês moderno, fino, importante. Era demais; sentiu o olhar anuviar-se. Mas continuou examinando o livro e balançando a cabeça.

— Sim — disse — parece interessante. Gostaria muito de lê-lo. Procuro estar em dia com os temas atuais.

Seria apropriado, este comentário? Confessar seu interesse no livro por estar na moda. Talvez

fosse falta de classe. Não sabia, mas tinha a impressão de que sim.

— Não se pode julgar um livro pelo sucesso comercial — disse. — Sabemos disso. Muitos *best sellers* são um lixo. Este, contudo... — hesitou.

Betty disse:

— Muito verdadeiro. O gosto do leitor médio é realmente deplorável.

— Como na música — disse Paul. — Ninguém se interessa pelo *folk jazz* americano, por exemplo. Robert, você gosta, digamos, de Bunk Johnson, Kid Ory, e outros do mesmo gênero? De *Dixieland*? Eu tenho uma discoteca dessa música antiga, com gravações originais da fábrica Genet.

Robert respondeu:

— Lamento, mas pouco conheço de música negra. Seu comentário não pareceu agradá-los.

— Prefiro os clássicos. Bach e Beethoven. Certamente isso era aceitável. Sentia agora uma certa irritação. Queriam então que ele renegasse os grandes mestres da música européia, os clássicos eternos, em favor do *jazz* de Nova Orleans, oriundo dos *honky-tonks* do bairro negro?

— Talvez se eu tocar uma seleção dos *New Orleans Rythm Kings* — começou Paul, saindo da sala, mas Betty o advertiu com um olhar.

Ele hesitou e deu de ombros.

— O jantar está quase pronto — disse ela. Voltando, Paul sentou-se novamente. Com certo mau-humor, pensou Robert, ele murmurou:

— O *jazz* de Nova Orleans é a mais autêntica música folclórica americana. Nascida neste continente. Todo o resto veio da Europa, como as híbridas baladas inglesas.

— Esta é uma discussão eterna entre nós — disse Betty sorrindo para Robert. — Eu não compartilho a paixão dele pelo *jazz* original.

Ainda segurando a cópia do *The Grasshopper Lies Heavy*, Robert disse:

— Que espécie de presente diferente este livro descreve?

Betty, após um momento, respondeu:

— Um no qual a Alemanha e o Japão teriam perdido a guerra.

Ficaram todos em silêncio.

— Está na hora de comer — disse Betty, ficando de pé. — Venham, por favor, famintos homens de negócios.

Levou Robert e Paul para a sala de jantar, onde a mesa, já estava posta com toalha branca, pratos, porcelanas e grandes guardanapos simples enfiados no que Robert reconheceu como sendo argolas de osso no estilo da arte primitiva americana. A prata, também, era da melhor qualidade. As xícaras e pires eram Royal Albert, azul-escuro e amarelo. Excepcionais; não pôde deixar de olhá-las com admiração profissional.

Os pratos não eram americanos. Pareciam japoneses; não tinha certeza, era fora de seu campo.

— É porcelana Imari — disse Paul, notando seu interesse. — De Arita, no Japão. Um produto considerado de primeira qualidade.

Sentaram-se.

— Café? — perguntou Betty a Robert.

— Sim — disse ele — obrigado.

— No final do jantar — falou ela, saindo para apanhar o carrinho de servir.

Começaram logo a comer. Robert achou a refeição deliciosa. Ela era uma cozinheira deveras excepcional. A salada, em particular, agradou-o. Abacate e fundo de alcachofra, com um molho de queijo *bleu* para temperar... ainda bem que não lhe ofereceram uma refeição japonesa, aqueles pratos de verduras e carnes misturadas, que comera tanto desde a guerra.

E os eternos frutos-do-mar. Chegara ao ponto de passar mal só de ver camarão ou um marisco qualquer.

— Gostaria de saber — disse Robert — como ele imagina que seria o mundo se o Japão e a Alemanha tivessem perdido a guerra.

Nem Paul nem Betty responderam imediatamente. Depois, Paul acabou por dizer:

— Há diferenças muito complicadas. É melhor ler o livro. Eu certamente estragaria seu prazer se lhe explicasse.

— Tenho opinião formada a respeito — disse Robert. — Já pensei muito no caso. O mundo seria muito pior.

Ouviu a própria voz, firme, quase brusca.

— Muito pior.

Eles pareceram surpresos. Talvez fosse seu tom.

— O comunismo dominaria tudo — continuou Robert.

Paul concordou.

— O autor, Mr. Abendsen, estuda este ponto como sendo a consequência da expansão sem controle da Rússia

Soviética. Mas, como na Primeira Guerra Mundial, mesmo estando do lado do vencedor, a Rússia, país camponês de segunda classe, sai perdendo do mesmo jeito. É uma grande piada, quando lembramos a guerra que o Japão fez contra eles...

— Nós tivemos que sofrer, para pagar o preço — respondeu Robert. — Mas sofremos por uma boa causa. Para impedir a inundação do mundo pelos eslavos.

Betty disse em voz baixa:

— Pessoalmente, não acredito em nenhuma dessas teorias históricas de "inundação mundial" por povo algum, seja eslavo, chinês ou japonês.

Olhou Robert tranqüilamente. Estava inteiramente dona de si, calma; mas queria expressar seus sentimentos. Manchas vermelhas escuras apareceram em cada uma de suas faces.

Continuaram a comer em silêncio.

Cometi outra falta, constatou Robert Childan. Era impossível evitar o assunto. Porque ele está em toda parte, num livro que apanho ao acaso, numa coleção de discos, nestas argolas de osso para guardanapos — o saque amontoado pelos conquistadores. Pilhagem do meu povo.

Encaremos a realidade. Estou tentando fingir que estes japoneses e eu somos iguais. Mas consideremos uma coisa: quando exprimo minha gratidão por eles terem ganho a guerra que meu país perdeu... ainda aqui nada temos em comum. O que as palavras significam para mim é exatamente o oposto do que significam para eles. Seus cérebros são diferentes. Suas almas também. É só ver como bebem em xícaras inglesas de porcelana, como comem em prataria americana, como ouvem música negra. Tudo superficial. Riqueza e poder tornam essas coisas acessíveis para eles, mas são *ersatz*, tão certo quanto dois e dois são quatro.

Até o I Ching, que eles nos obrigaram a engolir, é chinês. Tomado por empréstimo nos anos que passaram, quando... A quem estão tentando enganar? A eles mesmos? Roubar hábitos aqui e

ali, vestir, comer, falar, andar, como, por exemplo, devorar com prazer batatas assadas no forno, com creme e cebolinha, um velho prato típico americano incorporado ao seu cardápio trivial. Mas ninguém se deixa enganar, posso garantir. Muito menos eu.

Só as raças brancas têm faculdade de criação, refletiu. E eu, contudo, membro sangüíneo de uma delas, sou obrigado a inclinar-me diante desses dois. Mas se nós tivéssemos ganho, teríamos esmagado os japoneses até sua desapareição completa. Hoje não haveria Japão e os Estados Unidos seriam a única grande potência brilhando no mundo inteiro.

Pensou: preciso ler esse livro — *The Grasshopper* — É um dever patriótico, ao que parece.

Betty falou baixinho:

— Robert, você não está comendo. Não está gostando?

Imediatamente ele comeu uma garfada de salada.

— Estou — disse. — Esta é, na verdade, a melhor refeição que faço há anos.

— Obrigada — disse ela, visivelmente lisonjeada. — Esforcei-me para ser autêntica... Por exemplo, comprando cuidadosamente os ingredientes em minúsculos mercados americanos de Mission Street. Soube que são os melhores.

Você prepara os pratos nativos à perfeição, pensou Robert Childan. O que dizem é verdade: a capacidade imitativa de vocês é imensa: torta de maçã, Coca-Cola, passeio depois do cinema, Glenn Miller... vocês seriam capazes de montar, com latas de conserva e papel de arroz, uma América artificial completa. Mãe feita de papel de arroz na cozinha, pai feito de papel de arroz lendo jornal, com um cãozinho de papel de arroz aos seus pés. Tudo.

Paul observou-o em silêncio. Robert Childan, notando subitamente a atenção de que era objeto, cortou o fio de seu pensamento e concentrou-se no jantar. Será que ele lê minha mente? — indagou-se. Vê o que estou realmente pensando? Sei que nada deixei transparecer. Mantive a expressão correta; não é possível que tenha notado.

— Robert — disse Paul — já que você nasceu e foi criado aqui, falando o idioma americano, talvez possa ajudar-me na leitura de um livro que tem me dado certo trabalho. Um romance dos anos 30, de autor americano.

Robert inclinou-se ligeiramente.

— O livro — continuou Paul — que é muito raro, mas do qual não obstante possuo uma cópia, é de Nathanael West. O título é *Miss Lonelyhearts*. Li-o com prazer, mas não apreendi inteiramente o que Nathanael West quis dizer.

Olhou para Robert com esperança.

Passado um instante, Robert Childan confessou:

— Eu... nunca li esse livro, sinto muito. Nem nunca tinha ouvido falar, pensou.

A expressão de Paul revelou seu desapontamento.

— Que pena. É um livro pequeno. Conta a história de um homem que é colunista num jornal diário; recebe constantemente consultas sobre problemas sentimentais até que, levado à loucura pela dor alheia, imagina ser Jesus Cristo. Não se recorda? Talvez o tenha lido há muito tempo.

— Não — disse Robert.

— Dá uma visão curiosa do sofrimento — prosseguiu Paul. — Oferece-nos uma tentativa bastante original de esclarecimento do significado da dor sem razão alguma, problema estudado por todas as religiões. Religiões como o cristianismo, que muitas vezes declaram que deve haver pecado para explicar o sofrimento. West parece acrescentar uma idéia mais dinâmica, passando

por cima de noções mais antigas. Talvez se possa dizer que West viu que se pode sofrer sem causa pelo fato de ele ser judeu.

Robert disse:

— Se a Alemanha e o Japão tivessem perdido a guerra, os judeus estariam dominando o mundo agora. Através de Moscou e Wall Street.

Os dois japoneses, marido e mulher, pareceram encolher-se. Pareceram diluir-se, esfriar, entrar neles mesmos. O próprio quarto ficou frio. Robert Childan sentiu-se só. Comendo sozinho, não mais na companhia deles. O que fizera agora? Qual foi o mal-entendido? Incapacidade estúpida da parte deles de aprender um idioma estrangeiro, o pensamento ocidental. Não conseguindo compreender, ofendem-se. Que tragédia, pensou, continuando a comer. E contudo... o que poderia fazer?

A clareza existente antes — apenas um momento atrás — precisava ser explorada até a última gota. Sua extensão total só fora percebida agora. Robert Childan não se sentia tão mal quanto antes, porque aquele sonho sem sentido começava a afastar-se de sua mente. Eu esperava tanto deste encontro quando cheguei aqui, recordou. Quando subia as escadas, eu estava mergulhado numa espécie de bruma romântica, como um adolescente. Mas a realidade não pode ser ignorada; precisamos ser adultos.

E aqui o negócio é o seguinte: *essa gente não é exatamente humana*. Vestem roupas mas são como macacos de circo fantasiados. São espertos e capazes de aprender, *mas é só*.

Por que corro para servi-los, então? Apenas porque venceram?

Uma grande falha em meu caráter foi revelada neste encontro. É assim que as coisas acontecem. Tenho uma tendência patética a... bom, digamos, a infalivelmente escolher entre dois males o menor. Como uma vaca quando avista o bebedouro; saio a galope sem premeditação.

O que tenho feito é comportar-me de acordo com as conveniências, porque é mais seguro; afinal de contas, eles são os vencedores... eles mandam. E vou continuar assim, suponho. Porque não vejo razão para tornar-me infeliz. Eles lêem um livro americano e querem que o explique; esperam que eu, um homem branco, possa dar-lhes a resposta. E eu me esforço! Mas neste caso não posso; no entanto, se o tivesse lido, certamente poderia.

— Talvez um dia dê uma olhada nesse livro, *Miss Lonelyhearts* — disse ele a Paul. — E depois lhe direi o que significa.

Paul inclinou-se ligeiramente.

— Contudo, no momento estou ocupado demais com meu trabalho — disse Robert. — Mais tarde, talvez... Estou certo de que não levarei muito tempo.

— Não — murmurou Paul. — É um livro muito curto.

Tanto ele quanto Betty pareciam tristes, pensou Robert Childan. Perguntou-se se eles também haviam sentido a presença daquele fosso intransponível entre eles. Espero que sim, pensou. Eles merecem. Uma vergonha — deixá-los descobrir a mensagem do livro sozinhos.

Comeu com maior prazer.

Nenhum outro incidente perturbou a paz da noite. Quando deixou o apartamento dos Kasouras, às dez, Robert Childan ainda sentia aquela sensação de confiança que se apossara dele

durante a refeição.

Foi descendo as escadas do prédio sem nem se preocupar com os ocasionais residentes japoneses que, indo ou vindo dos banhos comunais, pudessem vê-lo e notá-lo. Saiu até a calçada escura, chamando um velotáxi. Logo estava a caminho de casa.

Eu sempre quis saber como me sentiria ao encontrar certos fregueses socialmente. Nada mal, afinal de contas. E, pensou, esta experiência talvez me ajude nos negócios.

É terapêutico encontrar essa gente que já me intimidou. Descobrir como são na realidade. E assim a intimidação se dissipa.

Seguindo esta linha de pensamento, chegou ao seu bairro e finalmente à porta de casa. Pagou ao chofer *chink* do velotáxi e subiu as escadas familiares.

Lá, na sala de estar, encontrou um homem que não conhecia. Um homem branco, de sobretudo, sentado no sofá lendo um jornal. Enquanto Robert Childan permanecia, atônito, de pé na entrada, o homem pôs de lado o jornal, levantou-se sem a menor pressa e enfiou a mão no bolso direito. Retirou uma carteira e apresentou-a.

— *Kempeitai*.

Era um *pinoc*. Funcionário da Polícia Estadual instalada em Sacramento pelas autoridades japonesas de ocupação. Assustador!

— Você é Robert Childan?

— Sim, senhor — respondeu, com o coração quase a saltar-lhe do peito.

— Recentemente — disse o policial, consultando um maço de documentos que retirara de uma pasta no sofá — o senhor recebeu a visita de um homem branco, que disse ser representante de um oficial da Marinha Imperial. Pesquisas efetuadas revelaram que o tal oficial não existia, nem o navio.

Olhou para Childan.

— Correto — disse Childan.

— Temos informações — continuou o policial — de uma quadrilha que está operando na área da Baía. Esse sujeito evidentemente faz parte dela. Poderia descrevê-lo?

— Pequeno, de pele bastante escura — começou Childan.

— Judeu?

— Sim! — disse Childan. — Agora que o senhor o menciona. Mas na hora não me ocorreu.

— Veja esta foto.

O homem de *Kempeitai* passou-a.

— É ele — disse Childan, que o reconhecia fora de qualquer dúvida.

Estava algo abalado pelos poderes de descoberta do *Kempeitai*.

— Como foi que o encontraram? Não avisei a polícia, mas telefonei ao meu fornecedor, Ray Calvin, e disse-lhe...

O policial fez sinal que se calasse.

— Tenho um papel para você assinar e é só. Não terá que prestar depoimento no tribunal; esta é uma formalidade legal que põe fim à sua participação no caso.

Entregou o papel a Childan, junto com uma caneta.

— Declara que este homem entrou em contato com você e, assumindo uma identidade que se revelou falsa, tentou ludibriá-lo, etc. Leia o papel.

O policial puxou a manga e olhou o relógio, enquanto Robert Childan lia o papel. — Está

totalmente correto?

Estava... substancialmente. Robert Childan não teve tempo de dar toda atenção ao papel e, além do mais, estava um pouco confuso depois de tudo o que acontecera

naquele dia. Mas sabia que o homem dera uma identidade falsa e que havia uma quadrilha envolvida; e, como o homem do *Kempeitai* dissera, o sujeito era judeu. Robert Childan olhou o nome embaixo da foto. Frank Frink. Nascido Frank Fink. Sim, certamente era judeu. Qualquer um podia ver, com um nome como Fink. E ele o tinha modificado.

Childan assinou o papel.

— Obrigado — disse o policial.

Recolheu suas coisas, levantou o chapéu, desejou uma boa-noite a Childan e partiu. A coisa toda não levava mais do que um momento.

Parece que o apanharam, pensou Childan. Fosse qual fosse sua história.

Era um grande alívio. Trabalham depressa, não há dúvida.

Vivemos numa sociedade onde reinam a lei e a ordem, onde os judeus não podem enganar os inocentes. Estamos protegidos.

Não sei por que não reconheci suas características raciais logo que o vi. Evidentemente sou fácil de enganar.

Simplesmente não sou capaz de enganar e isto me deixa indefeso, pensou. Sem a lei, estaria à mercê deles. ele poderia ter-me convencido de qualquer coisa. É uma espécie de hipnose. São capazes de controlar uma sociedade inteira.

Amanhã vou sair e comprar o tal livro, aquele *Grasshopper*, disse a si mesmo. Vai ser interessante ver como o autor retrata um mundo dirigido por judeus e comunistas, com o *Reich* em ruínas e o Japão sem dúvida transformado em uma província da Rússia; na verdade, com a Rússia se estendendo do Atlântico ao Pacífico. Será que o autor — como se chama, mesmo? — descreve uma guerra entre a Rússia e os Estados Unidos? Livro interessante, pensou. Estranho que ninguém tenha pensado em escrevê-lo antes.

Devia fazer com que a gente percebesse a sorte que tem, pensou ele. Apesar das evidentes desvantagens... podia ser muito pior. Esse livro nos dá uma grande lição de moral. Sim, os japoneses estão no poder aqui e nós somos uma nação derrotada. Mas é preciso olhar além; é preciso construir. Disso tudo deverão sair coisas grandiosas, como a colonização dos planetas, por exemplo.

Está na hora do noticiário, reparou. Sentando-se, ligou o rádio. Talvez tenham escolhido o novo Chanceler do *Reich*. Sentiu expectativa e excitação. Para mim, o mais dinâmico é o tal de Seyss-Inquart. O mais capaz de levar a cabo programas audaciosos.

Gostaria de estar lá, pensou. Talvez algum dia tenha dinheiro suficiente para viajar à Europa e ver tudo o que está sendo feito. É uma pena perder isso, ficar enclachado aqui na Costa Oeste, onde nunca, acontece nada. A História se desenrola sem nossa participação.

Às OITO horas da manhã, Freiherr Hugo Reiss, Cônsul do *Reich* em São Francisco, saiu de sua Mercedes-Benz 220-E e subiu animadamente as escadas do consulado. Era seguido por dois jovens funcionários do Ministério das Relações Exteriores. A porta já tinha sido aberta pelo pessoal de Reiss e ele entrou, saudando as duas telefonistas, o vice-cônsul *Herr Frank* e, no escritório interno, seu secretário, *Herr Pferdehuf*.

— Freiherr — disse *Pferdehuf* — acaba de chegar um radiograma em código de Berlim. Precedido do número um.

Isso queria dizer que a mensagem era urgente.

— Obrigado — disse Reiss, despindo o sobretudo e entregando-o a *Pferdehuf* para pendurar.

— *Herr Kreuz von Meere* telefonou há dez minutos.. Pediu que ligasse para ele.

— Obrigado — disse Reiss.

Sentou-se à pequena mesa diante da janela da sala, tirou a coberta que protegia o café da manhã, viu no prato o pãozinho, ovos mexidos e a salsicha, serviu-se de uma xícara de café forte e quente do bule de prata e abriu o jornal da manhã.

A pessoa que o procurara, *Kreuz von Meere*, era o chefe da *Sicherheitsdienst* para os E.A.P. ; seu quartel-general situava-se, sob outro nome, no terminal aéreo. As relações entre Reiss e *Kreuz von Meere* eram algo tensas. Suas jurisdições confundiam-se freqüentemente, o que correspondia, sem dúvida, a uma política deliberada, dos chefões em Berlim. Reiss tinha o posto de major honorário da S.S. e isto fazia com que, tecnicamente, fosse subordinado a *Kreuz von Meere*. O posto lhe fora concedido há vários anos e, na época, Reiss percebera por quê. Mas não havia nada que ele pudesse fazer. Apesar disso, continuava a incomodá-lo.

O jornal, transportado pela *Lufthansa* e entregue às seis da manhã, era o *Frankfurter Zeitung*. Reiss leu atentamente a primeira página. Von Schirach estava em prisão domiciliar, possivelmente até morto. Uma pena. *Göring* estava morando numa base de treinamento da *Luftwaffe*, rodeado por veteranos de guerra experientes, fiéis ao Gordo. Ninguém poderia atingi-lo. Nenhum carrasco da S. D. E o doutor *Goebbels*?

Provavelmente no coração de Berlim. Dependendo como sempre de sua própria inteligência, sua capacidade de, falando, conseguir o que quisesse. Se *Heydrich* mandar um pelotão para matá-lo, pensou Reiss, o doutorzinho não só vai convencê-los a mudar de idéia, como será até capaz de conquistá-los para o seu lado.. Fazer deles funcionários do Ministério da Propaganda e da Cultura.

Podia imaginar o doutor *Goebbels* neste momento, no apartamento de alguma deslumbrante estrela de cinema, desprezando as unidades da *Wehrmacht* a marcharem pelas ruas embaixo. Nada assustava aquele *Kerl*. *Goebbels* daria seu sorriso debochado... continuando a acariciar o seio da encantadora dama com a mão esquerda, enquanto escrevia seu artigo para o *Angriff* do mesmo dia a...

Os pensamentos de Reiss foram interrompidos por seu secretário.

— Desculpe, *Kreuz von Meere* está no telefone novamente.

Levantando-se, Reiss foi à sua mesa e apanhou o telefone.

— Reiss falando.

Ouviu o forte sotaque bávaro do chefe da S.D. local perguntar:

— Alguma notícia daquele indivíduo da *Abwehr*? Intrigado, Reiss procurou adivinhar a quem Kreuz

von Meere se referia.

— Hummm — murmurou — que eu saiba, há, no momento, três ou quatro "indivíduos" da *Abwehr* na Costa do Pacífico.

— Aquele que viajou pela *Lufthansa* na semana passada.

— Ah! — disse Reiss. Apoiando o telefone no ombro, tirou o maço de cigarros. — Nunca veio aqui.

— O que é que ele anda fazendo?

— Ora, sei lá. Pergunte a Canaris.

— Gostaria que você ligasse para o Ministério das Relações Exteriores e pedisse a eles que chamem a Chancelaria e falem com o Almirantado para que exijam que a *Abwehr* tire seu pessoal daqui ou nos informe de suas atividades.

— Você não pode fazer isso?

— Está tudo muito confuso.

Perderam inteiramente a pista do sujeito da *Abwehr*; imaginou Reiss. Eles — a S.D. local — foram avisados por alguém da equipe de Heydrich para ficarem de olho e perderam o contato. Agora querem que eu os tire da enrascada.

— Se ele vier aqui — disse Reiss — mandarei alguém cuidar dele. Pode contar com isso.

Claro, não era muito provável que o sujeito fosse lá. E ambos estavam convencidos disso.

— ele usa sem dúvida um pseudônimo — continuou Kreuz von Meere com esforço. — Não sabemos qual é, claro. É um sujeito de aparência aristocrática. Por volta dos quarenta. Capitão. Nome verdadeiro: Rudolf Wegener. Pertencente a uma daquelas velhas famílias monarquistas da Prússia Oriental. Provavelmente apoiou Von Papen no *Systemzeit*.

Reiss acomodou-se na cadeira, enquanto Kreuz von Meere prosseguia.

— A única resposta que vejo para esses monarquistas retrógrados é reduzir o orçamento da Marinha para que não possam...

Finalmente Reiss conseguiu desligar o telefone. Quando voltou à sua refeição, encontrou o pãozinho frio. O café, porém, ainda estava quente; bebeu-o e retomou a leitura do jornal.

Não tem fim, pensou. Esse pessoal da S.D. fica de plantão dia e noite. Telefonam às três da manhã.

Seu secretário, Pferdehuf, pôs a cabeça na porta, viu que ele não estava mais no telefone, e disse:

— Sacramento acaba de telefonar em grande agitação. Dizem que há um judeu solto pelas ruas de São Francisco.

Tanto ele quanto Reiss caíram na risada.

— Está bem — respondeu Reiss. — Diga-lhes que se acalmem e enviem os documentos habituais. Alguma coisa mais?

— Já leu as mensagens de pêsames?

— Chegaram mais?

— Algumas. Estão na minha mesa, se quiser vê-las. Já respondi.

— Vou ter que falar naquela reunião hoje — disse Reiss. — À uma da tarde. Aqueles homens de negócios.

— Não o deixarei esquecer — disse Pferdehuf. Reiss arqueou-se na cadeira.

— Gostaria de fazer uma aposta?

— Não sobre o resultado das deliberações do *Partei*, se é isso que está dizendo.

— Vai ser o Carrasco. Lentamente, Pferdehuf respondeu:

— Heydrich já chegou ao máximo. Gente igual a ele nunca chega ao controle direto do *Partei* porque todos o temem. Os chefões do *Partei* teriam um ataque só de pensar. Haveria uma coalizão em vinte e cinco minutos, na hora que o primeiro carro da S.S. saísse de *Prinzalbrechtstrasse*. Chamariam todos os tubarões econômicos, como Krupp e Thyssen...

Interrompeu-se. Um dos criptógrafos aproximou-se dele com um envelope na mão. Reiss estendeu a mão. Seu secretário trouxe-lhe o envelope. Era o radiograma urgente em código, decifrado e datilografado.

Quando acabou de ler, viu que Pferdehuf estava esperando ser posto a par. Reiss amassou a mensagem no grande cinzeiro de cerâmica em cima da mesa, tocando fogo no papel com o isqueiro.

— Parece que há um general japonês viajando para cá incógnito. Tedeki. É melhor você dar um pulo à biblioteca pública e apanhar uma daquelas revistas militares japonesas oficiais que possa ter sua foto. Com a maior descrição, naturalmente. Acho que não temos nada sobre ele aqui. — Começou a dirigir-se ao arquivo fechado a chave, mas mudou de idéia. — Arranje as informações que puder. Estatísticas. Na biblioteca deve haver.

Acrescentou:

— Este general Tedeki era chefe do Estado-Maior há alguns anos. Lembra-se de alguma coisa a respeito dele?

— Pouca coisa — disse Pferdehuf. — Um estourado. Deve ter uns oitenta anos, agora. Tenho a impressão de que ele propôs um programa ambicioso para lançar o Japão nas conquistas espaciais.

— Nisso falhou — disse Reiss.

— Não me surpreenderia se sua visita a São Francisco fosse para se tratar — comentou Pferdehuf. — Não seria o primeiro velho militar japonês a vir para cá usar o Hospital da U.C.. Assim podem valer-se de técnicas cirúrgicas alemãs que em casa não têm. Naturalmente fazem tudo na surdina. Razões patrióticas, sabe como é. De modo que talvez fosse bom pôr alguém de olho no Hospital, se Berlim está tão interessado assim nele.

Reiss assentiu. O general também podia estar *e-n*-volvido em especulações comerciais, bastante comuns em São Francisco. Ligações antigas, do seu tempo de serviço ativo, podiam ser-lhe úteis, agora que estava reformado. Estaria mesmo? A mensagem dizia *general*, não *general reformado*.

— Logo que tiver uma foto — disse Reiss — envie cópias ao nosso pessoal no aeroporto e no cais. Talvez já tenha chegado. Você sabe como demoram a informar esse tipo de coisa.

E é claro que se o general já tivesse chegado a São Francisco, Berlim ficaria furioso com o Consulado dos

E.A.P. O cônsul deveria ser capaz de descobri-lo — mesmo antes de terem enviado a

mensagem de Berlim.

— Vou carimbar a data e a hora no radiograma de Berlim — disse Pferdehuf — de modo que, se surgir qualquer problema, podemos mostrar exatamente quando foi recebido. A hora exata.

— Obrigado — disse Reiss.

O pessoal em Berlim era mestre em transferir responsabilidades e ele estava cansado de ficar com a culpa de tudo. Acontecera frequentemente.

— Para estarmos seguros — acrescentou — acho melhor você responder àquela mensagem. Telegrafe: "Suas instruções lamentavelmente tardias. Indivíduo já avistado na região. Possibilidade de interceptação remota no estágio atual." Redija alguma coisa no gênero e envie. Deixe tudo bem vago. Você entende.

— Vou mandar já — assentiu Pferdehuf — e anotar a data e a hora em que foi enviado.

Saiu, fechando a porta.

É preciso ficares atento, pensou Reiss ou, de repente, virarás cônsul de um punhado de negros numa ilha qualquer na costa da África do Sul. E quando menos perceberes, estarás com uma mamãe negra como amante e dez ou doze negrinhos te chamando de papai.

Voltando a sentar-se à mesa do café, acendeu um cigarro egípcio Simon Arzt n.º 70, fechando a caixa de metal com cuidado.

Pelo visto, não seria interrompido por algum tempo, de modo que retirou da pasta o livro que estivera lendo, abriu no lugar marcado, acomodou-se na cadeira e retomou a leitura onde fora obrigado a parar.

... percorrera realmente ruas de carros silenciosos, na paz matinal de domingo no *Tiergarten*, há tanto tempo assim? Uma outra vida. *Ice cream*, um gosto que poderia nunca ter existido. Agora cozinhavam urtigas e davam graças a Deus. Meu Deus! gritou. Não vão parar nunca? Os enormes tanques britânicos avançavam. Outro prédio, podia ter sido de apartamentos, ou uma loja, um colégio, um escritório; não sabia mais... as ruínas desmoronaram fragmentando-se. Sob os escombros, outro punhado de sobreviventes enterrado e não se ouvia nem mesmo o barulho da morte. A morte espalhara-se por toda parte sem distinção, sobre os vivos, os feridos, os cadáveres empilhados e já cheirando mal. O cadáver trêmulo e fedorento de Berlim, as torres cegas ainda de pé, desaparecendo sem protesto como esta, este edifício sem nome que o homem erguera um dia com orgulho.

Seus braços, reparou o menino, estavam cobertos por uma película cinzenta, parte fuligem, parte matéria inorgânica, parte o produto final da vida. Tudo misturado agora, constatava o menino, limpando-se. Não pensou muito além; tinha outro pensamento, que dominava sua mente, se era possível pensar no meio dos gritos e estilhaços dos obuses. Fome. Há seis dias vinha se alimentando de urtiga, mas agora tinham acabado.

As últimas macegas haviam desaparecido numa vasta cratera de terra. Outras figuras pálidas, secas, apareceram na orla; como o menino, ficaram em silêncio e depois partiram. Uma velha mãe, com uma *babushka* amarrada na cabeça e, cesta — vazia — no braço. Uma maneta com os olhos tão vazios quanto a cesta. Uma menina. Sumiram no amontoado de árvores arrebitadas onde o menino Eric se escondia.

E a serpente continuava a aproximar-se.

Nunca acabaria? perguntou o menino, falando com ninguém. E se acabasse, o que aconteceria então? Encheriam as barrigas, estes...

— Freiherr — chegou a voz de Pferdehuf — desculpe interrompê-lo. Uma palavrinha só.

Reiss deu um pulo e fechou o livro.

— Pois não.

Como este homem sabe escrever — pensou. Fiquei totalmente absorvido. Real. A queda de Berlim na mão dos ingleses, tão real como se tivesse acontecido. Brrr. Estremeceu.

Incrível, o poder que a ficção, até a ficção popular, barata, tem para evocar as coisas. Não é de estranhar que este livro tenha sido proibido no território do *Reich*; eu mesmo o proibiria. Lamento ter começado a lê-lo. Mas agora é tarde; preciso ir até o fim.

— Alguns marinheiros de um navio alemão — disse seu secretário. — Precisam apresentar-se a você.

— Está bem — disse Reiss.

Foi até a porta e passou para a ante-sala. Encontrou três marinheiros vestindo pesados suéteres cinzentos, todos de cabelos louros, rostos enérgicos, um pouco nervosos. Reiss levantou a mão direita:

— Heil Hitler. Sorriu-lhes ligeiramente.

— Heil Hitler — murmuraram. Começaram a mostrar-lhe seus papéis.

Assim que acabara de certificar a visita deles ao consulado, voltou à sua sala particular. Novamente a sós, reabriu *The Grasshopper Lies Heavy*.

Seus olhos bateram numa cena que envolvia — Hitler. Agora não conseguia mais parar; começou a ler a cena fora de ordem, com a nuca pegando fogo.

Percebeu que se tratava do julgamento de Hitler. Após o fim da guerra. Hitler nas mãos dos Aliados. Nossa Senhora! Também Goebbels, Göring, e todos os outros. Em Munique. Evidentemente, Hitler estava respondendo ao promotor americano.

... negro, flamejante, o espírito dos primeiros tempos pareceu por um instante reacender-se. O corpo trêmulo, acabado, retesou-se; a cabeça ergueu-se. Um grasnar meio latido, meio gemido saiu dos lábios que babavam sem cessar. *Deutsche, hier steh'Ich*. Arrepios percorreram os espectadores, de fones apertados nos ouvidos, com as fisionomias tensas: russos, americanos, ingleses e alemães. Sim, pensou Karl. Ei-lo que reage uma última vez... derrotaram-nos, e fizeram muito mais. Desnudaram este *super-homem*, mostraram sua face verdadeira. Só um...

— Freiherr.

Reiss percebeu que seu secretário entrara na sala.

— Estou ocupado — disse furioso. Fechou o livro com força. — Estou tentando ler este livro, pelo amor de Deus!

Era inútil. Sabia bem.

— Um outro radiograma em código acaba de chegar de Berlim — disse Pferdehuf. — Dei uma olhada quando começaram a decifrar. Trata da situação política.

— Diz o quê? — murmurou Reiss, massageando a testa com a mão.

— O doutor Goebbels falou na rádio inesperadamente. Um discurso importante — o secretário estava excitadíssimo. — Querem que peguemos o texto — que está sendo transmitido fora de código — e o façamos publicar aqui, nos jornais.

— Sim, sim — disse Reiss.

No instante em que seu secretário deixou a sala de novo, Reiss reabriu o livro. Só mais uma olhadinha, apesar da minha resolução... folheou rapidamente o que já havia lido.

... em silêncio, Karl contemplou o caixão coberto pela bandeira. ele jazia ali e agora não voltaria mais, nunca mais. Nem os poderes demoníacos podiam trazê-lo de volta. O homem — ou era afinal, o *Uebermensch*? — que Karl seguira cegamente, adorara... até a beira do túmulo. Adolf Hitler morrera, mas Karl estava vivo. Não vou segui-lo, sussurrou no íntimo. Vou continuar

a viver. E reconstruir. Todos irão reconstruir. Precisamos.

A que distâncias, que distâncias terríveis, fora transportado pela magia do Líder. E em que consistia, agora que fora posto um ponto final naquela incrível carreira, aquela viagem que começa numa aldeia rústica na Áustria, que continua na mais sórdida miséria em Viena, terrível pesadelo das trincheiras, através das intrigas políticas, a fundação do Partido, até a Chancelaria, até o que, por um momento, parecera estar muito perto de ser o domínio mundial?

Karl sabia. Befe. Adolf Hitler mentira a todos. Guiara com palavras vazias.

Não é tarde demais. Percebemos seu blefe, Adolf Hitler. Sabemos finalmente o que você é. E o Partido Nazista, a terrível era de assassinatos e megalômana fantasmagoria, sabemos o que é. O que foi.

Voltando-se, Karl afastou-se do caixão silencioso...

Reiss fechou o livro e ficou sentado um instante. Contra sua vontade, estava perturbado. Deviam ter feito mais pressão sobre os japoneses, disse a si próprio, para que proibissem este maldito livro. Na realidade, é visivelmente proposital da parte deles. Podiam ter prendido esse — como se chama? — Abendsen. Eles têm bastante força no Centro-Oeste.

O que o deixara perturbado fora isto: a *morte* de Adolf Hitler, a derrota e destruição de Hitler, do *Partei*, da própria Alemanha, como foram descritas no livro de Abendsen... Eram, de certa maneira, mais grandiosas, mais no espírito dos velhos tempos que o mundo atual. O mundo da hegemonia germânica.

Como era possível? perguntou-se Reiss. Seria apenas a habilidade de escritor desse homem?

Esses romancistas conhecem mil truques. Vejam os do ator Goebbels; foi assim que começou, escrevendo ficção. Apelar para os mais baixos instintos que se escondem nas profundezas da alma humana por mais respeitáveis que as pessoas pareçam. Sim, o romancista conhece a humanidade, sabe como é desprezível, guiada por seus testículos, hesitante por covardia, traindo qualquer causa por cobiça — basta que alguém toque o tambor e a resposta vem logo. E ele fica rindo, naturalmente, escondido atrás do efeito que produz.

Vejam como agiu sobre meus sentimentos, refletiu *Herr* Reiss, e não sobre meu intelecto; e naturalmente vai ser pago — o dinheiro está aí. Evidentemente havia alguém por trás do *Hundsfott*, dizendo-lhe o que escrever. Escrevem qualquer coisa por dinheiro. Relate um monte de mentiras e o público leva a sério a porcaria que lhe é servida. Onde o livro foi publicado? *Herr* Reiss examinou o exemplar. Omaha, Nebraska. O último posto avançado da antiga e plutocrática indústria editorial dos Estados Unidos, anteriormente situada no centro de Nova York e sustentada por ouro judeu e comunista...

Talvez esse Abendsen seja judeu.

Ainda não desistiram, tentam envenenar-nos. Este *jüdisches Buch...* fechou o *Grasshopper* com violência. O nome dele com certeza era Abendstein. A S.D. na certa já havia averiguado.

Realmente, precisamos mandar alguém ao Estado das Montanhas Rochosas fazer uma visita a *Herr* Abendstein. Gostaria de saber se Kreuz von Meere recebeu alguma instrução a respeito. Na certa não, com a confusão toda em Berlim. Todos estavam ocupados demais com assuntos internos.

Mas esse livro, pensou Reiss, é perigoso.

Se encontrassem Abendstein pendurado do teto uma bela manhã, seria um bom aviso aos que sofreram a influência do livro. A última palavra seria nossa. Um: *post-scriptum*.

Seria preciso um homem branco, é claro. O que será que Skorzeny está fazendo atualmente?

Reiss pesou os prós e os contras, releu a orelha do livro. O judeu vive num forte. Nesse castelo fortificado. Não é trouxa. Quem entrar e matá-lo não sai de lá vivo.

Talvez fosse besteira. Afinal, o livro já foi publicado. Agora é tarde demais. E é território japonês... os homenzinhos amarelos ficariam umas feras.

No entanto, se fosse feito com cuidado... se pudesse ser bem planejado...

Freiherr Hugo Reiss fez uma anotação em seu bloco. Pôr o assunto em andamento com o general da S.S. Otto Skorzeny ou, melhor ainda, com Otto Ohlendorf da *Amt III* do *Reichssicherheitshauptamt*. Ohlendorf não era o chefe do *Einsatzgruppe D*?

E então, de repente, sentiu-se doente de raiva. Pensei que isso tivesse acabado, disse a si próprio. Será preciso continuar sempre? A guerra terminou há anos. E pensamos que tivesse acabado para sempre. Mas aquele fiasco na África, aquele louco do Seyss-Inquart executando os planos de Rosenberg.

O tal *Herr Hope* é quem tem razão, pensou. Com sua piada sobre nossos contatos em Marte. Marte povoada por judeus. Nós os veríamos lá também. Até com suas duas cabeças, e trinta centímetros de altura.

Eu tenho minhas obrigações diárias, pensou. Não tenho tempo para esse tipo de aventura maluca, esse negócio de mandar *Einsatzkommandos* atrás de Abendsen. Estou ocupado demais recebendo marinheiros alemães e respondendo radiogramas em código; deixemos que alguém lá em cima tome a iniciativa de um projeto desses... é negócio deles.

Em todo caso, pensou, se eu instigasse a perseguição e o tiro saísse pela culatra, sei muito bem onde ia acabar: numa cela de prisão do *Eastern General Government*, ou numa câmara sendo borrifado com gás cianureto Zyklon B.

Pegando o bloco, apagou cuidadosamente a anotação e em seguida queimou o papel no cinzeiro de cerâmica.

Bateram e a porta se abriu. Seu secretário entrou com um maço de papéis.

— O discurso do doutor Goebbels. Integral. Pferdehuf colocou os papéis na mesa.

— Leia-o. Está muito bom; um dos melhores. Acendendo outro cigarro Simon Artz n.º 70, Reiss

começou a ler o discurso do doutor Goebbels.

APÓS duas semanas de trabalho quase ininterrupto, *Edfrank Custom Jewellery* já estava com o primeiro lote de peças pronto. Lá estavam elas, em duas tábuas cobertas de veludo preto, e o conjunto todo numa cesta quadrada de origem japonesa. Ed McCarthy e Frank Frink tinham feito cartões de visita. Gravaram seu nome numa borracha de apagar e o imprimiram em vermelho e completaram os cartões num aparelho de impressão de brinquedo. O efeito — usaram cartolina pesada, de alta qualidade, colorida, própria para cartões de Natal — ficou deslumbrante.

Em todos os seus aspectos, o trabalho tinha sido de profissionais. Examinando suas jóias, cartões e mostruário, não viam nenhuma indicação de amadorismo. Por que haveria de ter? pensou Frank Frink. Somos ambos profissionais, não em joalheria, mas em trabalhos de oficina, em geral.

As prateleiras de mostruário comportavam uma boa variedade. Pulseiras feitas de latão, cobre, bronze e até ferro fundido. Pingentes, a maioria de latão, com enfeites de prata. Brincos de prata. Broches de prata ou latão. A prata tinha saído cara; até a solda de prata custara um dinheirão. Havia comprado algumas pedras semipreciosas, também, para montar os broches: pérolas barrocas, jade, lascas de opala cor de fogo. E, se tudo corresse bem, tentariam ouro e talvez diamantes de cinco ou seis quilates.

O ouro é que iria dar-lhes lucros reais. Já tinham começado a procurar fontes de ouro velho, peças antigas derretidas sem nenhum valor artístico — muito mais barato que comprar ouro novo. Mas mesmo assim, seria uma despesa enorme. E contudo, um broche de ouro vendido daria mais do que quarenta broches de latão. E podiam pedir praticamente qualquer preço no mercado varejista por um broche de ouro realmente bem desenhado e bem executado... partindo do pressuposto, como ressaltara Frink, que fosse vendido.

Até agora não tinham nem tentado. Resolveram primeiro o que parecia ser seus problemas técnicos básicos; já estavam com sua banca de trabalho, motores, máquina de cabo flexível, eixo e rodas para polimento. Na verdade, já estavam com uma coleção completa de ferramentas para acabamento, desde as escovas grossas

de arame às de latão e rodas de Cratex, aos polidores revestidos de algodão, linho, couro e pêlo de camelo, que podiam utilizar desde compostos de esmeril e pedra-pomes ao mais delicado pó de ferro. E, naturalmente, tinham também o material de solda de oxiacetileno, seus tanques, manômetros, mangueiras, pontas, máscaras.

E magníficas ferramentas de ourives. Alicates da Alemanha e da França, micrômetros, brocas de diamante, serras, tenazes, pinças, soldadeiras de três bicos, tornos mecânicos, flanelas para polimento, tosquiadeiras, martelos minúsculos feitos a mão... Toda uma variedade de material de precisão. E seu estoque de bastões de solda de diversos graus, chapas de metal, suportes, elos, fechos de brinco. Gastaram mais de metade dos dois mil dólares; no momento a conta bancária Edfrank continha apenas duzentos e cinquenta dólares. Mas estavam legalmente estabelecidos; tinham até alvará dos E.A.P.. Agora só faltava vender.

Nenhum comerciante, pensou Frink, examinando o mostruário, poderá ser mais severo que

nós. Aquelas poucas peças selecionadas, cada uma cuidadosamente verificada, estavam com ótima aparência. Nada de soldas mal feitas, bordas irregulares, manchas coloridas pela ação do fogo... Seu controle de qualidade era excelente. A menor opacidade ou arranhão de escova metálica bastava para que a peça voltasse à oficina. Não podemos nos permitir apresentar trabalho grosseiro ou mal-acabado; uma mancha preta que passar despercebida num colar de prata e estamos fritos.

A primeira loja em sua lista era a de Robert Childan. Mas só Ed podia ir lá; Childan certamente se lembraria de Frank Frink.

— Cabe a você vender a maior parte — disse Ed, mas estava resignado a falar com Childan ele mesmo.

Comprara um bom terno, gravata nova, camisa branca, para dar boa impressão. Apesar disso, não se sentia à vontade.

— Sei que somos bons — disse pela milionésima vez. — Mas... que inferno.

As peças, em sua maioria, eram abstratas; espirais; de arame, curvas, formas até certo ponto assumidas; pelos metais ao serem fundidos. Algumas tinham a delicadeza, a leveza de uma teia de aranha; outras um; peso forte, maciço, quase bárbaro. Havia uma enorme variedade de formas, considerando as poucas peças que repousavam nas bandejas de veludo; e apesar disso, percebeu Frink, uma só loja poderia comprar tudo o que temos aqui exposto. Visitaremos cada loja uma vez — se falharmos. Mas se formos bem sucedidos, se conseguirmos que se interessem por nossa linha de produção, vamos passar o resto da vida preparando remessas.

Juntos, os dois colocaram os mostruários na cesta de vime. Na pior das hipóteses, pensou Frink, poderemos revender o metal. E as ferramentas e equipamento; podemos desfazer-nos deles com prejuízo, mas ao menos alguma coisa teremos.

Era o momento de consultar o oráculo. Perguntar: qual será o resultado desta primeira tentativa de venda? Mas estava nervoso demais. Podia sair um presságio negativo, e não se sentia capaz de enfrentá-lo. Em todo caso, a sorte estava lançada: as peças prontas, a loja montada — independente da opinião do I Ching no momento.

Não pode vender nossas jóias por nós... Não pode dar-nos sorte.

— Vou tentar Childan primeiro — disse Ed. — Talvez possamos colocar tudo lá. E depois você tentará uma ou duas lojas. Você vem, não é? No caminhão. Vou estacionar na esquina.

Entrando no caminhão com a cesta, Frink pensou:

Deus sabe que bons vendedores somos Ed ou eu. Childan pode ser convencido, mas vai ser fogo.

Se Juliana estivesse aqui, pensou, seria capaz de entrar e fazer tudo num instante; ela é bonita, sabe falar com qualquer pessoa e é mulher. Afinal, são jóias de mulher. Podia usá-las para ir à loja. Fechando os olhos, tentou imaginar como ficaria uma de suas pulseiras no braço dela. Ou um daqueles grandes colares de prata. Com seus cabelos negros e sua pele clara, olhos tristes, perspicazes... vestindo um suéter cinzento, um pouco apertado, a prata repousando na pele nua, o metal subindo e descendo à medida que respirava...

Meu Deus, como estava viva em sua mente, neste instante. Via seus dedos fortes e finos apanhando e examinando as jóias que tinham feito; jogando o cabelo para trás, levantando a jóia. Juliana escolhendo, sempre testemunha de seu trabalho.

Brincos ficariam melhor nela, pensou. Aqueles pingentes, brilhantes, especialmente o de

latão. Com seu cabelo preso por uma fivela ou cortado curto, de modo a ressaltar sua nuca e orelhas. E poderíamos fotografá-la para publicidade. ele e Ed haviam discutido a possibilidade de um catálogo, para que pudessem vender pelo correio a outras partes do mundo. Ela ficaria fantástica... Sua pele é bonita, saudável, sem pregas e sem rugas, e uma bela cor. Será que topava, se conseguisse localizá-la? Independente de sua opinião a meu respeito; nada a ver com nossa vida pessoal. Seria puramente comercial.

Que diabo, não seria eu a tirar as fotos. Contrataríamos um profissional. Ela ia gostar disso. Sua vaidade na certa é a mesma de sempre. Sempre gostou de que olhassem para ela, que a admirassem. Não importa quem. Suponho que a maioria das mulheres é assim. Exigem atenção perpétua. São muito infantis nesse sentido.

Juliana nunca pôde suportar ficar só, pensou; precisava ter-me sempre ao seu lado, elogiando, elogiando. As criancinhas são assim: acham que se os pais não~ estão olhando o que fazem, aquilo deixa de ser real. Na certa ela está agora com um sujeito que lhe dá atenção. Dizendo-lhe como é bonita. Suas pernas. Seu ventre macio e chato...

— O que é que há? — disse Ed, observando-o. — Perdendo a coragem?

— Não — disse Frink

— Não vou só ficar parado lá — disse Ed. — Tenho umas idéias aqui na caixola. E vou te dizer uma coisa: não estou com medo. Não estou intimidado só porque é um lugar chique e fui obrigado a vestir um terno bacana. Confesso que não gosto de me arrumar. Confesso que não estou a vontade. Mas isso não interessa. Vou entrar lá e enrolar aquele palhaço.

Você é que é feliz, pensou Frink

— Que diabo, se você pôde entrar lá como fez — disse Ed — e contar aquela história de ser o ajudante de um almirante japonês, eu devo ser capaz de dizer-lhe a verdade, que estas são jóias de boa qualidade, criações originais, feitas a mão, que...

— *Trabalhadas* a mão — disse Frink

— É. *Trabalhadas* a mão. Quero dizer, vou entrar lá e não vou sair até arrancar o dinheiro dele. ele deve comprar. Se não comprar é porque é muito maluco. Já olhei por toda parte; não há nada parecido com nosso trabalho à venda. Puxa, quando penso que ele talvez vá olhar e não comprar... fico tão furioso que sou capaz de sair no tapa.

— Vê se lembra de dizer que não é folheado — disse Frink — Que o cobre é cobre maciço e o latão é latão maciço.

— Deixa eu fazer as coisas à minha maneira — disse Ed. — Estou com algumas boas idéias-

U que eu posso fazer é o seguinte, pensou Frink r posso apanhar um par de peças — Ed não vai ligar —, empacotá-las e mandar para Juliana. Assim ela vai ver o que estou fazendo. As autoridades postais podem localizá-la; mando registrado para seu último endereço. O que será que vai dizer quando abrir a caixa? Porei dentro um bilhete explicando que fui eu quem fez; que sou sócio de um novo negócio de fabricação de jóias originais. Vou estimular sua imaginação, contando uma história que dê vontade de saber mais, assim ficará interessada. Vou falar de pedras e de metais. Das casas,, para as quais vendemos, das lojas elegantes...

— Não é por aqui? — pergunta Ed, diminuindo a marcha. Estavam no meio do intenso trânsito do centro; edifícios escondiam o céu. — É melhor eu estacionar.

— Faltam cinco quarteirões — disse Frink

— Tens um daqueles cigarros de *marijuana*? — perguntou Ed. — Um deles me acalmaria

agora.

Frink passou-lhe seu maço de *Tien-lais*, a mistura "Música Celeste" que aprendera a fumar na *W.-M. Corporation*.

Sei que ela está vivendo com alguém, disse Frink a si mesmo. Dormindo com ele. Como se fosse sua mulher. Eu conheço Juliana. Não agüentaria de nenhuma outra maneira; sei como fica ao anoitecer. Quando fica frio e escuro e todo mundo está em casa sentado na sala. Ela não foi feita para a vida solitária. Nem eu, concluiu ele.

Talvez o cara seja um bom sujeito. Algum estudante tímido que ela apanhou. Ela seria uma boa mulher para um jovem que nunca teve coragem de chegar perto de mulher. Ela não é dura nem cínica. Faria muito bem a ele. Só espero que não esteja com um homem mais velho que ela. Isso eu não suportaria. Um camarada experiente e mesquinho, com um palito enfiado na boca, dando ordens.

Começou a respirar mal. Veio-lhe a imagem de um sujeito peludo, carnudo, explorando Juliana, fazendo de sua vida um inferno... Sei que ela acabará se suicidando, pensou. Está nas cartas: se ela não encontrar o homem certo... e isso significa um tipo gentil, sensível, um estudante delicado que será capaz de apreciar todos os seus pensamentos.

Eu era duro demais com ela, pensou. E não sou tão ruim assim; há uma porção de caras piores. Eu imaginava mais ou menos o que ela estava pensando, o que queria, quando se sentia só, mal ou deprimida. Passei um tempão me preocupando, cuidando dela. Mas não foi o suficiente. Ela merecia mais. Ela merece muito, pensou.

— Vou estacionar — disse Ed.

Encontrara uma vaga e estava dando marcha-ré, olhando para trás.

— Escuta — disse Frink. — Posso mandar um par de peças à minha mulher?

— Não sabia que você era casado — Ed respondeu distraído, ocupado em encostar. — Claro, contanto que não sejam de prata.

Ed desligou o motor.

— Chegamos — disse. Deu umas tragadas mais, apagou o cigarro no painel e jogou a ponta no chão. — Deseje-me sucesso.

— Sucesso — disse Frank Frink.

— Ei, olhe! Há um daqueles poemas *waka*, japoneses no verso deste maço. Ed leu o poema alto, por cima do ruído do tráfego.

Ouvindo o grito do cuco,

Olhei na direção

De onde vinha o som;

E o que vi?

Apenas a lua pálida no céu do amanhecer.

Devolveu o maço de *Tien-lais* a Frink.

— Cruzes! — exclamou e, dando um tapa nas costas de Frink, mostrou os dentes, abriu a porta, apanhou a cesta e desceu do caminhão.

— Vou te deixar colocar a moeda no parquímetro — disse, afastando-se pela calçada.

Num segundo desapareceu entre os outros pedestres.

Juliana, pensou Frink. Será que você está tão sozinha quanto eu?

Desceu do caminhão e pôs uma moeda na fenda do parquímetro.

É medo, pensou. Toda essa história de joalheria. *E se não der certo? E se não der certo?* Era

como dizia o oráculo. Choro, lamentações e a ruína.

O homem enfrenta as sombras que envolvem sua vida. Seu caminho para o túmulo. Se ela estivesse aqui não seria tão ruim. Nada ruim.

Estou com medo, percebeu. E se Ed não vender nada? E se rirem da gente?

E daí?

Juliana estava deitada sobre um lençol no chão da sala do apartamento, segurando Joe Cinadella contra ela. O quarto estava quente e abafado com o sol do meio-dia. Seu corpo e o do homem em seus braços estavam úmidos de suor. Um pingo, escorrendo da testa de Joe, deteve-se um instante na maçã de seu rosto e caiu no pescoço dela.

— Você ainda está suando — murmurou ela.

Ele não respondeu. Sua respiração era longa, lenta, regular... feito o oceano, pensou. Não somos mais do que água por dentro.

— Que tal? — perguntou ela. Resmungou que foi perfeito.

Também achei, pensou Juliana. Tenho certeza. Agora precisamos levantar, nos arrumar. Ou isso é ruim?" Sinal de desaprovação do subconsciente? ele se mexeu.

— Vais levantar? — Ela conservou-o apertado entre os braços. — Não. Ainda não.

— Não tens que ir à academia?

Não vou à academia, disse Juliana a si própria. Você não sabe? Vamos a algum lugar; não vamos ficar aqui por muito tempo. Mas vai ser um lugar onde nunca fomos. Está na hora.

Ela sentiu que ele se libertava, punha-se de joelhos, as mãos dela deslizaram pelas suas costas úmidas, escorregadias. Depois ouviu seus passos, seus pés descalços no chão. Foi ao banheiro, na certa. Tomar uma chuveirada.

Acabou, ela pensou. Ainda bem. Suspirou.

— Estou te ouvindo — disse Joe do banheiro. — Estás gemendo. Sempre deprimida, hein? Preocupação,, medo, suspeita, de mim e do mundo...

Saiu, por um instante, pingando água e sabão, sorrindo.

— Que tal uma viagem? Seu pulso acelerou.

— Aonde?

— A uma cidade grande. Que tal para o norte, Denver? Vou te levar para passear; comprar entradas para um espetáculo, ir a um bom restaurante, andar de táxi, comprar-te um vestido de noite ou o que quiseres. Tá?

Ela mal podia, mas queria, tentava acreditar.

— Teu velho Stude agüenta? — perguntou Joe.

— Claro.

— A gente pode comprar roupa fina para os dois — disse ele. — Vamos nos divertir, talvez pela primeira vez em nossas vidas. Isso impedirá que você estoure.

— E o dinheiro?

— Eu tenho — disse Joe. — Olha na minha mala.

Fechou a porta do banheiro; o barulho da água interrompeu a conversa.

Abrindo o armário, ela tirou a maleta surrada. Era verdade, no canto encontrou um envelope;

continha notas grandes do *Reichsbank*, válidas em toda parte. Então podemos ir, percebeu. Talvez não esteja me levando na conversa. Eu queria era entrar dentro dele e ver o que há por lá, pensou contando o dinheiro...

Por baixo do envelope encontrou uma caneta grande, cilíndrica, ou ao menos era o que parecia; tinha, inclusive um pregador. Mas era muito pesada. Tirou cuidadosamente o objeto da mala, desatarraxou a tampa. Sim, tinha uma ponta de ouro. Mas...

— O que é isso? — perguntou a Joe quando ele ressurgiu do chuveiro.

Ele apanhou o objeto e recolocou-o na mala. Com que cuidado o segurava... notou ela, refletindo, perplexa.

— Mais morbidez? — perguntou Joe.

Parecia tranqüilo, mais do que em qualquer outra ocasião desde que o conhecera; com um grito de entusiasmo, pegou-a pela cintura, levantou-a nos braços, balançando seu corpo, para frente e para trás, estudando seu rosto, soprando seu hálito quente sobre ela, apertando até fazê-la gemer.

— Não — disse ela. — É só que... custo a mudar. E ainda tenho um pouco de medo de você, pensou.

Tanto que não posso nem falar no assunto, nem contar o que é.

— Pela janela — gritou Joe, caminhando pela sala com ela nos braços. — Lá vamos nós.

— Por favor — disse ela.

— Estou brincando. Escuta... Vamos começar uma marcha, como a Marcha sobre Roma. Você se lembra.

O Duce guiou-os, a gente como meu tio Cario por exemplo. Agora trata-se de uma pequena marcha, menos importante, que não será mencionada nos livros de história. Certo? — Abaixando a cabeça, deu-lhe um beijo na boca, com tanta força que seus dentes se chocaram. — Vamos ficar lindos, de roupa nova. E você pode me ensinar como falar, como me comportar, certo? Você me ensinará boas maneiras; combinado?

— Você fala bem — disse Juliana. — Melhor que eu até.

— Não — sua fisionomia de repente tornou-se sombria. — Falo muito mal. Sotaque de carcamano mesmo. Você não percebeu quando me conheceu no café?

— Acho que sim — respondeu ela; não achava importante.

— Só uma mulher conhece as convenções sociais — disse Joe, carregando-a de volta e deixando-a cair, assustada, na cama. — Sem as mulheres, discutiríamos carros de corrida, cavalos e contaríamos piadas sujas; sem nenhuma educação.

Que humor estranho, pensou Juliana. Inquieto e pensativo, até o momento em que resolve partir; então fica exuberante. Você quer mesmo que eu vá? Você pode me largar, me deixar aqui; já aconteceu antes. Se eu tivesse que ir embora, pensou, eu te largaria.

— Isso é teu ordenado? — perguntou enquanto ele se vestia. — Você economizou?

Era muito dinheiro. Claro, no Leste havia muito dinheiro.

— Os outros motoristas que eu conheci nunca...

— Você acha que eu sou motorista? — interrompeu Joe. — Escuta: eu dirigia aquele caminhão não porque fosse motorista mas para defendê-lo dos assaltantes. Eu parecia um motorista, cochilando no volante.

Deixando-se cair na cadeira, no canto da sala, recostou-se fingindo dormir, boca aberta,

corpo mole.

— Tá vendo?

De início não viu. Depois percebeu que em sua mão havia uma faca, dessas finas, de cortar batata-palha. Nossa senhora, pensou. De onde saíra aquilo? De sua manga; do ar.

— Foi por isso que o pessoal da Volkswagen me contratou. Pela minha folha de serviço. Nós nos protegemos contra Haselden, contra os comandos de que ele era líder. — Seus olhos negros soltavam faísca; sorriu de lado para Juliana. — Adivinha quem liquidou o coronel, no final, quando os alcançamos no Nilo — ele e quatro membros do seu *Long Range Desert Group*, meses após a campanha do Cairo. Assaltaram-nos uma noite para roubar gasolina. Eu estava de sentinela. Haselden aproximou-se, com a cara, o corpo, até as mãos pintados de preto; daquela vez não tinham arame, só granadas e metralhadoras. Tudo muito barulhento. ele tentou partir minha laringe. Eu o peguei.

Joe saltou da cadeira, rindo.

— Vamos fazer as malas. Telefona ao pessoal da Academia e diz que vais tirar uns dias de férias.

Sua história não a convencia. Talvez nem tivesse estado no Norte da África, nem tivesse lutado do lado do Eixo, talvez não tivesse mesmo lutado. Que assaltantes? perguntou-se. Nenhum caminhão, que ela soubesse, tinha vindo da Costa Leste por Canon City, com um ex-soldado profissional armado como guarda. Talvez não tivesse nem morado nos Estados Unidos, talvez fosse tudo mentira desde o início; um papo para enfeitar a cantada, para interessá-la, parecer romântico.

Talvez seja louco, pensou. Gozado... Talvez eu acabe fazendo o que pretendi fazer inúmeras vezes: usar meu judô para me defender. Para salvar... minha virgindade? Minha vida, pensou. Mas o mais provável

é que ele seja apenas um *carcamano* pobre coitado, com. mania de grandeza; quer fazer uma farra, gastar todo seu dinheiro, levar uma boa vida... e depois voltar à sua monótona existência. E precisa de uma garota para acompanhá-lo.

— Está bem — disse. — Vou ligar para a Academia. Dirigindo-se ao hall, ela pensou: vai me comprar roupas caras e levar-me a um hotel de luxo. Todo homem sonha ter uma mulher bem vestida antes de morrer, mesmo que seja obrigado a comprar-lhe as roupas ele mesmo. Esta farra na certa é o sonho da vida de Joe Cinadella. E ele é esperto — aposto que tinha razão quando me analisou — tenho um terror neurótico de homem. Frank também sabia. Foi por isso que nos separamos; é por isso que ainda hoje sinto esta ansiedade, esta desconfiança.

Quando voltou do taxifone, encontrou Joe novamente mergulhado no *Grasshopper*, de cara fechada, alheio ao mundo.

— Quando você vai me deixar ler isso? — perguntou.

— Talvez enquanto eu dirigir — disse Joe, sem levantar os olhos.

— *Você* vai dirigir? Mas é meu carro!

Ele não respondeu. Apenas continuou a ler.

Da caixa registradora, Robert Childan levantou a cabeça para olhar um homem alto, magro, moreno, entrando na loja. O homem vestia um terno quase na moda e trazia no braço uma

grande cesta. Vendedor. Mas faltava o sorriso alegre; em lugar disso, tinha uma expressão sombria, triste, em seu rosto curtido. Parece mais um bombeiro ou eletricitista, pensou Robert Childan.

Quando acabou de atender o cliente, Childan chamou o homem:

— Quem você representa?

— *Edfrank Jewellery* — resmungou de volta o homem.

Colocara a cesta em cima de um dos balcões.

— Nunca ouvi falar.

Childan aproximou-se, sem pressa, enquanto o homem abria e levantava a tampa com um incrível exagero de movimentos.

— Trabalhados a mão. Exemplares únicos. Cada modelo original. Latão, cobre, prata. Até ferro fundido.

Childan espiou dentro da cesta. Metal em veludo preto, estranho.

— Não, obrigado. Não é meu gênero de comércio.

— Isto representa uma criação artística americana, contemporânea.

Balançando a cabeça negativamente, Childan voltou à caixa.

Por um momento, o sujeito ficou mexendo nos mostruários de veludo e na cesta. Não estava nem tirando nem guardando; parecia não saber o que estava fazendo. De braços cruzados, Childan observou-o, pensando nos diversos problemas do dia. Às duas da tarde tinha hora marcada para mostrar umas xícaras antigas. Depois, às três — *i* outra remessa voltando dos *Cal Labs*, chegando do teste de autenticidade. Estava mandando examinar mais e mais peças, nas duas últimas semanas. Desde aquele incidente desagradável com o Colt 44.

— Não são folheados — disse o homem com a cesta, mostrando uma pulseira. — Puro cobre.

Childan concordou com a cabeça. O sujeito ia-se demorar um pouco, mexendo nas amostras, mas acabaria indo embora.

O telefone tocou. Childan atendeu. Era um cliente, indagando sobre uma cadeira de balanço antiga,, muito valiosa, que Childan estava mandando consertar para ele. Não estava pronta e Childan teve que inventar uma desculpa convincente. Olhando o trânsito do meio-dia pela vitrine da loja, conseguiu convencê-lo. Finalmente, o cliente, um pouco apaziguado, desligou.

Não havia a menor dúvida, pensou colocando o telefone no gancho. Aquela história do Colt 44 abalara o consideravelmente. Já não olhava sua mercadoria com os mesmos olhos. O conhecimento dessas coisas vem de longe. É como o despertar da infância; as coisas da vida. Mostra, refletiu, a ligação com nossos primeiros anos: não é apenas a história dos Estados Unidos que está em jogo, mas a nossa pessoal. Como se surgissem dúvidas quanto à autenticidade de nossa certidão de nascimento. Ou nossa impressão sobre nosso pai.

Talvez na verdade eu não me lembre de F.D.R., por exemplo. Tenho dele uma imagem sintética, lentamente formada à força de ouvir falar. Um mito sutil-mente implantado na matéria cinzenta. Como o mito de Hepplewhite, o mito de Chippendale. Ou talvez mais na linha de "Abraham Lincoln comeu aqui". ele usou esta velha faca de prata, esta colher, este garfo. Não se vê, mas o fato permanece.

No outro balcão, ainda mexendo com suas amostras e a cesta, o vendedor disse:

— Podemos fazer objetos de encomenda. A pedido. Se algum de seus clientes tiver uma idéia

própria.

Sua voz estava um tanto estrangulada; pigarreou, fitando Childan e em seguida a jóia que tinha na mão. Não sabia como ir embora, evidentemente.

Childan sorriu e não disse nada.

Não depende de mim e sim dele, sair daqui. Tenha ou não vendido alguma coisa.

É duro, é desagradável. Mas ele não precisa ser vendedor. Todos sofreremos nesta vida. Eu, por exemplo. Agüentando esses japoneses o dia todo, japoneses como Mr. Tagomi. Com uma simples inflexão conseguem humilhar-me, tornar minha vida um inferno.

E então veio-lhe uma idéia. Aquele sujeito obviamente não tinha experiência. Bastava olhar. Talvez eu obtenha alguma coisa em consignação. Vale à pena tentar.

— Ei — disse Childan.

O homem levantou a cabeça depressa, o olhar fixo. Aproximando-se dele, ainda de braços cruzados, Childan continuou:

— Parece que vamos ter uma meia hora de calma, aqui. Não prometo nada, mas você pode arrumar algumas dessas coisas aí no balcão. Tire aquelas gravatas de lá.

Apontou. Assentindo, o homem começou a abrir um espaço em cima do balcão. Reabriu a cesta e, novamente, mexeu nas bandejas de veludo.

Vai tirar tudinho, sabia Childan. Ajeitar com o maior cuidado durante uma hora ou mais. Cuidando e ajustando até estar com tudo montado. Esperando. Rezando. Espiando-me a cada segundo com o canto do olho. Para ver se demonstro algum interesse. Por menor que seja.

— Quando o senhor estiver pronto — disse Childan — se eu não estiver ocupado demais dou uma olhada.

O homem trabalhou febrilmente, como se estivesse galvanizado. Então vários clientes entraram na loja e Childan cumprimentou-os. Deu-lhes toda atenção ao que desejavam e esqueceu o vendedor arrumando o mostruário. O vendedor, compreendendo a situação, começou a trabalhar furtivamente, para não ser notado. Childan vendeu uma caneca de barbeiro, quase vendeu um tapete feito a mão e recebeu um depósito por uma colcha tricotada. O tempo passou. Finalmente os clientes saíram. A loja agora estava vazia, à exceção dele e do vendedor.

O vendedor terminara. Sua inteira seleção de jóias estava arrumada no veludo preto em cima do balcão.

Indo até lá devagar, Robert Childan acendeu um *Land-O-Smiles* e ficou se balançando nos calcanhares, cantarolando baixinho. O vendedor ficou em silêncio. Nenhum dos dois abriu a boca.

Finalmente Childan estendeu a mão e apontou um broche:

— Gostei.

— É dos bons — disse o vendedor rapidamente. — Não encontrará nenhum arranhão. Tudo bem acabado. Não perde o brilho. Usamos um verniz plástico que dura anos. É o melhor verniz industrial que existe.

Childan assentiu ligeiramente.

— O que fizemos aqui — disse o vendedor — foi adaptar técnicas industriais testadas e aprovadas à fabricação de jóias. Que eu saiba, é a primeira vez que se faz alguma coisa no gênero. Nada de formas. Tudo metal contra metal. Soldado a bronze. — Parou. — Os pregadores recebem solda dupla.

Childan apanhou duas pulseiras. Depois um broche. Ficou com eles na mão um instante e colocou-os de lado.

O rosto do vendedor crispou-se. Esperança.

Examinando a etiqueta de um colar, Childan perguntou :

— Isso é...

— Preço de varejo. Para o senhor é 50% disso. E se comprar, digamos, em torno de uns cem dólares, damos um desconto adicional de 2%.

Uma por uma, Childan separou várias outras peças. A cada uma que apanhava, o vendedor ficava mais e mais agitado; falava cada vez mais depressa, acabando por se repetir, dizendo bobagens sem o menor sentido, em voz baixa e apressada, file acha mesmo que vai me vender, pensou Childan. Sua própria expressão não revelava nada; continuou com o jogo de selecionar peças.

— Este é especialmente bom — continuou o vendedor, vendo Childan pescar um pingente bem grande e parar. — Acho que o senhor escolheu as melhores. Todas as melhores — o homem riu. — O senhor tem bom gosto.

Seus olhos dardejavam. Estava somando de cabeça o que Childan escolhera. O total da venda.

— Nossa política, com mercadoria nova, é recebê-la em consignação — disse Childan.

Por alguns instantes o vendedor não compreendeu. Parou de falar, mas ficou olhando, sem compreender. Childan sorriu-lhe.

— Em consignação — ecoou o vendedor, por fim.

— Prefere levar de volta? — disse Childan. Gaguejando, o homem finalmente falou:

— Quer dizer que eu deixo a mercadoria e o senhor me paga depois, quando...

— Você recebe dois terços do preço de venda. Quando as peças forem vendidas. Assim ganha muito mais. É preciso esperar, naturalmente, mas... — Childan deu de ombros. — Depende de você. Talvez possa colocar na vitrine. E se tiver saída, então mais tarde, talvez, dentro de um mês mais ou menos, com o próximo pedido... Bom, talvez possamos comprar alguma coisa diretamente.

O vendedor gastara mais de uma hora mostrando sua mercadoria, percebeu Childan. Tirara tudo da cesta. Todos seus mostruários estavam desarrumados e desmantelados. Mais uma hora de trabalho para arrumar tudo e levar a outro lugar. Fez-se silêncio. Nenhum dos dois falou.

— Aquelas peças que pôs de lado... — disse o vendedor em voz baixa. — São essas que deseja?

— Sim. Pode deixar todas — Childan foi até o escritório nos fundos. — Vou dar lhe um recibo. Assim. Terá uma lista do que deixou comigo.

Voltando com o livro de recibos, acrescentou:

— Você sabe que, quando uma mercadoria é deixada em consignação, a loja não assume responsabilidade em caso de roubo ou dano.

Deu um papel mimeografado para o vendedor assinar. A loja nunca teria que prestar contas dos artigos deixados. Quando a parte não vendida fosse devolvida, se estivesse faltando... teria que ser roubo, pensou Childan. Sempre acontecia em lojas. Especialmente coisas pequenas como jóias.

Não havia como Robert Childan sair perdendo. Não precisava pagar as jóias ao sujeito; não

precisava fazer investimento algum. Se vendesse saía lucrando, caso contrário, devolvia tudo — ou o que pudesse ser encontrado — em alguma vaga ocasião futura.

Childan fez o recibo, acrescentando uma lista daí jóias. Assinou e deu uma cópia ao vendedor.

— Telefone — disse — daqui a um mês mais ou menos. Para saber como vão as coisas.

Apanhando as jóias que queria, foi até o fundo da loja, deixando que o vendedor reunisse o resto.

Nunca pensei que fosse topar, pensou. Nunca se sabe. Por isso vale a pena tentar sempre.

Quando levantou a cabeça de novo, viu que o vendedor estava pronto para partir. Carregava a cesta debaixo do braço e o balcão estava livre. O vendedor estava se aproximando dele, estendendo-lhe algo.

— Sim? — disse Childan, que estava abrindo a correspondência.

— Quero deixar lhe nosso cartão. — O vendedor ofereceu um estranho quadradinho de papel cinza e vermelho: *Edfrank Custom Jewellery*. — Tem o nosso endereço e o número do telefone. Para o caso de o senhor querer se comunicar conosco.

Childan balançou a cabeça, sorriu em silêncio e voltou ao trabalho.

Quando de novo interrompeu-se e levantou a cabeça a loja estava vazia. O vendedor tinha ido embora.

Colocando uma moeda no automático fixado na parede, Childan obteve uma xícara de chá quente instantâneo que sorveu pensativamente.

Será que vai vender? perguntou-se. Era pouco provável. Mas são bem feitos. E não se vê coisa parecida. Examinou um dos broches. É um desenho curioso. Evidentemente não são amadores.

Vou mudar as etiquetas. Aumentar os preços. Insistirei no ângulo "feito a mão". E o caráter único. Peças originais. Pequenas esculturas. Use uma obra de arte. Uma criação exclusiva em sua lapela ou pulso.

E havia outra idéia circulando e crescendo no fundo do pensamento de Robert Childan. *Com esses objetos não há problema de autenticidade*. E esses problemas podem vir a acabar com a indústria de artesanato histórico americano. Não hoje nem amanhã — mas depois, quem sabe?

Era mais garantido não botar todos os ovos na mesma cesta. A visita daquele judeu escroque talvez fosse um presságio. Se eu adquirir na surdina um estoque de objetos não históricos, de trabalhos contemporâneos sem historicidade real ou imaginária, poderei manter-me na linha de frente. E já que não me custa nada...

Reclinando a cadeira, de modo a encostá-la na parede, saboreou seu chá, refletindo.

O Momento está para se transformar. Deve-se estar pronto para acompanhá-lo. Ou fica-se na mão. *Adaptar-se*.

A regra da sobrevivência, pensou. Observar com olhos lúcidos a situação ao redor. Aprender suas exigências. E — confrontá-las. Estar lá na *hora certa* fazendo a *coisa certa*.

Ser *yinnish*. O oriental sabe. Os olhos *yin* negros e espertos...

De repente, teve uma boa idéia; no mesmo instante endireitou-se na cadeira. Dois coelhos de uma só cajadada. Ah! Deu um salto, ficou de pé, excitado. Embrulhar cuidadosamente a melhor das jóias (tirando a etiqueta, claro). Um broche, um pingente, ou uma pulseira. Algo belo, em todo caso. E — já que precisas deixar a loja, fechar às duas, nesse caso — dar um pulo até a

casa dos Kasouras. Mr. Kasoura, Paul, estará no trabalho. Mrs. Kasoura, Betty, contudo, *provavelmente estará em casa.*

Dar-lhe de presente esse produto original de um novo artesanato americano. Uma homenagem pessoal minha, para sentir a reação de pessoas importantes. É assim que se introduz uma nova linha de produtos. Não é lindo? Há uma grande quantidade na loja; apareça; etc. Este é para você, Betty.

Estremeceu. Só ela e eu de tarde, no apartamento. O marido no trabalho. Tudo muito correto, porém; um: brilhante pretexto.

Perfeito!

Apanhando uma caixinha, papel e fita, Robert Childan começou a preparar o presente para Mrs. Kasoura. Aquela mulher morena, atraente, esbelta em seu vestido de seda oriental, salto alto, e assim por diante. Ou talvez esteja hoje de pijama de algodão azul, estilo *coolie*, leve, confortável, informal. Ah! suspirou.

Ou é muita audácia? O marido Paul zangando-se, descobrindo e reagindo mal. Talvez seja melhor ir devagar; levar o presente a *ele*, no escritório? Contar-lhe a mesma história, só que a ele. Deixar que ele lhe dê o presente; nenhuma suspeita. E, pensou Robert Childan, posso telefonar a Betty amanhã ou depois para saber sua reação.

Mais perfeito ainda!

Quando Frank Frink viu seu sócio voltando calçada acima, percebeu logo que as coisas não tinham ido bem.

— O que houve? — perguntou, tirando a cesta das mãos de Ed e colocando-a no caminhão.
— Nossa Senhora, você demorou mais de uma hora e meia. Ele levou esse tempo todo para dizer não?

— Ele não disse que não — respondeu Ed. Parecia exausto. Entrou no caminhão e ficou sentado.

— Disse o quê, então? — Abrindo a cesta, Frink viu que havia muitas peças faltando. Das melhores. — ele apanhou um monte. O que foi, então?

— Em consignação — disse Ed.

— E você topou? — Não podia acreditar. — Mas nós discutimos...

— Não sei como foi.

— Nossa Senhora! — disse Frink.

— Sinto muito. Parecia que ia comprar. Escolheu um monte. Pensei que estivesse comprando.

Ficaram sentados juntos em silêncio no caminhão.

TINHAM sido duas semanas terríveis para Mr. Baynes. De seu quarto, no hotel, telefonara todos os dias ao meio-dia para saber se o velho senhor aparecera na Missão Comercial. A resposta era invariavelmente não. A voz de Mr. Tagomi tornava-se cada dia mais fria

e mais formal. Enquanto Mr. Baynes preparava-se para fazer a décima sexta chamada, pensou: Mais cedo ou mais tarde vão me dizer que Mr. Tagomi saiu. Que não atenderá mais telefonemas meus. E vai ser assim.

O que aconteceu? Onde está Mr. Yatabe?

Tinha uma idéia aproximada. A morte de Martin Bormann provocara imediata consternação em Tóquio. Mr. Yatabe, na certa, estava há um dia ou dois em viagem quando recebeu novas instruções. Voltar ao Japão para novas consultas.

Era uma falta de sorte, percebeu Mr. Baynes. Talvez até fatal.

Ele tinha, porém, que ficar onde estava, em São Francisco. Ainda tentando combinar a reunião para a qual viera. Quarenta e cinco minutos pelo foguete da Lufthansa de Berlim para chegar lá e agora isso. Vivemos numa época estranha. Podemos viajar para onde quisermos, até para outros planetas. E para quê? Para ficar sentado dia após dia, sentindo o moral declinar e a esperança desaparecer. Mergulhado num tédio infinito. E enquanto isso, os outros estão ocupados. Não estão sentados esperando inutilmente.

Mr. Baynes abriu a edição da tarde do *Nippon Times* e leu novamente as manchetes.

O Dr. Goebbels nomeado Chanceler do Reich

Solução surpresa para o problema da liderança, dada pelo Comitê do *Fartei*. Discurso radiofônico considerado decisivo. Multidões em Berlim aplaudem. Declaração aguardada. Göring talvez seja nomeado Chefe de Polícia, com jurisdição sobre Heydrich.

Releu o artigo inteiro. Depois guardou o jornal, pegou o telefone e discou o número da Missão Comercial.

— Aqui é Mr. Baynes. Posso falar com Mr. Tagomi?

— Um momento, senhor. Foi um longo momento.

— Mr. Tagomi falando.

— Perdoe esta situação deprimente para ambos, senhor... — disse Mr. Baynes, respirando fundo.

— Ah, Mr. Baynes.

— Sua hospitalidade, senhor, é inigualável. Algum dia sei que compreenderá os motivos que me levam a adiar nossa conferência até que o velho senhor...

— Infelizmente, ainda não chegou. Mr. Baynes fechou os olhos.

— Pensei que, talvez de ontem para cá...

— Lamento, mas não, senhor. — Uma frieza polida. — Com licença, Mr. Baynes, estou muito ocupado.

— Bom dia, senhor.

O telefone ficou mudo. Hoje Mr. Tagomi desligara sem nem se despedir. Mr. Baynes lentamente recolocou o fone no gancho.

Preciso fazer qualquer coisa. Não posso mais esperar.

Recebera ordens explícitas de não entrar em contato com a *Abwehr* de maneira alguma. Deveria apenas esperar até dar um jeito de encontrar o representante militar japonês; reunir-se com ele e voltar a Berlim. Mas ninguém previra que Bormann iria morrer justamente nessa hora. Portanto...

Suas ordens haviam caducado. Era preciso substituí-las. Agir por conta própria, já que não havia quem consultar.

Nos E.A.P. havia pelo menos dez agentes da *Abwehr*, mas alguns — possivelmente todos — eram conhecidos pela S.D. local e seu competente chefe regional, Bruno Kreuz von Meere. Anos atrás conhecera Bruno rapidamente numa reunião do *Fartei*. O homem tinha um notório prestígio nas rodas policiais pelo fato de ter sido ele quem, em 1943, descobrira o complô anglo-tcheco contra a vida de Reinhard Heydrich, salvando assim a vida do Carrasco. Em todo caso, Bruno Kreuz von Meere já então estava vendo sua autoridade crescer dentro da S. D.. Não era um simples burocrata policial.

Era, na realidade, um homem muito perigoso.

Era possível até que, apesar de todas as precauções tomadas, tanto por parte da *Abwehr*, em Berlim, quanto pelo *Tokkoka*, em Tóquio, a S. D. já tivesse conhecimento desta tentativa de reunião em São Francisco, nos escritórios da Missão Comercial. Contudo, este território estava sob administração japonesa. A S.D. não tinha autoridade oficial para interferir. Ela podia fazer com que o representante alemão — ele, no caso — fosse preso quando novamente pisasse em território do Reich; mas não podia fazer nada contra o japonês, ou contra a realização da própria reunião.

Ao menos, era o que esperava.

Seria possível que a S. D. tivesse conseguido reter o velho senhor em algum ponto do caminho? Era um longo percurso de Tóquio a São Francisco, especialmente para uma pessoa tão idosa e tão frágil que não podia nem enfrentar uma viagem aérea.

O que preciso fazer, concluiu Mr. Baynes, é saber de meus superiores se Mr. Yatabe ainda vem. Eles estarão informados. Saberão na certa se a S.D. o tiver interceptado ou se o Governo de Tóquio chamou-o...

E se eles encontraram um meio de chegar ao velho senhor, concluiu que conseguiriam chegar até ele.

Mas a situação, mesmo naquelas circunstâncias, não era desesperadora. Uma idéia ocorrera a Mr. Baynes enquanto esperava, dia após dia, sozinho em seu quarto no Hotel Abhirati.

Será melhor transmitir minha informação a Mr. Tagomi do que voltar para Berlim de mãos abanando. Ao menos assim haveria uma chance, por mais remota que fosse, de que por fim as pessoas certas recebessem a informação. Mas Mr. Tagomi não podia fazer mais que ouvir; era o ponto fraco da idéia. O máximo que podia fazer era ouvir, decorar o recado e, logo que possível, fazer uma viagem de negócios às ilhas nipônicas. Enquanto Mr. Yatabe tivesse aquele nível político, podia ouvir... e falar.

Mesmo assim, era melhor do que nada. O tempo urgia. Começar tudo de novo, combinar penosamente, cautelosamente, outra vez, durante meses, o delicado contato entre um grupo na Alemanha e um grupo no Japão...

Seria uma surpresa e tanto para Mr. Tagomi, pensou com acidez. Ver-se de repente com

uma informação dessa espécie nas mãos. Muito diferente das informações sobre moldes injetáveis...

Talvez tivesse um colapso nervoso. Ou revelasse tudo a alguém do seu grupo ou ficasse calado; fingir, até para si mesmo, que não ouvira nada. Simplesmente recusar-se a me acreditar. Levantar-se, inclinar-se e sair da sala, apenas eu comece a falar.

Indiscreto. Talvez pensasse isso de mim. Não estava ali para ouvir tais coisas.

Tão fácil, pensou Mr. Baynes. A saída é tão imediata, tão fácil de achar, para ele. Gostaria que o fosse para mim, pensou.

Mas, no fundo, não era possível nem para Mr. Tagomi. Não somos diferentes. Ele pode fechar os ouvidos às minhas palavras. Mais tarde, porém. Quando não for uma questão de palavras. Se conseguir explicar-lhe. Ou a quem quer que seja... com quem eu acabar falando.

Deixando o quarto do hotel, Mr. Baynes desceu de elevador para o vestíbulo.

Uma vez na calçada, pediu ao porteiro que lhe chamasse um velotáxi e logo estava a caminho de Market Street, com o chofer chinês pedalando energicamente.

— Aqui — disse ao chofer, quando encontrou o letreiro que procurava. — Encoste na calçada.

O velotáxi parou ao lado de um hidrante. Mr. Baynes pagou e despediu-o. Não parecia ter sido seguido. Mr. Baynes foi andando a pé pela calçada. Um momento depois, juntamente com outros clientes, entrava numa grande loja do centro, o *Fuga Department Store*.

Havia gente por toda parte. Balcões e mais balcões. Vendedoras, a maioria brancas e algumas japonesas como chefes de departamento. A barulheira era infernal.

Após uma certa confusão, Mr. Baynes localizou o departamento de roupas masculinas. Parou ao lado dos cabides de calças e começou a examiná-las. Imediatamente um vendedor, um jovem branco, aproximou-se e cumprimentou-o.

Mr. Baynes disse: — Vim buscar as calças de lã marrom-escura que vi ontem — disse Mr. Baynes. Encarando o vendedor, continuou: — Não foi com você que falei. O outro era mais alto. Bigode vermelho. Magro. Tinha o nome no paletó: Larry.

— Ele está almoçando no momento. Mas volta logo — respondeu o vendedor.

— Vou experimentar essas — disse Mr. Baynes, tirando um par de calças do cabide.

— Pois não, senhor.

O vendedor indicou uma cabine de provas vazia e foi atender outra pessoa.

Mr. Baynes entrou na cabine e fechou a porta. Sentou-se numa das duas cadeiras e esperou.

Alguns minutos depois bateram na porta. Esta abriu-se e entrou um japonês baixo, de meia-idade.

— O senhor é estrangeiro? — perguntou a Mr. Baynes, — E devo aprovar seu crédito? Deixe-me ver seus documentos.

Fechou a porta atrás de si. Mr. Baynes tirou a carteira do bolso. O japonês sentou-se e começou a examinar o conteúdo da carteira. Parou diante da foto de uma moça.

— Muito bonita.

— Minha filha, Marta.

— Eu também tenho uma filha chamada Marta — disse o japonês. — Está atualmente em Chicago, estudando piano.

— Minha filha — informou Mr. Baynes — está para se casar.

O japonês devolveu-lhe a carteira e ficou esperando.

— Estou aqui há duas semanas e Mr. Yatabe não apareceu — falou Mr. Baynes. — Quero saber se ainda vem. Caso contrário, o que devo fazer.

— Volte amanhã à tarde — respondeu o japonês. Levantou-se e Mr. Baynes imitou-o. — Bom-dia.

— Bom-dia — disse Mr. Baynes.

Saiu da cabine, pendurou as calças de volta no cabide, e deixou o *Fuga Department Store*.

Não durou muito, pensou, enquanto andava pela tumultuada calçada do centro com os outros transeuntes. Será que ele pode mesmo obter a informação até lá? Entrar em contato com Berlim, codificar minhas perguntas e transmiti-las, receber a resposta e decifrar o código... passo a passo?

Aparentemente, podia.

Agora lamento não ter feito este contato antes. Teria evitado muita preocupação e angústia. E evidentemente não sofrerá um risco maior; parecia ter corrido tudo tão bem. Na realidade não levou mais de cinco ou seis minutos.

Mr. Baynes continuou andando, olhando as vitrines. Sentia-se muito melhor agora. Um pouco adiante, deparou com as fotos nas portas dos cabarês, manchadas pelas moscas, mostrando mulheres brancas, cujos seios caíam como bolas de vôlei meio murchas. Esta visão divertiu-o e diminuiu o passo, sendo empurrado pelos pedestres mais atarefados, que subiam e desciam Market Street.

Pelo menos acabou por fazer alguma coisa.

Que alívio!

Encostada confortavelmente na porta do carro, Juliana lia. Ao seu lado, com o cotovelo para fora da janela, Joe dirigia com uma mão apoiada de leve no volante e um cigarro grudado no lábio inferior. Era bom motorista e já tinham feito um bom pedaço desde Canon City.

O rádio transmitia música folclórica sentimental do gênero *biertgarten*, uma banda de acordeões executando um daqueles intermináveis *schottishes* ou polcas; ela nunca sabia diferenciar.

— *Kitsch* — disse Joe, quando terminou a música.

— Escuta, eu conheço muito música; vou te dizer quem foi um grande maestro. Você na certa não se lembra. Arturo Toscanini.

— Não — disse ela, sem parar de ler.

— Era italiano. Mas os nazistas não o deixaram mais reger depois da guerra, por causa de suas opiniões políticas. Está morto agora. Não gosto daquele Von Karajan, regente permanente da Filarmônica de Nova York. Obrigavam o pessoal do nosso dormitório de trabalhadores a assistir aos concertos dele. O que eu gosto, como *carcamano* que sou... você pode imaginar — olhou para ela. — Gostando do livro?

— É absorvente.

— Eu gosto de Verdi e Puccini. Em Nova York a única coisa que se tem é a música pesada e bombástica de Wagner e Orff e somos obrigados a ir todas as semanas a um daqueles péssimos espetáculos dramáticos do Partido Nazista dos Estados Unidos em Madison Square Garden, com

bandeiras, tambores, trombetas e aquela chama trêmula. A história das tribos góticas e outras porcarias educativas, cantada em lugar de falada, para ser chamado de "arte". Você conheceu Nova York antes da guerra?

— Sim — disse ela, tentando ler.

— É verdade que havia um teatro excelente naquela época? Foi o que ouvi dizer. Agora é igual ao cinema; é tudo um cartel com sede em Berlim. Nos treze anos que vivi em Nova York nunca vi uma boa peça ou musical, só essas...

— Deixe-me ler — disse Juliana.

— É a mesma coisa com os livros — continuou Joe, imperturbável. — É um cartel dirigido de Munique. A única coisa que fazem em Nova York é imprimir; só grandes impressoras... mas, antes da guerra, Nova York era o centro da indústria mundial da edição, pelo menos é o que dizem.

Colocando os dedos nos ouvidos, ela concentrou-se no livro aberto em seu colo, cortando a voz dele. Ela havia chegado ao capítulo do *Grasshopper* que descrevia a fabulosa televisão e estava fascinada; especialmente o pedaço sobre os pequenos aparelhos baratos para os povos subdesenvolvidos da África e da Ásia.

... Só *know-how yankee* e o sistema de produção em massa — Detroit, Chicago, Cleveland, nomes mágicos! — podiam ter realizado aquele prodígio, enviado aquela torrente infundável e até nobre de conjuntos de televisão a um dólar (dólar chinês, o dólar comercial) a cada aldeia e buraco do oriente. Quando o aparelho, depois de montado por algum jovem magro e agitado da aldeia, louco por uma oportunidade, por aquilo que os generosos americanos lhe ofereciam, aquele aparelhinho movido por força própria, contida numa célula não maior que uma bola de gude, começava a receber... E o que recebia? Agachados diante da tela, os jovens da aldeia e, muitas vezes, os velhos também, viam palavras. Lições. Primeiro, como ler. Depois o resto. Como cavar um poço mais fundo. Como arar melhor. Como purificar a água potável, curar os doentes. No céu girava uma lua artificial americana, distribuindo o sinal, levando-o a toda parte... às massas ávidas, esperançosas, do Oriente.

— Você está lendo tudo? — perguntou Joe. — Ou pulando pedaços?

— É formidável, maravilhoso — disse ela — ele nos faz enviar comida e educação a todos os asiáticos, milhões deles.

— Assistência social em escala internacional — respondeu Joe.

— É. O *New Deal* sob Tugwell; elevam o nível das massas. Escuta.

Leu em voz alta para Joe:

... O que tinha sido a China? Uma entidade aspirando a ser uma comunidade voltada para o Oeste, com seu grande presidente democrático, Chiang Kai-Shek, que guiou o povo chinês nos anos da guerra, conduzindo-o agora aos anos de paz, à Década da Reconstrução. Mas para a China, não era uma reconstrução, pois aquela terra vasta e plana quase sobrenatural nunca fora construída; ainda dormia o sono dos séculos. Despertar; sim, a entidade, o gigante, precisava enfim despertar para a consciência total, despertar para o mundo moderno com seus aviões a jato e energia atômica, suas *autobahns*, fábricas e produtos farmacêuticos. E de onde viria o trovão para despertar o gigante? Chiang o sabia, mesmo durante a luta que levaria à derrota do Japão. Viria dos Estados Unidos. E, por volta de 1950, técnicos, engenheiros, professores, médicos, agrônomos americanos invadiriam cada província como uma nova forma de vida, cada...

Interrompendo-a, Joe disse:

— Você sabe o que ele fez, não sabe? Pegou o melhor do nazismo, a parte socialista, a Organização Todt e o progresso econômico que tivemos graças a Speer e a quem está atribuindo

o mérito? Ao *New Deal*. E deixou de lado a parte ruim, os S. S., a exterminação racial e a segregação. É uma utopia! Você acha que, se os aliados tivessem ganho, o *New Deal* teria sido capaz de revitalizar a economia e fazer aquelas melhoras socialistas, como ele diz? Claro que não; ele está falando de uma forma de sindicalismo estatal, de estado corporativo, como aquele que desenvolvemos sob o Duce.

Está dizendo: vocês teriam tudo o que há de bom e nada de...

— Deixe-me ler — disse ela ferozmente.

ele deu de ombros. Mas teve que parar de falar. Ela continuou lendo, desta vez em silêncio.

... E estes mercados, o incalculável número de milhões de chineses, fazem romarias às fábricas de Detroit e Chicago; aquela boca gigantesca jamais seria enchida, cem anos não seriam suficientes para dar àquele povo bastantes caminhões, tijolos, lingotes de aço, roupa, máquinas de escrever, enlatados, relógios, rádios ou colírio. O trabalhador americano tinha, em 1960, o nível de vida mais alto do mundo, graças àquilo que, delicadamente, chamavam de cláusula da "nação mais favorecida" constante de toda transação comercial com o Oriente. Os Estados Unidos já não ocupavam o Japão, e nunca haviam ocupado a China; e contudo o fato era indiscutível: Cantão, Tóquio e Xangai não compravam dos ingleses; compravam dos americanos. E a cada venda, os operários de Baltimore, Los Angeles ou Atlanta ficavam um pouco mais prósperos.

Parecia aos planejadores, aos homens de visão da Casa Branca, que haviam quase alcançado sua meta. As naves espaciais exploratórias breve arriscariam um nariz prudente no vácuo, partindo de um mundo que por fim acabara com seus sofrimentos seculares: fome, praga, guerra, ignorância. No Império Britânico, medidas equivalentes visando ao progresso sócio-econômico levaram alívio semelhante às massas na Índia, Birmânia, África, Oriente Médio. As fábricas do Ruhr, de Manchester, do Sarre, o petróleo de Baku, todos fluíam e interagiam em harmonia intrínseca porém eficaz; as populações da Europa repousavam no que parecia...

— Acho que eles deviam ser os chefes — disse Juliana, parando. — Foram sempre os melhores. Os ingleses.

Ela esperou uma resposta que não veio. Finalmente continuou a ler.

... Realização do sonho de Napoleão; homogeneidade racional entre as diversas correntes étnicas que se tinham disputado e levaram à balcanização da Europa, desde a queda de Roma. Sonho, também, de Cario Magno: uma Cristandade unificada, totalmente em paz não só consigo própria mas com o resto do mundo. E contudo... havia ainda um ponto fraco.

Cingapura.

Os Estados da Malásia tinham uma grande população chinesa, a maioria da empreendedora classe comercial, e esses prósperos e industriais burgueses viam na administração americana da China um tratamento mais justo daqueles que se chamavam "o nativo". Sob o domínio britânico, as raças mais escuras eram excluídas dos *country clubs*, dos hotéis, dos restaurantes melhores; viram-se, como nos tempos antigos, confinados em certas partes do trem e do ônibus e — talvez o pior de tudo — limitados quanto à sua escolha de residência dentro de cada cidade. Aqueles "nativos" perceberam e notaram, em suas conversas e jornais que, nos Estados Unidos, o problema racial havia sido resolvido desde 1950. Brancos e pretos viviam, trabalhavam e comiam lado a lado, até *Deep South*; a Segunda Guerra Mundial acabara com a discriminação...

— Acaba saindo briga? — perguntou Juliana a Joe. ele resmungou, conservando os olhos fixos na estrada.

— Me conta o que vai acontecer — disse ela. — Sei que não vou ter tempo de acabar; daqui a pouco estamos em Denver. A América e a Inglaterra entram em guerra e um fica dominando o mundo?

— De certa forma não é um mau livro — respondeu Joe em seguida. — ele fornece todos os

detalhes; os Estados Unidos ficam com o Pacífico, mais ou menos como nossa Esfera de Co-prosperidade do Este Asiático. E dividem a Rússia. Isso funciona durante uns dez anos. Depois começam as encrencas... naturalmente.

— Por que naturalmente?

— A natureza humana — acrescentou Joe. — A natureza das nações. Suspeita, medo, cobiça. Churchill acha que os Estados Unidos estão sabotando o domínio britânico no Sul da Ásia, tentando atrair as vastas massas chinesas, que são naturalmente pró-americano, graças a Chiang Kai-Shek. Os ingleses começaram a montar — esboçou um sorriso — o que são chamados de "detenções preventivas". Em outras palavras, campos de concentração. Para milhares de chineses talvez desleais. São acusados de sabotagem e propaganda. Churchill é tão...

— Você quer dizer que ele *ainda* está no poder? ele não anda pelos noventa anos?

— É aí que o sistema britânico leva vantagem sobre o americano — continuou Joe. — Cada oito anos os Estados Unidos demitem seus líderes, por melhores que sejam — mas Churchill simplesmente continua. Depois de Tugwell, os americanos nunca mais tiveram um líder igual a ele. Só insignificâncias. E quanto mais velho vai ficando, mais autocrata e inflexível se torna... estou falando de Churchill. Até que, por volta de 1960, ele se tornou uma espécie de velho senhor da guerra no mundo todo, menos na Ásia Central; ninguém pode nada contra ele. Está no poder há vinte anos.

— Nossa Senhora — disse ela, folheando a parte final do livro, procurando verificar o que Joe estava dizendo.

— Nesse ponto eu concordo — prosseguiu Joe. — Churchill foi o único bom líder que os ingleses tiveram durante a guerra; se o tivessem mantido, teriam se saído melhor. Te garanto; um estado não é melhor que seu líder. *Führerprinzip* — Princípio da Liderança, como dizem os nazistas. Têm razão. Até esse Abendsen tem que concordar. Claro, os Estados Unidos se expandem economicamente depois de derrotar o Japão, porque conseguiram arrancar deles aquele vasto mercado que é a Ásia. Mas não basta; falta espiritualidade. Não que os ingleses tenham. Ambos os países são plutocráticos, ambos são dirigidos pelos ricos. Se tivessem vencido, a única coisa que teria interessado àquela classe alta seria ganhar mais dinheiro. Abendsen está errado; não haveria nenhuma reforma, nem planos de assistência social — os plutocratas anglo-saxões não o permitiriam.

Ele fala como um fascista convicto — pensou Juliana.

Evidentemente, Joe percebeu pela sua expressão o que ela estava pensando; voltou-se para ela, diminuindo a marcha, com um olho nela e o outro nos carros que vinham na direção contrária.

— Escuta, eu não sou um intelectual — o fascismo não precisa disso. O que precisa é *ação*. A teoria deriva da ação. O que o nosso estado corporativo exige de nós é a compreensão das forças sociais — da história. Você entende? Olha; eu sei, Juliana — seu tom era sincero, quase suplicante. — Aqueles velhos e poderosos impérios governados pelo dinheiro, Grã-Bretanha, França e Estados Unidos, embora o último seja realmente uma espécie de país bastardo, um pouco marginal e não um verdadeiro império; mas tendo, também, o dinheiro como deus. Não têm alma, portanto não têm futuro. Não crescem. Os nazistas são uma corja de bandidos, concordo. Você concorda? Correto?

Ela teve que sorrir. Sua exuberância italiana havia se acentuado na tentativa de guiar e falar

ao mesmo tempo.

— Abendsen fala como se fosse grande coisa os Estados Unidos ou a Inglaterra ganharem no final. Besteira! Não tem mérito, não tem história. Seis de um, doze do outro. Você já leu os escritos do Duce? Inspirados. Um homem maravilhoso. Escritos maravilhosos. Explica o que há por baixo de cada acontecimento. A causa real da guerra foi: o velho contra o novo. O dinheiro — foi por isso que os nazistas cometeram o erro de envolver os judeus na história — contra o espírito comunitário, o que os nazistas chamam de *Gemeinschaft*. Como os Soviets. A Comuna. Certo? Só que os comunistas se apropriaram das ambições do pan-eslavismo de Pedro o Grande e fizeram das reformas sociais um meio de realizar desígnios imperialistas.

Está falando como Mussolini. Igualzinho, pensou Juliana.

— O gangsterismo nazista é uma tragédia — continuou Joe, ultrapassando um caminhão que ia devagar. — Mas a mudança é sempre dura para quem perde. Nada de novo. Olha as revoluções anteriores, como a francesa. Ou Cromwell contra os irlandeses. Há filosofia demais no temperamento alemão; muito teatro, também. Todas aquelas reuniões. Você nunca verá um verdadeiro fascista falando, mas só agindo, como eu. Certo?

— Nossa, você está falando a cem por hora — disse ela, rindo.

— Estou te explicando a teoria fascista da ação! — gritou ele, agitado.

Ela não pôde responder; era engraçado demais.

Mas o homem ao seu lado não estava achando graça; olhou-a carrancudo, com o rosto congestionado. As veias em sua testa cresceram e ele começou a tremer outra vez. E novamente passou os dedos em garra bruscamente pela cabeça, num movimento contínuo, sem falar, só encarando a.

— Não fique zangado comigo — disse ela.

Por um momento ela pensou que fosse levar um soco; ele puxou o braço para trás... depois resmungou, estendeu a mão e ligou o rádio.

Continuaram. Música de banda no rádio, estática. Novamente ela tentou concentrar-se no livro.

— Você tem razão — disse Joe, após bastante tempo.

— Sobre o quê?

— Esse império vagabundo. Esse palhaço como líder. Não é de espantar não termos tirado nada da guerra.

Ela bateu-lhe no braço.

— Juliana, é tudo escuridão — disse Joe. — Nada é verdadeiro nem certo. Tenho razão?

— Talvez — disse ela distraidamente, continuando a tentar ler.

— A Inglaterra vence — disse Joe, indicando o livro. — Vou te poupar o esforço de continuar. Os Estados Unidos decaem, a Inglaterra se expandindo, mantendo a iniciativa. De modo que, guarda o livro.

— Espero que a gente se divirta em Denver — disse ela, fechando o livro. — Você precisa descansar.

E eu preciso de você.

Caso contrário, pensou, ele vai se desfazer em mil pedaços. Como uma mola arreventada. E o que será de mim, então? Como volto? PD... devo te deixar, sem mais aquela?

Quero a farra que você me prometeu, pensou. Não quero ser enganada; fui enganada

demais, por gente demais.

— Vamos nos divertir — disse Joe. — Escuta. Observou a com uma expressão estranha, introspectiva.

— Você gostou tanto desse livro, do *Grasshopper*; será... será que um sujeito que escreve um *best seller*, um autor como esse Abendsen... as pessoas escrevem cartas para ele? Aposto que tem um monte de gente que escreve elogiando o livro, talvez até o visitem.

De repente ela compreendeu.

— Joe, são só mais cem milhas!

Os olhos dele brilharam; sorriu-lhe, feliz de novo, já não mais vermelho riem perturbado.

— Podíamos! — disse ela. — Você dirige tão bem... seria uma sopa ir lá em cima, não seria?

— Bem, duvido que um homem famoso deixe que as pessoas entrem assim, sem mais nem menos. Deve vir gente demais — disse Joe, lentamente.

— Por que não tentar? Joe... — ela agarrou seu ombro, apertou-o, excitada. — O máximo que pode fazer é mandar-nos embora. *Por favor*.

— Depois que tivermos feito nossas compras e estivermos de roupa nova, elegantes... — disse Joe, deliberadamente — é importante dar boa impressão. E talvez até alugemos um carro novo, lá em Cheyenne. Aposto que você podia fazer isso.

— Claro — disse ela. — E você precisa cortar o cabelo. E deixe que eu escolha suas roupas; por favor, Joe. Eu sempre escolhia as de Frank; homem não sabe comprar.

— Você tem bom gosto para roupa — replicou Joe, novamente voltando-se para a estrada, olhando para fora sombriamente. — E para outras coisas também. Melhor *você* telefonar. Entrar em contato.

— Vou ao cabeleireiro — disse ela.

— Ótimo.

— Não tenho medo de chegar e tocar a campainha — disse Juliana. — Afinal, só se vive uma vez. Por que devemos nos intimidar? ele é apenas um homem como os outros. Na realidade, vai ver que ficará contente de saber que alguém veio de tão longe só para dizer que gostou do livro. Podemos pedir que ele autografe nosso exemplar, dentro, no lugar próprio. Não é? É melhor comprar um novo; este está todo manchado. Não ficaria bem.

— Como você quiser — disse Joe. — Deixo os detalhes com você; sei que é capaz. Uma mulher bonita consegue sempre tudo; quando ele vir a beleza que você é, vai escancarar a porta na hora. Mas escuta; nada de brincadeiras.

— Como assim?

— Você diz que somos casados. Não quero que você se meta com ele, sabe. Seria terrível. Estragaria a vida de todo mundo; que recompensa por deixar entrar visitas; que ironia. De modo que olha lá, Juliana.

— Você pode discutir com ele — disse Juliana. — Aquela parte da Itália perdendo a guerra por ter traído; diga a ele o que me disse.

— É verdade — disse Joe, assentindo. — Podemos discutir a história toda.

Continuaram viajando depressa.

Às sete horas da manhã seguinte, hora E. A. P., Mr. Nobusuke Tagomi saiu da cama, começou a dirigir-se ao banheiro, mudou de idéia e foi diretamente ao oráculo.

Sentado de pernas cruzadas no chão da sala, começou a manipular as quarenta e nove varetas

de yarrow. Tinha a nítida impressão de que suas perguntas envolviam um caráter de urgência e trabalhou febrilmente até estar por fim com as seis linhas diante dele.

Choque! Hexagrama Cinquenta e Um.

Deus aparece sob a forma do que desperta. Trovão e relâmpago. Barulhos... Involuntariamente levantou os dedos para cobrir os ouvidos. Ha-ha! Ho-ho! Um grande estouro que o fez estremecer e piscar. O lagarto corre e o tigre ruga e de dentro sai Deus em pessoa!

O que significa? Olhou em volta da sala. Chegada de... quê? Num impulso, pôs-se de pé e ficou ofegante, esperando.

Nada. As batidas do seu coração. A respiração e todos processos somáticos, inclusive toda forma de reação autônoma de controle diencefálico diante de crise: adrenalina, taquicardia, pulso acelerado, glândulas segregando, garganta paralisada, dilatação das pupilas, intestino solto, etc. Estômago revirado e instinto sexual suprimido.

E, contudo, nada para ver; nada para o corpo fazer. Fugir? Tudo preparado para um vôo de emergência. Mas para onde e por quê? — perguntou-se Mr. Tagomi : Nenhum indício. Portanto impossível. O dilema do homem civilizado; o corpo mobilizado, mas o perigo obscuro.

Foi ao banheiro e ensaboeu o rosto para barbear-se.

O telefone tocou.

— É o choque — disse em voz alta, deixando a navalha de lado. — Fica preparado.

Saiu rapidamente do banheiro e voltou à sala.

— Estou preparado — disse, tirando o fone do gancho — Tagomi, aqui.

Sua voz saiu um guincho e ele pigarreou. Uma pausa. Depois uma voz distante, seca, sussurrada, quase como folhas velhas na distância, disse:

— Senhor, aqui fala Shinjiro Yatabe. Acabo de chegar de São Francisco.

— Queira receber as boas-vindas da direção da

Missão Comercial — respondeu Mr. Tagomi. — Estou muito contente. Está bem de saúde e descansado?

— Sim, Mr. Tagomi. Quando podemos encontrar-nos?

— Já. Daqui a meia-hora — Mr. Tagomi olhou para o relógio no quarto, tentando ver as horas. — Há uma terceira pessoa: Mr. Baynes. Preciso avisá-lo. Talvez haja uma pequena demora, mas...

— Digamos daqui a duas horas, senhor? — perguntou Mr. Yatabe.

— Está bem — respondeu Mr. Tagomi, inclinando-se.

— No seu escritório no edifício *Nippon Times*. Mr. Tagomi inclinou-se novamente.

Clique. Mr. Yatabe desligara.

Mr. Baynes vai ficar feliz, pensou Mr. Tagomi. Como um gato diante de um pedaço de salmão, um rabo bem espesso, por exemplo. Bateu no gancho e rapidamente ligou para o Hotel Abhirate.

— Acabou-se o sofrimento — disse, quando a voz sonolenta de Mr. Baynes chegou-lhe aos ouvidos.

A voz perdeu a sonolência de imediato.

— Chegou?

— No meu escritório — disse Mr. Tagomi — às dez e vinte. Até-logo.

Desligou e correu de volta ao banheiro para terminar a barba. Não havia tempo para café;

mandar Mr. Ramsey providenciar depois que todos tivessem chegado ao escritório. Talvez possamos nos deleitar os três... mentalmente, enquanto se barbeava, planejou um ótimo café da manhã para todos.

Mr. Baynes estava diante do telefone, de pijama, esfregando a testa e pensando. Que vergonha eu ter fraquejado e procurado aquele agente, pensou. Se eu tivesse esperado só mais um dia...

Mas não atrapalhou nada. Só que devia voltar à loja hoje. E se eu não voltar? Talvez resulte numa reação em cadeia; vão pensar que fui assassinado ou algo assim. Vão tentar encontrar-me.

Não tem importância. *Porque ele está aqui.* Finalmente. A espera acabou.

Mr. Baynes precipitou-se para o banheiro e preparou-se para fazer a barba.

Não tenho a menor dúvida de que Mr. Tagomi irá reconhecê-lo logo que o vir, pensou. Podemos deixar de lado o "Mr. Yatabe", agora. Na verdade, podemos deixar de lado todos os disfarces e subterfúgios.

Assim que acabou de fazer a barba, Mr. Baynes entrou no chuveiro. Enquanto a água jorrava em cima dele cantou a plenos pulmões:

Wer reitet so spät,

Durch Nacht und Wind?

Es ist der Vater

Mit seinem Kind.

(Quem cavalga tão tarde

Pela noite, pelo vento

É o pai,

Com seu filho)

Provavelmente agora é tarde demais para que a S. D. interfira. Mesmo se descobrirem. De modo que talvez possa deixar de me preocupar; ao menos com as coisas menores... como a minha pele em particular.

Mas quanto ao resto... estamos apenas começando.

PARA Freiherr Hugo Reiss; cônsul do *Reich* em São Francisco, o primeiro encontro desse dia particular foi inesperado e desagradável. Quando chegou ao escritório, já encontrou uma visita à sua espera, um homem grande, pesado, de meia-idade, de queixo quadrado, pele marcada e uma carranca de desaprovação que unia suas sobrancelhas negras, hirsutas. O homem ficou de pé e fez a saudação do *Parteí*, murmurando ao mesmo tempo *Heil*.

— *Heil* — respondeu Reiss. Gemeu interiormente, mas manteve um sorriso formal e comercial. — *Herr* Kreuz von Meere, que surpresa! Não quer entrar?

Abriu a porta de sua sala particular, perguntando-se onde estaria seu vice-cônsul e quem deixara o chefe da S. D. entrar. Em todo caso, ali estava ele. Não tinha remédio.

Seguindo-o, com as mãos enfiadas nos bolsos do seu sobretudo escuro de lã, Kreuz von Meere disse:

— Ouça, Freiherr. Localizamos esse sujeito da *Abwehr*. O tal Rudolf Wegener. Apareceu num velho ponto da *Abwehr* que vigiamos — Kreuz von Meere deu uma risadinha, revelando enormes dentes de ouro. — E foi seguido ao hotel dele.

— Ótimo — disse Reiss, reparando na correspondência em sua mesa. De modo que *Pferdehuf* andava por ali. Na certa trancara a porta da sala para impedir que o chefe da S. D. fizesse uma investigação informal.

— Isso é importante — disse Kreuz von Meere. — Avisei *Kaltenbrunner*. Prioridade absoluta. Você na certa receberá ordens de Berlim em breve. A não ser que aqueles *Unratfressers* de lá enrolem tudo.

Sentou-se na mesa do cônsul, tirou um maço de papéis dobrados do bolso do casaco, abriu-os cuidadosamente, mexendo com os lábios.

— Nome de guerra: Baynes. Faz-se passar por industrial ou vendedor sueco ou algo ligado à produção. Recebeu um telefonema hoje às oito e dez de um funcionário japonês sobre um encontro às dez e vinte no escritório do tal japonês. Estamos tentando localizar a chamada. Daqui a meia-hora saberemos. Vão me informar aqui.

— Compreendo — disse Reiss.

— Agora, talvez apanhemos o sujeito — continuou Kreuz von Meere. — Se o fizermos, naturalmente o enviaremos de volta ao *Reich* no próximo avião da *Lufthansa*. Os japoneses ou Sacramento, porém, talvez protestem e tentem impedir. Se o fizerem, irão protestar junto a você. Na verdade, podem exercer enorme pressão. E levar um caminhão daqueles brutamontes do *Tokkoka* ao aeroporto.

— Você não pode impedir que eles descubram?

— Tarde demais. ele já saiu para o encontro. Talvez tenhamos que prendê-lo lá, na hora. Entrar correndo, agarrá-lo, sair correndo.

— Não estou gostando — disse Reiss. — E se o encontro for com um alto funcionário japonês? Talvez haja um representante pessoal do Imperador em São Francisco, agora. Ouvi boatos outro dia...

— Não importa — interrompeu Kreuz von Meere.

— É cidadão alemão. Sujeito às leis do *Reich*.

E as leis do *Reich* sabemos quais são, pensou Reiss.

— Estou com um esquadrão do *Kommando* pronto — continuou Kreuz von Meere. — Cinco homens capazes. — Soltoou uma risada. — Parecem violinistas. Lindas fisionomias ascéticas. Melancólicas. Parecem mais seminaristas. Entrarão fácil. Os japoneses vão pensar que são um quarteto de cordas...

— Quinteto — retificou Reiss.

— É. Irão diretamente à porta... Estarão vestidos corretamente — olhou para o cônsul. — Mais ou menos como você.

Obrigado, pensou Reiss.

— Tudo será feito à vista de todo mundo. Em plena luz do dia. Chegam a esse Wegener. Cercam-no. Parecem estar conversando. Uma mensagem importante — Kreuz von Meere continuou, enquanto o cônsul começava a abrir a correspondência. — Nada de violência. Apenas: "*Herr Wegener*. Venha conosco por favor. O senhor compreende". E entre as vértebras de sua espinha uma agulha. Uma siringa. Gânglios superiores paralisados.

Reiss assentiu.

— Está ouvindo?

— *Ganz bestimmt*.

— Depois saem. Para o carro. Voltam ao meu escritório. Os japoneses farão um tremendo estardalhaço. Mas serão polidos até o fim.

Kreuz von Meere imitou caricatamente a reverência de um japonês.

— "Muito vulgar enganar-nos, *Herr'* Kreuz von Meere. Contudo, adeus, *Herr Wegener*..."

— Baynes — retificou Reiss. — Não é o nome que está usando?

— Baynes. "Lamentamos vê-lo partir. Da próxima vez conversaremos mais."

O telefone na mesa de Reiss tocou e Kreuz von Meere interrompeu a brincadeira.

— Talvez seja para mim.

Foi atender mas Reiss adiantou-se e atendeu ele mesmo.

— Reiss falando. Uma voz desconhecida:

— Senhor Cônsul, aqui é da *Ausland Fernsprechamt*, em Nova Scotia. Telefonema transatlântico de Berlim, urgente para o senhor.

— Pois não — disse Reiss.

— Um momento, senhor cônsul — leve estática, crepitação. Depois outra voz, a de uma telefonista. — *Kanzlei*.

— Sim, aqui é *Ausland Fernsprechamt*, em Nova Scotia. Chamada para o cônsul do *Reich*, *Herr* Reiss, em São Francisco; o cônsul está na linha.

— Favor aguardar.

Uma longa pausa, durante a qual Reiss continuou, com uma das mãos, a examinar a correspondência. Kreuz von Meere observava, de boca aberta.

— *Herr Konsul*, desculpe interrompê-lo.

Era uma voz masculina. O sangue gelou instantaneamente nas veias de Reiss. Uma voz de barítono, educada, acentuando ligeiramente os "r", familiar a Reiss.

— Aqui fala o *Doktor* Goebbels.

— Sim, *Kanzler*.

Defronte a Reiss, Kreuz von Meere esboçou um sorriso. O maxilar solto voltou ao lugar.

— O general Heydrich pediu-me que lhe telefonasse. Há um agente da *Abwehr* aí em São Francisco. Chama-se Rudolf Wegener. O senhor deve cooperar estreitamente com a polícia quanto a ele. Não tenho tempo para fornecer detalhes. Simplesmente coloque seu escritório à disposição dela. *Ich dank Ihnen sehr dabei*.

— Compreendo, *Herr Kanzler* — disse Reiss.

— Bom dia, *Konsul*.

O *Reichkanzler* desligou. Kreuz von Meere observava atentamente enquanto Reiss recolocava o fone no gancho.

— Eu tinha razão ou não?

— Nem se discute — Reiss deu de ombros.

— Escreva uma autorização para que se devolva esse Wegener à Alemanha à força.

Tirando a caneta, Reiss escreveu a autorização, assinou e entregou-a ao chefe da S.D.

— Obrigado — disse Kreuz von Meere. — Agora, quando as autoridades japonesas vierem reclamar...

— Se o fizerem.

Kreuz von Meere fixou os olhos nele.

— É quase certo. Estarão aqui quinze minutos depois de termos apanhado esse Wegener.

Perdera seu modo brincalhão, apalhaçado.

— Nada de quintetos de violino — disse Reiss. Kreuz von Meere não respondeu.

— Vamos agarrá-lo hoje de manhã, portanto esteja preparado. Pode dizer aos japoneses que ele é homossexual, falsário, ou algo assim. Procurado por um crime sério na pátria dele. Não lhes diga que é procurado por crimes políticos. Você sabe que não reconhecem noventa por cento da Lei Nacional-Socialista.

— Eu sei — disse Reiss. — Sei o que devo fazer. Sentia-se irritado e explorado. Passando por cima de mim, disse a si próprio. Como sempre. Entrou em contato com a Chancelaria. Os salafrários.

Suas mãos tremiam. Teria sido o telefonema do doutor Goebbels? Estaria impressionado pelos poderosos? Ou é ressentimento, sensação de estar sendo pressionado... Para o inferno com essa polícia, pensou. Ficam mais fortes a cada dia que passa. Goebbels já está trabalhando para eles; estão dirigindo o *Reich*.

Mas o que posso fazer? O que pode alguém fazer?

Resignadamente, pensou: É melhor cooperar. Não é hora de cair nas más graças deste homem; na certa pode fazer voltar para a Alemanha quem ele quiser e também destituir quem lhe for hostil.

— Estou vendo — disse em voz alta — que o senhor não exagerou a importância do assunto, *Herr Polizeiführer*. Evidentemente, a segurança da própria Alemanha depende da rapidez com que descobrir esse espião ou traidor ou o que for.

Interiormente, estremeceu diante dessas palavras que escolhera. Contudo, Kreuz von Meere parecia satisfeito.

— Obrigado, *cônsul*.

— Talvez o senhor tenha salvo a todos nós.

— Bem, ainda não o agarramos — disse Kreuz von Meere, sombriamente. — Vamos esperar um pouco. Queria que esse telefonema viesse logo.

— Eu cuidarei dos japoneses — disse Reiss. — Tenho uma grande experiência, como sabe. Suas reclamações...

— Pare um instante — interrompeu Kreuz von Meere. — Preciso pensar.

Evidentemente, o telefonema da Chancelaria também o preocupara; ele também se sentia agora sob pressão.

Possivelmente esse sujeito vai escapar, e isso irá custar-lhe o emprego, pensou o cônsul Hugo Reiss. O emprego dele, o meu emprego... Podemos nos ver ambos na rua a qualquer minuto. Pode acabar-se a segurança para mim e para você também.

Na verdade, pensou, talvez valesse a pena ver como uma escorregadela aqui, outra ali, podem vir a atrapalhar suas atividades, *Herr Polizeiführer*. Qualquer coisa de negativo que não possa nunca ser descoberta. Por exemplo, quando os japoneses vierem aqui reclamar, poderei dar um jeito de revelar sutilmente qual o vôo da Lufthansa em que planejam levar o sujeito... Ou, não sendo possível isso, levá-los a ficar mais indignados dando, digamos, um leve sorriso de desprezo sugerindo que o *Reich* se diverte com eles, não leva a sério os homenzinhos amarelos. É fácil irritá-los. E, se ficarem bastante zangados, talvez levem o caso diretamente a Goebbels.

Toda uma gama de possibilidades. A S.D. não pode realmente tirar esse sujeito dos E. A. P. sem minha cooperação ativa. Se eu pudesse encontrar a fórmula...

Detesto gente que passa por cima de mim, disse Freiherr Reiss a si próprio. Fico muito incomodado. Fico tão nervoso que não consigo dormir e, quando não consigo dormir, não consigo trabalhar. De modo que é meu dever para com a Alemanha eliminar este problema. Eu me sentiria melhor à noite e durante o dia, também, se esse gangster bávaro de classe baixa estivesse na Alemanha escrevendo relatórios em algum obscuro distrito policial do *Gau*.

O pior é que não há tempo. Enquanto procuro resolver como...

O telefone tocou.

Desta vez Kreuz von Meere adiantou-se para atender e o cônsul Reiss não lhe barrou o caminho.

— Alô — disse Kreuz von Meere.

Um momento de silêncio, enquanto escutava. Já? pensou Reiss. Mas o chefe da S.D. estendeu-lhe o aparelho.

— Para o senhor.

Exalando interiormente um suspiro de alívio, Reiss apanhou-o.

— Um professor qualquer — disse Kreuz von Meere. — Quer saber se você pode fornecer cartazes da Áustria para sua classe.

Por volta das onze da manhã, Robert Childan fechou a loja e partiu, a pé, em direção ao escritório de Mr. Paul Kasoura.

Escritamente, Paul não estava ocupado. Cumprimentou Childan polidamente e ofereceu-lhe chá.

— Não o incomodarei muito — disse Childan, após ambos terem começado a beber.

A sala de Paul, embora pequena, era moderna e decorada com simplicidade. Na parede, uma única excelente gravura: o Tigre de Mokkei, obra-prima do final do século treze.

— É sempre um prazer encontrá-lo — disse Paul, num tom, pensou Childan, um tanto distante.

Ou talvez fosse sua imaginação. Childan olhou por cima da xícara. O homem parecia amável. No entanto... Childan sentiu uma modificação.

— Sua esposa — disse Childan — ficou desapontada por causa do meu grosseiro presente. Talvez a tenha ofendido. Contudo, com algo novo e não como expliquei ao oferecer-lhe o presente, quando se trata de algo novo, sem elemento de comparação, não é possível fazer uma avaliação final e definitiva... principalmente por alguém que só vê o lado puramente comercial. Certamente, você e Betty estão em melhor posição do que eu para julgar.

— Ela não ficou desapontada, Robert — disse Paul. — Não lhe dei aquela jóia.

Enfiando a mão na gaveta, tirou de dentro a caixinha branca.

— Não saiu desta sala.

Ele sabe, pensou Childan. Que homem esperto. Nem contou para ela. De modo que é isso. Agora, desejou Childan, esperemos que não vá se enfurecer comigo. Não vá me acusar de tentar seduzir sua mulher.

Poderia arruinar-me, disse de si para si. Cuidadosamente sorveu seu chá, com o rosto impassível.

— Ah é? — disse tranqüilamente. — Interessante. Paul abriu a caixa, retirou o broche e começou a examiná-lo. Segurou-o diante da luz, em várias posições.

— Permiti-me mostrar isto a uma série de conhecidos e colegas — disse Paul. — Pessoas que compartilham meu gosto por objetos históricos americanos ou por criações artesanais de mérito artístico e estético.

Olhou para Robert Childan.

— Nenhum deles, naturalmente, conhecia nada no gênero. Como você explicou, é a primeira vez que aparece esse tipo de trabalho contemporâneo. Acho, também, que me disse ser o único representante.

— Sim, é verdade — respondeu Childan.

— Deseja saber qual a reação deles? Childan inclinou-se.

— Estas pessoas riram — disse Paul. Childan ficou em silêncio.

— Eu também ri para mim mesmo, no outro dia — disse Paul — quando você apareceu e mostrou-me esta coisa. Naturalmente, para que você não perdesse o sangue-frio, não deixei transparecer meu divertimento; como sem dúvida se recorda, não assumi, aparentemente, nenhum compromisso.

Childan concordou.

— É fácil compreender esta reação — continuou Paul, sempre examinando o broche. — Temos aqui um pedaço de metal derretido até ficar inteiramente disforme. Não representa nada. Nenhum desenho, nenhuma intenção. É apenas amorfo. E, podemos dizer, um mero conteúdo, privado de forma.

Childan concordou outra vez.

— Contudo — prosseguiu Paul — há vários dias que o venho examinando e, sem a menor razão lógica, ele exerce sobre mim certa atração. Por quê? Me pergunto. Nem mesmo se trata

da projeção da minha psique nesta peça, como se faz nos testes psicológicos alemães. Continuo não vendo forma nenhuma. Mas de alguma maneira este objeto participa do *Tao*. Está vendo? — Fez sinal a Childan para que se aproximasse. — É equilibrado. As forças no interior desta peça estão estabilizadas. Em paz. Por assim dizer, este objeto está em paz com o universo. Separou-se dele e assim chegou à homeostase.

Childan assentiu, examinando a peça. Mas estava perdido.

— Não tem *wabi* — disse Paul — nem. poderia ter. Mas... tocou o broche com a unha — Robert, este objeto tem *wu*.

— Creio que tem razão — respondeu Childan, tentando recordar o que era *wu*.

Não era uma palavra japonesa, era chinesa. A sabedoria, calculou. Ou a compreensão. Em todo caso, era altamente positivo.

— As mãos do artífice — disse Paul — tinham *um* e deixaram que o *wu* se infiltrasse na peça. Talvez ele próprio saiba apenas que a peça satisfaz. É completa, Robert. Contemplando-a, adquirimos mais *wu*, nós mesmos. Experimentamos a tranquilidade associada não com a arte mas com coisas sagradas. Recordo um santuário em Hiroshima onde se podia ver a tibia de um santo medieval. Contudo, isto é um objeto e aquilo uma relíquia. Isto está vivo no agora, enquanto aquilo *permaneceu*. Através desta meditação, a que me entreguei desde sua última visita, vim a identificar o valor que este objeto tem, em oposição à historicidade. Fiquei profundamente comovido, como pode ver.

— Sim — disse Childan.

— Não ter historicidade, nem valor artístico estético e, mesmo assim, comportar um valor étéreo... é um milagre. Precisamente porque isto é uma coisa miserável, pequena, aparentemente sem valor; isso, Robert, deve-se ao fato de ela ter *wu*. Pois a verdade é que o *wu* costuma ser encontrado nos lugares menos dotados — como no aforismo cristão, nas "pedras rejeitadas pelo construtor". Sentimos a presença do *wu* em porcarias como um pedaço de pau ou uma lata de cerveja enferrujada na beira da estrada. Porém, nesses casos, o *wu* está dentro de quem vê. É urna experiência

religiosa. Aqui, o artífice colocou *wu* no objeto, em lugar de apenas testemunhar o *wu* inerente a ele — levantou os olhos. — Estou me explicando bem?

— Sim — respondeu Childan.

— Em outras palavras, esse objeto nos deixa entrever um mundo inteiramente novo. Não se trata de arte, pois não tem forma, nem de religião. O que é? Tenho pensado no broche incessantemente, sem conseguir descobrir. Evidentemente não temos uma palavra para designar um objeto como este. De modo que você tem razão, Robert. Trata-se verdadeiramente de uma coisa nova na face da Terra.

Autêntico, pensou Childan. Sim, certamente. Estou pegando a idéia. Mas quanto ao resto...

— Quando cheguei a esse ponto de minhas meditações — continuou Paul — convoquei os mesmos conhecidos e colegas. Resolvi fazer, como fiz agora com você, uma exposição crua. Este assunto é de tal maneira importante que exige o abandono das velhas formalidades, tão necessária se faz a transmissão do conhecimento em si. Exigi que essas pessoas me ouvissem.

Childan sabia que para um japonês como Paul forçar os outros a ouvirem suas idéias era uma situação quase incrível.

— O resultado — disse Paul — foi encorajador. Viram-se na obrigação de adotar meu ponto

de vista; perceberam o que demonstrei. De modo que valeu a pena. Tendo feito isso, descansei. Nada mais, Robert. Estou exausto. — Recolocou o broche na caixa. — Minha responsabilidade termina aqui. Passo o assunto adiante. — Empurrou a caixa para Childan.

— Isso lhe pertence — disse Childan, sentindo-se apreensivo.

A situação não correspondia a nenhuma outra que já tivesse experimentado. Um japonês importante levando às nuvens um presente recebido e devolvendo-o em seguida. Childan sentiu as pernas bambas. Não sabia o que fazer; ficou brincando com a manga, seu rosto enrubescendo. Calmamente, até duramente, Paul respondeu:

— Robert, você precisa enfrentar a realidade com mais coragem.

Childan, empalidecendo, gaguejou: — Estou confuso por...

— Preste atenção — continuou Paul, de pé, encarando-o. — A tarefa é sua. Você é o agente exclusivo deste artigo e de outros da mesma espécie. Você também é um profissional. Retire-se para um período de isolamento. Medite, se possível consulte o Livro das Transmutações. Depois estude suas vitrines, sua propaganda, seu sistema de venda.

Childan ficou boquiaberto.

— Encontrará o caminho — acrescentou Paul. — Como fazer uma grande promoção destes objetos.

Childan sentiu-se inteiramente aturdido. Este homem está me dizendo que sou *obrigado* a assumir a responsabilidade moral pelas jóias Edfrank. Aquela aloucada e neurótica visão japonesa do mundo: aos olhos de Paul Kasoura só poderia haver uma relação comercial e espiritual de primeira classe com aquelas jóias.

E o pior era que Paul realmente falava com autoridade, partindo o que ele dizia do âmago da cultura e tradição japonesas.

Obrigação, pensou amargamente. Uma vez assumida, podia grudar-se nele por toda vida. Até o túmulo. Paul tinha — para sua satisfação ao menos — passado-a responsabilidade adiante. Mas a de Childan; ah! essa lamentavelmente parecia não ter fim.

São obrigações malucos, disse Childan a si próprio. Exemplo: não são capazes de ajudar um homem caído na sarjeta por causa da obrigação que isso impõe.

Como é que isso se chama? Eu digo que é típico; exatamente o que se pode esperar de uma raça que, quando mandada copiar um destróier inglês, consegue repetir até os remendos da caldeira...

Paul observava-o atentamente. Felizmente longos anos de prática ensinaram Childan a automaticamente dissimular qualquer demonstração de sentimentos reais. Assumira uma expressão suave, sóbria, inteiramente de acordo com a natureza da situação. Podia senti-la como uma máscara sobre o rosto.

Isto é terrível, percebeu Childan. Uma catástrofe. Seria melhor se Paul tivesse pensado que ele estava tentando seduzir sua mulher.

Betty. Agora não havia a menor chance de que ela visse a jóia, de que seu plano original fosse bem sucedido. *Wu* era incompatível com sexo; era, como disse Paul, solene e sagrado, como um santuário.

— Dei um cartão seu a cada uma das pessoas que estiveram aqui — disse Paul.

— Como? — perguntou Childan, preocupado.

— Seus cartões comerciais. Para que possam examinar outros exemplares.

— Compreendo — disse Childan.

— Mais uma coisa. Uma dessas pessoas quer discutir o assunto todo com você em seu escritório. Escrevi aqui o nome e endereço dessa pessoa — Paul entregou a Childan um quadrado de papel dobrado. — Quer que os colegas dele ouçam você. É um importador. Importa e exporta em larga escala. Especialmente para a América do Sul. Rádios, câmaras fotográficas, binóculos, gravadores, coisas assim.

Childan fitou o papel.

— ele lida, naturalmente, com enormes quantidades — continuou Paul. — Talvez dezenas de milhares de cada artigo. Sua sociedade controla várias empresas que fabricam para ele a baixo preço, todas localizadas no Oriente, onde a mão de obra é mais barata.

— Por que então... — começou Childan.

— Peças como essa... — interrompeu Paul, apanhando novamente o broche por um segundo. Fechando a tampa, devolveu-a a Childan. —... podem ser produzidas em série. — Em metal ou plástico. Com moldes. Não importa em que quantidade.

— E o *wu*? Subsistirá nas peças assim fabricadas? — perguntou Childan, após um silêncio.

Paul não respondeu.

— Aconselha me a ir vê-lo? — disse Childan.

— Sim — retrucou Paul.

— Por quê?

— Amuletos — respondeu Paul. Childan encarou-o, estupefato.

— Amuletos. Para dar sorte. Para serem usados. Por gente relativamente pobre. Vão distribuir uma série por toda a América Latina e Oriente. A maior parte da massa ainda acredita em magia, você sabe. Encantamentos. Poções. É um negócio rendoso, me disseram.

O rosto de Paul estava duro, sua voz sem inflexão.

— Parece — disse Childan lentamente — que vai dar muito dinheiro.

Paul concordou com a cabeça.

— Foi idéia sua? — perguntou Childan.

— Não — respondeu Paul, ficando em silêncio. Foi o patrão dele, pensou Childan. Você mostrou a peça ao seu chefe, que conhece o importador. Seu patrão, ou alguém influente acima de você, alguém que manda em você, alguém rico e importante, entrou em contato com esse importador.

É por isso que está me passando a informação, percebeu Childan. Não quer ter nada com isso. Mas você sabe o que eu sei; que irei ao endereço e verei o homem. É preciso. Não tenho escolha. Cederei os desenhos, ou talvez os venda por uma percentagem; farei algum acordo com esse indivíduo.

Inteiramente fora de suas mãos. Totalmente. Seria mau gosto da parte dele procurar impedir-me ou discutir comigo.

— Há uma chance — disse Paul — de você ficar extremamente rico. Continuou a fitar estaticamente a parede.

— A idéia me soa algo estranha — respondeu Childan. — Fazer amuletos de tais objetos de arte; não posso imaginá-lo.

— Porque não é seu gênero habitual de comércio. Você se dedica a um exoterismo refinado. Eu também sou assim. E o são também os indivíduos que, dentro em breve, visitarão sua loja,

aqueles que mencionei antes.

— Que faria se estivesse em meu lugar? — perguntou Childan.

— Não subestime a eventualidade representada por este estimado importador. É uma pessoa muito esperta. Você e eu não temos idéias do grande número de gente ignorante. Eles são capazes de tirar, de objetos idênticos produzidos em massa, uma alegria que nos seria negada. Devemos supor que temos o exemplar único da espécie, ou em todo caso algo raro, possuído por poucos. E, naturalmente, algo realmente autêntico. Não um modelo ou uma cópia — continuou a olhar o espaço vazio, além de Childan. — Não alguma coisa produzida às dezenas de milhares.

Será que descobriu sem querer, perguntou-se Childan, que certos objetos históricos existentes em lojas como as minhas (para não falar em sua coleção particular) são imitações? Parece estar insinuando isso.

Como se estivesse sutilmente me transmitindo uma mensagem bem diversa do que aparenta. Ambigüidade, como a que se encontra no oráculo... qualidade, como dizem, da mente oriental.

Na realidade, pensou Childan, ele está dizendo: Você é qual dos dois, Robert? Aquele a quem o oráculo chama "o homem inferior", ou o outro a quem todos os bons conselhos são dirigidos? É o momento de decidir. Você pode ir para um lado ou para o outro, mas não pelos dois ao mesmo tempo. É agora o momento da escolha.

E que lado escolherá o homem superior? indagou Childan a si próprio. Na certa o lado de Paul Kasoura. E o que temos diante de nós não é uma compilação secular de sabedoria de inspiração divina; é apenas a opinião de um mortal — um jovem homem de negócios japones.

Contudo, há um núcleo nisso. *Wu*, como diria Paul. O *wu* da situação é o seguinte: sejam quais forem nossas repugnâncias pessoais, não há dúvida de que a realidade está no lado do importador. É lamentável para o que pretendíamos; mas devemos nos adaptar, como diz o oráculo.

Afinal, os originais ainda podem ser vendidos em minha loja. A *connoisseurs* como, por exemplo, os amigos de Paul.

— Você está lutando consigo mesmo — observou Paul. — Não há dúvida de que em tal situação prefere-se estar a sós.

Dirigiu-se à porta da sala.

— Já decidi.

Os olhos de Paul piscaram.

— Vou seguir seu conselho — disse Childan, inclinando-se. — Vou agora visitar o importador.

Mostrou o papel dobrado em sua mão. Curiosamente, Paul não parecia satisfeito; apenas emitiu um som vago e voltou à sua mesa. Eles reprimem suas emoções até o fim, refletiu Childan.

— Muito obrigado por sua ajuda em meus negócios — disse Childan, preparando-se para partir. — Espero algum dia poder retribuir-lhe esse favor. Não me esquecerei.

Mas o jovem japonês continuava sem demonstrar a menor reação. É mais do que verdade tudo o que dizem deles, pensou Childan: são inescrutáveis.

Acompanhando-o à porta, Paul parecia mergulhado em seus pensamentos. De repente falou:

— Foram artesãos americanos que fizeram esta peça inteiramente a mão, não é? Trabalho de seus corpos pessoais?

— Sim, do desenho original ao polimento final.

— Senhor! Esses artesãos concordarão? Imagino que sonhem com outra aplicação para seu trabalho.

— Acho que podem ser persuadidos — disse Childan. O problema não lhe parecia ser dos mais graves.

— Sim — concordou Paul. — Suponho que sim.

Alguma coisa em seu tom chamou a atenção de Robert Childan. Havia uma insistência curiosa e nebulosa. E subitamente sentiu o que era. Desvendara o mistério, fora de qualquer dúvida, ele viu.

Claro. Todo aquele negócio era a cruel depreciação dos esforços americanos, sendo efetuada diante de seus olhos. Cinismo mas, Deus me perdoe, engoli o anzol, a linha e o chumbo direitinho. Fez com que eu concordasse, passo por passo, levou-me sorrateiramente à conclusão : produtos manuais americanos só servem para modelos de amuletos ordinários.

Era assim que os japoneses dominavam, não pela brutalidade mas pela sutileza, engenho, esperteza milenar.

Cristo! Somos uns bárbaros comparados com eles, constatou Childan. Não passamos de uns bobos diante de tal raciocínio impiedoso. Paul não disse — não me disse — que nossa arte não vale nada; levou-me a di-zê-lo por ele. E, suprema ironia, entristeceu-se com o que eu disse. Uma simulada manifestação de pena, como tem um ser civilizado, ao ouvir a verdade de meus lábios.

Quebrou-me, disse Childan, quase em voz alta — felizmente, porém, conseguiu esconder o pensamento; como antes, encerrou-o em seu mundo interior, à parte e secreto, para si próprio. Humilhou a mim e à minha raça. E não posso fazer nada. Não há como nos vingar; somos derrotados e nossas derrotas são assim, tão tênues, tão delicadas, que mal somos capazes de percebê-las. Na verdade, temos que subir um grau em nossa evolução para ter mesmo consciência do que aconteceu.

Que prova mais pode-se desejar, quanto à eficácia da liderança japonesa? Sentiu até vontade de rir, apreciando o estranho da situação. Sim, pensou, é assim, quando se ouve uma boa piada. Preciso recordá-la, saborear mais tarde, até contar. Mas a quem? Isso era um problema. Era pessoal demais para ser contada.

No canto da sala de Paul havia uma cesta de papel. Lá! disse Robert Childan a si próprio, é o lugar para esta coisa, esta jóia carregada de *wu*.

Seria capaz de jogá-la fora? Pôr um fim nessa situação diante dos olhos de Paul?

Não, nem disso sou capaz, descobriu apertando o objeto na mão. Nem devo — se pretendo enfrentar seu camarada japonês de novo.

Maldição, não consigo me libertar de sua influência, não consigo ceder ao impulso. Toda a espontaneidade é esmagada... Paul encarava-o, sem precisar dizer nada; a presença do homem era suficiente. Minha consciência está presa numa rede e um fio invisível parte deste objeto sem valor que está em minhas mãos e sobe pelo meu braço até minha alma.

Acho que vivo há tempo demais entre eles. Agora é tarde para fugir, para voltar aos brancos e costumes brancos.

— Paul — disse Robert Childan.

Sua voz, reparou, grasnava doentiamente, sem controle, sem modulação.

— Sim, Robert.

— Paul, eu... estou... humilhado. A sala começou a rodar.

— Por que, Robert?

Parecia interessado, mas vagamente. Não se sentia envolvido.

— Paul. Um momento — manuseou a jóia que estava molhada de suor. — Eu... tenho orgulho deste trabalho. Não é possível transformá-lo em amuletos baratos. Recuso a proposta.

Mais uma vez não pôde decifrar a reação do jovem japonês, que apenas ouvia, atento.

— Obrigado, contudo — disse Robert Childan. Paul inclinou-se.

Robert Childan inclinou-se.

— Os homens que fizeram isto — disse Childan — são orgulhosos artistas americanos. Eu participo desse orgulho. Sugerir transformá-lo em ordinários é, portanto, uma injúria e exijo uma desculpa.

Silêncio incrivelmente prolongado. Paul observava-o. Uma sobrancelha elevou-se ligeiramente e seus lábios finos crispavam-se. Um sorriso?

— Exijo — disse Childan.

Era só; não podia ir além. Agora apenas esperava.

Não aconteceu nada.

Por favor, pensou. Me acuda.

— Perdoe minha arrogante imposição — disse Paul. Estendeu a mão.

— Está bem — respondeu Robert Childan. Apertaram-se as mãos.

Uma profunda calma desceu sobre o coração de Childan. Sobrevivi à aprovação, reconheceu. Tudo acabado. Com a graça de Deus, que veio a mim no momento exato. Uma segunda vez talvez fosse diferente. Ousaria eu mais uma vez forçar minha sorte? Provavelmente não.

Sentiu-se melancólico. Breve instante, como se viesse à tona e visse o campo livre.

A vida é curta, pensou. A arte, ou algo que não a vida, é longa, estendendo-se ao infinito, como um verme sólido. Plana, branca, virgem da passagem do que quer que seja vertical ou horizontalmente. Aqui estou eu. Mas não por muito tempo. Pegando a caixinha, guardou a jóia Edfrank no bolso do casaco.

MR. RAMSEY disse:

— Mr. Tagomi, este é Mr. Yatabe.

Retirou-se para um canto da sala, e o senhor de idade adiantou-se.

— Prazer em conhecê-lo pessoalmente, senhor — disse Mr. Tagomi, estendendo a mão.

A mão leve, frágil apoiou-se na sua; sacudiu-a sem apertá-la, soltando-a imediatamente. Espero não tê-la quebrado, pensou. Examinou a fisionomia do velho senhor, e ficou encantado. Era um espírito forte, coerente.

Nada nebuloso. Evidentemente emanavam dele todas as sólidas tradições ancestrais. Era a melhor qualidade que se podia desejar num ancião... e eis que percebeu estar diante do general Tedeki, ex-Chefe do Estado-Maior Imperial.

Mr. Tagomi fez uma profunda reverência.

— General — disse.

— Onde está a terceira pessoa? — perguntou o general Tedeki.

— Está quase chegando — respondeu Mr. Tagomi. — Informei-o pessoalmente em seu quarto de hotel.

Um tanto ou quanto atordoado, afastou-se alguns passos ainda inclinado, parecendo não ser capaz de endireitar-se. O general sentou-se. Sem dúvida ainda ignorando a identidade do senhor de idade, Mr. Ramsey ajudou-o com a cadeira, mas sem demonstrar maior deferência. Hesitantemente, Mr. Tagomi sentou-se na cadeira em frente.

— Perdemos tempo — disse o general. — É lamentável mas impossível de evitar.

— É verdade — concordou Mr. Tagomi. Passaram-se dez minutos. Nenhum dos dois falou.

— Com licença, senhor — disse Mr. Ramsey, nervoso. — Vou deixá-los, se não precisam de mim.

Mr. Tagomi assentiu e Mr. Ramsey partiu.

— Chá, general? — perguntou Mr. Tagomi.

— Não, senhor.

— Senhor — disse Mr. Tagomi — confesso estar com medo. Pressinto neste encontro algo de terrível.

O general inclinou a cabeça.

— Mr. Baynes, que já encontrei — continuou Mr. Tagomi — e recebi em minha casa, diz ser sueco. Porém, a um exame cuidadoso, conclui-se que ele é, na realidade, uma espécie de alemão altamente situado. Digo isto porque...

— Por favor, continue.

— Obrigado, general; a agitação dele diante deste encontro leva a deduzir haver uma ligação com os distúrbios políticos no *Reich*.

Mr. Tagomi não mencionou outro fato: seu conhecimento de que o general não chegou à cidade na data prevista.

— Agora o senhor está plantando verde — disse o general. — Não está informando.

Seus olhos brilharam de maneira paternal. Sem malícia, Mr. Tagomi aceitou a repreensão.

— Senhor, será minha presença nesta reunião uma mera formalidade para confundir os espiões nazistas?

— Naturalmente — continuou o general — estamos interessados em manter uma certa ficção. Mr. Baynes representa as Indústrias Tor-Am, de Estocolmo. É um simples homem de negócios e eu sou Shinjiro Yatabe.

E eu sou Tagomi, pensou Mr. Tagomi. Isto eu garanto.

— Na certa os nazistas têm observado as idas e vindas de Mr. Baynes — disse o general.

Colocou as mãos nos joelhos, sentado ereto na cadeira... como se, pensou Mr. Tagomi, estivesse sentindo um longínquo aroma de *bouillon*.

— Mas, para demolir a ficção, terão que recorrer à lei. É esta a verdadeira finalidade; não enganar, mas exigir as formalidades no caso de descoberta. O senhor compreende, por exemplo, que, para prender Mr. Baynes, terão que fazer mais do que simplesmente atirar nele... o que seria fácil se ele viajasse como... bem, se viajasse sem a proteção deste disfarce.

— Compreendo — disse Mr. Tagomi.

Parece um jogo, pensou. Mas eles conhecem a mentalidade nazista. De modo que imagino que vai dar resultado. O intercom na mesa tocou. Era a voz de Mr. Ramsey.

— Mr. Baynes está aqui. Pode entrar?

— Sim! — exclamou Mr. Tagomi.

A porta abriu-se e Mr. Baynes, impecavelmente vestido com uma roupa bem passada e admiravelmente cortada, apareceu. Sua fisionomia era a adequada para a ocasião.

O general Tedeki ficou de pé para recebê-lo. Mr. Tagomi também se levantou. Todos três inclinaram-se.

— Senhor — disse Mr. Baynes ao general. — Sou o capitão Wegener, da Contra-Espionagem naval do *Reich*. Como foi combinado, represento a mim mesmo e um grupo de cidadãos particulares anônimos e nenhum departamento ou escritório de espécie alguma do Governo do *Reich*.

— Herr Wegener — respondeu o general — compreendo que, de forma alguma, representa o Governo do *Reich*. Eu estou aqui oficiosamente, em caráter particular. Minha posição anterior no exército imperial pode ser considerada como me dando acesso a certas rodas em Tóquio que desejam ouvir o que o senhor tiver para dizer.

Estranho discurso, pensou Mr. Tagomi. Mas não desagradável. Contém certa qualidade quase musical. Alivia e repousa, na verdade.

Sentaram-se.

— Sem preâmbulo — disse Mr. Baynes — desejo informar-lhe e àqueles a quem tem acesso, que há em estágio avançado no *Reich* um programa chamado *Löwenzahn*, dente de leão.

— Sim — respondeu o general, com ar de quem já tivesse ouvido isso antes.

Mas, pensou Mr. Tagomi, ele parece ansioso por ouvir o que Mr. Baynes tem para dizer.

— Dente de Leão — continuou Mr. Baynes — consiste num incidente que se vai produzir na fronteira entre os Estados das Montanhas Rochosas e os Estados Unidos.

O general assentiu, sorrindo ligeiramente.

— As tropas dos Estados Unidos serão atacadas e revidarão atravessando a fronteira e entrando em combate com as tropas regulares dos Estados das Montanhas Rochosas estacionadas

na vizinhança. As tropas dos Estados Unidos têm mapas detalhados revelando instalações militares no Centro Oeste. É a primeira etapa. A segunda consistirá numa declaração da Alemanha sobre o conflito. Um destacamento de pára-quedistas voluntários da *Wehrmacht* será enviado para auxiliar os Estados Unidos. Contudo, isso é apenas mais uma camuflagem.

— Sim — disse o general, atento.

— O objetivo essencial da Operação Dente de Leão — prosseguiu Mr. Baynes — é um gigantesco ataque nuclear ao arquipélago nipônico, sem aviso prévio.

Calou-se, então.

— Com a intenção de eliminar a família real, o exército de defesa metropolitana, a maior parte da marinha imperial, a população civil, as indústrias, os recursos — disse o general Tedeki. — Deixando as colônias ultramarinas sem defesa e permitindo sua absorção pelo *Reich*.

Mr. Baynes ficou em silêncio.

— Que mais? — perguntou o general. Mr. Baynes parecia perplexo.

— A data, senhor — pediu o general.

— Foi tudo mudado — disse Mr. Baynes — devido à morte de Martin Bormann. Ao menos, é o que presumo. Não estou em contato com a *Abwehr* agora.

— Continue, *Herr Wegener* — instou o general.

— O que recomendamos é que o Governo japonês interfira na situação interna do *Reich*. Ou, ao menos, foi isso que vim aqui recomendar. Certos grupos do *Reich* são a favor da Operação Dente de Leão; outros não. Esperava-se que estes opositores subissem ao poder, com a morte do Chanceler Bormann.

— Mas enquanto você estava aqui — respondeu o general — *Herr Bormann* morreu e a situação política resolveu-se por si. O doutor Goebbels é agora Chanceler do *Reich*. Acabou-se a agitação. Fez uma pausa. — Como esta facção encara a Operação Dente de Leão?

— O doutor Goebbels é partidário dela — disse Mr. Baynes.

Sem que os dois reparassem, Mr. Tagomi fechou os olhos.

A voz de Mr. Baynes chegou aos ouvidos de Mr. Tagomi.

— Que é contra? — perguntou o general Tedeki.

— O general Heydrich, da S.S.

— Isso me surpreende — disse o General Tedeki. — Estou em dúvida. Esta é uma informação de fonte segura ou apenas um ponto de vista seu e de seus colegas?

Mr. Baynes explicou :

— A Administração do Oeste, ou seja, da área atualmente ocupada pelo Japão, ficaria a cargo do Ministério do Exterior, com o pessoal do Rosenberg, que trabalha diretamente com a Chancelaria. Este foi um tema duramente discutido em muitas sessões pelos principais interessados no ano passado. Tenho cópias fotostáticas das notas redigidas. A polícia exigiu lhe fosse dada autoridade, mas negaram. Vai caber-lhe a colonização espacial, Marte, Lua, Vênus. Será seu domínio. Uma vez resolvida esta divisão de autoridade, a polícia começou a incentivar o programa espacial e lutar contra a Operação Dente de Leão.

— Rivalidade — disse o General Tedeki. — Um grupo jogado contra o outro. Pelo líder. Para que nunca o contestem.

— É verdade — respondeu Mr. Baynes. — Foi por isso que me mandaram aqui, para pedir sua intervenção. Ainda é possível agir; a situação ainda não se solidificou. Vão ser necessários

meses antes que o doutor Goebbels possa consolidar sua posição. Terá que quebrar a resistência da polícia, talvez fazer com que Heydrich e outros chefes da S.S. e S.D. sejam executados. Feito isso...

— Acha que devemos apoiar a *Sicherheitsdienst*? — interrompeu o general Tedeki. — A porção mais nefasta da sociedade alemã?

— É isso mesmo — respondeu Mr. Baynes.

— O Imperador — respondeu o general Tedeki — nunca toleraria tal política. Considera os corpos de elite do *Reich*, todos os que usam o uniforme preto e a caveira, o Sistema do Castelo... Como a própria encarnação do mal.

Do mal, pensou Mr. Tagomi. Sim, é verdade. Devemos ajudá-los a tomar o poder, para salvar nossas vidas? É este o paradoxo de nossa situação terrestre?

Não posso enfrentar este dilema, pensou Mr. Tagomi. O homem deve ser obrigado a agir diante de tal ambigüidade moral. Não há Caminho nisso; tudo está confuso. Tudo é caos de luz e trevas, sombra e substância.

— A Wehrmacht — disse Mr. Baynes — os militares, são os únicos no *Reich* a possuírem a bomba de hidrogênio. Quando foi usada pelos camisas-negras, foi sempre sob supervisão militar. A Chancelaria, sob a direção de Bormann, nunca permitiu que a polícia adquirisse armamento nuclear. Na Operação Dente de Leão, tudo será executado pelo O.K.W., o Alto Comando do Exército.

— Estou ciente do fato — disse o general Tedeki.

— O comportamento moral dos camisas-negras excede em ferocidade ao da Wehrmacht. Mas sua força é menor. Precisamos apenas pensar em função da realidade, do poder atual. Não em intenções éticas.

— Sim, é preciso ser realista — disse Mr. Tagomi. em voz alta.

Tanto Mr. Baynes quanto o General Tedeki voltaram-se para ele.

— Que está sugerindo especificamente? Que entremos em contato com a S.D. aqui nos Estados do Pacífico? Negociar diretamente com... não sei quem é o chefe da S.D. aqui. Alguma criatura repugnante, na certa.

— O S.D. local não sabe nada — disse Mr. Baynes. — Seu chefe aqui, Bruno Kreuz von Meere, é um velho mercenário do *Fartei*. *Ein Altparteigenosse*. Um imbecil. Ninguém em Berlim lhe diria nada; ele apenas executa trabalhos de rotina.

— Quem, então? — o general parecia zangado. — O cônsul daqui, ou o Embaixador do *Reich* em Tóquio?

Esta conversa será inútil, pensou Mr. Tagomi. Apesar do que está em jogo. Não podemos entrar no monstruoso pântano esquizofrênico da intriga interna nazista; nossas mentes não se adaptariam.

— Isso precisa ser tratado com cautela — disse Mr. Baynes. — Através de uma série de intermediários. Alguém próximo de Heydrich, que estiver servindo fora do *Reich*, em país neutro. Ou alguém que vá e venha entre Tóquio e Berlim.

— Está pensando em alguém em particular?

— O Ministro do Exterior italiano. Conde Ciano. Um homem inteligente, de confiança, muito corajoso, inteiramente dedicado à causa da compreensão internacional. Contudo... seu contato com o dispositivo da S.D. é inexistente. Mas ele poderia por intermédio de alguém na Alemanha,

pessoas com interesses econômicos, como os Krupp ou o General Speidel ou talvez até através de gente da *Waffen-S.S.* A *Waffen-S.S.* é menos fanática, mais dentro das normas da sociedade alemã.

— Seu organismo, a Abwehr... Seria vão, tentar alcançar Heydrich através de vocês?

— Os camisas-negras vivem nos insultando. Há vinte anos que tentam obter a aprovação do *Fartei* para nos eliminar completamente.

— Você não corre excessivo perigo da parte deles? — perguntou o general Tedeki. — Segundo ouvi dizer, eles são muito ativos aqui na Costa do Pacífico.

— Ativos porém ineptos — respondeu Mr. Baynes.

— O sujeito do Ministério do Exterior, Reiss, é habilidoso, mas opõe-se à S.D.

Deu de ombros.

— Eu gostaria de ter suas fotocópias — disse o general Tedeki. — Para levá-las ao meu Governo. Qualquer documento que tiver sobre aquelas discussões na Alemanha. E... — parou para pensar. — Provas. De natureza objetiva.

— Pois não — respondeu Mr. Baynes. Colocando a mão no bolso, tirou uma cigarreira chata, de prata. Como o senhor verá, cada cigarro é um recipiente ôco para microfilme.

Passou a cigarreira ao general.

— E a cigarreira em si? — perguntou o general, examinando-a. — Parece um objeto valioso demais para dar de presente.

Começou a tirar os cigarros de dentro. Sorrindo, Mr. Baynes disse:

— A cigarreira, também.

— Obrigado.

Também sorrindo, o general guardou a cigarreira no bolso.

O intercom na mesa tocou. Mr. Tagomi apertou o botão. Chegou-lhe a voz de Mr. Ramsey:

— Senhor, há um grupo de homens da S.D. no saguão, embaixo; estão tentando ocupar o prédio. Os guardas do *Times* estão lutando com eles.

Ao longe, ouviu-se o som de uma sirene vindo da rua, sob a janela de Mr. Tagomi.

— A Polícia Militar está a caminho, além do *Kempetai*, de São Francisco.

— Obrigado, Mr. Ramsey — disse Mr. Tagomi. — O senhor deu mostras de grande dignidade informando-me com tanta placidez.

Mr. Baynes e o General Tedeki ouviam atentos, ambos imóveis.

— Senhores — disse Mr. Tagomi — sem dúvida liquidaremos os bandidos da S.D. antes que alcancem este andar.

— Corte a força dos elevadores — disse, depois, dirigindo-se a Mr. Ramsey.

— Sim, Mr. Tagomi — respondeu Mr. Ramsey, desligando.

— Vamos esperar — disse Mr. Tagomi.

Abriu a gaveta da escrivaninha e retirou uma caixa de teca; abrindo-a, tirou um Colt 44, da Guerra Civil americana de 1860, perfeitamente preservado, valiosa peça de colecionador. Apanhando uma caixa de pólvora, bala e cartucho, começou a carregar a arma. Mr. Baynes e o General Tedeki observaram, admirados.

— Objeto de minha coleção particular — disse Mr. Tagomi. — Fui vítima de muitas brincadeiras por treinar orgulhosamente tiro ao alvo e velocidade de saque, nas horas de folga. Confesso que, do ponto de vista de rapidez, posso me comparar a outros entusiastas. Mas até hoje

não tive oportunidade de usar esse talento na prática. Segurando a arma da maneira correta, apontou para a porta da sala. E sentou-se esperando.

Frank Frink estava sentado diante da polia, na banca de sua oficina, no porão. Segurava um brinco de prata semi-acabado contra o barulhento polidor de algodão, partículas de pó de ferro batiam contra seus óculos empreteciam suas unhas e mãos. O brinco, em forma de caracol, aquecera-se com a fricção, mas Frink aumentava inflexivelmente a pressão.

— Não dê brilho demais — disse Ed McCarthy. — Pegue apenas os relevos; pode deixar as reentrâncias de lado.

Frank Frink resmungou.

— Há mais mercado para a prata se não estiver polida demais — disse Ed. — Os trabalhos em prata devem ter um ar de velhos.

Sempre o mercado, pensou Frink.

Não tinham vendido nada. À parte a consignação na *American Artistic Handcrafts*, ninguém quisera nada e já haviam visitado cinco lojas de varejo ao todo.

Não estamos ganhando dinheiro, disse Frink a si próprio. Estamos fazendo cada vez mais jóias e empilhando-as em volta de nós.

A tarraxa do brinco prendeu-se na roda; a peça voou das mãos de Frink, ricocheteou no escudo de proteção da roda e caiu no chão. ele desligou o motor.

— Não perca essas peças — disse McCarthy, soldando com o maçarico.

— Nossa Senhora, é do tamanho de uma ervilha. Não dá para segurar.

— Bom, de qualquer jeito apanha ela.

Para o inferno com esse troço todo, pensou Frink.

— O que foi que houve? — perguntou McCarthy, vendo que ele não se mexia para apanhar o brinco.

— Estamos investindo dinheiro em nada — disse Frink.

— Não podemos vender o que não estiver feito.

— Não podemos vender nada — insistiu Frink —

Feito ou não.

— Cinco lojas. Escolhidas ao acaso.

— Mas a tendência — retrucou Frink — Já deu para ver.

— Não cai nessa.

— Não estou caindo — disse Frank.

— Que é que você quer dizer?

— Quer dizer que está na hora de procurar um ferro-velho.

— Está certo — respondeu McCarthy. — Pode desistir, então.

— Já desisti.

— Vou continuar sozinho. McCarthy reacendeu o maçarico.

— Como vamos dividir as coisas?

— Não sei. Acharemos um jeito.

— Compre minha parte — disse Frink.

— Isso nunca. Frink fez as contas:

— Então me dá seiscentos dólares. — *i* Não, você leva metade de tudo.

— Metade do motor?

Então os dois ficaram em silêncio.

— Mais três lojas — disse McCarthy. — Depois a gente conversa. Baixando a máscara sobre o rosto, começou a ligar um pedaço de fio de cobre a uma pulseira.

Frank Frink desceu da banca de trabalho. Procurou o brinco em caracol e recolocou-o na caixa de peças não terminadas.

— Vou lá fora fumar — disse, e atravessou o porão até a escada.

Um momento depois estava lá fora na calçada, com um *T'ien-lai* entre os dedos.

Acabou-se, pensou. Não preciso do oráculo para me dizer; reconheço quando o Momento chega. Sente-se o cheiro. A derrota.

E é tão difícil dizer por quê. Talvez, teoricamente, possamos continuar. De loja em loja, outras cidades. Mas... há algo errado. E todo o esforço e habilidade do mundo não podem modificá-lo.

Quero saber por quê, pensou.

Mas não vou saber nunca.

O que devíamos ter feito? Feito o que em lugar disso?

Contrariamos o Momento. Contrariamos o Tao. Contra o vento, no sentido errado. E agora... dissolução. Decomposição.

O *Yin* nos pegou. A luz nos voltou as costas, foi-se embora.

Só nos resta nos submeter.

Enquanto estava ali, sob a platibanda do prédio, dando puxadas rápidas no cigarro de *marijuana* e desinteressadamente observando os carros passarem, aproximou dele um homem branco, de meia altura, de aparência comum.

— Mr. Frink? Mr. Frank Frink?

— Ele mesmo — disse Frink.

O homem tirou do bolso um documento dobrado e um cartão de identidade. — Sou da Chefatura de Polícia de São Francisco. Tenho aqui uma ordem de prisão contra o senhor.

Já estava segurando o braço de Frink; a prisão já estava consumada.

— Por quê? — perguntou Frink.

— Falcatura. Mr. Childan, *American Artistic Handcrafts*.

O tira empurrou Frink pela calçada; outro, à paisana, juntou-se a ele, um de cada lado do preso. Arrastaram-no em direção de um carro, tipo *Toyopet*, sem identificação.

É isso o que a época exige de nós, pensou Frink, enquanto era despejado no assento entre os dois tiras. A porta bateu; o carro, guiado por um terceiro tira, este de uniforme, partiu em meio ao trânsito. São esses os filhos da puta a que temos de nos submeter.

— Tem advogado? — perguntou-lhe um dos policiais.

— Não — respondeu ele.

— Na delegacia receberá uma lista de nomes.

— Obrigado — disse Frink.

— O que foi que fez com o dinheiro? — perguntou-lhe, mais tarde, um dos tiras, enquanto estacionavam na garagem da delegacia de Kearny Street.

— Gastei — respondeu Frink.

— Tudo?

Não respondeu.

Um dos tiras sacudiu a cabeça e começou a rir.

— Seu nome verdadeiro é Frink? — perguntou um deles a Frink, saindo do carro.

Frink ficou aterrorizado.

— Frink — repetiu o tira. — Você é judeu. — Mostrou uma grande pasta de papéis cinzenta.

— Refugiado da Europa.

— Nasci em Nova York — disse Frank Frink.

— Você é um fugitivo dos nazistas — disse o tira. — Sabe o que isso quer dizer?

Frank Frink desvencilhou-se e correu pela garagem. Os três policiais gritaram e na porta ele encontrou um carro com guardas armados, cortando-lhe o caminho. Os policiais sorriam-lhe, e um deles, de arma na mão, adiantou-se e algemou-o.

Puxando-o pelos pulsos — o metal fino entrava na carne, até o osso — o tira fez com ele o caminho de volta.

— Vai voltar para a Alemanha — disse um dos policiais, examinando-o.

— Sou americano — respondeu Frank Frink.

— Você é judeu — retrucou o tira.

Enquanto o levavam para cima, um dos tiras disse:

— Vão trancafiá-lo aqui?

— Não — disse o outro. — Vamos guardá-lo para o cônsul alemão. Querem julgá-lo pela lei alemã.

Não havia nenhuma lista de advogado, afinal.

Durante vinte minutos Mr. Tagomi permanecera imóvel à sua mesa, mantendo a arma apontada para a porta, enquanto Mr. Baynes andava de um lado para outro. O velho general, depois de refletir algum tempo, pegara o telefone e pedira uma ligação para a embaixada japonesa em São Francisco. Contudo, não conseguira falar com o Barão Kaelemakule; o embaixador, informou-lhe um funcionário, estava fora da cidade.

Agora o general Tedeki estava tentando conseguir uma ligação transpácifica para Tóquio.

— Vou consultar o Conselho de Guerra — explicou a Mr. Baynes. — Entrarão em contato com as forças militares imperiais estacionadas perto daqui.

Não parecia perturbado.

De modo que seremos salvos daqui a umas horas, pensou Mr. Tagomi. Talvez pelos fuzileiros de um porta-aviões japonês, armados de metralhadoras e morteiros. Operar por intermédio dos canais oficiais é altamente eficiente quanto ao resultado final... mas ocasiona lamentáveis problemas de tempo. No andar de baixo, bandidos de camisa negra estão empenhados em surrar secretários e funcionários.

Ele, porém, não podia fazer muito mais.

— Será que vale a pena tentar entrar em contato com o cônsul alemão? — perguntou Mr. Baynes.

Mr. Tagomi já se via chamando Miss Epreikian com seu advogado, para ditar um protesto urgente, endereçado a *Herr* Reiss.

— Posso chamar Herr Reiss — disse Mr. Tagomi. — No outro telefone.

— Por favor — pediu-lhe Mr. Baynes.

Ainda segurando seu Colt 44, peça de coleção, Mr. Tagomi apertou um botão em sua mesa. Apareceu um telefone, especialmente instalado para comunicações clandestinas.

Discou o número do consulado alemão.

— Bom-dia. Quem fala? Era uma voz incisiva de homem, com um forte sotaque. Sem dúvida um funcionário subalterno.

— Sua Excelência Herr Reiss, por favor — disse Mr. Tagomi. — É urgente. Aqui fala Mr. Tagomi, Presidente da Diretoria da Missão Comercial Imperial.

Usou sua voz mais dura e formal.

— Sim, senhor. Um momento por favor.

Um longo momento, pareceu-lhe. Nenhum som no telefone, nem mesmo cliques. Ele está lá parado, com o fone na mão, pensou Mr. Tagomi. Fazendo hora com astúcia tipicamente germânica.

— Estão tentando me enganar — disse para o general Tedeki, que esperava no outro telefone, e para Mr. Baynes, que andava de um lado para outro.

Finalmente, ouviu a voz do funcionário, de novo.

— Desculpe fazê-lo esperar, Mr. Tagomi.

— De nada.

— O cônsul está em conferência. Contudo... Mr. Tagomi desligou.

— Tempo perdido, para não dizer outra coisa — comentou, sentindo-se frustrado.

Quem mais podia chamar? *Tokkoka* já estava informado, as unidades da P.M. do porto também; inútil telefonar. Um telefonema direto a Berlim? Ao Chanceler do *Reich*, Goebbels? Ao Aeroporto Militar Imperial em Napa, pedindo reforço aéreo?

— Vou chamar o chefe do S.D., *Herr* Bruno Kreuz von Meere — decidiu em voz alta. — E reclamar amargamente. Gritar e xingar.

Começou a discar o número formalmente e eufemisticamente constante do catálogo como "Depósito de Objetos Preciosos do Terminal Aéreo da Lufthansa". Enquanto o telefone tocava, disse:

— Vou fazer uma gritaria histérica.

— Interprete bem o seu papel — pediu o general Tedeki, sorrindo.

— Quem fala? — disse uma voz germânica no ouvido de Mr. Tagomi.

Mais dura e apropriada que minha própria voz, pensou Mr. Tagomi. Mas pretendia continuar.

— Fale de uma vez — exigiu a voz.

— Estou ordenando — gritou Mr. Tagomi — a prisão e julgamento do seu bando de degoladores e degenerados louros que andam soltos como grandes feras dementes que desafiam qualquer descrição! Sabe quem sou eu, *Kerl*? Aqui fala Tagomi, Conselheiro do Governo Imperial. Vocês saem da legalidade e, cinco segundos depois, as tropas de choque dos fuzileiros começam o massacre com lança-chamas e bombas de fósforo. É uma vergonha para a civilização.

Do outro lado da linha, o laçao da S.D. balbuciava ansiosamente.

Mr. Tagomi piscou para Mr. Baynes.

—... não sabemos de nada — disse o laçao.

— Mentiroso! — berrou Mr. Tagomi. — Então não temos escolha — bateu o telefone com força. — É sem dúvida um mero gesto — disse a Mr. Baynes e ao general Tedeki. — Mas não pode fazer mal. Sempre resta uma vaga possibilidade de haver um elemento nervoso até na S.D.

O general Tedeki ia começar a falar quando se ouviu uma tremenda barulheira na porta da sala; calou-se A porta abriu-se.

Apareceram dois homens brancos, fortes, ambos armados de pistolas com silenciador. Apontaram para Mr. Baynes.

— *Da ist er* — disse um deles e partiram em sua direção.

De sua mesa, Mr. Tagomi apontou o Colt 44, velha peça de coleção, e apertou o gatilho. Um dos homens da S.D. caiu no chão. O outro apontou a pistola com silenciador para Mr. Tagomi e atirou. Mr. Tagomi não viu nada, viu apenas uma fumacinha sair da arma e percebeu o assobio da bala passando por perto. Com velocidade recorde armou novamente o gatilho de seu Colt, atirando várias vezes seguidas.

O maxilar do homem da S.D. espatifou-se. Pedacos de osso, carne, dentes, voaram pelo ar. Atigido na boca, constatou Mr. Tagomi. Lugar horrível, especialmente com a bala vindo de baixo. Os olhos do homem sem queixo da S.D. continham ainda uma certa vida. Ainda está me vendo, pensou Mr. Tagomi. Depois aqueles olhos perderam o brilho e o homem caiu, soltando a arma e fazendo com a garganta um barulho inumano.

— Nauseante — disse Mr. Tagomi.

Não apareceram mais homens do S.D. na porta aberta.

— Talvez tenha acabado — respondeu o general Tedeki, após um intervalo.

Mr. Tagomi, empenhado na tediosa tarefa de recarregar a arma, o que durava três minutos, interrompeu-se para apertar o botão do intercom.

— Traga o socorro médico de emergência — ordenou. — Há aqui um bandido horivelmente ferido.

Nenhuma resposta, apenas um zumbido. Abaixando-se, Mr. Baynes apanhou as armas dos alemães, passou uma ao general e ficou com a outra.

— Agora vamos liquidá-los — disse Mr. Tagomi, voltando a sentar-se com seu Colt 44, como antes. — Que formidável triunvirato, nesta sala!

Uma voz gritou do saguão:

— Os bandidos alemães renderam-se!

— Aqui já cuidamos deles — gritou de volta Mr. Tagomi. — Estão mortos ou morrendo. Venham e verifiquem pessoalmente.

Um grupo de funcionários do *Nippon Times* apareceu, hesitante, vários carregando equipamento apropriado para combater conflito, como machados, rifles e granadas de gás lacrimogêneo.

— *Cause célèbre* — disse Mr. Tagomi. — O Governo dos Estados Americanos do Pacífico, em Sacramento, podia declarar guerra ao *Reich* sem hesitação. — Abriu a arma. — Em todo caso, agora acabou.

— Negarão qualquer cumplicidade — disse Mr. Baynes. — A técnica habitual. Usada inúmeras vezes.

Colocou a pistola com silenciador na mesa de Mr. Tagomi e, apontando para o cabo dela, acrescentou:

— Feita no Japão.

Não estava brincando. Era verdade. Uma pistola japonesa de tiro ao alvo de excelente qualidade. Mr. Tagomi examinou-a.

— E não são cidadãos alemães — continuou Mr. Baynes. Retirara a carteira de um dos brancos, o que estava morto. — Cidadão dos Estados Americanos do Pacífico. Mora em São José. Nada que o ligue à S.D. Nome, Jack Sanders. Jogou a carteira no chão.

— Um assalto — disse Mr. Tagomi. — Objetivo: nosso cofre forte. Sem aspectos políticos.

Ficou de pé, trêmulo. Em todo caso, a tentativa de seqüestro ou assassinato por parte da S.D. falhara. Pelo menos a primeira. Mas era claro que sabiam quem era Mr. Baynes e, na certa, também o motivo de sua visita.

— O prognóstico é sombrio — disse Mr. Tagomi. Imaginou se, naquele caso, o oráculo seria útil.

Talvez pudesse protegê-los. Avisá-los, protegê-los com seu conselho.

Ainda trêmulo, começou a retirar as quarenta e nove varetas de *yarrow*. A situação inteira era confusa e anômala, pensou. Nenhuma inteligência humana poderia decifrá-la; era preciso pedir a ajuda de uma sabedoria coletiva de cinco mil anos. A sociedade totalitária alemã parece ser uma forma de vida defeituosa, pior do que a natural. Pior em todas as suas misturas, no seu *potpourri* de coisas inúteis.

Aqui, pensou, a S.D. local age como instrumento de uma política diferente da adotada pela chefia em Berlim. Como encontrar lógica nesse ser híbrido? Quem é, na verdade, a Alemanha? O que já foi? É quase um pesadelo onde assistimos à paródia e à decomposição dos problemas habitualmente encontrados no curso da nossa existência.

O oráculo destrinchará tudo. Até mesmo essa fantástica raça de gatos que é a Alemanha nazista, é compreensível para o I Ching.

Mr. Baynes, vendo Mr. Tagomi manipular agitamente o punhado de varetas vegetais, constatou a profundidade da perturbação do outro. Para ele, pensou Mr. Baynes, este acontecimento, o fato de ele ter sido obrigado a matar e mutilar dois homens, não é só terrível mas inexplicável.

O que posso dizer para consolá-lo? Atirou por minha causa; a responsabilidade moral dessas duas vidas é portanto minha e eu a aceito. É assim que vejo a coisa.

Aproximando-se de Mr. Baynes, o general Tedeki disse em voz baixa:

— O senhor é testemunha do desespero de um homem. ele foi, sem dúvida, criado no budismo. Ainda que não formalmente, a influência está presente. É uma cultura que ensina que não se deve tirar a vida; todas as vidas são sagradas.

Mr. Baynes assentiu.

— ele recuperará o equilíbrio com o passar do tempo — continuou o general Tedeki. — Agora lhe faltam recursos para encarar e compreender seu gesto. O livro irá ajudá-lo, pois fornece um sistema de referência externo.

— Compreendo — disse Mr. Baynes.

Pensou: outro sistema de referência que talvez o ajudasse seria a da doutrina do Pecado Original. ele já terá ouvido falar? Somos todos condenados a praticar atos de crueldade, de violência ou de maldade; é nosso destino, determinado por fatores imemoriais. Nosso *karma*.

Para salvar uma vida, Mr. Tagomi teve que acabar com duas. A mente lógica, equilibrada,

não pode aceitar isso. Um homem bom como Mr. Tagomi pode ser levado à loucura pelas conseqüências de tal realidade.

Em todo caso, pensou Mr. Baynes, o ponto crucial está não no presente, nem na minha morte nem na morte desses dois S. D. ; está — hipoteticamente — no futuro. O que aconteceu aqui estará justificado, ou não justificado, pelo que acontecerá depois. Podemos talvez salvar milhões de vidas, até o Japão inteiro?

Mas o homem que mexia as varetas não podia pensar nisso; o presente, a atualidade, eram tangíveis demais, os alemães, um morto e o outro morrendo no chão de sua sala.

O general Tedeki tinha razão; o passar do tempo daria uma perspectiva a Mr. Tagomi. A menos que ele se refugiasse nas trevas da doença mental, desviando o olhar para sempre, num estado de perplexidade desesperada.

Na realidade, não somos tão diferentes dele, pensou Mr. Baynes. Enfrentamos as mesmas confusões. Portanto, infelizmente, não podemos ajudar Mr. Tagomi em nada. Podemos apenas aguardar, na esperança de que ele não sucumba e venha finalmente se recuperar.

ENCONTRARAM em Denver lojas elegantes e modernas. As roupas, pensou Juliana, eram incrivelmente caras, mas Joe não parecia se importar, nem reparar; ele contentava-se em pagar o que ela escolhia e corriam para a próxima loja.

Sua principal compra — após mil provas e prolongadas discussões e recusas — foi feita no final do dia: um vestido exclusivo italiano, azul-claro, com mangas bufantes e um vasto decote.

Ela tinha visto um modelo parecido numa revista de moda européia; era considerada a linha mais elegante do ano e custou a Joe quase duzentos dólares.

Para combinar com o vestido, precisava de três pares de sapatos, mais meias de *nylon*, chapéus, e uma nova bolsa de couro preto, feita a mão. E, descobriu, o decote do vestido italiano exigia um dos novos *sou-ti&ns* que cobriam apenas a parte inferior dos seios. Olhando-se no grande espelho da loja, sentiu-se meio nua e um pouco insegura do que aconteceria quando se inclinasse. Mas a vendedora garantiu-lhe que os novos meia-taça permaneciam firmes no lugar, apesar de não terem alças.

Vem justo até o bico do seio, pensou Juliana, examinando-se na intimidade da cabine, e nem um milímetro a mais. Os *soutiens* também custaram uma nota; igualmente importados, explicou a vendedora, e feitos a mão. A vendedora mostrou-lhe ainda um vestido esporte, *shorts* e maios, e uma saída de praia; mas, de repente, Joe ficou impaciente. Então saíram.

Enquanto Joe colocava os embrulhos e sacolas no carro, ela disse:

— Você não acha que vou ficar bárbara?

— Acho — disse ele numa voz preocupada. — Especialmente com aquele vestido azul. Usa ele quando formos à casa de Abendsen, compreendeste?

Disse a última palavra com brutalidade, como se fosse uma ordem; o tom surpreendeu-a.

— Meu tamanho é quarenta ou quarenta e dois — disse ela quando entraram na loja seguinte.

A vendedora sorriu gentilmente e acompanhou-os à seção de vestidos. O que mais precisava? perguntou-se Juliana. Era melhor comprar o máximo enquanto podia; seus olhos abarcaram rapidamente a loja inteira, as blusas, saias, suéteres, calças, casacos. Sim, um casaco.

— Joe — disse ela. — Preciso de um casaco comprido. Mas não de tecido.

Acabaram comprando um dos casacos de fibra sintética importados da Alemanha; era mais durável do que pele natural e menos caro. Mas ficou desapontada. Para se consolar, começou a examinar as jóias. Mas só havia fantasia barata, sem imaginação ou originalidade.

— Preciso pelo menos de uma jóia — explicou a Joe. — Brincos, pelo menos. Ou um broche — para usar com o vestido azul.

Arrastou-o pela calçada até uma joalheria. Ali, sentindo-se culpada, lembrou-se:

— E tuas roupas? Precisamos fazer compras para você também.

Enquanto ela procurava as jóias, Joe entrou no barbeiro para cortar o cabelo. Quando saiu, meia-hora mais tarde, ela ficou assombrada; não só cortara o cabelo o mais curto possível, mas o tingira também. Custou a reconhecê-lo; agora estava louro. Meu Deus, pensou, fitando-o admirada. Por quê?

Joe, dando de ombros: — Estou cansado de ser *carcamano* — disse, dando de ombros.

Foi só o que disse; recusou-se a discutir o assunto. Entraram numa loja de roupa masculina e começaram a fazer as compras dele.

Compraram um terno bem cortado de *dacron*, uma das novas fibras sintéticas da Du Pont. E novas meias, cuecas, e um elegante par de sapatos, de bico fino. O que mais? pensou Juliana. Camisas. E gravatas. Ela e o vendedor escolheram duas camisas brancas com punhos tipo "mosqueteiro", várias gravatas francesas e um par de abotoaduras de prata. Levaram somente quarenta minutos para fazer todas as compras dele; ela ficou assombrada de ver como era fácil, comparado com as suas.

O terno, pensou ela, precisava ser ajustado aqui e ali. Mas novamente Joe ficou impaciente; pagou a conta com as notas do *Reichsbank* que carregava. Sei de outra coisa que falta, percebeu Juliana. Uma carteira nova. De modo que ela e o vendedor escolheram uma carteira preta de crocodilo e pronto. Deixaram a loja e voltaram ao carro; eram quatro e meia e as compras — ao menos as de Joe — estavam feitas.

— Você não quer apertar o paletó na cintura? — perguntou a Joe, enquanto ele dirigia o carro no trânsito do centro de Denver. — No seu terno...

— Não.

Sua voz, brusca e impessoal, assustou-a.

— O que foi? Comprei coisa demais? — Sei que é isso, disse a si mesma; gastei dinheiro demais. — Posso devolver algumas saias.

— Vamos comer.

— Meu Deus! — exclamou ela. — Já sei do que me esqueci. Camisolas.

Ele encarou-a ferozmente.

— Você não quer que eu compre alguns pijamas novos? — perguntou ela. — Assim ficarei fresquinha e...

— Não — balançou a cabeça. — Esquece. Procura um lugar para comermos.

— Vamos primeiro nos registrar num hotel — disse Juliana, com voz calma. — Assim podemos trocar de roupa. Depois vamos comer.

E é melhor ser um hotel bom, pensou, ou não tem mais conversa. Mesmo agora, a esse ponto. E perguntaremos no hotel onde é o melhor lugar para se comer em Denver. E o nome de um bom clube noturno onde possamos ver um espetáculo daqueles que só se vê uma vez na vida, não com artistas locais, mas com algum grande cartaz europeu, como Eleanor Perez ou Willie Beck. Sei que os maiores astros do UFA vêm até Denver, porque já vi nos anúncios. E é o mínimo que vou exigir.

Enquanto procuravam um bom hotel, Juliana examinava furtivamente o homem ao seu lado. Com o cabelo curto e louro, e de roupa nova, não parecia a mesma pessoa, pensou. Gosto mais assim? Era difícil dizer. E eu... quando tiver penteado meu cabelo, seremos, praticamente, duas pessoas novas. Nascidas do nada, ou melhor, do dinheiro. Mas eu preciso é ajustar meu cabelo, disse a si mesma.

Encontraram um grande e imponente hotel no centro de Denver, com um porteiro de uniforme que providenciou o estacionamento para o carro. Era o que ela queria. E um carregador — na realidade um homem crescido, mas vestindo o uniforme castanho dos bell-boys — aproximou-se logo e levou a bagagem, deixando-os livres, sem mais nada a fazer além de subir as escadarias largas, atapetadas, sob o toldo, e atravessar as portas de vidro e acaju, que

levavam ao vestíbulo.

Havia pequenas lojas de cada lado do vestíbulo; lojas de flores, de presentes, de doces, telégrafo, reserva de aviões. Uma multidão se agitava no balcão de registro e junto dos elevadores. Grandes potes com plantas aqui e ali e, sob seus pés, o tapete, grosso e macio... Ela podia até cheirar o hotel, o grande número de pessoas, a agitação. Sinais luminosos indicavam a direção do restaurante, da sala de coquetéis e do bar. Ela mal podia abarcar tanta coisa junta com o olhar, enquanto atravessavam o vestíbulo para chegar ao balcão de reservas. Havia até livraria.

Enquanto Joe assinava o registro, ela pediu licença e foi até a livraria ver se tinham *The Grasshopper*. Sim, lá estava, uma pilha de exemplares reluzentes, com um cartaz falando de sua popularidade e importância, e de como era *verboten* nos territórios controlados pela Alemanha. Uma mulher sorridente, de meia-idade, bem do tipo avó, atendeu-a; o livro custou quase quatro dólares, o que pareceu caro a Juliana, mas ela pagou com uma nota do *Reichsbank*, que tirou da bolsa nova, e correu de volta para juntar-se a Joe.

Levando a bagagem deles, o carregador indicou o caminho para o elevador e depois de saltarem no segundo andar, seguiram por um corredor — silencioso, quente, atapetado — até um quarto soberbo, maravilhoso. O carregador abriu a porta, levou tudo para dentro, ajustou a janela e as luzes; Joe deu-lhe uma gorjeta e ele partiu, fechando a porta.

Tudo estava se passando exatamente como Juliana planejava.

— Quanto tempo vamos ficar em Denver? — perguntou a Joe, que começara a abrir a bagagem na cama. — Antes de irmos para Cheyenne?

Ele não respondeu; estava absorvido pelo conteúdo de sua mala.

— Um dia ou dois? — perguntou ela, despiando o casaco novo. — Será que dava para ficar três?

— Vamos embora hoje de noite — respondeu Joe, levantando a cabeça.

Ela não entendeu imediatamente; e quando entendeu, não queria acreditar. Encarou-o e ele devolveu seu olhar com uma expressão maliciosa, quase debochada, o rosto contraído por uma enorme tensão, a maior que ela já vira, em sua vida inteira, em qualquer ser humano. ele não se moveu; parecia paralisado, com as mãos cheias de roupa da mala, o corpo inclinado.

— Depois de comer — acrescentou. Ela não soube o que dizer.

— De modo que veste aquele vestido azul que custou tão caro — disse ele. — Aquele de que você gostou tanto • o bom mesmo... entendeu? — Então começou a desabotoar a camisa. — Vou fazer a barba e tomar um bom chuveiro quente.

Sua voz tinha um timbre mecânico, como se estivesse falando de muito longe através de um instrumento qualquer; voltando-se, dirigiu-se ao banheiro com passos duros e desajeitados.

Ela conseguiu dizer, com dificuldade:

— Mas é muito tarde hoje.

— Não. Terminaremos de jantar lá pelas cinco e meia, seis no máximo. Podemos chegar a Cheyenne em duas horas, duas horas e meia. Serão só oito e meia. No máximo nove. Podemos telefonar daqui, dizer a Abendsen que estamos chegando; explicar a situação. Vai dar boa impressão, uma ligação interurbana. Vamos dizer o seguinte: estamos voando para a Costa Oeste; vamos passar só uma noite em Denver. Mas gostamos tanto do seu livro que vamos de carro até Cheyenne e voltar hoje mesmo, numa tentativa de...

— Por quê? — interrompeu ela.

Vieram-lhe lágrimas aos olhos e começou a cerrar os punhos, com o polegar para dentro, como fazia em criança; sentiu o queixo tremer e, quando falou, sua voz saiu quase inaudível.

— Não quero ir vê-lo hoje à noite; não vou. Não quero ir, nem mesmo amanhã. Quero ver o que há por aqui. Como você me prometeu.

E enquanto falava, o pânico mais uma vez apareceu e pousou em seu peito, a espécie de terror cego que nunca a abandonara, mesmo nos melhores momentos com ele. Veio à tona e dominou-a; sentiu o medo tremer em seu rosto, aparecendo tão claramente que era fácil percebê-lo.

— Vamos até lá — disse Joe — e depois voltamos. Na volta, veremos o que você quiser.

Ele estava falando calmamente, mas ainda com aquela falta de vida, como se estivesse recitando.

— Não — disse ela.

— Ponha o vestido azul.

Ele mexeu nos embrulhos até encontrá-lo na caixa maior. Cuidadosamente, desamarrou o barbante, tirou o vestido e esticou-o na cama, sem pressa.

— Tá? Você vai ficar um estouro. Escuta, vamos comprar uma garrafa de uísque caro e levar conosco. O Vat 69.

Frank pensou ela, socorro. Estou metida em algo que não entendo.

— É muito mais longe do que você está pensando — respondeu ela. — Olhei no mapa. Vai ser bem tarde quando chegarmos lá, às onze e tanto ou depois da meia-noite.

— Põe aquele vestido ou eu te mato — disse ele. Fechando os olhos, ela começou a rir forçadamente.

Meu treinamento, pensou. Era verdade, afinal; agora vamos ver. Será que ele pode me matar, será que serei capaz de acertar um nervo em suas costas, o que o deixará paralisado pelo resto da vida? Mas ele lutou contra aqueles comandos ingleses; já passou por isso, há muitos e muitos anos.

— Eu sei que você pode me derrubar — disse Joe. — Ou talvez não.

— Derrubar, não — disse ela. — Aleijar para o resto da vida. Posso mesmo. Morei na Costa Oeste. Os japoneses me ensinaram, lá em Seattle. Você pode ir a Cheyenne se quiser e me deixar aqui. Não me force. Tenho medo de você e vou reagir. — Sua voz enfraqueceu. — Se você se aproximar, vou tentar te machucar muito.

— Ah! Anda. Põe o maldito vestido! Que história é essa? Você deve estar maluca, falando em matar e aleijar, só porque quero que você entre no carro depois do jantar e suba a *autobahn* comigo para ver um sujeito cujo livro você...

Bateram à porta. Joe foi até a entrada e abriu-a. Um menino de uniforme, no corredor, disse:

— Serviço de lavanderia. O senhor chamou a recepção.

— Ah, é — disse Joe, voltando até a cama; apanhou as novas camisas brancas que acabara de comprar e levou-as ao menino. — Pode devolvê-las em meia-hora?

— Só se for para passar as dobras — disse o menino, examinando-as. — Sem lavar. Sim, acho que dá, senhor.

— Como é que você sabia que camisa branca nova não se usa sem passar? — perguntou Juliana, enquanto Joe fechava a porta.

Joe não respondeu, contentando-se em sacudir os ombros.

— Eu tinha esquecido — disse Juliana. — E uma mulher deve saber... quando a gente as tira do celofane, estão sempre amassadas.

— Quando eu era mais moço costumava me vestir e sair muito.

— Como é que você sabia que o hotel tinha serviço de lavanderia? Eu não sabia. Será que você cortou e tingiu mesmo os cabelos? Acho que foram sempre louros e que você estava era de peruca. É ou não é?

Novamente ele deu de ombros.

— Você deve ser da S.D. — disse ela. — Fazendo o papel de italiano motorista de caminhão. Você nunca lutou no Norte da África, não é? Você tinha era que vir para cá matar Abendsen, não é? Sei que é. Devo ser meio burra mesmo.

Ela sentiu-se seca, vazia, sem graça. Após um intervalo, Joe respondeu:

— Claro que lutei no Norte da África. Só que não foi na artilharia de Pardi. Foi com os Brandenburgers. — acrescentou. — *Wehrmacht kommando*. Infiltrado no quartel-general inglês. Não vejo qual a diferença; tivemos bastante ação. E estive no Cairo; ganhei aquela medalha e uma citação por heroísmo no campo de batalha. Sou cabo.

— Aquela caneta é uma arma? ele não respondeu.

— Uma bomba — percebeu ela de repente, falando em voz alta. — Uma espécie de bomba relógio, preparada para explodir quando for tocada.

— Não — disse ele. — O que você viu é um transmissor e receptor de dois *watts*. Para me manter em contato radiofônico. No caso de uma mudança de planos, considerando a situação política flutuante em Berlim.

— Você entra em contato com eles na hora de agir. Para ter certeza.

Ele assentiu.

— Você não é italiano; é alemão!

— Suíço.

— Meu marido é judeu — disse ela.

— Pouco me importa o que seu marido seja. Eu só quero que você ponha aquele vestido e se arrume para irmos jantar. Penteie o cabelo de qualquer maneira; queria que tivesse ido ao cabeleireiro. Talvez o salão do hotel ainda esteja aberto. Você podia fazer isso enquanto espero as camisas, faço a barba e tomo meu chuveiro.

— Como é que você vai matá-lo?

— Por favor, ponha o vestido novo, Juliana — disse Joe. — Eu vou telefonar e perguntar pelo cabeleireiro.

Foi até o telefone.

— Por que você precisa que eu vá junto?

— Temos uma ficha de Abendsen e parece que ele é particularmente atraído por certo tipo de mulher morena, sensual — respondeu Joe, discando. — Um tipo especificamente levantino ou mediterrâneo.

Enquanto ele falava com o pessoal do hotel, Juliana foi até a cama e deitou-se. Fechou os olhos e colocou um braço sobre o rosto.

— Eles têm uma cabeleireira sim — disse Joe, depois de desligar. — Ela pode atender você imediatamente. Vá até o salão, que fica na sobreloja. — Entregou-lhe algo; abrindo os olhos viu

tratar-se de mais notas do *Reichsbank*. — Para pagá-la.

— Deixe-me ficar aqui deitada, sim? — disse ela.

— Por favor.

Ele fitou-a com uma expressão de profunda curiosidade e preocupação.

— Seattle é como São Francisco seria — disse ela

— se não tivesse havido o Grande Incêndio. Velhos edifícios de madeira, alguns de tijolos e tão cheia de subidas e descidas quanto São Francisco. Os japoneses estão lá há muito tempo, desde antes da guerra. Têm um quarteirão comercial, casas, lojas e tudo o mais, há muito tempo. É um porto. O velhinho japonês que me ensinou isso — eu tinha ido para Seattle com um sujeito da Marinha Mercante e enquanto estava lá comecei a aprender — chamava-se Minoru Ichoyasu; andava de paletó e gravata. Era redondo como um ioiô. Ensinava no andar de cima de um edifício comercial japonês; tinha aquelas letras douradas antigas na porta e uma sala de espera como a de um dentista. Com números do *National Geographic Magazine*.

Inclinando-se sobre ela, Joe puxou-a pelo braço e fez com que se sentasse. Sustentou-a e fê-la levantar-se.

— O que foi? Você parece doente.

Olhou o rosto dela, examinando suas feições.

— Estou morrendo — disse ela.

— É só uma crise de angústia. Você não tem sempre? Vou te arrumar um calmante na farmácia do hotel. Que tal fenobarbital? E não comemos nada desde as dez da manhã. Você vai ficar logo boa. Quando chegarmos à casa de Abendsen, você não precisa fazer nada, a não ser ficar a meu lado; eu falo. Basta sorrir e ser simpática comigo e com ele; mantenha-se perto dele e converse, para que fique junto de nós e não se afaste. Quando ele te vir sei que vai nos deixar entrar, especialmente com o decote daquele vestido italiano. Até eu te deixava entrar, se fosse ele.

— Quero ir ao banheiro — disse ela. — Estou passando mal, por favor.

Lutou para se libertar.

— Estou me sentindo mal. Me larga.

Ele soltou-a e ela atravessou o quarto até o banheiro; fechou a porta.

Sou capaz de fazer, pensou ela. Acendeu a luz que a cegou momentaneamente. Piscou os olhos. Vou achar. Havia, no armário de remédios, em cima da pia, um pacote de lâminas de barbear, sabonete, pasta de dente, oferta do hotel. Abriu o pacote.

Com o fio só de um lado, como esperava. Desembruçou a lâmina prêto-azulada, nova e coberta de graxa.

A água caía do chuveiro. Ela entrou... meu Deus! estava de roupa. Estragada. O vestido colado no corpo. Os cabelos escorrendo. Horrorizada, ela tropeçou, quase caiu, procurando a saída. A água pingava pelas meias... começou a gritar.

Joe encontrou-a em pé ao lado da privada. Tinha tirado a roupa molhada, inutilizada; estava nua, apoiada num braço, encostada, descansando.

— Nossa Senhora — disse, quando percebeu que ele estava ali. — Eu não sei o que fazer. Meu vestido de jérsei está todo estragado. É de lã.

Ela apontou; ele virou e viu a pilha de roupa ensopada.

Muito calmamente, mas com o rosto tenso, ele disse:

— Bom, em todo caso você não ia vestir isso.

Com uma toalha branca felpuda do hotel ele a enxugou e levou-a de volta ao quente e atapetado quarto de dormir.

— Vista a roupa de baixo, qualquer coisa. Vou chamar a cabeleireira aqui; ela tem que vir, não tem jeito. Apanhou novamente o telefone e discou.

— Que pilulas você me arranjou? — perguntou, quando ele acabou de telefonar.

— Esqueci de arranjar. Vou ligar para a farmácia. Não, espera; eu tenho alguma coisa. Nembutal, ou qualquer porcaria igual.

Correu até a mala e começou a remexer. Quando ele estendeu-lhe as duas cápsulas amarelas, ela disse:

— Vão dar cabo de mim? Aceitou-as desajeitadamente.

— O quê? — disse ele, com o rosto contraído. Fazer apodrecer a parte de baixo do meu corpo, pensou ela. Secar minhas virilhas.

— Quero dizer — emendou ela, cautelosamente — isso não vai me dopar completamente?

— Não, é um produto da *A.G. Chemie*, que nos dão lá. Eu tomo quando não consigo dormir. Vou te arranjar um copo d'água, respondeu ele, saindo do quarto, apressado.

A lâmina, pensou ela. Acho que eu engoli; vai começar a cortar minhas entranhas irremediavelmente. É castigo. Casada com um judeu e amigada com um assassino da Gestapo. Sentiu as lágrimas virem novamente aos olhos, fervendo. Por todos os meus pecados. Arrasada.

— Vamos — disse ela, ficando de pé — à cabeleireira.

— Você não está vestida!

Ele sentou-a e tentou vestir-lhe as calcinhas mas sem sucesso. — Preciso mandar arrumar teu cabelo — disse, numa voz desesperada. — Onde está aquela *Hur*, aquela mulher?

Ela pôs-se a falar devagar e penosamente:

— Cabelo cria urso que remove manchas na nudez. Escondendo, sem pele para pendurar no gancho. O gancho de Deus. Cabelo, escuta, puta (*). As pilulas estão me devorando. Essência de terebentina, na certa. Tudo isso se mistura para formar um produto mais corrosivo, que me comerá as tripas para sempre.

(*) Trata-se de um jogo de palavras sem nexos, fruto de desarranjo mental. O texto em inglês é o seguinte: "Hair creates bear who removes spots in nakedness. Hiding, no hide to be hung with a hook. The hook from God. Hair, hear, *Hur*. (N. do T.)

Fitando-a com assombro, Joe empalideceu. Deve estar lendo dentro de mim, pensou ela. Está lendo minha mente com sua máquina, embora eu não a encontre.

— Aquelas pilulas — disse ela. — Confundem tudo e me fazem perder a cabeça.

— Você não as tomou — disse ele apontando para a mão dela, fechada; ela descobriu que ainda estavam lá. — Você está doente da cabeça.

Ele parecia lento e pesado, como uma massa inerte.

— Você está muito doente. Não podemos ir.

— Nada de médico — respondeu ela. — Vou ficar boa.

Tentou sorrir, olhando-o atentamente para ver se, pela expressão do rosto dele, conseguira. Uma reflexão do seu cérebro apodrece meus pensamentos.

— Não posso te levar à casa dos Abendsen — disse ele. — Pelo menos não agora. Amanhã.

Talvez você melhore. Vamos tentar amanhã. Não há outro jeito.

— Posso ir até o banheiro, de novo?

ele assentiu, com o rosto tenso, mal ouvindo o que ela dizia. Ela voltou ao banheiro e novamente fechou a porta. No armário havia outra lâmina, que segurou na mão direita. Saiu de novo.

— Até loguinho — disse ela.

Quando ela abriu a porta do corredor, ele gritou, tentando agarrá-la, num gesto desesperado.

Zzitt!

— É horrível — disse ela. — Eles não respeitam nada. Eu devia saber.

Eu posso enfrentar batedores de carteira e assaltantes noturnos: claro que posso dominá-los. Onde fora este? Deu-lhe um tapa no pescoço.

— Me deixe passar — disse ela. — Não me barre o caminho se não quiser uma lição.

Segurando a lâmina, ela abriu a porta. Joe estava sentado no chão, com as mãos crispadas na garganta.

— Adeus — disse ela e fechou a porta, caminhando pelo corredor quente, atapetado.

Uma mulher de avental branco, de cabeça baixa, cantando baixinho, empurrando um carrinho. Olhando os números nas portas, chegou defronte de Juliana; a mulher levantou a cabeça, seus olhos quase saltaram das órbitas e seu queixo caiu.

— Oh, meu bem — disse ela — você está mesmo de pileque; você precisa muito mais que uma cabeleireira — entre aí no seu quarto e vista qualquer coisa antes que te ponham para fora do hotel. Meu Deus do céu!

Ela abriu a porta atrás de Juliana.

— Diga ao seu homem que dê um jeito nesse pileque ; vou mandar trazer café quente. Agora, por favor, entre aí.

Empurrando Juliana de volta para o quarto, ela bateu a porta e ouviu-se o som do seu carrinho, afastando-se.

A cabeleireira, lembrou-se Juliana. Baixou os olhos e viu que estava sem roupa nenhuma; a mulher tinha razão.

— Joe — disse ela. — Não querem me deixar.

Ela encontrou a cama, a mala, abriu-a e espalhou as roupas. Calcinha, saia, blusa, sapatos baixos.

— Me fizeram voltar — disse ela. Encontrando um pente, passou-o rapidamente pelo cabelo, depois escovou-o. — Que experiência! A mulher estava ali fora, pronta para bater na porta.

Ficando de pé, foi procurar o espelho:

— Estou melhor assim?

O espelho estava na porta do armário; virando-se, observou-se, rodando, ficando na ponta do pé.

— Estou morrendo de vergonha — disse ela voltando-se para olhá-lo. — Nem sei o que estou fazendo. Você deve ter me dado alguma coisa; não sei o que foi, só me fez piorar, em vez de ajudar.

Ainda sentado no chão, apertando o lado do pescoço, Joe disse:

— Escuta, você é ótima. Cortou minha aorta, a artéria do pescoço.

Rindo, ela deu um tapinha na própria boca.

— Meu Deus, como você é um monstro. Quero dizer, você erra as palavras todas. A aorta é no peito; você quer dizer a carótida.

— Se eu deixar — disse ele — vou morrer de hemorragia dentro de dois minutos. Você sabe muito bem. De modo que me arranja um socorro qualquer, um médico ou uma ambulância. Está entendendo? Fez de propósito? Claro. Está bem... vai chamar ou buscar alguém?

— Foi de propósito — disse ela, após ter refletido.

— Bom — disse ele. — Em todo caso, chama alguém. Para me ajudar.

— Vá você.

— Não consigo tapar inteiramente.

O sangue escorria entre seus dedos, até o pulso, viu ela, fazendo um lago no chão.

— Não ouse me mexer. Preciso ficar aqui.

Ela vestiu o casaco novo, fechou a bolsa nova de couro feita a mão, apanhou a mala e todos os pacotes dele que conseguiu carregar; tratou especialmente de não esquecer a caixa grande com o vestido azul italiano cuidadosamente dobrado no interior. Abriu a porta e voltou-se para ele.

— Talvez avise na mesa — disse ela. — Lá embaixo.

— Sim — respondeu ele.

— Está certo — confirmou ela. — Vou avisá-los. Não me procure no apartamento de Canon City porque não pretendo voltar para lá. Estou com a maior parte daquelas notas do *Reichsbank*, de modo que estou bem, apesar de tudo. Adeus. Sinto muito.

Ela fechou a porta e apressou-se corredor abaixo., arrastando a mala e os embrulhos.

No elevador, um homem de negócios idoso e bem vestido, acompanhado da esposa, ajudou-a a levar os embrulhos e, lá embaixo, entregaram tudo ao carregador.

— Obrigada — agradeceu-lhes Juliana.

Depois que o carregador levou sua mala e embrulhos até a calçada da frente, ela encontrou um empregado do hotel que lhe explicou como apanhar o automóvel. Logo ela estava na garagem fresca de concreto no subsolo do hotel, esperando enquanto um servente lhe trazia o Studebaker. Encontrou dinheiro trocado na bolsa e deu uma gorjeta ao rapaz; pouco depois estava subindo uma rampa banhada por uma luz amarela e percorrendo uma rua escura apenas iluminada pelos faróis dos automóveis e anúncios luminosos.

O porteiro uniformizado do hotel colocou pessoalmente sua bagagem no carro, com um sorriso tão cordial e encorajador que ela lhe deu uma gorjeta enorme antes de partir. Ninguém tentou impedir sua partida, e isso a deixou assombrada; ninguém piscou. Na certa sabem que ele vai pagar, concluiu. Ou talvez já o tenha feito quando nos registramos.

Enquanto ela esperava, com os outros carros, que mudasse o sinal, lembrou-se de que tinha esquecido de avisar na portaria que Joe estava sentado no chão do quarto precisando de um médico. Esperando sentado, esperando até o dia de São Nunca, ou até o pessoal da limpeza aparecer amanhã a qualquer hora. É melhor eu voltar, pensou, ou telefonar. Parar numa cabine telefônica.

É tão idiota, pensou enquanto guiava à procura de um lugar para estacionar e telefonar. Quem diria, uma hora atrás? Quando nos registramos, quando paramos... nós fomos nos vestir e sair para jantar; podíamos até ter ido a uma boate. Reparou que tinha começado a chorar; lágrimas pingavam do nariz na blusa, enquanto guiava. Pena que eu não tenha consultado o

oráculo; teria sabido e me avisado. Por que não o fiz? Podia tê-lo interrogado a qualquer hora, em qualquer ponto da viagem ou até antes de partir. Começou a gemer sem querer; o ruído de um desespero até então para ela desconhecido horrorizou-a, mas não conseguia parar por mais que cerrasse os dentes com força. Um lamento chorado, gritado, cantado, apavorante, saindo pelo seu nariz.

Quando conseguiu estacionar, ficou sentada com o motor ligado, tremendo, com as mãos nos bolsos do casaco. Cristo, disse a si mesma, na maior fossa. Bom, são dessas coisas que acontecem, suponho. Saiu e tirou a bagagem da mala do carro; no banco de trás, abriu-a e remexeu roupas e sapatos até encontrar os dois volumes pretos do oráculo. Lá, no banco de trás, com o motor ligado, começou a jogar três moedas do Estado das Montanhas Rochosas, à luz da vitrine de uma grande loja. O que farei? perguntou. Diga-me o que fazer; *por favor*.

O hexagrama quarenta e dois, o Acréscimo, com linhas móveis no segundo, terceiro, quarto e no topo; mudando, portanto, para o hexagrama quarenta e três, a Travessia. Ela passou os olhos pelo texto com avidez, devorando as palavras, gravando na mente as sucessivas etapas do seu significado, juntando e compreendendo. Incrível, descrevia a situação exatamente — mais uma vez um milagre.

Tudo o que havia acontecido estava ali, diante de seus olhos, reproduzido, esquematizado.

É vantajoso

Empreender alguma coisa.

É vantajoso atravessar as grandes águas.

Uma viagem para fazer alguma coisa importante, não ficar ali. Agora os versos. Seus lábios mexeram-se procurando...

Dez pares de tartarugas não podem se opor a ele.

Perseverança constante traz boa sorte.

O rei o apresenta diante de Deus.

Agora o seis no terceiro. Lendo, ficou tonta;

Somos enriquecidos por maus acontecimentos.

Nenhuma culpa, se fores sincero.

E anda pelo meio,

E apresente-se com um selo ao príncipe.

O príncipe... a profecia apontava para Abendsen. O selo, o novo exemplar do livro. Maus acontecimentos... o oráculo sabia o que lhe ocorrera, a coisa terrível com Joe ou quem fosse. Ela leu o seis no quarto

lugar:

Se andares pelo meio

e te apresentares ao príncipe,

Ele seguirá.

Tenho que ir lá, pensou, mesmo que Joe venha atrás de mim. Devorou o último verso móvel, o nove no alto:

Ele não aumenta ninguém.

Na verdade, alguém até o fere.

Ele não mantém seu coração constantemente firme.

Má sorte.

Meu Deus, pensou ela; isto quer dizer o assassino, o pessoal da Gestapo — está me dizendo que Joe ou alguém igual ele, outro qualquer, vai chegar lá e matar Abendsen. Rapidamente, virou para o hexagrama quarenta e três. O julgamento:

É preciso com decisão tornar o assunto conhecido
Na corte do rei.
Precisa ser anunciado honestamente. Perigo.
É necessário informar a própria cidade.
Não é vantajoso recorrer às armas.
É vantajoso empreender alguma coisa.

De modo que não adianta voltar ao hotel e procurar saber de Joe; é inútil porque enviarão outros. Novamente o oráculo diz, com maior ênfase ainda- vá a Cheyenne e avise Abendsen, por mais perigoso que seja para mim. Preciso levar-lhe a verdade.

Ela fechou o livro.

Tomando novamente a direção, mergulhou no tráfego. Num instante achou o caminho para deixar o centro de Denver e entrar na *autobahn* principal para o norte; ia no máximo de velocidade que o carro permitia, o motor fazendo um barulho estranho que sacudia o volante, o banco e sacudia as coisas no porta-luvas.

Que Deus seja louvado por ter criado o doutor Todt e suas *autobahns*, disse a si mesma enquanto voava pela escuridão, enxergando apenas seus faróis e as linhas demarcadoras da estrada.

Às dez da noite, por causa de problemas com os pneus, ainda não alcançara Cheyenne, de modo que não havia mais nada a fazer a não ser sair da estrada e procurar um lugar para pernoitar.

Uma placa de saída da *autobahn*, um pouco mais adiante, dizia: GREELEY — CINCO MILHAS. Amanhã cedo recomeço, pensou, enquanto passava devagar pela rua principal de Greeley, alguns minutos mais tarde. Viu vários motéis anunciando vagas, portanto não havia problemas. O que preciso fazer, resolveu, é ligar para Abendsen hoje a noite e avisar que vou chegar.

Quando estacionou, desceu cansada, aliviada de poder esticar as pernas. O dia todo na estrada, das oito da manhã em diante. Um bar aberto dia e noite podia ser avistado a poucos metros; com as mãos nos bolsos do casaco, dirigiu-se para ele e, logo, estava trancada na segurança de uma cabine telefônica, pedindo informações de Cheyenne à telefonista.

O número dele — graças a Deus — constava do catálogo. Colocou as moedas e a telefonista fez a ligação.

— Alô — disse uma voz feminina jovem, vigorosa e bastante agradável; uma mulher provavelmente da sua idade.

— Mrs. Abendsen? — perguntou Juliana. — Posso falar com Mr. Abendsen?

— Quem está falando, por favor?

— Eu li o livro dele — respondeu Juliana — e vim de Canon City, Colorado, dirigindo o dia inteiro. Estou em Greeley agora. Pensei poder chegar aí hoje à noite, a qualquer hora.

Passado um momento, Mrs. Abendsen disse, numa voz ainda agradável:

— Sim, é muito tarde. Nós nos deitamos cedo. Tem alguma... razão especial para querer falar com meu marido? ele anda muito ocupado agora...

— Queria falar com ele — disse ela.

Sua voz pareceu-lhe monótona e sem ressonância; fitava a parede da cabine, sem encontrar mais nada para dizer; seu corpo estava todo doído e sua boca muito seca, com gosto de cabo de guarda-chuva. Do outro lado da cabine ela enxergava o balcão e o rapaz servindo *milk-shakes* a

quatro adolescentes. Ela queria estar com eles; mal ouvia a resposta de Mrs. Abendsen. Sonhava com uma bebida gelada e algo como um sanduíche de galinha para acompanhar.

— Hawthorne trabalha em horas irregulares — dizia Mrs. Abendsen com sua voz alegre, eficiente. — Se vier até aqui amanhã não posso lhe prometer nada, porque talvez esteja ocupado o dia todo. Mas se você quiser correr o risco...

— Quero — interrompeu-a Juliana.

— Sei que terá prazer em conversar com você por alguns minutos, se possível — continuou Mrs. Abendsen. — Mas, por favor, não fique desapontada se por acaso ele não puder deixar o trabalho nem para dar-lhe uma palavrinha ou vê-la.

— Lemos seu livro e gostamos — disse Juliana. Tenho-o aqui comigo.

— Compreendo — disse Mrs. Abendsen, de boa vontade.

— Nós paramos em Denver para fazer compras e perdemos muito tempo. — Não, pensou ela; agora está tudo mudado, tudo diferente. — Ouça, o oráculo me disse para ir a Cheyenne.

— Minha Nossa... — disse Mrs. Abendsen, que parecia saber algo do oráculo, mas não estar levando a situação muito a sério.

— Vou ler os versos.

Tinha levado o oráculo para dentro da cabine; apoiando os volumes na prateleira sob o telefone, começou a virar as páginas com dificuldade.

— Um minuto.

Localizou a página e leu para Mrs. Abendsen primeiro o julgamento e depois os versos. Quando chegou ao nove, no alto, ouviu Mrs. Abendsen soltar uma exclamação.

— Como? — disse Juliana, interrompendo-se.

— Continue — respondeu Mrs. Abendsen. Parecia a Juliana que seu tom era, agora, mais cortante, mais aberto.

Depois que Juliana leu o julgamento do hexagrama quarenta e três, contendo a palavra perigo, fez-se silêncio. Mrs. Abendsen e Juliana nada disseram.

— Bem, estou ansiosa por recebê-la amanhã — disse Mrs. Abendsen, finalmente. — Pode dizer-me seu nome, por favor?

— Juliana Frink. Muito obrigada, Mrs. Abendsen.

A telefonista começou nesse instante a reclamar por que acabara o tempo, de modo que Juliana desligou, apanhou a bolsa e os volumes do oráculo, saiu da cabine telefônica e dirigiu-se ao bar.

Depois de ter pedido um sanduíche e uma coca-cola, e ficar sentada descansando e fumando um cigarro, lembrou-se de que nada dissera a Mrs. Abendsen sobre o homem da *Gestapo* ou da S. D. ou o que fosse, o tal de Joe Cinadella, que ela deixara no hotel de Denver. Mal podia acreditar. Esqueci! disse para si mesma. Apagou-se inteiramente da minha memória. Como pôde acontecer? Devo estar maluca; devo estar muito doente, burra e maluca.

Mexeu na bolsa por um momento, tentando encontrar troco para outro telefonema. Não, resolveu, levantando-se do banquinho. Não posso chamá-los de novo hoje à noite; vou deixar isso para lá — é tarde demais. Estou cansada e já devem estar dormindo a estas horas. Comeu seu sanduíche de salada de galinha, bebeu sua coca, depois dirigiu até o motel mais próximo, alugou um quarto e caiu na cama, ainda trêmula.

MR. NOBUSUKE Tagomi pensou: não há resposta. Nenhuma compreensão. Nem no oráculo. Mesmo assim, tenho que continuar a viver, dia após dia, de qualquer jeito.

Vou partir para onde possa passar despercebido.

Viver invisível, pelo menos. Até a chegada de novos tempos quando...

Em todo caso, despediu-se da mulher e deixou a casa. Mas não para ir ao edifício *Nippon Times*, como de costume. Que tal descansar? Ir até o parque *Golden Gate*, com seu zoológico e seu aquário? Visitar lugares onde seres que não pensam encontram, mesmo assim, prazer de viver.

Tempo. É um longo percurso para o velotáxi e me dá mais tempo para perceber as coisas. Se é possível falar assim.

Mas árvores e animais não são humanos. Preciso agarrar-me à vida humana. Essa história fez com que eu me sentisse criança, embora isso possa ser bom. Posso dar um jeito para ser assim.

O velotáxi pedalou por Kearny Street, em direção ao centro de São Francisco. Andar de bonde, pensou subitamente Mr. Tagomi. A satisfação de uma viagem quase emocionante, num veículo enternecedor que deveria ter desaparecido desde 1900 mas que, estranhamente, continua a existir.

Despediu o velotáxi e andou pela calçada até a parada mais próxima.

Talvez, pensou, não possa voltar nunca mais ao edifício *Nippon Times*, com seu fedor de morte. Minha carreira está acabada, mas é melhor assim. A junta diretora das Missões Comerciais pode me arranjar um substituto. Mas Tagomi ainda anda, existe, lembrando cada detalhe. Portanto nada terminou.

Em todo caso a guerra, a Operação Dente de Leão, vai varrer-nos a todos. Independente do que estivermos fazendo na hora. Nosso inimigo é aquele ao lado de quem lutamos na última guerra. De que nos serviu? Devíamos ter lutado contra eles, talvez. Ou deixado que eles perdessem, ajudando seus inimigos, os Estados Unidos, a Inglaterra, a Rússia.

Era desesperador, qualquer que fosse o lado por onde se examinasse a questão.

O oráculo enigmático. Talvez tenha se retirado do mundo dos homens, entristecido. A partida dos sábios.

Entramos num Momento em que estamos sós. Não podemos conseguir ajuda, como antes. Bom, pensou Mr. Tagomi, talvez isso também seja bom. Ou possa ser transformado em bem. É preciso continuar a procurar o Caminho.

Subiu no bonde de Califórnia Street e foi até o fim da linha. Até saltou e ajudou a virar o bonde em torno da plataforma giratória de madeira. Aquela, de todas as suas experiências urbanas, era a que tinha maior significado para ele, habitualmente. Agora perdera o efeito; sentia com maior intensidade ainda o vazio que o envolvia, devido à contaminação que chegara até aqui.

Naturalmente voltou de bonde. Mas... por mera formalidade, percebeu, vendo as ruas, os

prédios, o trânsito passarem em sentido inverso.

Perto de Stockton, levantou-se para descer. Mas na parada, quando já ia embora, o condutor chamou-o:

— Sua pasta, senhor.

— Obrigado.

Esquecera-a no bonde. Estendendo a mão, recebeu-a e depois inclinou-se enquanto o bonde se pôs em movimento. Uma pasta com um conteúdo muito valioso, pensou. No interior, um Colt 44, peça de coleção, agora mantido sempre à mão, para o caso de os bandidos da S.D. tentarem vingar-se de mim como indivíduo. Nunca se sabe. E contudo... Mr. Tagomi sentia que este novo comportamento, apesar de tudo, era neurótico. Não devia ceder, disse a si mesmo mais uma vez, enquanto andava, com a pasta na mão. Compulsão-obsessão-fobia. Mas não conseguia libertar-se.

Está dentro de mim e eu dentro dela, pensou.

Terei, então, perdido meu prazer de colecionar? — perguntou-se. Estará *toda* o meu instinto pervertido pela lembrança do que fiz? E o gosto de colecionar terá sido atingido totalmente e não apenas no que se refere a este objeto? Sustentáculo de minha vida... área, ai de mim! em que vivi com tamanho deleite.

Chamando um velotáxi, deu o endereço da loja de Robert Childan, em Montgomery Street. Vamos descobrir. Permanece um fio que me liga à região onde a vontade se exerce. Talvez eu possa usar um ardil contra minha ansiedade: trocar meu revólver por objeto de historicidade mais garantida. Esta arma, para mim, tem uma história por demais subjetiva... e da espécie errada. Mas isso termina comigo; ninguém mais pode ter semelhante experiência com este revólver, no interior de minha psique unicamente.

Libertar-me, resolveu entusiasmado. Quando a arma for embora, ela deixa toda a sombra do passado. Pois não existe apenas em minha mente; é — como sempre se disse da teoria da historicidade — inerente à arma em si. Uma equação entre nós dois!

Chegou à loja. Onde já fiz tantos negócios, pensou enquanto pagava ao chofer. Públicos e particulares. Carregando a pasta, entrou rapidamente.

Mr. Childan estava na caixa registradora, polindo com uma flanela um objeto.

— Mr. Tagomi — disse Childan, com uma reverência.

— Mr. Childan — respondeu Tagomi, também inclinando-se.

— Que surpresa agradável. Estou encantado. Childan deixou de lado o objeto e a flanela. Deu a volta e passou para o outro lado do balcão. Houve o ritual de sempre, cumprimentos, etc. Todavia, Mr. Tagomi sentiu que o outro hoje tinha algo diferente. Um tanto... apagado. Uma melhora, achou. ele era sempre um pouco gritador, barulhento. Habitualmente agitado. Mas aquela mudança talvez fosse um mau presságio.

— Mr. Childan — disse Mr. Tagomi, colocando sua pasta no balcão e abrindo o fecho-ecler. — Desejo trocar um objeto que lhe comprei aqui há vários anos — Costuma fazer isso, se não me engano.

— Costumo — respondeu Mr. Childan. — Dependendo das condições, naturalmente.

Seu olhar estava alerta.

— Revólver Colt 44 — informou Mr. Tagomi.

Ficaram os dois em silêncio, observando a arma em seu estojo de tela e com a caixa de

munição desfalcada.

Mr. Childan parecia ligeiramente frio. Ah! compreendeu Mr. Tagomi. Bem, assim seja.

— O senhor não está interessado? — perguntou Mr. Tagomi.

— Não senhor — respondeu Mr. Childan, com voz seca.

— Não insistirei.

Nem tinha forças. Eu cedo. Yin, a adaptação, a receptividade, me tem em suas garras, eu temo...

— Desculpe-me, Mr. Tagomi.

Mr. Tagomi inclinou-se e recolocou a arma, a munição e o estojo na pasta. É o destino. Devo ficar com isto.

— O senhor parece... bastante desapontado — notou Mr. Childan.

— O senhor reparou?

Ficou perturbado; deixara transparecer seu mundo interior? Deu de ombros, obviamente.

— Tinha uma razão particular para querer trocar este artigo? — perguntou Mr. Childan.

— Não — disse ele, novamente escondendo seu universo íntimo... como devia ser.

Mr. Childan hesitou e depois disse:

— Eu... será que este objeto veio de minha loja? Não trabalho com este artigo.

— Tenho certeza — respondeu Mr. Tagomi. — Mas não importa. Aceito sua decisão; não estou ofendido.

— Senhor — disse Childan — permita-me mostrar-lhe algo que acaba de chegar. Dispõe de um momento?

Mr. Tagomi sentiu nascer a velha comoção.

— Algo de interesse fora do comum?

— Venha, senhor.

Childan indicou o caminho para o outro lado da loja; Mr. Tagomi seguiu-o.

Dentro de um cofre de vidro trancado, em bandejas de veludo negro, repousavam pequenas espirais de metal, apresentando mais uma sugestão de forma, que uma forma bem definida. Mr. Tagomi sentiu-se tomado de uma estranha emoção quando parou para observá-los.

— Mostro-os impiedosamente a cada um de meus clientes — disse Robert Childan. — O senhor sabe o que são?

— Jóias, ao que parece — respondeu Mr. Tagomi, notando um broche.

— Objetos de fabricação americana. Claro. Mas, senhor, não são antigos.

Mr. Tagomi levantou os olhos.

— Senhor, estes são novos. — A fisionomia branca, algo parada, de Robert Childan estava conturbada de paixão. — Esta é a nova vida de minha terra, senhor.

O início de alguma coisa sob a forma de pequenas sementes imperecíveis. Sementes de beleza.

Mr. Tagomi examinou demoradamente, com verdadeiro interesse, segurando-as, várias peças. Sim, há algo novo que as anima, concluiu. A Lei do Tao é confirmada aqui; quando o *yin* está por toda parte, o primeiro raio de luz vive subitamente nas trevas mais profundas, mais escuras... É um fenômeno familiar a todos nós; já presenciamos antes, como o vejo hoje aqui. E contudo para mim são apenas fragmentos de mel. Não posso me entusiasmar, como Mr. Robert Childan. Infelizmente, para ambos. Mas é a verdade.

— Muito bonito — murmurou, devolvendo as peças.

— Senhor, isto não se fabrica da noite para o dia — disse Mr. Childan, com voz forte.

— Como?

— A nova visão em seu coração.

— Você foi convertido — disse Mr. Tagomi. — Eu gostaria de sê-lo. Mas não sou.

Inclinou-se.

— Fica para outra vez — falou Mr. Childan, acompanhando-o até a entrada da loja.

Ele não fez o menor gesto para mostrar outros artigos, reparou Mr. Tagomi.

— Sua certeza é de gosto duvidoso — disse Mr. Tagomi. — Parece forçar indevidamente.

Mr. Childan não se sentia atingido.

— Perdão — respondeu. — Mas sou sincero. Eu sinto latente nesses objetos o germe do futuro.

— Assim seja — disse Mr. Tagomi. — Mas seu fanatismo anglo-saxão não me impressiona.

Contudo, sentiu uma certa renovação de esperanças. Suas esperanças.

— Até outro dia — disse, inclinando-se. — Voltarei breve. Talvez possamos estudar sua profecia.

Mr. Childan inclinou-se, em silêncio.

Carregando sua pasta, com o Colt 44 no interior, Mr. Tagomi partiu. Saio como entrei, refletiu. Ainda à procura. Ainda me faltando o que preciso, se devo voltar ao mundo.

E se eu tivesse comprado um daqueles objetos estranhos, desconhecidos? Se tivesse ficado com ele, examinando, contemplando... teria, a seguir, através dele, encontrado o caminho de volta? Duvido.

São para ele, não para mim.

E contudo, mesmo se uma só pessoa encontrar o caminho... significa que há um Caminho. Mesmo que eu pessoalmente não o alcance.

Eu o invejo.

Mr. Tagomi fez meia volta e retornou à loja. Ali, à porta, estava Mr. Childan de pé, observando-o. Não tinha ainda entrado.

— Senhor — disse Mr. Tagomi. — Comprarei um daqueles, qualquer um que o senhor escolher para mim. Não tenho fé, mas no momento qualquer ajuda pode ser útil.

Seguiu Mr. Childan mais uma vez pela loja, até o cofre de vidro.

— Não acredito. Vou carregar esse objeto comigo, e o olharei a intervalos regulares. Uma vez cada dois dias, por exemplo. Se depois de dois meses eu não enxergar...

— Pode trazê-lo de volta e lhe pagarei o mesmo preço — respondeu Mr. Childan.

— Obrigado — disse Mr. Tagomi.

Sentia-se melhor. Às vezes é preciso tentar qualquer coisa, pensou. Não é vergonha alguma. Ao contrário, é sinal de sabedoria, de reconhecer a situação.

— Isto irá acalmá-lo — afirmou Mr. Childan. Ofereceu-lhe um pequeno triângulo de prata ornado de gotas côncavas. Preto embaixo, brilhante e luminoso em cima.

— Obrigado — disse Mr. Tagomi.

Mr. Tagomi voltou de velotáxi para Portsmouth Square, um pequeno parque aberto na

encosta sobre Kearny Street, de onde se via o Distrito Policial. Sentou-se num banco, ao sol. Pombas passeavam pelos caminhos pavimentados à procura de comida. Em outros bancos, homens mal vestidos liam o jornal ou cochilavam. Aqui e ali, havia outros deitados na grama, quase adormecidos.

Tirando do bolso o saco de papel com o nome da loja de Mr. Robert Childan, Mr. Tagomi ficou sentado com o saco em ambas as mãos, aquecendo-se. Depois abriu o saco e tirou sua nova aquisição para examiná-la a sós, na solidão daquele pequeno parque, feito de gramados e caminhos, freqüentado por velhos.

Segurou a espiral de prata. Aquele pequeno objeto refletia o sol do meio-dia, como um brinde barato de lata de cereais, um espelho de aumento Jack Armstrong, adquirido pelo correio. Ou... *Om*, como dizem os Brahmanes. Um ponto diminuto onde tudo está contido. Ambos, ao menos em aparência. O tamanho, a forma. Continuou conscienciosamente a examiná-lo.

Será que vem, como profetizou Mr. Robert Childan? Cinco minutos. Dez minutos. Fico sentado o máximo que agüentar, pensou. O tempo, infelizmente, vai nos obrigar a vender a descoberta. O que, então, tenho em minhas mãos, enquanto ainda há tempo?

Desculpe, pensou Mr. Tagomi na direção do fragmento de metal. Somos sempre obrigados a levantar e agir. A contragosto, começou a guardar a coisa no saco. Um último olhar esperançoso — novamente investigou com todas suas forças. Como criança, disse para si mesmo. Imitar a inocência e a fé. À beira-mar, andando ao acaso, apanhava conchas e colocava-as no ouvido para escutar em seu murmúrio a sabedoria do mar.

Aqui era o olho substituindo o ouvido. Penetra em mim e me informa o que foi feito, o que significa, o porquê. Um mundo de conhecimento comprimido numa espiral de dimensões restritas.

Pedindo demais e por isso não obtendo nada.

— Ouça — disse ele *sotto voce* à espiral. — A garantia de venda prometia muito.

E se eu sacudi-la com violência, como um relógio velho recalitrante? Foi o que fez, para cima e para baixo. Ou como dados num momento crítico da partida. Para despertar a divindade no interior. Talvez esteja adormecida. Ou em viagem. A brincadeira irônica do Profeta Elias. Ou então esta divindade continuará o seu caminho. Mr. Tagomi sacudiu a espiral de prata violentamente para baixo e para cima na mão fechada. Chamá-lo em voz alta. Examinou-o mais uma vez.

Você, sua coisinha, está vazia, pensou.

Xingá-la, disse a si próprio. Amedrontá-la.

— Estou perdendo a paciência — disse, *sotto voce*. E daí? Jogá-la na latrina? Soprar nela, sacudi-la outra vez? Ganhe o jogo para mim.

Ele riu. É preciso estar vazio para tentar aqui em pleno sol. Que espetáculo para quem passar por perto? Olhou em volta, sentindo-se culpado. Mas ninguém o tinha visto. Os velhos cochilavam. Ali estava tudo tranqüilo.

Tentei tudo, convenceu-se. Implorei, contemplei, ameacei, filosofei longamente. O que mais poderia fazer?

Poderei ao menos ficar aqui? Isso me é negado. A oportunidade talvez volte a ocorrer. No entanto, como disse W. S. Gilbert, uma tal oportunidade *não* voltará a ocorrer. *Será?* Sinto que sim.

Quando eu era criança, pensava como criança. Mas agora coloquei de lado as coisas pueris. Agora preciso pesquisar em outros campos. Devo examinar este objeto de maneira nova. Preciso ser científico. Esgotar, por análise lógica, cada premissa. Sistemáticamente, seguindo o exemplo clássico aristotélico.

Pôs o dedo no ouvido direito, para abafar o barulho do trânsito e outros que pudessem distraí-lo. Depois apertou o triângulo de prata, como uma concha, centra o ouvido esquerdo.

Nenhum ruído. Nenhum som de mar simulado, na realidade ruídos interiores da circulação sanguínea; nem isso.

Então, que outro sentido era capaz de captar o mistério? A audição era inútil, evidentemente. Mr. Ta-g; mi fechou os olhos e começou a passar os dedos por todos os recantos da superfície da peça. O tato também não, seus dedos não lhe diziam nada. O olfato. Aproximou a prata do seu nariz e aspirou; um vago aroma metálico, mas que não transmitia significado algum. O gosto. Abrindo a boca, enfiou o triângulo de prata como se fosse bolacha, mas naturalmente sem mastigá-lo. Nenhum significado, só uma coisa dura, amarga, fria.

Novamente segurou-o na palma da mão. De volta por fim à visão. Hierarquicamente, o mais elevado na escala grega de prioridades. Rodou o triângulo de prata de todas as maneiras possíveis e imagináveis; examinou-o de cada ponto de vista *extra rem*.

O que vejo? perguntou-se. Aquilo merecia um longo, paciente e cuidadoso estudo. Que indício neste objeto me leva à verdade?

Entrega-se, ordenou ao triângulo de prata. Revela o arcano secreto.

É como o sapo vindo das profundezas, pensou. Agarramo-lo e ordenamos que nos diga o que repousa no fundo das águas. Mas aqui o sapo nem dá resposta; deixa-se estrangular em silêncio, torna-se pedra, argila ou mineral. Inerte. Volta à rígida substância familiar do seu mundo tumular.

O metal vem da terra, pensou, examinando o objeto. Vem de baixo: daquele reino que é o mais baixo, o mais denso. Terra dos duendes e cavernas, úmido, sempre escuro. Mundo *yin*, em seu aspecto mais melancólico. Mundo de cadáveres, decadência e colapso. De fezes. Tudo que morreu, escorrendo e se desintegrando camada por camada. O mundo demoníaco do imutável; o tempo-que foi.

Entretanto, à luz do sol, o triângulo de prata brilhava. Refletia luz. Fogo, pensou Mr. Tagomi. Um objeto nem úmido nem escuro, afinal. Nem pesado ou inerte mas pulsando de vida. O reino do alto, aspecto do *Yang*: empírico etéreo, isto é o trabalho de um artista: retira rocha mineral da terra escura e silenciosa e a transforma em algo que brilha e reflete a luz do céu.

Ele deu a vida à morte. Cadáver transformado em visão feérica; o passado cedeu ao futuro.

Qual é você? perguntou ao pedaço de prata. *Yin* escuro e morto ou *yang* brilhante e vivo? Na palma de sua mão, a espiral de prata dançava e cegava-o; apertou os olhos, vendo agora só o jogo da luz.

Corpo de *yin*, alma de *yang*. Metal e fogo unidos. O externo e o interno; um microcosmo na palma de minha mão.

De que este objeto fala? Ascensão vertical. Para o céu. De que tempo? Do mundo de luz do mutável. Sim, esta coisa revelou seu espírito: luz. Agora minha

atenção está presa; não posso afastar o olhar. Estou enfeitiçado por esta hipnótica superfície resplandecente, que não posso mais controlar. Não sou mais livre para abandoná-la.

Agora fala comigo, disse-lhe ele. Agora que me lançaste. Quero ouvir tua voz saindo dessa cegante luz branca, como esperamos ver apenas na segunda existência do *Bardo Thodol*. Mas eu não preciso esperar a morte, a decomposição do meu *animus* enquanto vaga em busca de um novo ventre. Evitaremos todas as divindades terríveis e benéficas e as luzes esfumadas também. E os casais em *coitus*. Tudo menos esta luz. Estou pronto a enfrentá-la sem terror. Nota que não estremeço.

Sinto os ventos quentes do *karma* guiando-me. Mesmo assim fico aqui. Meu treinamento foi correto: não devo fugir da brilhante luz branca pois, se o fizer, novamente reentrarei no ciclo da vida e da morte, sem nunca conhecer a liberdade, sem nunca ter descanso. O véu de *maya* tombará mais uma vez se eu... A luz desapareceu.

Na sua mão havia apenas um opaco triângulo de prata. Uma sombra interceptara o sol; Mr. Tagomi levantou os olhos.

Um policial alto, de uniforme azul, de pé diante de seu banco, sorria.

— Hem? — disse Mr. Tagomi, surpreso.

— Estava vendo como funciona esse quebra-cabeça. O policial pôs-se a andar.

— Quebra-cabeça — ecoou Mr. Tagomi. — Não

é um quebra-cabeça.

— Não é um daqueles quebra-cabeça de desmontar? Meu garoto tem uma porção. Alguns são difíceis.

O policial seguiu seu caminho.

Tudo estragado, pensou Mr. Tagomi. Minha oportunidade de atingir o *nirvana*. Foi-se. Interrompida por esse bárbaro *Yank* branco do *Neanderthal*. Aquele sub-humano pensava que eu estava absorvido por um jogo infantil.

Levantando-se do banco, deu alguns passos inseguros. Preciso acalmar-me. Esses xingamentos racistas de baixo nível são indignos de minha pessoa.

Incríveis paixões irredimíveis chocam-se em meu peito. Atravessou o parque. Continuar andando, disse a si mesmo. A catarsis pelo movimento.

Alcançou a periferia do parque. A calçada de *Kearny Street*. Trânsito intenso e barulhento. Mr. Tagomi parou na beira da calçada.

Nenhum velotáxi. Foi andando pela calçada; juntou-se à multidão. Nunca aparecem quando a gente precisa deles.

Meu Deus, o que é isto? ele parou, de queixo caído diante da coisa horrorosa aparecendo no horizonte. Como uma lagarta de parque de diversões suspensa, cortando a vista toda. Uma enorme construção de metal e cimento no ar.

Mr. Tagomi voltou-se para um pedestre, um homem magro de terno amarrotado.

— O que é isso? — perguntou, apontando.

— Horrível, não é? — respondeu o homem, mostrando os dentes. — Aquilo é o *Embarcadero Freeway*. Muita gente acha que estragou a paisagem.

— É a primeira vez que o vejo — disse Mr. Tagomi.

— Sorte sua — disse o homem, seguindo.

Um pesadelo, pensou Mr. Tagomi. Preciso acordar. Onde estão os velotáxis, hoje? Começou a andar mais depressa. Toda a paisagem tinha um ar sinistro, enfumaçado, tumular. Cheirava a queimado. Os prédios cinza fosco, a calçada, as pessoas, com uma pressa anormal. E *ainda*

nenhum velotáxi.

— Táxi! — gritou, andando apressado. Inútil. Só carros e ônibus. Carros como brutais trituradoras, todos de formato pouco familiar. Evitou vê-los, mantendo os olhos fixos diante de si. Distúrbio de minha percepção ótica, de natureza particularmente grave. Uma perturbação afetando meu sentido de espaço. O horizonte ondulava. Era como um astigmatismo mortal, atingindo sem aviso prévio.

Preciso descansar. Adiante, havia uma lanchonete suja. Só brancos no interior, todos comendo. Mr. Tagomi empurrou as portas de madeira. Cheiro de café. No canto, um *jukebox* berrando; titubeou, mas encaminhou-se ao balcão. Todos os banquinhos estavam ocupados por brancos. Mr. Tagomi soltou uma exclamação. Vários brancos voltaram-se. *Mas nenhum saiu de onde estava sentado. Nenhum cedeu-lhe seu banco. Apenas começaram a comer.*

— Insisto — disse Mr. Tagomi em voz alta ao primeiro branco; gritou no ouvido do homem.

O sujeito colocou a caneca de café no balcão e disse:

— Toma cuidado, Tojo!

Mr. Tagomi olhou para os outros brancos; todos o observavam, com expressões hostis. E ninguém se mexeu.

A existência *Bardo Thödol*, pensou Mr. Tagomi. Ventos quentes soprando-me para quem sabe onde. Esta é a visão de... de quê? Pode o *animus* suportar? Sim, o *Livro dos Mortos* nos prepara: após a morte temos uma visão fugidia dos outros, mas tudo nos parece hostil. Fica-se isolado. Sem apoio onde quer que nos viremos. A terrível viagem — e sempre os reinos do sofrimento, do renascimento, prontos para receber o espírito em fuga, desmoralizado. As decepções.

Afastou-se apressado do balcão. As portas fecharam-se abanando atrás dele; estava novamente de pé na calçada.

Onde estou? Fora do meu mundo, do meu espaço, do tempo.

O triângulo de prata desorientou-me. Soltei minhas amarras e agora estou pisando no nada. Demais para minhas forças. Será sempre uma lição para mim. Procuramos ir contra nossas percepções... para quê? Para perambular inteiramente perdido, sem sinais ou guia?

Esta situação hipnagógica. Faculdade de atenção diminuída até este estado crepuscular; o mundo visto apenas no seu aspecto simbólico arquetípico, totalmente confundido com material inconsciente. Típico do sonambulismo engendrado por hipnose. Preciso parar este terrível escorregão pelas sombras; recuperar a concentração e restaurar assim o centro do ego.

Procurou nos bolsos o triângulo de prata. Havia desaparecido. Deixado no banco do parque, com a pasta. Catástrofe.

Curvando-se, correu pela calçada, na direção do parque.

Vagabundos sonolentos observaram-no com surpresa, quando corria pelo caminho acima. O banco estava lá. E, encostada no banco, sua pasta. Nem sinal do triângulo de prata. Procurou. Sim. Caiu na grama; estava semi-oculto. Onde o atirara com raiva.

Voltou a sentar-se, ofegante.

Concentrar-se novamente no triângulo de prata, disse a si próprio quando recuperou o fôlego. Examiná-lo cuidadosamente e contar. Quando chegar a dez, fazer um barulho assustador. *Erwache*, por exemplo.

Fantasia idiota do gênero fuga, pensou Emulação dos aspectos mais nocivos da adolescência, no lugar da inocência clarividente, pura, da verdadeira infância. Justamente o que mereço, em

todo caso.

Tudo culpa minha. Não houve intenção por parte de Mr. Robert Childan ou dos artesãos; minha própria cobiça é a única culpada. Não se pode forçar a compreensão a vir.

Ele contou devagar, em voz alta e depois saltou de pé.

— Maldita burrice — disse, bruscamente. As névoas estariam dissipadas? Espiou em volta. A difusão estava diminuída, provavelmente. Agora podia apreciar a escolha incisiva das palavras de São Paulo: visto através de um vidro, obscuramente, não era uma metáfora, mas uma alusão perspicaz à disposição ótica. Nós realmente vemos astigmaticamente, no sentido fundamental da expressão: nosso espaço e nosso tempo são criações da nossa própria mente e quando momentaneamente falham... é como o distúrbio agudo do ouvido médio.

Ocasionalmente desprezamos nosso centro de gravidade, perdendo todo sentido de equilíbrio.

Voltou a sentar-se, guardou a espiral de prata no bolso do casaco e ficou segurando a pasta no colo. O que preciso fazer agora, disse a si próprio, é ir ver aquela construção maligna — como foi que o homem a chamou? *Embarcadero Freeway*. Se ainda estivesse visível. Mas sentiu medo.

E contudo, pensou, não posso ficar aqui sentado. Tenho cargas a carregar, como diz a velha expressão americana. Tarefas a cumprir. Dilema.

Dois meninos chineses vieram pulando pelo caminho. Um bando de pombas levantou vôo; os meninos pararam. — Ei, garotos — gritou Mr. Tagomi, enfiando a mão no bolso. — Venham cá.

Os meninos aproximaram-se, desconfiados.

— Aqui têm uma moeda — Mr. Tagomi atirou-a e eles correram para apanhá-la. — Dêem um pulo até Kearny Street e vejam se há algum velotáxi. Voltem para me avisar.

— Vai nos dar outra moeda? — perguntou um dos meninos. — Quando a gente voltar?

— Sim — disse Mr. Tagomi. — Mas digam-me a verdade.

Os meninos saíram na disparada pelo caminho.

Se não tiver, pensou Mr. Tagomi, é melhor eu me retirar para algum lugar bem reservado e me matar. Segurou com força a pasta. Ainda tenho a arma; isso não é problema.

Os meninos vieram correndo de volta.

— Seis! — gritou um deles. — Eu contei seis!

— Eu contei cinco! — exclamou o outro menino, ofegante.

— Vocês têm certeza de que eram velotáxis? — perguntou Mr. Tagomi. — Viram claramente os condutores pedalando?

— Sim, senhor — responderam os dois, em coro. Deu uma moeda a cada um. Agradeceram e foram embora.

Voltar ao escritório e ao trabalho, pensou Mr. Tagomi. Ficou de pé, agarrando a pasta pela alça. O dever me chama. Novamente um dia rotineiro.

Mais uma vez desceu o caminho, até a calçada.

— Táxi! — chamou.

Do meio do trânsito surgiu um velotáxi; o condutor parou junto à calçada, o rosto magro escuro brilhando, o peito ofegante.

Sim, senhor.

— Leve-me ao edifício *Nippon Times* — ordenou Mr. Tagomi.

Subiu e acomodou-se.

Pedalando furiosamente, o condutor misturou seu velotáxi aos outros veículos.

Era um pouco antes do meio-dia quando Mr. Tagomi chegou ao edificio *Nippon, Times*. Do vestibulo principal, pediu à telefonista que o ligasse com Mr. Ramsey.

— Aqui Tagomi — disse, quando foi completada a ligação.

— Bom-dia, senhor. Estou aliviado. Não o tendo visto e ficando preocupado telefonei para sua casa às dez horas, mas sua esposa disse que o senhor saíra sem dizer para onde.

— Já voltou tudo ao lugar, aí? — perguntou Mr.

Tagomi.

— Não resta sinal algum.

— Completamente?

— Palavra, senhor.

Satisfeito, Mr. Tagomi desligou e tomou o elevador.

Lá em cima, entrando em seu escritório, deu uma -olhada em tudo. Até onde alcançava sua visão. Nem sinal, como lhe afirmaram. Sentiu alívio. Ninguém saberia se não tivesse visto. A historicidade presa aos quadrados de *nylon* do chão...

Mr. Ramsey entrou no escritório:

— Sua coragem foi objeto de um elogio no *Times* — começou. — Um artigo descrevendo...

Reparando na expressão de Mr. Tagomi, interrompeu-se.

— Responda a estas perguntas urgentes — disse

Ir. Tagomi. — O general Tedeki? Isto é, Mr. Yatabe?

— Em vôo secretíssimo, de volta a Tóquio. Pistas falsas semeadas aqui e ali.

Mr. Ramsey cruzou os dedos, simbolizando a esperança dele.

— Por favor, queira informar com relação a Mr. Baynes. ,.

— Não sei. Durante sua ausência, ele fez uma breve aparição, que pode ser considerada furtiva, mas não falou — Mr. Ramsey hesitou. — Talvez tenha voltado à Alemanha.

— Muito melhor para ele ir para as ilhas nipônicas — disse Mr. Tagomi, falando principalmente para si próprio.

Em todo caso, era no general idoso que suas preocupações principais se concentravam. E está fora do meu alcance, pensou Mr. Tagomi. Minha pessoa, meu escritório; serviram-se de mim aqui, o que naturalmente é apropriado e bom. Eu fui sua... como se diz? Cobertura.

Eu sou a máscara, ocultando o real. Atrás de mim, escondida, passa a atualidade, ao abrigo dos olhares curiosos.

Estranho, pensou. É vital, às vezes, ser apenas uma frente de papelão, um anteparo. Há um pouco de *satori* ali, se eu pudesse apreendê-lo. Sua finalidade, num esquema geral de ilusão, não pode ser sondada. Lei de economia: nada se perde. Mesmo o irreal. Que lado sublime no processo!

Miss Ephreikiam apareceu, muito agitada.

— Mr. Tagomi. A telefonista me mandou aqui.

— Fique calma, senhorita — disse Mr. Tagomi.

A corrente do tempo nos impele para adiante, pensou.

— Senhor, o cônsul alemão está aqui. Quer falar com o senhor. Seu olhar ia de Mr. Ramsey para ele e vice-versa; seu rosto tinha uma palidez pouco natural. — Dizem que esteve aqui antes,

também, mas sabia que o senhor...

Mr. Tagomi fez sinal que se calasse.

— Mr. Ramsey. Por favor recorde-me o nome do cônsul.

— Freiherr Hugo Reiss, senhor.

— Agora me lembro.

Bem, pensou, evidentemente Mr. Childan fez-me um favor, no final das contas, recusando-se a aceitar de volta a arma.

Carregando a pasta, deixou a sala e saiu para o corredor.

Lá estava um branco delgado, bem vestido. Cabelos cor de laranja, cortados rente, sapatos pretos de couro brilhante, europeus, tipo Oxford, postura ereta. Uma afeminada piteira de marfim. Sem dúvida o próprio.

— *Herr* Hugo Reiss? — perguntou Mr. Tagomi. O alemão inclinou-se.

— Acontece — disse Mr. Tagomi — que temos mantido relações comerciais por correspondência, por telefone, etc, mas, até agora, não pessoalmente, face a face.

— Uma honra — disse *Herr* Reiss, aproximando-se dele. — Mesmo considerando as circunstâncias deploravelmente aborrecidas.

— Quem sabe — disse Mr. Tagomi. O alemão levantou uma sobrancelha.

— Perdão — disse Mr. Tagomi. — Meu pensamento está encoberto pelas circunstâncias indicadas. É a fragilidade dessa argila de que fomos moldados, pode-se concluir.

— Terrível — disse *Herr* Reiss. Sacudiu a cabeça. — A primeira vez que eu...

— Antes que comece suas lamentações, deixe-me falar — disse Mr. Tagomi.

— Pois não.

— Eu pessoalmente matei seus dois homens da S. D. — disse Mr. Tagomi.

— Estou aqui a pedido do Departamento de Polícia de São Francisco — disse *Herr* Reiss, soprando a fumaça mal-cheirosa do seu cigarro em volta dos dois. — Passei horas no Distrito de Kearny Street e no necrotério, depois li o relatório que seu pessoal fez aos investigadores policiais. Simplesmente terrível, do princípio ao fim.

Mr. Tagomi não disse nada.

— Contudo — continuou *Herr* Reiss, nada confirma a possibilidade de os bandidos terem ligação com o Reich. No que me diz respeito, a história toda é uma loucura. Tenho certeza de que o senhor fez o que devia, Mr. Tagomi.

— Tagomi.

— Minha mão — disse o cônsul, oferecendo-a. — Vamos apertar nossas mãos, como o pessoas civilizadas, e esquecer o caso. É indigno, especialmente nestes dias críticos, quando qualquer publicidade estúpida poderia inflamar a mente das massas, o que seria prejudicial aos interesses de ambas as nossas nações.

— Não obstante, minha alma carrega o peso da culpa — disse Mr. Tagomi. — O sangue, *Herr* Reiss, não pode ser apagado como a tinta.

O cônsul parecia estarrecido.

— Desejo obter perdão — disse Mr. Tagomi. — Mas o senhor não pode dar-mo. Talvez não haja quem possa. Eu pretendo ler o famoso diário de um antigo teólogo de Massachusetts, Goodman C. Mather. Trata, segundo fui informado, de culpa, fogos do inferno, etc.

O cônsul fumava seu cigarro rapidamente, observando Mr. Tagomi com atenção.

— Permita-me informá-lo de que sua nação — disse Mr. Tagomi — está prestes a mergulhar numa abjeção mais profunda que nunca. Conhece o hexagrama *O Abismo*? Falando em caráter pessoal e não como representante oficial do Japão, eu lhe digo: tenho o coração doente de horror. Está para haver um banho de sangue que ultrapassa tudo o que conhecemos. E mesmo agora, os senhores lutam por um pequeno ganho egoísta ou para atingir uma meta idêntica. Sobrepor-se ao grupo rival, à S.D., hein? Ao mesmo tempo em que coloca *Herr* Kreuz von Meere em maus lençóis...

Não podia continuar. Seu peito estava oprimido. Gomo na infância, pensou. Ataque de asma quando ficava com raiva da velha.

— Estou doente — disse a *Herr Reiss*, que apagara o cigarro. — Uma doença que vem se desenvolvendo há muitos anos mas que se intensificou desde o dia em que ouvi, sem poder fazer nada, contarem as façanhas de seus líderes. Em todo caso, não tenho nenhuma possibilidade de cura. E o senhor também não. Na linguagem de Goodman C. Mather, se bem me recordo: Arrependa-se! — Citado corretamente — disse o cônsul alemão, em voz rouca.

Assentiu com a cabeça e acendeu um novo cigarro, com dedos trêmulos.

Mr. Ramsey entrou, vindo do escritório. Trazia nas mãos um maço de formulários e papéis. Disse a Mr. Tagomi, que estava silenciosamente tentando respirar normalmente:

— Já que ele está aqui. Um assunto de rotina, ligado à sua função.

Pensativamente Mr. Tagomi apanhou os formulários apresentados. Passou os olhos por eles. Formulário 20-50. Pedido do *Reich* feito através de seu representante nos Estados Americanos do Pacífico, Cônsul Freiherr Hugo Reiss, para entrega de um criminoso, detido pelo Departamento de Polícia de São Francisco, um judeu de nome Frank Frink, cidadão alemão, de acordo com a lei do *Reich*, a contar de junho de 1960 Para ser detido preventivamente, segundo as leis do *Reich*, etc. Leu o documento outra vez.

— Eis uma caneta, senhor — disse Mr. Ramsey. — Isto encerra nossos negócios com o governo alemão nesta data.

Observou o cônsul com repugnância, enquanto oferecia a caneta a Mr. Tagomi.

— Não — recusou Mr. Tagomi.

Devolveu o formulário 20-50 a Mr. Ramsey. Depois agarrou-o de volta e rabiscou em baixo: *Soltar. Diretoria da Missão Comercial. Autoridade de São Francisco. Vide -protocolo militar 1.9.47. Tagomi*. Deu uma cópia ao cônsul alemão e as outras a Mr. Ramsey, juntamente com o original.

— Bom-dia, *Herr Reiss*. Inclinou-se.

O cônsul alemão também inclinou-se. Mal deu uma olhada no papel.

— Peço-lhe o favor de, no futuro, tratar dos assuntos oficiais por intermédio de correspondência, telefone, telegrama — disse Mr. Tagomi. — Não pessoalmente.

— Está me responsabilizando por condições gerais que fogem à minha jurisdição — respondeu o cônsul.

— Conversa fiada — disse Mr. Tagomi. — É o que tenho a dizer.

— Não é assim que as pessoas civilizadas tratam de negócios — afirmou o cônsul. — Está dando a tudo isto um caráter amargo e vingativo, em vez de adotar um comportamento formal, sem nada de pessoal.

Jogou o cigarro no chão do corredor, depois virou-se e foi embora.

— Leve esse cigarro fedorento junto — disse Mr.

Tagomi, com voz fraca, mas o cônsul já dobrara a esquina do corredor.

— Comportamento infantil da minha parte — disse Mr. Tagomi a Mr. Ramsey. — O senhor acaba de ser testemunha de uma repugnante manifestação de infantilidade.

Encaminhou-se, com passo inseguro, à sua sala. Agora não podia nem respirar. Uma dor descia por seu braço esquerdo e ao mesmo tempo uma enorme mão aberta achatou e arrebitou suas costelas. — Uff! — disse.

Diante dele não havia mais tapete, mas apenas chuva de faíscas, subindo, vermelhas.

Socorro, Mr. Ramsey, gritava, no íntimo. Mas não saía som. Por favor. Estendeu as mãos, tropeçou. Não havia nem onde segurar-se.

Enquanto caía, agarrou dentro do casaco o triângulo de prata que Mr. Childan insistira que comprasse. Não me salvou, pensou. Não ajudou. Todo aquele esforço.

Seu corpo bateu no chão. De quatro, ofegando, com o nariz no tapete. Mr. Ramsey chegava correndo, quase gritando. Mantenha a dignidade, pensou Mr.

Tagomi.

— Estou tendo um pequeno ataque de coração — conseguiu dizer Mr. Tagomi.

Várias pessoas agitavam-se agora em volta, transportando-o para o sofá.

— Fique calmo, senhor — dizia-lhe alguém.

— Avisem minha mulher, por favor — pediu Mr. Tagomi.

Agora estava ouvindo a sirene da ambulância. Um gemido vindo da rua. E muita agitação. Gente indo e vindo. Colocaram um cobertor em cima dele, cobrindo-o até as axilas. Tiraram-lhe a gravata. Afrouxaram o colarinho.

— Agora está melhor — disse Mr. Tagomi. Ficou deitado confortavelmente, sem tentar se mexer. Sua carreira estava encerrada, em todo caso reconheceu. O cônsul alemão na certa fará escândalo junto às autoridades. Reclamará da sua falta de educação. Com razão, talvez. Em todo caso o trabalho estava feito. Pelo menos de minha parte, até onde pude. O resto depende de Tóquio e de grupos na Alemanha. A luta foi demais para mim, em todo caso.

Julguei que só se tratasse de plásticos, pensou. Que ele fosse um importante vendedor de moldes. O oráculo adivinhou e deu um aviso, mas...

— Tirem a camisa dele — disse uma voz. Sem dúvida o médico do prédio. Um tom muito autoritário; Mr. Tagomi sorriu. O tom é tudo.

Poderia ser esta a resposta? perguntou-se Mr. Tagomi. O seu conhecimento era um mistério pertencente ao organismo corpóreo. Era tempo de partir. Ou hora de parar parcialmente. Um propósito que devo obedecer.

O que foi que o oráculo dissera por último? À sua pergunta no escritório, quando os dois estavam já morrendo ou mortos. Sessenta e um. Verdade Interior. Os porcos e os peixes são os menos inteligentes de todos; difíceis de convencer. Sou eu. O livro refere-se a mim. Nunca compreenderei totalmente; é a natureza de tais criaturas. Ou o que está acontecendo comigo agora é a Verdade Interior?

Esperarei. Verei qual das duas coisas.

Talvez ambas.

Naquela noite, logo depois da última refeição, um policial veio à cela de Frank Frink, destrancou a porta e disse-lhe que apanhasse suas coisas no escritório.

Pouco depois, ele viu-se na calçada diante do Distrito de Kearny Street, entre os inúmeros pedestres andando apressados, as buzinas dos ônibus e dos carros e os gritos dos condutores de velotáxi. O ar estava frio. Sombras compridas estendiam-se em frente de cada edifício. Frank Frink ficou um momento parado e depois juntou-se automaticamente a um grupo de pessoas atravessando no sinal verde.

Preso sem razão alguma, pensou. Sem motivo. E depois me soltam da mesma maneira.

Não lhe disseram nada; apenas entregaram-lhe seu saco de roupas, a carteira, o relógio, os óculos, os artigos pessoais e ocuparam-se do caso seguinte, um velho bêbado trazido da rua.

Milagre, pensou, terem me soltado. Um golpe de sorte. Eu devia estar num avião indo para a Alemanha, para ser exterminado.

Não conseguia acreditar. Em nada, nem na prisão, nem nisto agora. Irreal. Perambulou diante das lojas fechadas, pulando por cima dos detritos acumulados pelo vento.

Vida nova, pensou. Era como renascer. Era, coisa nenhuma: é.

A quem agradecer? Rezar, talvez?

Rezar a quem?

Eu queria entender, disse a si próprio, enquanto andava pela calçada noturna cheia de pedestres, passando pelos anúncios luminosos, e pelas entradas dos bares de Grant Avenue, que deixavam escapar manifestações ruidosas. Quero compreender. Preciso.

Mas sabia que não conseguiria nunca.

Fique só contente, pensou. E continue andando.

Uma parte de sua mente o aconselhou: e volte para Ed. Preciso encontrar o caminho de volta à oficina, lá naquele porão. Recomeçar onde parei, fazendo jóias, usando minhas mãos. Trabalhando e não pensando, sem levantar os olhos nem tentar entender. Preciso manter-me ocupado. Preciso produzir as peças.

Quartelão por quartelão apressou-se pela cidade que anoitecia. Esforçando-se para voltar o mais depressa possível ao lugar fixo, compreensível, onde estivera antes.

Quando chegou lá, encontrou Ed McCarthy sentado na banca, jantando. Dois sanduíches, uma garrafa térmica de chá, uma banana, vários biscoitos. Frank Frink ficou de pé na entrada, ofegante.

Por fim Ed ouviu-o e voltou-se.

— Pensei que você tivesse morrido — disse. Mastigou, engoliu ritmicamente, deu outra mordida.

Ao lado do banco, Ed ligara o pequeno aquecedor elétrico; Frank aproximou-se e ficou de cócoras, aquecendo as mãos.

— Bom te ver de volta — disse Ed.

Deu dois tapas nas costas de Frank e voltou ao seu sanduíche. Não disse mais nada; os únicos sons eram o roncar do aquecedor e a mastigação de Ed.

Pendurando o casaco numa cadeira, Frank juntou um montinho de fragmentos de prata semi-acabados e levou-os à cortadeira. Atranchou um chumaço de lã para polimento ao eixo e ligou o motor; embebeu o chumaço com um composto de acabamento, colocou a máscara protetora e depois sentou-se num banquinho e começou a limpar as marcas de fogo dos fragmentos, um por

um.

O CAPITÃO Rudolf Wegener, que no momento viajava sob o nome de Conrad Goltz, negociante de equipamento médico por atacado, olhou pela vigia do foguete da Lufthansa Me9-E. Europa à vista. Que rapidez, pensou. Pousaremos no campo de Tempelhof dentro de, aproximadamente, sete minutos.

Gostaria de saber o que foi que realizei, pensou enquanto via a massa terrestre crescer. Agora era com o general Tedeki. O que ele puder fazer nas ilhas. Pelo menos fornecemos-lhes a informação. Fizemos o possível. Mas não há motivo para ser otimista, pensou. Os japoneses provavelmente não poderão fazer nada para modificar o curso da política interna alemã. O governo Goebbels está no poder e com certeza ali permanecerá. Assim que se consolidar, voltará novamente a estudar a idéia do Dente de Leão. E outra grande parte do planeta será destruída, com sua população, para a realização de um ideal fanático, alucinado.

E se eles, os nazistas, destruírem tudo? Nada mais deixarem que cinzas estéreis? Eles poderiam; têm a bomba de hidrogênio. E na certa o fariam; o pensamento deles inclina-se para esse *Götterdämmerung*. Eles talvez o desejem, talvez estejam ativamente buscando esse holocausto final, do qual todos seriam vítimas.

E o que deixará ela, essa Terceira Loucura Mundial? Acabará com toda espécie de vida, em toda parte? Quando nosso planeta tornar-se um planeta morto, morto por nossas próprias mãos?

Não podia acreditar. Mesmo que toda a vida do nosso planeta seja destruída, deve haver vida em alguma outra parte, da qual não sabemos nada. É impossível que o nosso seja o único mundo; deve haver outros mundos invisíveis para nós, em alguma região ou dimensão que simplesmente não percebemos.

Embora eu não o possa provar, embora nem seja lógico, eu acredito, disse a si próprio.

O alto-falante disse: *Meine Damen und Herren. Achtung, bitte.*

Está chegando o momento de pousar, pensou o Capitão Wegener. É quase certo que eu seja recebido pelo *Sicherheitsdienst*. O problema é o seguinte: que facção política será representada? A de Goebbels? Ou a de Heydrich? Admitindo-se que o General S.S. Heydrich ainda esteja vivo. Durante minha permanência a bordo deste foguete podem tê-lo apanhado e fuzilado. As coisas acontecem depressa nos tempos de transição numa sociedade totalitária. Na Alemanha nazista, muitos nomes respeitados têm sido riscados da lista dos vivos...

Alguns minutos depois, quando o foguete pousou, estava de pé, encaminhando-se para a saída, com o sobretudo dobrado no braço. Atrás e à frente dele, passageiros ansiosos por chegar. Nenhum jovem artista nazista desta vez, refletiu. Nenhum Lotze para me importunar até o fim com seus argumentos idiotas.

Um funcionário fardado da companhia — vestido, reparou Wegener, como o Marechal do *Reich* em pessoa — ajudou-os a descer a rampa, um por um, até a pista. Ali, ao lado da saída, um grupo de camisas-negras. Para mim? Wegener começou a afastar-se lentamente do foguete. Um pouco mais longe, homens e mulheres esperando, acenando, chamando... até mesma algumas crianças.

Um dos camisas-negras, um louro de cara achatada e impassível, usando a insígnia dos *Waffens-S.S.* aproximou-se de Wegener, bateu os saltos das botas um contra o outro, fez corretamente a continência e disse:

— *Ich bitte mich zu entschuldigen. Sind Sie nicht Kapitän Rudolf Wegener, von dr. Abwehr?*

— Desculpe — respondeu Wegener. — Sou Conrad Goltz. Representante da *A.G. Chemikalien*, fornecedor de equipamento médico.

Começou a afastar-se. Dois outros camisas-negras, também das *Waffen-S.S.*, aproximaram-se. Os três cercaram-no de tal modo que, embora ele continuasse no seu passo normal, na direção que escolhera, estava abrupta e efetivamente sob prisão. Dois dos homens das *Waffen-S.S.* tinham metralhadoras debaixo dos sobretudos.

— Você é Wegener — disse um deles, no momento em que entravam no prédio. Ele não respondeu.

— Temos um carro — continuou o homem das *Waffen-S.S.* — Recebemos instruções para esperar seu foguete, entrar em contato com o senhor e levá-lo imediatamente ao General Heydrich da *S.S.*, que está com Sepp Dietrich no *O.K.W.* da *Leibstandarte Division*. Foi-nos recomendado especialmente não permitir que o senhor se aproxime de gente da *Wehrmacht* ou do *Partei*.

Então não serei liquidado, disse Wegener a si próprio. Heydrich está vivo, em lugar seguro e tentando fortalecer sua posição contra o Governo Goebbels.

Talvez, afinal de contas, o Governo Goebbels caia, pensou enquanto o enfiaram — gentilmente — dentro do Daimler do estado-maior da *S. S.*, que os aguardava. Um destacamento das *Waffen-S.S.* de repente transferido à noite; guardas do *Reichskanzlei* trocados, substituídos. As delegacias policiais de Berlim subitamente cuspidos homens armados da *S. D.* em todas as direções — as estações de rádio e a energia elétrica cortadas. Tempelhof fechado. Ruído de passagem de artilharia pesada, ao longo das ruas principais, na escuridão.

Mas o que importa? Mesmo que o doutor Goebbels seja deposto e a Operação Dente de Leão cancelada? Eles continuarão a existir, os camisas-negras, o *Partei* e seus planos, se não for no Oriente será então em alguma outra parte.

Em Marte ou Vênus.

Não é de estranhar que Mr. Tagomi não tenha podido agüentar, pensou. O terrível dilema de nossas vidas. Aconteça o que acontecer, é incomparavelmente ruim. Por que lutar, então? Por que escolher? Se todas as alternativas são as mesmas...

Evidentemente, vamos para a frente, como sempre fizemos. Dia após dia. Neste momento trabalhamos contra a Operação Dente de Leão. Mais tarde, em outro momento, trabalharemos para derrotar a polícia. Mas não podemos fazer tudo ao mesmo tempo; é uma seqüência. Um processo que se desenrola. Só podemos controlar o fim fazendo uma escolha a cada passo.

Só podemos esperar, senhor. E tentar.

Em algum outro mundo, talvez seja diferente. Melhor. Existem claras alternativas entre o bem e o mal. Não estas obscuras justaposições, estas misturas, sem que disponhamos da ferramenta adequada para dissociar as peças.

Não possuímos o mundo ideal, tal como gostaríamos de ter, onde a moralidade é fácil porque o conhecimento é fácil. Onde se pode acertar sem esforço, porque percebe-se o óbvio.

O Daimler entrou em movimento, com o capitão Wegener sentado atrás, um camisa-negra

de cada lado, de metralhadora ao colo. Um camisa-negra na direção.

Suponhamos que, mesmo agora, estejam me enganando, pensou Wegener, enquanto o carro corria em grande velocidade pelo trânsito de Berlim. Não estão me levando ao general S.S. Heydrich, na O.K.W. da

Leibstandarte Division; estão me levando para uma prisão do *Fartei*, para me torturarem e, por fim, matar-me. Mas eu escolhi; escolhi voltar para a Alemanha; escolhi arriscar ser capturado antes de ter conseguido chegar ao abrigo do pessoal da *Abwehr*.

A morte a cada momento, uma avenida sempre aberta para nós em qualquer ponto. E eventualmente a escolhemos, quase sem querer. Ou então desistimos e a tomamos deliberadamente. ele olhou passarem as casas de Berlim. Meu próprio *Volk*, pensou, você e eu, de novo juntos.

— Como vão as coisas? — perguntou aos três da S. S. — Há alguma novidade quanto ao desenvolvimento da situação política? Eu estou fora há várias semanas, desde antes da morte de Bormann, na verdade.

— Há, naturalmente, uma massa histérica que apoia o Pequeno Doutor — respondeu o homem à sua direita. — Foi a massa que o levou ao poder. Contudo, é pouco provável que, quando elementos mais sóbrios se firmarem, queiram apoiar um aleijado e um demagogo que só se mantém excitando e enfeitizando as massas com suas mentiras e seduções.

— Compreendo — disse Wegener.

A coisa continua, pensou. Os ódios intestinos. Talvez as sementes estejam aí, no final das contas. Eles se comerão uns aos outros e deixarão o resto de nós aqui e ali pelo mundo, ainda vivos. Ainda bastantes para novamente construir, esperar e fazer alguns planos simples.

Juliana Frink chegou a Cheyenne, Wyoming, à uma hora da tarde. No centro comercial da cidade, diante do velho e gigantesco depósito ferroviário, ela parou numa charutaria e comprou dois jornais vespertinos.

Estacionada junto à calçada, procurou até encontrar a notícia.

FÉRIAS ACABAM EM NAVALHADA FATAL

Está sendo procurada para interrogatório, referente a ataque fatal à navalha contra seu marido em seus elegantes aposentos do Hotel Presidente Garner, em Denver, Mrs. Joe Cinadella, de Canon City. De acordo com os empregados do hotel, ela partiu imediatamente após o que deve ter sido o clímax trágico de uma discussão conjugai. Lâminas de gilete encontradas no quarto que, por ironia, são fornecidas como cortesia aos hóspedes, foram aparentemente as armas usadas por Mrs. Cinadella, descrita como sendo morena, atraente, elegante, esbelta por volta dos trinta, para cortar o pescoço de seu marido. O corpo foi encontrado por Theodore Ferris, empregado do hotel, que apanhara umas camisas de Cinadella para passar, meia hora antes, e estava voltando com elas conforme lhe fora pedido, dando com aquela cena tétrica. O apartamento, disse a polícia, conservava sinais de luta, sugerindo uma briga violenta que...

Então ele morreu, pensou Juliana, dobrando o jornal. E além disso, eles não sabem meu nome verdadeiro; não sabem quem eu sou nem nada sobre mim.

Muito preocupada agora, ela continuou até encontrar um motel adequado; lá alugou um quarto e tirou sua bagagem do carro. Daqui para frente não preciso me apressar, disse a si própria. Posso mesmo esperar até de noite para ir à casa dos Abendsens; assim posso usar meu vestido novo. Não poderia usá-lo de dia; não se usa vestido *toilette* antes do jantar.

E posso acabar de ler o livro.

Ela instalou-se no quarto do motel, ligou o rádio, mandou trazer café da lanchonete, enroscou-se na cama bem feita, com o exemplar novo do *Grasshopper*, que comprara na livraria do hotel em Denver.

Às seis e quinze da tarde ela acabou de ler o livro. Será que Joe leu até o fim? perguntou-se. Há muito mais coisas aí dentro do que ele entendeu. O que é que Abendsen quis dizer? Nada sobre seu mundo de faz-de-conta. Sou eu a única que sabe? Aposto que sim; ninguém, além de mim, entendeu o sentido do *Grasshopper* como eu — imaginam que entenderam.

Ainda um pouco perturbada, guardou o livro na mala, vestiu o casaco e deixou o quarto em busca de um lugar para jantar. O ar estava cheiroso e os anúncios luminosos e luzes de Cheyenne pareceram-lhe particularmente estimulantes. Diante de um bar, duas bonitas prostitutas índias, de cabelos negros, estavam discutindo e ela diminuiu o passo para olhar.

Numerosos carros, reluzentes, subiam e desciam as ruas; aquele espetáculo tinha um aspecto brilhante e de felicidade, de confiança no futuro, de expectativa de algum acontecimento importante e feliz, em vez de virar-se para o passado... pensou ela, para o velho e cansado, para o usado e jogado fora.

Num restaurante francês cava — onde um homem de casaco branco estacionava os carros dos clientes, cada mesa tinha uma vela queimando num enorme copo de vinho e a manteiga era servida não em quadrados mas parecendo bolas de gude — ela saboreou um bom jantar e, depois, com tempo de sobra, foi passeando de volta ao seu motel. As notas do *Reichsbank* estavam quase acabando, o que não a preocupava; não tinha importância. ele nos falou de nosso mundo, pensou, abrindo a porta do quarto do motel. Deste que está em volta de nós, agora. No quarto, ela ligou o rádio outra vez. ele quer que vejamos as coisas como são. E eu vejo, cada vez mais, à medida que o tempo passa. Tirando o vestido azul da caixa, ela o estendeu cuidadosamente na cama. Não tinha sido danificado; o máximo de que precisava era uma escovada para tirar qualquer fiapo. Mas quando abriu os outros pacotes verificou que não trouxera nenhum dos novos *soutiens* comprados em Denver.

— Que droga! — disse, afundando numa cadeira.

Acendeu um cigarro e ficou fumando algum tempo.

Talvez desse para usar com *soutien* comum. Tirou a saia e a blusa e experimentou o vestido. Mas as alças ficavam aparecendo e também a parte superior de cada taça, de modo que não dava. Ou talvez, pensou, eu possa ir sem *soutien*... Há anos que não tentava isso lembrou-se de seus dias de ginásio quando tinha busto muito pequeno; naquela época isso a preocupava. Mas a maturidade e o judô a tinha levado ao tamanho 38. Mesmo assim, experimentou o vestido sem o *soutien*, ficando de pé numa cadeira no banheiro para poder se ver no espelho do armário.

O vestido ficou deslumbrante mas, Santo Deus, era muito arriscado. Era só ela se debruçar para apagar um cigarro ou apanhar um drinque e seria um desastre.

Um broche! Podia usar o vestido sem *soutien* e fechar um pouco na frente. Despejando o conteúdo de sua caixa de jóias na cama, ela enfileirou os broches, relíquias que tinha há anos, presentes de Frank ou de outros homens, de antes do seu casamento e agora o novo que Joe lhe comprara em Denver. Sim, um pequeno broche de prata mexicana, em forma de cavalo, combinava bem; ela encontrou o ponto exato. Finalmente acabou podendo usar o vestido.

Qualquer coisa agora me satisfaz, pensou. Tanta coisa dera errado! Restava tão pouco dos

planos maravilhosos!

Ela deu uma boa escovada nos cabelos que ficaram bem brilhantes e agora faltava só escolher sapatos e brincos. Depois vestiu o casaco novo, apanhou a bolsa nova de couro, feita a mão, e saiu.

Em vez de ir de Studebaker, pediu ao dono do motel que lhe chamasse um táxi. Enquanto esperava no escritório do motel, teve de repente a idéia de telefonar a Frank. Por que lhe ocorreu, não podia imaginar, mas ali estava ela. Por que não? perguntou-se. Podia ser a cobrar: ele ficaria radiante de falar com ela e pagaria de boa vontade.

De pé atrás da mesa do escritório, ela apertou o fone no ouvido, encantada com o diálogo das telefonistas interurbanas tentando conseguir sua ligação. Ouvia a telefonista de São Francisco, ao longe, que pedia informações para obter número, depois mil barulhinhos em seu ouvido e, por fim, o ruído do telefone tocando. Enquanto esperava, ficou olhando para ver se chegava o táxi; não demorará muito, pensou. Mas não se incomodará de esperar; estão acostumados.

— Seu número não responde — informou-lhe, por fim, a telefonista de Cheyenne. — Podemos fazer a ligação mais tarde e...

— Não — respondeu Juliana, balançando a cabeça. Tinha sido só um impulso. — Não estarei aqui. Obrigada.

Desligou. O dono do motel estava ali perto para evitar que fosse cobrado a ele algo por engano. Ela saiu rapidamente do escritório para a calçada fria e escura, ficando ali de pé, esperando.

Um táxi novinho em folha surgiu do trânsito, aproximou-se da calçada e parou; a porta se abriu e o motorista saltou para abrir-lhe a porta.

Um momento depois, Juliana estava a caminho, sentada no banco de trás daquele carro luxuoso, atravessando Cheyenne em direção à casa dos Abendsens.

A casa dos Abendsens estava com as luzes acesas e ela ouviu música e vozes. Era uma casa térrea, de estuque, cercada de arbustos e de um grande jardim composto principalmente de rosas trepadeiras. Subindo o caminho de pedras, ela pensou: estarei realmente aqui? É aqui o "Castelo Alto"? Que pensar dos boatos e histórias? A casa era simples, bem cuidada e o jardim tratado. Havia até um velocípede parado no caminho de cimento.

Seria ele o Abendsen errado? Ela tirara o endereço na lista telefônica de Cheyenne, mas correspondia ao número que ela chamara na noite anterior, de Greeley.

Entrou na varanda, de grades de ferro-batido, e tocou a campainha. Através da porta entreaberta via a sala, várias pessoas em pé, janelas com persianas, um piano, lareira, estantes... Bem arrumado, pensou. Uma festa? Mas não estavam com roupa de festa.

Um menino descabelado, de uns treze anos, de camiseta e calça *Lee*, escancarou a porta.

— Sim?

— Mr. Abendsen está? — perguntou. — Está ocupado?

Falando para alguém atrás dele, dentro de casa, o menino chamou:

— Mãe, ela quer falar com papai.

Ao lado do menino apareceu uma mulher de cabelo castanho-avermelhado, por volta dos trinta e cinco anos, com olhos cinzentos, firmes e fortes, e um sorriso tão franco e aparentemente sem complexos, que Juliana soube que estava diante de Caroline Abendsen.

— Telefonei ontem à noite — disse Juliana.

— Ah, sim, naturalmente.

Seu sorriso aumentou. Tinha dentes brancos, perfeitamente regulares; irlandesa, concluiu Juliana. Só sangue irlandês pode dar tanta feminilidade a um maxilar daqueles.

— Dê-me seu casaco e sua bolsa. Veio numa hora ótima; estamos com alguns amigos. Que vestido lindo... é da Casa Cherubini, não é?

Atravessou a sala com Juliana até o quarto, onde colocou as coisas dela junto com as outras, em cima da cama.

— Meu marido está por aí. Procure um homem alto, de óculos, bebendo um *old-fashioned*.

A luz inteligente em seus olhos transmitiu-se a Juliana; seus lábios tremeram — temos muita coisa em comum, percebeu Juliana. Não é incrível?

— Eu vim de muito longe — disse Juliana.

— Sim, é verdade. Ali está ele.

Caroline Abendsen levou-a de volta à sala, em direção a um grupo de homens.

— Meu bem — chamou ela — venha cá. Esta moça é uma leitora sua, que quer muito dar uma palavrinha com você.

Um dos homens separou-se do grupo e aproximou-se, de copo na mão. Juliana viu um homem muito alto, de cabelo preto, crespo; sua pele também era escura e os olhos pareciam ser muito levemente violeta ou castanhos, por trás dos óculos. Ele vestia um terno sob medida, de uma fibra natural caríssima, talvez lã inglesa; o terno valorizava seus ombros largos e robustos, sem nada acrescentar. Em toda sua vida, nunca vira um terno assim; ficou inteiramente fascinada.

— Mrs. Frink veio de Canon City, Colorado, para falar com você sobre o *Grasshopper* — disse Caroline.

— Pensei que morasse numa fortaleza — comentou Juliana.

Inclinando-se para examiná-la, Hawthorne Abendsen esboçou um leve sorriso.

— Sim, morávamos. Mas para chegar lá era preciso tomar um elevador e eu fiquei com fobia. Estava meio de porre quando isso aconteceu mas, ao que me lembre e pelo que me disseram, eu me recusei a ficar de pé porque disse que o elevador estava sendo puxado por Jesus Cristo e que íamos todos até o fim da linha. Eu estava decidido a não ficar de pé. Ela não entendeu.

— Hawth toda vida disse, desde que eu o conheço, que, quando encontrar Cristo, vai se sentar; não ficará de pé — explicou Caroline.

O hino, lembrou Juliana.

— De modo que você desistiu do "Castelo Alto" e voltou para a cidade — disse ela.

— Gostaria de servir-lhe um drinque — ofereceu Hawthorne.

— Aceito — respondeu ela. — Mas não um *old-fashioned*.

Ela já dera uma olhada no aparador; havia muitas garrafas de uísque, *hors-d'oeuvre*, copos, gelo, coquete-leira, cerejas e fatias de laranja. Ela encaminhou-se para lá, acompanhada por Abendsen.

— Só I. W. Harper com gelo — disse ela. — Sempre gostei disso. Você conhece o oráculo?

— Não — respondeu Hawthorne, enquanto preparava o drinque para ela.

— O *Livro das Transmutações*? — insistiu ela, surpresa.

— Não, não conheço — repetiu ele. Estendeu-lhe o drinque.

— Não brinque com ela — disse Caroline Abendsen.

— Eu li seu livro — disse Juliana. — Na realidade terminei hoje à tarde. Gomo é que você sabe tudo aquilo sobre esse outro mundo que descreveu?

Hawthorne não respondeu; esfregou a junta dos dedos contra o lábio superior, com o olhar fixo para além dela e a testa franzida.

— Você usou o oráculo? — perguntou Juliana. Hawthorne olhou para ela.

— Eu não quero que você brinque ou deboche — insistiu Juliana. — Me diga sem fazer graça.

Mordendo o lábio, Hawthorne fixou o olhar no chão; colocou em volta do próprio corpo os dois braços e balançou-se para frente e para trás nos calcanhares. Os outros na sala calaram-se e Juliana notou que seus modos mudaram. Eles não estavam contentes com o que ela dissera. Ela não tentou retratar-se nem disfarçar; não estava fingindo. Era importante demais. E viera de muito longe e fizera coisas demais para aceitar dele qualquer coisa que não fosse a verdade.

— É... uma pergunta difícil de responder — disse finalmente Abendsen.

— Não é não — retrucou Juliana.

Agora todos na sala estavam em silêncio; olharam Juliana de pé junto a Caroline e Hawthorne Abendsen.

— Sinto muito — disse Abendsen. — Não posso responder imediatamente. Terá que aceitar isso.

— Então por que escreveu o livro? — perguntou Juliana.

Apontando com o copo, Abendsen respondeu:

— O que faz esse broche no seu vestido? Afasta os perigosos espíritos que surgem do mundo imutável? Ou é só para prender?

— Por que mudou de assunto? — inquiriu Juliana. — Por que se torna evasivo diante das perguntas e faz um comentário fora de propósito como esse? É infantil.

— Todos têm... segredos técnicos — disse Hawthorne Abendsen. — Você tem os seus, eu tenho os meus. Você devia ler meu livro e aceitá-lo pelo valor que aparenta, como eu aceito o que vejo...

Novamente apontou para ela com o copo:

— Sem perguntar se é autêntico o que está por baixo, ali, ou coberto de arames, barbatanas de baleia e forros de espuma. Isso não faz parte da confiança que se deve ter na natureza humana e no que se vê em geral?

Ele parecia, pensou ela, irritável e agitado agora, não mais tão polido, nem acolhedor. E Caroline, notou ela com o canto do olho, estava com uma expressão de exasperação tensa; seus lábios estavam comprimidos e deixara inteiramente de sorrir.

— Em seu livro — disse Juliana — você mostrou que há uma saída. Não era isso que queria dizer?

— "Saída" — ecoou ele ironicamente.

— Você fez muito por mim — prosseguiu Juliana. — Agora posso ver que não há o que temer aqui, não há o que querer nem odiar, nem evitar, nem do que fugir. Ou o que valha a pena perseguir.

Ele encarou-a, balançando o copo, examinando-a.

— Há muita coisa neste mundo que vale a pena, na minha opinião.

— Eu compreendo o que se passa em sua mente — disse Juliana.

O que via nele era a velha e conhecida expressão no rosto de um homem e não a perturbava encontrá-la. Ela não se sentia mais como antes.

— A ficha da *Gestapo* diz que você se sente atraído por mulheres como eu.

Abendsen, com uma quase imperceptível mudança de expressão, disse:

— Não há mais *Gestapo*, desde 1947.

— A *S.D.* então, ou o que for.

— Quer fazer o favor de explicar? — pediu Caroline, em voz breve.

— Quero — respondeu Juliana. — Eu vim a Denver com um deles. Eles vão acabar aparecendo aqui. Você devia se esconder, em vez de manter a casa aberta assim, deixando entrar quem quiser, como eu. O próximo que chegar aqui... Não vai haver ninguém como eu para impedir.

— Você diz "o próximo" — disse Abendsen, depois de um momento. — O que aconteceu com o que veio com você até Denver? Por que não vai aparecer aqui?

— Eu cortei-lhe o pescoço — respondeu ela.

— Que coisa incrível — disse Hawthorne. — Ouvir uma moça te dizer isso, uma moça que você nunca viu na vida.

— Não está acreditando?

— Claro que sim — concordou ele. — Deu-lhe um sorriso tímido, delicado, triste. Aparentemente nem lhe passara pela cabeça não acreditar.

— Obrigado — disse.

— Por favor esconda-se deles — pediu ela.

— Bem, nós tentamos, como você sabe. Como você leu na capa do livro... tudo aquilo sobre armas e arame eletrificado. E escrevemos aquilo para parecer que estamos tomando precauções.

Sua voz tinha um tom seco, cansado.

— Você podia ao menos andar armado — disse sua mulher. — Sei que um dia alguém que você convidar para entrar e conversar vai lhe dar um tiro; um especialista nazista especializado em matar se vingando; e você vai ficar filosofando como agora. Já vi tudo.

— Eles me apanham — disse Hawthorne — se quiserem. Com arame eletrificado, "Castelo Alto" e tudo.

Você é tão fatalista, pensou Juliana. Conformado com a própria destruição. Também sabe disso, a maneira como tomou conhecimento do mundo em seu livro?

— O oráculo escreveu seu livro. Não foi? — perguntou Juliana.

— Quer saber a verdade? — retrucou por sua vez

Hawthorne.

— Quero e tenho direito — respondeu ela. — Pelo que fiz. Não é? Você sabe que sim.

— O oráculo — disse Abendsen — estava ferrado no sono durante todo o tempo em que escrevi o livro. Dormindo a sono solto no canto do escritório.

Seus olhos não demonstravam a menor alegria; ao contrário, seu rosto parecia mais longo, mais sombrio do que nunca.

— Diz-lhe — pediu Caroline. — Ela tem razão; ela tem o direito de saber, pelo que fez por você.

Virando-se para Juliana, ela disse:

— Eu lhe contarei então, Mrs. Frink Hawth fez as escolhas uma por uma. Milhares delas. Através dos versos. Período histórico. Assunto. Personagens. Enredo. Levou anos. Hawth até perguntou ao oráculo que sucesso teria. O oráculo respondeu lhe que seria um grande sucesso, o primeiro realmente grande de sua carreira. De modo que você tinha razão. Você deve usar muito o oráculo, para ter percebido.

— Por que será que o oráculo resolveu escrever um romance? — disse Juliana. — Já pensou em perguntar-lhe isso? E por que um romance sobre a derrota dos alemães e japoneses? Por que especialmente esta história e não uma outra? O que é que o oráculo não pode nos dizer diretamente, como sempre fez? Isto deve ser diferente, não acham?

Nem Hawthorne nem Caroline deram uma palavra.

— O oráculo e eu — disse finalmente Hawthorne — há muito tempo chegamos a um acordo quanto aos direitos autorais. Se eu lhe perguntar por que escreveu o *Grasshopper*, vou acabar tendo que dar-lhe a minha parte também. A pergunta insinua que eu não fiz mais do que bater à máquina e isso não é verdadeiro nem decente.

— Eu perguntarei — disse Caroline — se você não quiser perguntar.

— Não é você quem deve perguntar — respondeu Hawthorne. — Deixe que ela o faça. Depois, dirigindo-se a Juliana, disse:

— Você tem uma... mente excepcional. Sabia?

— Onde está seu exemplar? — perguntou Juliana. — O meu está no carro, lá no motel. Vou buscá-lo se não me deixar usar o seu.

Voltando-se, Hawthorne foi buscá-lo. Ela e Caroline o seguiram, passando pela sala cheia de gente, em direção a uma porta fechada. Diante da porta ele deixou-as. Quando voltou, viram os dois volumes pretos.

— Eu não uso as varetas — disse ele a Juliana. — Não sei como segurá-las; deixo-as sempre cair.

Juliana sentou-se junto a uma mesa baixa, no canto.

— Preciso de papel e lápis para escrever.

Um dos convidados atendeu ao pedido. As pessoas na sala formaram uma roda em torno dela e dos Abendsens, escutando e olhando.

— Pode fazer a pergunta em voz alta — disse Hawthorne. — Nós não temos segredos aqui.

— Oráculo — disse Juliana — por que escreveu *The Grasshopper Lies Heavy*? Que lição devemos tirar?

— É desconcertante a sua maneira supersticiosa de formular a pergunta — disse Hawthorne.

Mas abaixou-se para vê-la atirar as moedas.

— Vá — disse; deu-lhe três moedas chinesas de latão furadas no meio. — Eu costumo usar essas.

Ela começou a lançar as moedas; sentia-se calma e segura de si. Hawthorne anotou as linhas por ela. Quando ela atirara as moedas seis vezes, ele baixou os olhos e disse:

— *Sun* no alto. *Tui* em baixo. Vazio no meio.

— Sabe qual é o hexagrama? — perguntou ela. — Sem consultar a tabela?

— Sei — respondeu Hawthorne.

— É *Chung Fu* — disse Juliana. — Verdade Interior. Eu também sei, sem usar a tabela. E sei o que significa.

Levantando a cabeça, Hawthorne examinou-a atentamente. Tinha agora uma expressão quase selvagem.

— Quer dizer, não é, que meu livro é verdade?

— Sim — respondeu ela.

— A Alemanha e o Japão perderam a guerra? — perguntou ele, com raiva.

— Perderam.

Hawthorne, então, fechou os dois volumes e ficou de pé; não disse nada.

— Até você se recusa a enfrentar os fatos — disse Juliana.

Ele refletiu um momento. Seu olhar ficara vazio, notou Juliana. Virado para dentro. Preocupado com ele mesmo... e depois seus olhos ficaram novamente claros; ele resmungou :

— Não tenho certeza de nada.

— Acredite — disse Juliana. ele fez que não com a cabeça.

— Não pode? — perguntou ela. — Tem certeza? Hawthorne Abendsen disse:

— Você quer que eu autografe um exemplar do *Grasshopper* para você?

— Acho que vou embora — disse ela, ficando de pé. — Muito obrigada. Desculpe se atrapalhei sua reunião. Foi gentil de sua parte ter-me recebido.

Passando por ele e Caroline, atravessou a roda de gente, para ir da sala ao quarto onde estavam seu casaco e bolsa.

Enquanto vestia o casaco, Hawthorne apareceu ao seu lado.

— Você sabe o que você é? — perguntou, voltando-se para Caroline, que estava ao seu lado.

— Esta menina é um demônio. Um espírito *chthonic* que... — levantou a mão e esfregou uma sobrancelha, deslocando os óculos ao fazê-lo... — que vaga incansavelmente pela face da terra.

— Recolocou os óculos no lugar. — Ela faz o que o instinto lhe inspira, simplesmente para exprimir seu ser. Ela não queria vir aqui e fazer mal; apenas aconteceu, como acontecem as estações do ano. Estou contente de que tenha vindo. Não me desgosta descobrir isso, esta revelação que ela teve através do livro. Ela não sabia o que ia fazer ou encontrar aqui. Acho que temos todos muita sorte. De modo que não vamos brigar; de acordo?

— Ela é muito, muito destruidora — disse Caroline.

— A realidade também é — respondeu Hawthorne. Ele estendeu a mão a Juliana. — Obrigado pelo que fez em Denver.

— Boa-noite — disse ela, estendendo-lhe a mão. — Faça como sua mulher disse. Passe a usar uma arma.

— Não — disse ele. — Eu resolvi há muito tempo. Não vou deixar que isso me preocupe. Posso contar com o oráculo, de vez em quando, e ficar nervoso, especialmente à noite. Não é mau, numa tal situação. — Sorriu um pouco. — Na realidade, a única coisa que me incomoda é saber que todos esses vagabundos que nos rodeiam, ouvindo e registrando tudo, estão bebendo todo o álcool que temos em casa, enquanto nós ficamos aqui falando.

Voltando-se, afastou-se a passos largos, a caminho do aparador para arranjar gelo para seu drinque.

— Para onde vai você, agora que já fez o que tinha que fazer aqui? — perguntou Caroline.

— Não sei.

O problema não a preocupava. Devo ser um pouco igual a ele, pensou; não deixo que certas coisas me incomodem, por mais importantes que sejam.

— Talvez volte para meu marido, Frank. Tentei telefonar-lhe hoje; preciso tentar de novo. Depois verei como me sinto.

— Apesar do que você fez por nós, ou diz que fez...

— Você gostaria que eu nunca tivesse vindo a esta casa... — afirmou Juliana,

— Se você salvou a vida de Hawthorne, isto é horrível de minha parte, mas estou tão transtornada; não posso compreender tudo o que você e Hawthorne acabam de dizer.

— Que estranho — comentou Juliana. — Eu nunca teria pensado que a verdade a deixasse zangada.

A verdade, pensou. Terrível como a morte. Só que mais difícil de encontrar. Eu tenho sorte.

— Eu pensei que você ficasse tão alegre e animada como eu. É um mal-entendido, não é? — Ela sorriu e depois de um instante Mrs. Abendsen conseguiu sorrir-lhe de volta. — Bom, em todo caso, boa-noite.

Um momento mais tarde, Juliana pisava novamente o caminho de pedras pelo qual viera, passando por focos de luz da sala e depois pelas sombras além do gramado da casa, até chegar na calçada mergulhada na escuridão.

Seguiu andando, sem olhar mais para a casa dos Abendsens procurando um táxi, um carro, brilhante e vivo, que a levasse de volta ao seu motel.